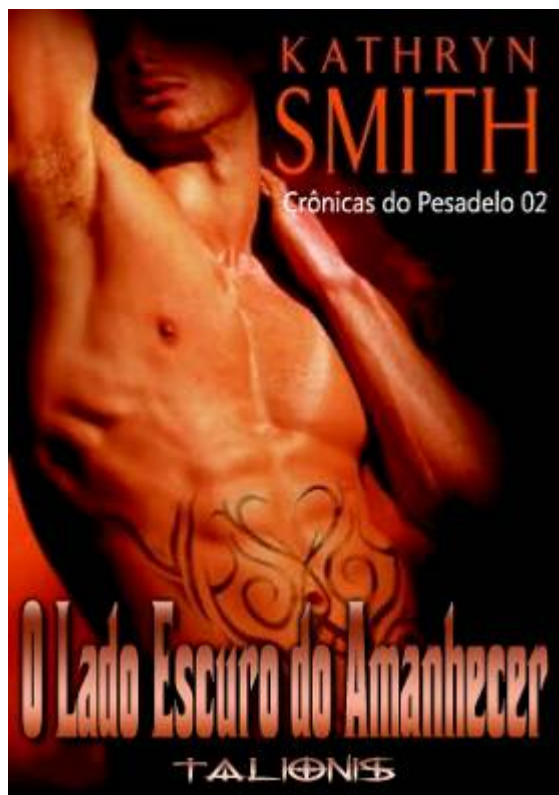


Talionis apresenta:



Kathryn Smith

O Lado Escuro do Amanhecer

Serie Crônicas do Pesadelo 02

A vida pode ser um pesadelo... literalmente falando.

Na aparência, poderia parecer que eu, Dawn Riley, tenho tudo. Um trabalho estupendo, um namorado que me quer... mas minha vida familiar é uma questão muito diferente. Como filha mortal do rei dos sonhos, possuo o dom de existir em ambos os mundos... o qual é, em ocasiões, aterrador. Agora, o Conselho dos Pesadelos afirma que violei suas leis e ameaça se desfazer de mim. E se por acaso não bastasse isso, tenho que seguir o rastro de um cruel criminoso responsável por vários ataques selvagens... antes que ele me encontre. Tenho muita sorte de ter Noah do meu lado, ele fará o que for necessário para que possamos ter um futuro juntos. Mas, no final, esta é minha luta. O destino do mundo pesa sobre meus ombros, e parece que o melhor que posso esperar é não morrer enquanto durmo...

Disp em Esp: Kalosis Digital

Envio do arquivo: Δίκη

Revisão Inicial: Cris Reinbold

Revisão Final: Hécate

Finalização: Ni

Formatação: Greicy

Capa: Élica
Talionis





Comentário da Revisora Cris Reinbold: Pode um Pesadelo ter medo dos próprios sonhos? Não saber o que é realmente, a que lugar pertence? Mas tem a certeza que seu coração pertence a alguém e acreditando em seus próprios pesadelos tenta fazer a diferença dentro de um mundo formado de sonhos.

Comentário da Revisora Hécate: Gostei muito do livro. A Dawn é uma heroína divertida e forte, mais com medos e inseguranças como qualquer uma. E vamos combinar o Noah é tudo de bom. Vamos esperar pelo próximo livro.

Comentário da Revisora Niandra: historia interessante, deixou vários fios soltos para o próximo livro... o Noah é tudo de bom, mas como sou do contra, torço pelo pesadelo gostoso hahahah

CAPÍTULO 1

Nada bom nunca sai da névoa.

Nos filmes de terror sempre a utilizam para criar incerteza, dar medo e sugerir mistério. E na grande maioria de casos a névoa parece ter vida própria e esconder em seu interior criaturas horríveis. Estou convencida de que o primeiro que pensou em utilizar a névoa para assustar foi um humano que se aproximou muito do limite do mundo dos sonhos enquanto dormia e topou com os *cães guardiães* que vigiam suas fronteiras.

Tudo isto veio a minha mente quando suas garras brumosas estiveram a ponto de me estripar.

Meu nome é Dawn Riley, e a razão pela qual nesse momento estava a mercê da névoa é porque sou a filha de Morfeo, o deus dos sonhos. Também sou humana, e se supõe que não deveria existir. A névoa sabe, e uma vez que seu trabalho consiste em proteger o mundo dos sonhos, considera-me uma ameaça e quer me destruir.

Arranhou-me com suas garras, me deixando marcas avermelhadas na pele, chegando a me fazer sangrar. Ela estava ganhando. Aquela maldita névoa me odiava.

Nenhuma das duas queria que nosso enfrentamento fosse o pior.

— Vai permitir que saia com a sua?

Dei meia volta para ouvir a voz. A uns metros de distância, com a bruma acariciando-o como se fosse um cão mulherengo, havia um homem escultural e muito musculoso. Era Verek, meu treinador.

E quando digo homem, só quero dizer pertencente ao sexo masculino, porque Verek não é um homem no sentido literal da palavra. Quer dizer, não é humano. Embora, claro, eu tampouco



sou. Ambos somos Pesadelos: guardiães do reino dos sonhos. Mas Verek é um puro sangue, enquanto que eu sou mestiça.

A névoa evita que os humanos entrem no mundo dos sonhos, e também impede que nossos inimigos cheguem ali. Este último aconteceu em muitas ocasiões, o que provoca que a névoa sempre esteja disposta a enfiar o dente em alguém, igual a uma manada de lobos famintos. Verek diz que tenho que conseguir que a névoa me veja como amiga e não como uma ameaça.

Ou o que é o mesmo, tenho que domá-la, e não tenho nem ideia de como fazê-lo.

— Para você é muito fácil dizer — respondi sarcástica — está atirando os discos como se fosse uma massagista com vontade de festa.

Verek obviamente gostou da comparação, porque sorriu de orelha a orelha e seus dentes brancos destacaram sobre seu bronzeado rosto. Era muito atraente. Quando estava com ele, passava a metade do tempo olhando embevecida, e a outra metade desejando quebrar seu nariz perfeito.

— Me respeita. — explicou arrogante — Sabe que posso dominá-la, mas que não quero fazer mal.

Não acrescentou que a névoa deveria ver a mim do mesmo modo. Fossem quais fossem as criaturas que habitavam aquela massa nebulosa, teriam que me considerar sua ama e senhora, em especial, tendo em conta quem era meu pai. Mas em vez de me tratar como se fosse à rainha Isabel da Inglaterra, tratavam-me como se fosse uma piada. Como se fosse o príncipe Carlos.

E nesse preciso instante, para deixar ainda mais claras as coisas, a névoa me puxou pelo rabo de cavalo. Meus olhos encheram de lágrimas, e meu couro cabeludo se queixou em silêncio.

— Isto é uma merda! — gritei e levantei a mão tão furiosa que, de repente, na metade de minha palma, apareceu uma adaga. Minha adaga. Uma adaga marae¹, feita especialmente para os Pesadelos como eu. Acariciei o cabo de pedra lunar e notei como se adaptava a minha mão no mesmo momento em que me dispus a me defender.

Braços muito fortes me pararam antes que pudesse atacar.

— Não faça! — gritou Verek—não é assim como se fazem as coisas.

Fiquei petrificada. O incessante cochicho da névoa também parou em seco e, devagar, foi afastando seus dedos de mim como se tivesse medo.

— Se fizer mal a ela, tudo que conseguirá será que fique furiosa e a ataque — Verek advertiu em voz baixa.

Baixei o olhar e vi que meu treinador estava acariciando a bruma como se fosse um cão assustado. O outro braço ao redor de minha cintura, para que não me afastasse da névoa quando esta tentasse se aproximar. Fios de fumaça deslizavam entre os dedos e o pulso de Verek, e dessa

¹ Um **marae** (em Māori neozelandês e das Ilhas Cook, e taitiano) **mala'e** (em tonganês), **malae** (em samoano e havaiano), é um local sagrado que serve para propósitos tanto religiosos como sociais nas sociedades polinésias pré-cristãs. Em todos estes idiomas, a palavra também significa "desobstruído, livre de ervas-daninhas, árvores, etc." Geralmente consiste em uma área de terra aberta aproximadamente retangular (o próprio marae), e suas fronteiras com pedras ou postes de madeira (chamados *au* em taitiano e Māori das Ilhas Cook) talvez com terraços (*paepae*) os quais foram usados em tempos antigos para propósitos cerimoniais; e com uma pedra central *ahu* ou *a'u* (por vezes, como no ahu da cultura Rapanui na Ilha de Páscoa, "ahu" se torna um sinônimo para todo o complexo de marae)



fumaça saía um sussurro desumano.

— Se machuca-la — repetiu ele— demonstrará que tem razão ao considera-la uma ameaça.

— Genial — murmurei. Parecia que nem sequer podia me defender.

Separei-me de Verek, eu gostava mais do toque de suas mãos em meu corpo que estava disposta a reconhecer. E, além disso, não queria que acreditasse que podia parar a minha vontade. Não fazia muito da última vez que me derrotou em uma briga, porque me considerava uma intrusa inimizada. Evidentemente, em circunstâncias normais, Verek podia me chutar o traseiro, mas não se eu desse rédea solta a meu poder.

Tem sua graça — e digo de modo sarcástico— há treze anos dei as costas a todo este mundo e jurei não voltar jamais, e agora estou tratando de recuperar o tempo perdido porque tenho que aprender a me proteger dos inimigos de meu pai. O rei. Acaso não há sempre alguém que quer matar ao rei? Em todos os romances em que existe um rei, sempre há alguém que quer acabar com ele, ou vingar-se. E esses romances, igual a todas as histórias, têm sua origem no mundo dos sonhos.

A verdade é que não existia outra alternativa, além de aprender a me defender, assim, com atitude petulante, estendi a mão à névoa, como Verek fez antes. Uns redemoinhos incertos se aproximaram de mim e deslizaram por entre meus dedos. O toque era sedoso, o que me pareceu estranho, porque normalmente a névoa era fria e...

— Filha da puta! — exclamei. Estava falando tantos palavrões que não importava que a névoa se ruborizasse— Me mordeu!

Fez na pele entre o polegar e o índice, e ardia como um corte feito com papel. Era uma sorte que pudesse me curar sozinha, porque sabia por experiência que a dentada da névoa era venenosa.

— Me deixe ver.

Sem esperar permissão, Verek pegou a mão e a levou a boca. Não tive tempo de reagir antes que sugasse a ferida.

— Que nojo! — Tratei de me afastar, mas ele impediu — O que faz?

Verek por fim me soltou e girou o rosto para cuspir o sangue na areia. Passou o dorso da mão pela boca e limpou antes de me olhar.

— Tirei o veneno — me disse, olhando nos olhos— De nada — acrescentou sarcástico.

Sequei as mãos nos jeans e neguei com a cabeça.

— Eu poderia tê-lo feito, muito obrigado — respondi no mesmo tom— Harpias traidoras. Morder um membro da família real não é considerado traição?

— Não se zangue com a névoa — me aconselhou Verek. Ele sempre falava daquela massa humana como se fosse um único ente, enquanto que eu utilizava o singular ou o plural conforme me conviesse— Reagirá ficando agressiva. Tem que fazer vê-la como sua superior.

— Sou sua superior! — gritei à fumaça que ia recuando— O que acontece é que é muito idiota para se dar conta!

Verek riu. Se a mão não doesse tanto, teria dado um murro em sua boca. Optei por amaldiçoá-lo, e a todos os homens em geral, mentalmente e por curar as feridas. Por sorte, o



somente tenho que me concentrar, e podia fazer perfeitamente ambas as coisas de uma vez.

Deus, estava tão zangada que até zumbiam os ouvidos. Um momento. Não estava zangada. Quando estava não ouvia Def Leppard na cabeça.

— O que acontece? — perguntou-me Verek ao dar-se conta de que minha atitude mudou e estava alerta.

— O celular — respondi. Essa noite visitei meu outro mundo em sonhos em vez de fisicamente, como estava acostumada a fazer, porque Noah ligaria para me dizer quando voltaria de Los Angeles. Certamente era ele quem ligava.

O coração deu um salto e meu estado de humor deu um giro de cento e oitenta graus. Parei de pensar em raios e trovões e pensei em amanheceres cheios de passarinhos.

— Tenho que ir! — despedi — A próxima vez pegarei o truque de me fazer amiga da névoa. Prometo. — bem, a quem estava tentando enganar?

— Não acabamos! — Verek reclamou, ao ver que eu fechava os olhos e começava a despertar na outra dimensão. Consegui muito antes que nas outras ocasiões; de fato, foi tão rápido que me senti desorientada e enjoada. Sentei-me na cama e vi que os lençóis estavam enredados nos pés e que o celular soava entre os travesseiros. Escolheu a canção *Pour sugar on me* como toque de Noah. Brega, sei, inclusive algo caipira, mas eu adoro.

— Olá? — atendi como se não soubesse quem era.

— Olá, doutora.

Bastou ouvir sua voz para que um calafrio percorresse minhas costas. Noah, com a voz rouca, melódica... E tão sexy. Noah Clarke é meu namorado. Era um dos pacientes da clínica do sonho onde eu trabalhava antes, mas um Terror Noturno decidiu matar-nos, e nos obrigou a enfrentar à atração mútua que sentíamos — e ignorávamos — É uma história muito longa.

— Olá, você. Como estão as coisas em Los Angeles?

— Já não estou lá.

Ao ver que não me disse onde estava — Noah pode ser excessivamente sucinto com as palavras — insisti.

— Ah, e onde está?

— No St. Vincent.

— O hospital?

— Sim. — Ainda não assimilei que voltou para a cidade antes do previsto, quando Noah acrescentou — Estou com Amanda.

Certo, Amanda é sua ex-mulher e tenho que reconhecer que o primeiro senti ciúme, e não preocupação. Mas consegui dissimular.

— O que aconteceu?

Do outro lado do telefone chegou um silêncio.

— atacaram-na.

OH, Deus. O ciúme se foi pela janela e em seu lugar ficou minha imensa estupidez.

— Posso fazer algo?

Noah hesitou uns segundos, como se não soubesse o que me dizer.



— Venha ao hospital.

Por seu tom de voz, soube que havia custado muito me pedir isso.

— Já vou.

Cheguei ao hospital em um tempo recorde, e durante todo o trajeto, tratei de me concentrar em como era horrível o que aconteceu, e não em minhas inseguranças e ciúme sem sentido. Está bem, reconheço, também estava um pouco chateada, mas isso não me converte em uma má pessoa, não? Quero dizer, sei que se supõe que tenho que manter a cabeça fria quando analiso os sentimentos e o comportamento das pessoas, afinal, sou psicóloga e isso é o que nos ensinam na faculdade.

E em geral posso fazê-lo, ao menos em minha faceta profissional. Ajudo às pessoas a enfrentar sua própria vida através dos sonhos. Proponho exercícios, especialmente pensados para cada caso, que os ajudam a seguir vivendo de uma forma mais sã, tanto física como mental e emocionalmente. Mas quando se trata de mim, digamos que não me dou tão bem. Tenho que me esforçar muito para pensar — e agir — com frieza.

Era natural que Noah corresse para ajudar Amanda, depois que de ela passar por algo tão grave. Não seria o homem que eu acreditava que era se não fizesse. E estou convencida de que nos papéis de Amanda, apesar do divórcio, e dos pais dela também viverem na cidade, Noah deveria seguir sendo a pessoa de contato.

Permitam-me atualiza-los: Noah e Amanda se divorciaram porque ela o traiu. Parecia, as coisas já iam mal antes disso. Eu conheci Noah quando ele se ofereceu para participar de um grupo de estudos sobre o sonho que eu fiscalizava na clínica MacCallum, onde esmagava o trabalho e que permitiam dedicar um pouco ao estudo uma vez que terminava de atender meus poucos pacientes.

Consegui manter minha relação com Noah no plano estritamente profissional, até que Karatos, um Terror Noturno, decidiu que queria utilizá-lo para cruzar o mundo dos sonhos ao mundo dos humanos e fazer barbaridades. Noah é um sonhador lúcido muito forte e por isso interessava tanto a Karatos, que se aliou com os inimigos de meu pai, que não tinham nenhum problema em me utilizar para fazer mal a Morfeo. Em resumo, a intenção do Terror era matar dois pássaros com um tiro, quer dizer, Noah e a mim. Evidentemente, derrotamos Karatos, se não, não estaria contando isto agora.

Noah descobriu a verdade sobre mim graças a Karatos. É um artista, e se inspira muito em seus sonhos, e por isso tem pendurado em seu quarto meu retrato ligado a Pesadelo. Desde que começou toda esta loucura, apoiou-me muitíssimo.

A princípio não sabia que futuro podíamos ter como casal, e nem sequer se podíamos ter, mas eu gostava tanto de Noah que não me renderia sem lutar. Conheço-o bastante bem, para saber que não é capaz de dar as costas a Amanda em um momento como este só porque já não estavam casados. Seu complexo de cavalheiro andante não permitiria.

O que me converte em uma pessoa horrível, por estar ciumenta de uma mulher que acaba



de passar por uma experiência tão extremamente traumática. Embora, claro, Noah me ligou para que fosse ficar o seu lado; isso tinha que significar algo, não?

Saí do elevador e entrei por um corredor iluminado com fluorescentes que cheirava a álcool e antissépticos, e deixei de me perguntar por que me ligou. A verdade é que estava preocupada com Amanda. Eu, igual a muitas mulheres, acredito que o estupro é uma das piores coisas que podem nos acontecer. Pode se recuperar, mas não esquece jamais.

Noah estava esperando perto do balcão das enfermeiras; naquele entorno tão estéril e anódino se destacava como uma marca de batom vermelho em uma bochecha branca.

Noah Clarke é alto. Eu quase meço um metro oitenta e tenho que levantar a cabeça para olhá-lo nos olhos. Tem o cabelo negro e os olhos quase da mesma cor, exceto por umas bolinhas marrons que aparecem abaixo com certa luz. Tem a pele dourada, a mandíbula quadrada e quase sempre mal barbeada. Esse dia, usava sua jaqueta de couro marrom, camiseta, jeans e botas. Parecia cansado, mas me pareceu o homem mais bonito do mundo.

E era evidente que se alegrava de me ver, o que era um plus em si mesmo, tendo em conta o motivo pelo que fui ali.

Aproximei-me e ele fez o mesmo. Foi como uma cena tirada de um filme. Acelerei o passo e quase comecei a correr. O que podia dizer? O que precisava fazer?

Noah decidiu por mim. Assim que parei diante dele, apertou-me entre seus braços — nesses braços tão fortes e maravilhosos— e grudou seu torso em mim para esconder o rosto entre meu cabelo. Possivelmente não me deu o beijo que esperava, mas foi igualmente bonito.

— que bom que você veio, doutora — murmurou, enquanto seu aroma doce e atrevido me aquecia.

Devolvi o abraço e me deleitei, acariciando as costas dele. Provavelmente ainda não sabia onde iria nossa relação, mas sabia aonde queria que chegasse. Desfrutei nesse pensamento durante uns segundos e logo tratei de deixar de ser egoísta.

— Como está Amanda? — perguntei.

— Não muito bem — me respondeu, levantando a cabeça— Estou esperando o médico.

— Ainda não falou com ele?

— Não. Ligaram esta manhã para me dizer o que aconteceu e peguei o primeiro avião de Los Angeles para cá.

Eram dez da noite, claro que ficou nervoso tentando voltar. Por sorte, Nova Iorque tem três aeroportos, incluído Newark, o que teria dado muitos voos para escolher.

— A família de Amanda também veio? — perguntei, enquanto percorríamos o corredor presos pela mão.

— Mandy não queria chamá-los antes que eu chegasse. Acredito que quer que me eu encarregue.

Essa última frase me pareceu muito estranha.

— Do que tem que se encarregar?

Pessoalmente, não posso imaginar ninguém se comportando como um idiota quando seu filho ou filha precisa dele.



— Sua mãe é muito... Emotiva. — Noah enrugou a testa como se estivesse recordando uma cena desagradável.

Olhei, e ele estava com os lábios apertados e os olhos fechados.

— Como está você?

Ele me apertou a mão e esboçou um breve, mas sincero sorriso.

— Não se preocupe por mim, doutora.

Ao que a resposta se refere, não é um fenômeno, mas eu o conheço o suficiente para saber como estava passando mal. Noah é desses homens que precisam manter suas emoções sob controle, mas algo referente à violência contra as mulheres o afeta muitíssimo, porque passou a infância vendo como seu pai maltratava sua mãe. Era impossível que aquela visita hospital não fizesse pensar em todas as vezes que, quando pequeno, acompanhou sua mãe para que a curassem, ouvindo dizer que caía pela escada ou bateu contra uma porta.

Uma mulher alta, de cabelo avermelhado e grisalho, recolhido em um impecável coque, estava nos esperando junto ao balcão das enfermeiras.

— Senhor Clarke? Sou a doutora Van Owen.

Noah me deu a mão esquerda e com a direita apertou a da doutora.

— Como está Amanda?

A mulher me olhou como se não quisesse dizer nada diante de mim.

Noah me apresentou e acrescentou:

— Dawn é psicóloga.

Parecia, a boa doutora ficou mais tranquila com a explicação e nos contou sobre Amanda.

— Sua esposa sofreu feridas bastante graves, senhor Clarke. Minha recomendação é que fique alguns dias mais em observação.

Noah não corrigiu o estado civil de Amanda, e eu me disse que não tinha importância. Teria que me envergonhar por estar ciumenta em um momento como esse.

— Quão graves?

A mulher me olhou antes de continuar, aliviada de dirigir para mim aquela parte da conversa e de não ter que enfrentar a raiva que fervia sob a aparência tranquila de Noah.

— Lacerações no rosto e couro cabeludo. Bateu nela, afogou-a e, por último, a agrediu sexualmente. Por sorte, nenhuma das feridas precisa intervenção cirúrgica. Poderá ir para casa em alguns dias, mas sugiro que a levem a um especialista.

Noah franziu a testa.

— Não disse que não precisa de cirurgia?

Pus uma mão no braço e disse em voz baixa:

— Acredito que a doutora não se refere a essa classe de especialista, Noah. — Eu já estava repassando mentalmente minha agenda. Conhecia alguém que se dedicou a tratar com vítimas de abusos sexuais? Certamente no hospital poderiam nos recomendar alguns nomes.

Noah ficou tenso e ruborizou, mortificado. Por um instante, temi que fosse explodir.

— A polícia já falou com ela — seguiu a doutora, dando um passo atrás — Podem pô-lo a par dos detalhes. Amanda pediu que fosse vê-la assim que chegasse. Seu quarto é a segunda porta à



esquerda.

Agradeceu, e não voltamos a falar até que a mulher se foi.

— Quer que espere?

— Vem comigo. — Olhou-me, os olhos negros cheios de preocupação— Você saberá o que dizer.

Sabia perfeitamente a que se referia, e me neguei.

— Noah, não acredito que seja boa ideia. Não me sinto bastante cômoda com sua ex-mulher para me comportar como uma profissional.

Ele me apertou a mão.

— Entendo. Venha de todos os modos.

— Está bem. — Mas só porque, no fundo, sabia que precisava estar o seu lado quando visse Amanda.

— Mas ficarei em segundo plano — disse, segurando a mão dele enquanto íamos para o quarto— Possivelmente Amanda não se sinta tão agradecida como você de que esteja aqui. — Eu não estaria, se a situação fosse ao contrário.

O quarto não estava muito longe e me coloquei atrás de Noah quando abriu a porta para entrar. Ouvi que continha o fôlego ao ver a mulher que ocupava a única cama da estadia. Um quarto individual. Melhor.

— Noah — disse uma voz rouca que identifiquei com a de Amanda, apesar de que soava débil e insegura. Não queria ver o rosto que combinava com essa voz.

Ele soltou minha mão e se aproximou da cama. Não o segui, o deixei ir sozinho. Meu estúpido ciúme de antes se desvaneceu assim que fiquei de lado e vi Amanda. Tudo o que senti a caminho ao hospital desapareceu, e ficou somente uma enorme e assustadora pena.

E horror. Também sentia um tremendo horror.

A Amanda que conheci fazia umas poucas semanas na exposição de Noah era linda; uma beleza dourada de olhos grandes e traços perfeitos. Era pequena e delicada, e me fez sentir como um ogro a seu lado.

A mulher que havia naquela cama não parecia em nada com ela. Estava inchada pela surra que recebeu e possuía tantos machucados que era impossível contá-los. Um de seus olhos estava arroxado e completamente fechado. Esse mesmo lado do rosto parecia amarelado da testa até o pescoço, onde destacavam as marcas púrpuras dos dedos de quem tentou matá-la. Não importava que não tivesse voz, o muito bastardo esteve a ponto de estrangulá-la.

O arroxado se estendia pelos ombros e era evidente que continuava por debaixo da bata do hospital. Deus, aquilo eram marcas de dentes? Engoli em seco.

Mas o mais difícil foi olhar a cabeça. Seu cabelo dourado e atadura que o separava da testa estavam empapados de sangue. Uma mancha de sangue do tamanho de uma moeda ressaltava sobre a bandagem branca.

Os anos que passei vendo *Lei e Ordem: Unidade de vítimas especiais*; não me prepararam para aquela mancha. Na televisão nunca acertam a cor do sangue.

Deus. Uma parte de mim acreditava que o mundo estava cheio de loucos. E outra, a parte



mais científica, perguntava-se o que levava uma pessoa a comportar-se desse modo.

Continuava não gostando de Amanda, no final traiu Noah, mas me dava pena que acontecesse algo tão grave. Eu passei por algo assim, na noite em que Terror Noturno quis possuir Noah e me seduzir contra minha vontade. Obrigou meu corpo a sentir desejo, apesar de que minha mente não o desejava absolutamente. Não me fez mal, ao menos nesse dia, mas só de pensar em suas mãos sobre minha pele sentia náuseas. A surra que esse mesmo Terror me deu dias mais tarde não me deixou cicatrizes tão profundas como aquele encontro sexual forçado.

Mas isso formava parte do passado. Eu sobrevivi, igual Amanda sobreviveria. Respirei fundo para me encher de coragem e dei um passo para frente, aproximei-me o bastante para ouvir o que diziam, mas não o suficiente para incomodar.

— Precisa de algo? — perguntou Noah a sua ex-mulher enquanto segurava sua mão.

Ela tinha os nódulos cortados e avermelhados. Foi valente e enfrentou seu assaltante. Boa garota.

— Não, nada — respondeu Amanda com aquela voz tão horrível— Me basta que tenha vindo.

Decididamente, não queria ouvir essa última frase. Senti-me como uma intrusa. Eu não deveria estar ali, presenciando a dor de outra mulher, me metendo naquele momento tão íntimo que estava compartilhando com seu marido, seu ex-marido.

— Dawn também veio — disse Noah me surpreendendo e olhando por cima do ombro. Suponho que queria se assegurar de que continuava ali.

— Dawn? — Amanda olhou atrás dele e fixou o olho bom em minha pessoa.

Já não podia seguir me escondendo. Obriguei-me a sustentar o olhar e a percorrer os dois passos que nos separavam.

— Olá, Amanda. — Teria que me desculpar por estar ali, por presenciar sua dor, mas não fui capaz de encontrar as palavras adequadas que não me fizessem ficar como uma completa imbecil.

Ela me olhava com a mistura de desafio e precaução que caracteriza as vítimas de crimes violentos. É verdade que faz anos que me dedico sobre tudo a tratar as pessoas com problemas de sonho, mas vários de meus pacientes sofrem estresse pós-traumático, por culpa de um ato de violência, e reconheço perfeitamente os sintomas.

— Obrigado por vir — me disse por pura educação, apesar de ter sido brutalmente atacada. Essa amostra de valentia não era só para meus olhos, nem sequer para os de Noah. Era para ela mesma. Amanda estava decidida a não desmoronar, acontecesse o que acontecesse.

Estendeu uma mão machucada, e me aproximei para segurá-la. Se assim pudesse passar um pouco de minha coragem, estava mais que disposta a permitir que ficasse com tudo.

Ali, de pé, com aqueles dedos diminutos que me faziam pensar nas delicadas asas de um pássaro entre as minhas, senti um forte instinto protetor. Queria ajudá-la, e também queria evitar que voltassem a machucá-la. Ela era muito menor que eu, tanto em peso como em estatura. Ela era loira e eu morena. Ela tinha os olhos castanhos e eu azuis. Ela estava bronzada e eu pálida. Ela era como uma delicada filigrana de ourivesaria, e eu era uma rude pedaço de aço. E apesar de tudo, enquanto nos olhávamos, tive a sensação de que Amanda era a mulher mais valente que já



conheci, e tudo porque não desmoronou. A essas alturas, eu estaria chorando como uma histérica e a borda da depressão.

Olhos de Bambi se fixaram nos meus, mas essa era a única semelhança entre o personagem da Disney e a mulher que ocupava a cama. Bambi nunca teve um aspecto desafiante, nem tampouco furioso.

— Violaram você alguma vez?

Bem. Isso sim que não imaginei. A qualquer outra pessoa, diria que não era assunto dele, mas aquela situação era similar à *essência pró quo*, *Clarisses*, que pede Hannibal Lecter. Eu sabia o que Amanda estava passando, e suponho que isso me dava certa vantagem. E essa noite já passou suficientes coisas ruins.

— Sim — respondi, me contendo para não olhar Noah, tenso a meu lado.

Algo trocou no rosto de Amanda; a falta de melhor explicação, poderia dizer que se suavizou. Olhou-me como se fôssemos irmãs. As duas formávamos parte da estatística que diz que três de cada quatro mulheres será vítima de uma violação ou de um abuso sexual ao longo de sua vida.

Três de cada quatro. Merda.

Noah pigarreou.

— Pensei que possivelmente queria falar com Dawn — disse, mas soou forçado.

O olhar de Amanda esvaziou de qualquer emoção ao procurar Noah.

— Sobre o que?

— Sobre o que aconteceu.

O rosto dela endureceu, só um pouco, igual ao de qualquer um ao sentir-se traído.

— Não.

A verdade era que a entendia. E que estava muito agradecida. Aquela não era minha especialidade e, mesmo que fosse, nos conhecíamos muito para que me sentisse cômoda falando desse assunto com ela. Zanguei-me um pouco com Noah por ter sugerido, embora soubesse que fez com a melhor intenção.

Por sorte, antes que ele pudesse dizer mais, chegaram os pais de Amanda. Noah devia ter ligado para eles. O pai, um homem robusto de cabelo branco, empalideceu horrorizado. A julgar por seus olhos avermelhados, a mãe de Amanda, uma loira muito atraente, esteve chorando, mas entrou no quarto serena. Vi como os ombros tremiam e supus que logo voltaria a chorar.

Pais. Sempre tratam de se manter fortes por seus filhos, embora, para falar a verdade, os meus fracassaram muito nesse aspecto. Mas eles estavam sempre um ao lado do outro.

Noah os pegou e levou a um lado do dormitório para poder falar com eles tranquilamente. A mãe de Amanda começou a chorar. Tentei não prestar atenção, nem olhá-los muito, mas naquele quarto não havia ninguém mais exceto Amanda.

Sem muita vontade, dirigi-me para a cama, para a mulher que estava me desafiando com o olhar. Ou talvez acontecesse o mesmo a mim e não podia enfrentar seus pais.

— Nem sequer suporta me olhar — me disse com a voz rouca.

Neguei com a cabeça.



— Não é isso. O que acontece é que me parece duro olhar os machucados que tem no rosto.

— O mínimo que podia fazer era ser sincera.

— Estou tão mal? — perguntou, com o lábio inferior tremendo.

— Vi coisas piores — menti.

Nesse instante Noah terminou de falar com os pais de Amanda e estes se aproximaram da cama. Ele parecia tenso e incerto, com o rosto desfigurado pela dor. A mãe estava destroçada, mas não duvidou em tocar sua filha. Dado que aquilo não me afetava diretamente, fui capaz de analisar essas diferenças com interesse.

Noah e eu fomos conscientes de que se tratava de um momento muito íntimo e familiar. E acredito que, além disso, ele não parecia muito à vontade com sua ex-família política. Eles tampouco trataram de esconder que não fez nenhuma diferença vê-lo ali. Provavelmente, ainda fazia menos diferença que Amanda tivesse ligado a Noah antes deles. E, se eu estivesse de bom humor, possivelmente dedicaria alguns minutos a desenvolvendo algumas teorias sobre os motivos de Amanda.

Mas para falar a verdade, estava sem vontade de me perguntar.

Ao chegar ao corredor, Noah deslizou uma mão por atrás de meu pescoço e me aproximou de seu lado. Deu-me um beijo na testa e senti que apertava meu ombro com os dedos.

— Obrigado — disse.

Levantei o olhar para ele. Nossos quadris roçavam ao caminhar.

— Por quê? Não fiz nada.

— Por vir quando pedi — respondeu com um suave sorriso — Estava convencido de que você saberia o que fazer.

Era comovente que tivesse tão boa opinião de mim.

— Oxalá pudesse fazer algo por Amanda — disse, sincera.

Ele parou em seco e eu também. E quando dava meia volta para perguntar o que acontecia, abraçou-me e me deu um beijo, que senti cócegas nos lábios e me descontrolou o coração.

— Por que isso? — perguntei, um pouco desorientada.

Ele acariciou a maçã do rosto com o polegar.

— Por que é a melhor pessoa que conheço.

Possivelmente não foi exatamente uma declaração de amor, mas eu me senti como se fosse.

Encontramos com as irmãs de Amanda no elevador, assim demoramos um pouco mais em ir ao apartamento de Noah, pois ele teve que contar o que aconteceu e como Amanda estava.

E eu não podia deixar de pensar era que o violador arrancou uma mecha de cabelo. Por que estava obcecada com essa tolice? O cabelo voltaria a crescer. Feridas externas se curam. Teria que estar mais preocupada com as sequelas psicológicas que pudessem ficar, mas sou uma garota, e bastante vaidosa, diga-se de passagem, e não podia tirar da cabeça que Amanda demoraria muito tempo em recuperar sua cabeleira de sempre.

Durante um instante, pensei o que faria se estivesse em seu lugar. Procuraria vingança.



Encontraria esse filho de puta através de seus sonhos e daria pesadelos durante o resto de sua vida. Mas não me passou, e a última vez que atormentei alguém em sonhos foi quando ia à escola, em Toronto. Quando éramos adolescentes Jackie Jenkins me humilhou e eu me meti em seus sonhos e fiz mais mal de que pretendia. Jurei que jamais voltaria a fazer algo parecido e mantive o juramento.

Noah e eu jantamos em um restaurante aberto toda a noite e falamos de sua viagem a Los Angeles. Foi ali para mostrar uns quadros. Foi bem, ao menos parecia contente. E me alegrei. Enquanto tomávamos um café, agimos como se nada errado tivesse acontecido, mas uma nuvem negra se abatia sobre nós, essa capa invisível que fica sempre na pele depois de uma tragédia.

Chegamos em seu apartamento antes que amanhecesse. Minha tia Eos, a deusa que banha de luz a Terra, iluminava o céu com seu halo dourado que, ao longo das horas, passaria dos tons rosados, laranjas, avermelhados e amarelos, até que, por fim, saísse o sol. Meu nome, Dawn, significa aurora e puseram isso em honra a Eos e essa maravilha que se estendia pelo horizonte e que fazia Manhattan parecer um lugar quase mágico. Pessoalmente, sentia-me muito orgulhosa de minha tia.

Às vezes, me custa assimilar que não sou totalmente humana. Noah aceitou muito bem quando contei. De fato, já suspeitava, porque Karatos antecipou. Somente precisei contar os detalhes. Ele acreditou e se limitou a me fazer algumas perguntas. Não acredito que eu levaria isso tão bem, se fosse ao contrário.

Noah e eu subimos em silêncio a escada até seu apartamento. Não me pediu abertamente que ficasse, mas não soltou minha mão desde que saímos do hospital e depois no restaurante, assim deduzi que não queria que fosse.

As paredes de madeira reluzente e as grandes janelas nos deram boas vindas com uma calma muito reconfortante. Subimos até o quarto, nos despimos e deitamos entre os suaves lençóis. Graças a Deus que não tinha nenhuma consulta até as onze e podia dormir um pouco.

— Está bem? — perguntei por fim, quando ele me abraçou.

— Não. — respondeu, acariciando o braço com que eu rodeava o peito dele. Os dedos estavam quentes e seu toque me tranquilizava.

— Amanda ficará bem, prometo isso — disse, apesar de que não podia fazer tal promessa. Desejava de todo coração que realmente se recuperasse, e que não ficasse nenhuma sequela física ou emocional.

— Pode ajudá-la?

Fiquei tensa. Ele notou. Teve que notar.

— Noah, Amanda disse que não quer falar comigo. Não posso obrigá-la. E tendo em conta minha relação com você, acredito que é melhor que deixemos as coisas como estão. Além disso, tenho muito pouca experiência no campo de vítimas de abuso. Ela precisa que um perito a trate, alguém que saiba o que está fazendo.

Noah baixou o olhar e senti seus olhos fixos em mim.

— Você tem experiência no campo dos sonhos — disse em voz baixa — Pode ajudá-la com isso?



Ri incrédula e o olhei, arqueando uma sobrancelha.

— O homem que me disse para ficar afastada de seus sonhos, está pedindo que entre nós de outra pessoa? — E eu que acreditava que íamos passar uma noite romântica.

Ele nem sequer se alterou.

— Se com isso pode ajudá-la, sim. — Franziu a testa— Não estou pedindo que se meta em sua mente nem que lave seu cérebro.

— O que está pedindo então?

Enrugou ainda mais a testa.

— Não sei.

Ao ver como estava frustrado, deixei de estar na defensiva. Noah parecia impotente, não sabia o que fazer. Ninguém gosta de se sentir assim, muito menos um homem que jurou a si mesmo que jamais voltaria a sentir nada semelhante. Eu não estava ciumenta de que ele reagisse desse modo por sua ex-mulher, nem me incomodava que me pedisse para ajuda-la. Nesse momento somente compreendia, e também sentia algo mais quente e romântico. Noah era um bom homem.

— Verei o que posso fazer— disse— Mas esta noite não. Os remédios que deram para a dor impedirão que ela sonhe.

— Obrigado. — Bocejou e fechou os olhos— Odeio pensar no que Karatos fez a você.

— Tranquilo. Não se preocupe.

Importava que não mencionasse antes. Noah e eu jamais falamos sobre esse assunto, nem antes, nem agora. No que a mim concernia, era algo esquecido. Eu sou dessas pessoas que acreditam isso de que *O que não mata te faz mais forte*. Possivelmente porque vi muitas vezes Magnólias de aço, ou talvez estivesse amadurecendo, mas a verdade era que Karatos já não podia me fazer mal, e me negava a dar esse poder a uma mera lembrança.

Noah dormiu antes que eu. Queria me assegurar de que descansasse tranquilo antes de adormecer. Não gostava que estivesse presente em seus sonhos sem avisar, mas decidi me manter alerta se por acaso precisasse.

Nesta ocasião, fui ao reino dos sonhos pela via *normal*. Pareceu tão fácil entrar quanto sair antes. Ao menos, isso eu estava pegando o truque. Meu outro eu, que estava no mundo dos sonhos, relaxou em uma praia ensolarada até que apareceu uma sombra muito familiar.

Abri os olhos e vi Verek atrás de mim. A última vez que nos encontramos em uma praia, brigamos e ele terminou perdendo um pouco de roupa — me deixem que diga que está muito bom— Mas agora tinha a cara de poucos amigos.

— Esta noite não quero treinar— disse— Não estou de humor.

Ele negou com a cabeça e sentou a meu lado. Os músculos das coxas dobraram sob o fino tecido que os cobria.

— Estou aqui para servir, milady.

Milady? Ele sempre estava acostumado a me chamar *princesa* em tom zombador.

— Não parece que já superamos a etapa das formalidades? — perguntei, rindo, mas ele não riu, assim que me sentei—. Merda, Verek. Que diabos acontece?



Suspirou.

— Tem que se apresentar diante do Conselho dos Pesadelos esta mesma noite e prestar contas.

Deu um salto o coração.

— Prestar contas? O que fiz?

Ele se compadeceu.

— O Guardião estava no palácio à noite que trouxe Noah, Dawn. Quebrou as regras e o Conselho a citou para escutar sua versão da história.

Citou-me? Uma parte de mim queria dizer que colocasse essa citação pelo traseiro, melhor dizendo, pelo traseiro do Guardião. Quando levei Noah ao mundo dos sonhos para enfrentar Karatos, não sabia que não era permitido. Nem sequer sabia que era algo que ninguém podia fazer.

Como podiam me castigar por ter feito algo que a princípio era impossível? Parecia, podiam, porque levar Noah ao mundo dos sonhos transgredia a lei que proibia pôr os humanos em perigo. Por favor, mas se o que eu queria com isso era salvá-lo, não machuca-lo.

— Isso é mentira — disse — O Conselho não gosta de mim e há tempos esperam ter uma desculpa para me pôr de lado. — Sou a filha do deus desse mundo. Quem diabos acreditava que era esse Guardião? — O que aconteceria se me negasse a acompanhá-lo?

Verek ficou ainda mais sério.

— Teria que levar algemada ao palácio e esperar ordens.

— Meu pai não tolerará que me tratem assim.

Nesse instante, Verek me olhou com pena.

— Foi seu pai quem me deu a ordem.

Merda.

CAPÍTULO 2

— Parece muito mal. — Foi à primeira frase que ouvi quando pisei na recepção do consultório da Madison Avenue que compartilhava com os doutores Clarke.

O padasto e o meio-irmão de Noah, Edward e Warren respectivamente, eram psiquiatras e me deram a oportunidade de me unir a eles em sua bem-sucedida empresa. Edward dizia que o impressionei muito em um artigo que eu escrevi sobre os sonhadores lúcidos, mas temo que tenham me convidado para trabalhar com eles por minha relação com Noah. Aceitei seu generoso oferecimento ansiosa por ter meus próprios pacientes e por demonstrar meu valor.

Parei na entrada, aquele chão de mármore ainda me fascinava; além dos tapetes de cores quentes, e os móveis, tão cômodos e elegantes. A iluminação era suave, havia almofadas por toda parte, e as obras de arte que penduravam nas paredes davam ao consultório um ambiente elegante. Tive muita sorte de que Edward e Warren me convidassem para trabalhar com eles.



Bonnie Nadalini estava sentada atrás da enorme mesa de mogno que havia na vazia sala de espera, e me olhava com o sorriso malicioso próprio das mulheres de certa idade. Mulheres que parecem dizer *estou aqui e se prepare*, as que passam dos quarenta ou estão no princípio dos cinquenta. Quando me despedi da clínica do sonho, convidei Bonnie para vir comigo, pois os Clarke também estavam dispostos a contratá-la. Eu me dava muito bem com Bonnie, assim não levei a mal que me mostrasse algo tão evidente.

— Você que sabe adular uma garota — disse com um falso sorriso.

Ela encolheu os ombros e afastou uma mecha de cabelo loiro com uma mão em que mostrava uma manicure perfeita. Esse dia as unhas estavam cor vermelho paixão.

— Digo por que me preocupo com você, neném — afirmou, meio de brincadeira, mas em seus olhos verdes pude ver que se preocupava de verdade— Está bem?

Bonnie não sabia que eu não era completamente humana. Como queriam que dissesse? Entretanto, estava a par do que me aconteceu na clínica do sonho, e me deu seu apoio quando Karatos matou uma de minhas pacientes. Também sabia de minha peculiar situação familiar, e que estava saindo com Noah. De fato, Bonnie era quase como minha mãe, em especial desde que minha mãe de verdade decidiu ausentar-se de parte da minha vida.

— Só estou cansada— disse— Ontem à noite tivemos que ir ao hospital. Noah teve uma emergência familiar. — Não queria violar a intimidade de Amanda, assim omiti os detalhes.

E tampouco queria dizer que quando fiquei adormecida, um Pesadelo me disse que meu pai deu a ordem de me levar diante do Conselho.

Bonnie franziu a testa. Minha amiga não é dessas mulheres que acreditam no Botox nem nessas tolices da cirurgia estética. Eu ainda estava sem rugas, assim ainda não formei opinião a respeito.

— Que tipo de emergência? — perguntou-me— Noah está bem?

Às vezes, Bonnie se comportava como uma devoradora de homens, mas eu sabia que sua preocupação por ele era sincera. Gostava de verdade como pessoa, e queria que as coisas fossem bem.

— Noah está bem. — E acrescentei— Todos estamos bem.

Ela deixou de franzir a testa, mas continuava parecendo preocupada.

— Está segura, neném? Se precisa estar com ele, posso reorganizar a agenda.

Dei o chá com leite que comprei e levantei meu próprio copo de papel.

— O que preciso é trabalhar. — Tinha muitas contas a pagar— Tomarei isto e estarei como nova.

Bonnie pegou seu copo e relaxou um pouco. A pobre era tão fácil de convencer.

— Não sabe quanto a amo, neném.

— Sim, sei. — Sorri— Poderia me trazer os históricos dos dois primeiros pacientes ao escritório? Quero estar por dentro quando chegarem.

Bonnie assentiu e eu me encaminhei para meus domínios. Na clínica do sonho, o espaço era mínimo, aqui era muito maior e com um banheiro só para mim! Não era muito grande, mas eu adorava. Já não estava presa entre quatro paredes brancas com móveis sem personalidade. Agora,



possuía um tapete gracioso, um sofá de microfibra cor salmão com poltrona combinando, ambos cômodos, uma mesinha para o café com um acabamento acetinado verde incrível. E não tropeçava quando deixava as xícaras em cima. As janelas com cortinas que penduravam de varões de madeira. Deixaram-me escolher os quadros das paredes, e escolhi quase todos de Noah. Tranquilas cenas em cores suaves realistas, e tão bonitas que me sentia bem só olhando-as.

Minha mesa, uma enorme mesa de madeira de aspecto muito inglês, estava em um canto, junto a uma impressionante estante e com uma cadeira que combinava com o resto da mobília. Deixei a bolsa do note em cima da mesa junto com o café e pendurei o casaco no armário. Logo me assegurei de que houvesse papel higiênico em meu precioso lavabo, também tinha ducha! E de que estivesse limpo e imaculado.

Estava tirando o note da capa quando Bonnie apareceu com os históricos.

— Aqui tem. Seus dois primeiros pacientes. — parou e deu uma olhada no consultório— Sabe o que? Há apartamentos que não são tão grandes nem tão bonitos.

Sorri.

— Ganhamos na loteria, Bonnie.

— Eu que o diga — respondeu— Quer que comamos juntas?

Eu disse que sim. Foi depois de decidir o lugar. Eu sempre gostava de falar com Bonnie, e também ver meus clientes — eu não gosto de chamá-los pacientes— Eras pessoas que iam porque estavam com problemas e queriam falar deles comigo. Dedicávamos bastante tempo aos sonhos. A grande maioria sofriam pesadelos — de toda a vida, não como os meus— e havia uns poucos com sonhos um pouco mais perturbadores. Eu os ajudava a compreendê-los, a entender o que os causou, e ensinava a utilizá-los em seu próprio benefício. Os sonhos são uma terapia fantástica se conseguimos enfrenta-los e compreendê-los. Essa é a parte mais difícil.

Estava com vontade de ver meu primeiro paciente chegar. Estava no momento sem fazer nada, minha mente começaria a pensar na pobre Amanda e em sua cabeleira ensanguentada, ou em Verek e o encontro com o Guardião dos Pesadelos, que queria minha cabeça em uma bandeja.

Não era nenhum segredo que muitos habitantes do mundo dos sonhos não estavam de acordo com o reinado de meu pai. E que não gostassem muito nem de mim nem de minha mãe. Consideravam-nos uma amostra da *debilidade* dele.

Disse que se supõe que eu não deveria existir? São muitos os que desejariam me ver morta. E eu estava começando a ficar paranoica a respeito.

Minha mãe teve um aborto antes que eu nascesse. Ficou tão triste e deprimida, que só dormia. Aparentemente, Morfeo se impressionou tanto com sua beleza e sua profunda tristeza, que começou a tentar animá-la, e no final se converteram em amantes. Minha mãe não era a primeira humana que conseguia captar a atenção do rei do mundo dos sonhos, mas foi a primeira que deu a luz a uma criatura que pertencia a ambos os mundos. Sou única, e os habitantes do mundo dos sonhos me temem ou me olham alucinados. E odeiam minha mãe, porque por sua culpa Morfeo é vulnerável.

O que não entendo é que não se perguntam por que minha mãe foi capaz de ter um filho com um deus. Nem como foi possível que ficasse grávida em um sonho. Ninguém sabe. Morfeo



tem um montão de teorias; a que parece mais lógica é a que diz que conseguiu que os sonhos de minha mãe fossem tão vívidos que no final ela conseguiu convertê-los em realidade. Quer dizer, ela queria ter um filho, um filho com Morfeo, e queria com tanta vontade que no final teve.

Parece estranho, verdade?

E já que estamos falando do assunto, alguém não deveria se perguntar como conseguiu passar os dois últimos anos de sua vida adormecida? Seu corpo dorme em Toronto enquanto ela é uma amante esposa no mundo dos sonhos. É óbvio que minha mãe tampouco é uma humana muito comum, não?

Bom, possivelmente um pouco mais normal que eu, mas não muito.

E o que me dizem de mim? Eu antes acreditava que era imortal, mas agora não parece tão claro. No mundo normal posso morrer, ou acredito que sim. E no mundo dos sonhos podem *me desfazer*, me apagar do mapa. E suponho que não é nada desatinado dizer que há mais gente, além de meu pai, com o poder para fazer. Digamos que há uns quantos que podem me ter a sua mercê.

Não sei, na verdade, porque alguém quer me ver morta, e confio que mais ou menos possa me defender sozinha. Também é verdade que frequentemente penso que minha vida poderia ser muito pior. Sim, teria que aguentar o sermão do Guardião, não havia modo de evitar, e certo que, mesmo assim, sairia melhor do que estava agora a pobre Amanda.

Abri o primeiro histórico médico. Não queria ter a imagem dela na cabeça quando entrasse meu primeiro cliente. Não seria justo. Mas minhas boas intenções se foram ao inferno assim que tocou o telefone. A grande maioria das ligações iam para o ramal de Bonnie, e podia contar com os dedos de uma mão as pessoas que ligavam para mim, diretamente. Noah era um deles, e soube que era ele antes de pegar o fone e ouvir sua voz aveludada com sabor de chocolate no outro extremo da linha.

— Olá, doutora.

O coração deu um salto e foi como se um milhão de mariposas revoassem dentro de meu estômago. Sempre reagia assim, mas dessa vez me sentia culpada, porque não contei da citação do Guardião, e nem contaria, a não ser que fosse absolutamente necessário. Noah não precisava ter a outra mulher em apuros a seu redor.

Merda. Assim que acabei de pensar isso, me arrependi. Não era nada próprio de mim zombar de Amanda dessa maneira. E ela não merecia.

— Olá, Noah. — Perceberia algo em minha voz? — Onde está?

— Estou no hospital, com Amanda.

— Como vai?

— Está bem. — A julgar por seu tom, soube que não estava, ou que ele não acreditava — Nos perguntávamos se poderia passar aqui quando saísse do trabalho.

“Perguntávamos?”. Obriguei a sorrir apesar de que não havia ninguém para ver. Deveria me negar.

— Claro. Sairei às quatro e meia. Pode ser essa hora?

— Perfeito. — Pude ouvir o alívio e a alegria em sua voz. Eu gostei, mas só um pouco — A



verei logo.

Desliguei. Ainda não nos dizíamos coisas como *te amo* por telefone, mas não passava nada. Suponho que eu tampouco estava preparada para isso, mas tampouco estava segura de que eu gostasse de como estavam indo as coisas ultimamente. Esse *nós*, referido a ele e Amanda, embora compreensível, afinal estiveram casados, mas não gostei. Esses laços, embora já não existam, às vezes ainda atam.

Estava ciumenta? Poderia mentir e dizer que não, mas ninguém acreditaria, não? Sentia-me como uma pessoa horrível por me sentir ameaçada por Amanda depois do que acabava de acontecer. Uma pessoa horrível e mesquinha, mas não podia fazer nada para evitar. Sim, estava um pouquinho ciumenta. Estava ciumenta de que seguissem tendo essa relação apesar de que seu casamento já acabou. Estava ciumenta de que Noah deixasse tudo para ir ajudar Amanda; eu queria ser a única mulher pela qual fosse capaz de deixar tudo e correr a seu lado.

Mas esses sentimentos se deviam a minhas inseguranças. No fundo, sabia que Noah não ia me deixar para voltar com a mulher que o enganou e provocou o fim de casamento deles. Não, o que me preocupava era que se sentisse responsável por uma mulher que foi brutalmente atacada por um homem e que agora era muito vulnerável.

Alguém que, segundo ele, agora precisava que a protegessem.

Eu não sabia muito do passado de Noah. Ele não queria falar do assunto. Mas deduzi o suficiente para saber que seu pai foi um autêntico cretino. Através dos quadros de Noah e de seus sonhos (por isso ele não queria que me apresentasse neles sem avisar) adivinhei o que sua mãe passou.

Podia imaginar perfeitamente um Noah juvenzinho, protegendo sua mãe maltratada. Aposto o que queira, e que por isso aprendeu aikido, para poder fazê-lo, para ser seu cavalheiro andante.

E por isso me preocupava sua dedicação com Amanda. Noah era um bom homem, mas sentia a necessidade incontrolável de resgatar às mulheres, de protegê-las. Essa necessidade era evidente em seus quadros, em seus sonhos, ficava como manifesto em suas palavras. Possivelmente estivesse ficando paranoica, mas vamos, estudamos para isso. Sabia o que era uma paranoia, e sabia o que era um complexo de cavalheiro andante, podia ver em meu namorado e em seu comportamento.

Eu não queria que Noah me resgatasse, nem que me protegesse. Mas mentiria se não dissesse que estava com medo de que essa necessidade de cuidar de uma mulher em apuros pudesse ser mais do que o que sentia por mim. E se alguém precisava que a protegessem, essa era Amanda; possivelmente Noah caísse na tentação de dar rédea solta a sua necessidade de ser tão necessário.

E me preocupava que isso acabasse com nossa relação, pois, no final, fazia muito pouco que estávamos juntos.

Bom, basta de falar de mim. Terminei de ler o histórico de meu primeiro cliente e olhei o relógio. Como se estivesse me observando com uma câmara oculta, Bonnie entrou nesse preciso instante para me dizer que Teresa, minha primeira cliente, chegou. Li seu histórico e as notas de seu médico anterior. O resto ela me contaria.



Algumas das pessoas que formaram parte do grupo de estudo do sonho que organizei em meu trabalho anterior decidiram seguir consultando comigo em meu novo consultório, mas a maioria de meus clientes vinham recomendados por outro médico. De momento, não eram muitos, mas certo que viriam mais. Assim esperava. As condições de meu contrato com Warren e Edward eram muito boas, mas precisava pagar o aluguel, a comida e meu vício por maquiagem.

Esvaziei minha mente e concentrei toda minha atenção e minha energia em Teresa e seus problemas. Depois daquela visita de quarenta e cinco minutos tive outra, e logo fui comer com Bonnie. Quando retornei a meu escritório, estava farta das perguntas que foram me assaltando durante toda a manhã sem prévio aviso. Não podia deixar de pensar na citação do Guardião, nem que meu pai deu permissão. Suponho que estava mais preocupada por isso do que acreditei. E não iria mal estar preparada para o que pudesse ser.

Eu disse a Bonnie que precisava trabalhar e que não queria que me interrompesse, e logo, fechei a porta do consultório e entrei no banheiro. Respirei fundo e me fortaleci. Então, sem mover as mãos, abri um portal entre nosso mundo e o dos sonhos. Imaginei uma espécie de zíper cósmico separando ambas as dimensões e puxei mentalmente. Meu pai acharia graça da comparação, mas funcionava, e isso era o que importava.

Era como se houvesse uma greta entre os dois mundos; o ar adiante era sólido e tangível. Os dentes do zíper separavam, mostrando um mundo escondido entre a névoa e a escuridão em que brilhavam as estrelas e tudo era possível.

Abri todo o zíper e cruzei para o outro lado. Foi como mudar de sala, só que, na realidade, estava mudando de dimensão. Parece, tenho o poder de controlar o mundo dos sonhos, mas de momento, é só uma teoria que jamais levei em prática. Minhas habilidades, de ligar de algum jeito, estavam um pouco oxidadas. Não fazia ideia do que podia fazer. Ninguém sabia. Já disse que sou única.

Mas no momento, isso era o que menos preocupava. Precisava ver meu pai. Uma prova de como estava nervosa, foi que, em vez de aparecer no palácio, fui a enorme grade de chifre de marfim que rodeava a capital. Escuras e majestosas, as barras se erguiam em meio a escuridão. A minhas costas, a névoa ia se aproximando. Sussurrando.

O mundo dos sonhos podia ser um lugar muito perigoso, mas nos arredores do palácio de meu pai, o mais importante era proteger os sonhadores. Essa era a regra de ouro. Os Terrors e as criaturas malvadas que vagavam por ali iriam aproveitar qualquer oportunidade para atacar. Acaso não faziam sempre? E também estavam os que não duvidariam nem um segundo em me usar para fazer mal a Morfeo. Por tudo isso, e apesar do quanto eram bonitas as vistas do reino e o palácio, e dali parecia o castelo da Disney, não podia perder nem um segundo mais.

Fechei o portal e me aproximei da entrada de grade. Contive o fôlego e toquei a maçaneta de marfim. Empurrei e ao ver que cedia respirei aliviada. A grade abriu; dei-me conta de que eu não representava nenhuma ameaça.

Caminhei depressa sobre as lajes polidas que brilhavam com brilhos azuis e prateados à luz da lua. O caminho levava diretamente ao palácio e estava flanqueado por edifícios, casas e todas as construções necessárias em um reino. Inclusive havia um pub.



Cheguei ao palácio e os guardas alados muito altos me olharam suspicazes. Estavam esperando? A ordem era me tratar como uma convidada ou como uma prisioneira? Estavam com medo? Acredito que eu gostaria mais se fossem antipáticos, do que me tratassem com aquela cautela estranha.

— Alteza. — Ambos me fizeram uma reverência ao abrir a porta— O rei está na biblioteca.

O que significava que precisava ir ali diretamente. Nada de passar pela casinha da saída nem recolher duzentos dólares. Pareço uma pequena garota engenhosa.

Embora o guarda não me dissesse nada, eu sabia exatamente onde estavam meus pais. Podia sentir, igual eles percebiam que eu acabava de chegar sem que ninguém tivesse que avisar.

Agradei aos dois guardas e entrei no palácio. Não tive um segundo para apreciar a decoração neoclássica do vestíbulo antes que o ar rabiscasse e meu redor desvanecesse. Logo, pouco a pouco, foi perfilando uma nova estadia. Meu pai me levou até ele; fez aparecer na biblioteca em vez de esperar que eu chegasse ali por meu próprio pé. Genial.

Tudo isso pela citação do Guardiã? Ou possivelmente quebrei alguma outra lei sem saber? Precisava me pôr em dia sobre as normas desse mundo, mas tudo estava acontecendo tão rápido que estava sem tempo de assimilar tanta informação.

Meu pai estava diante da chaminé e parecia saído da revista GQ. Não sorriu, mas em seus olhos azuis vi que se alegrava de me ver e isso me fez sentir melhor. Morfeo era muito forte, como se fosse um trabalhador do mundo da construção. Possuía o cabelo castanho avermelhado e umas feições muito atraentes. Normalmente, estava vestido com jeans e um pulôver, porque assim era como minha mãe gostava, embora esteja convencida de que podia mudar de aspecto de acordo com quem estivesse, e isso me dava um pouco de repulsão. Como era meu pai, na verdade? E eu também podia fazer isso?

— Dawn. — Esqueci-me de dizer que tem a voz muito profunda e rouca— Que surpresa.

— Não dissimule— disse, entrando na sala.

Eu adoro essa biblioteca; em suas estantes estão todos os livros que já se escreveu ou sonhou. Foi muito bom para fazer os trabalhos pendentes.

— Sabia que se dissesse a Verek que podia me trazer algemada, viria rapidamente — acrescentei— Olá, mamãe.

Minha mãe, pequena e de cabelo castanho, estava tão elegante como sempre, mas parecia um pouco cansada.

— Olá, querida.

Voltei para meu pai, que fechou a porta e estava me observando com aquele rosto de resignação tão próprio dos pais.

— Não tive outra alternativa.

— Por quê? — quis saber, e a raiva eliminou qualquer outra emoção que pudesse sentir— Porque morre de vontade de me entregar ao Guardiã?

— Porque queria que entendesse a gravidade da situação — se defendeu. Parecia doído e zangado— Não posso parecer parcial, Dawn, e não posso interceder por você. Se fizer, perderia autoridade, e isso só serviria para prejudica-la.



Maldição. Fiquei sem argumentos, e tive que fazer um autêntico esforço para não me encolher. Não me encolhia desde que fiz quatorze anos e cresci tanto.

— Estão tão mal as coisas? — perguntei.

Meu pai cruzou os braços, passou junto a mim e se aproximou de minha mãe.

— O Guardião quer investigar o que aconteceu quando trouxe Noah aqui.

— Isso é uma panaquice e sabe. Como ia saber que estava proibido?

Morfeo sorriu.

— Sim, já sei. Se o Conselho levar em conta sua ignorância, e somarem a sua preocupação, porque Karatos estava atacando Noah, possivelmente a desculpem. — Deixou de sorrir— Ou talvez considerem que é minha culpa, por não ter te instruído. Seja como for, ditarão a sentença que tiverem vontade, e eu farei tudo o que esteja em minha mão para que, tanto você como eu, possamos aguentá-la.

Suspirei.

— Custa-me acreditar que haja tanto.

— Há tanto — respondeu ele, as mãos nos meus ombros— Estão assustados. Fez algo que nem sequer eu posso fazer, e esse poder os tem aterrorizados.

Ah, sim, esqueci-me. Nem sequer Morfeo pode levar fisicamente um humano ao reino dos sonhos. Se pudesse, o corpo de minha mãe não estaria adoecendo em uma cama em Toronto e deixando toda a minha família louca de preocupação. Eu tampouco podia levar minha mãe ali. Bom, poderia, mas não poderia ficar muito tempo. Nenhum humano podia. Ao menos que eu soubesse, mas já não me atrevo a fazer afirmações categóricas. No final, minha mera existência vai contra as leis naturais do mundo dos sonhos.

— Acha que se os assustar um pouco mais me deixarão em paz? — perguntei com um sorriso um pouco forçado.

— Só podem te fazer mal se estiver neste mundo — me recordou — No mundo dos humanos não podem nem tocá-la. E embora seja certo que não posso interferir em seus assuntos, posso deixar as coisas muito difíceis se excederem em suas funções.

Essa última frase me fez sentir melhor. Então vi suas rugas de preocupação e suas olheiras. Parecia cansado. Olhei minha mãe. Ela estava pior que cansada, estava assustada.

— Há algo que não estejam me contando? — perguntei aos dois. E me envergonha reconhecer que, basicamente, estava preocupada comigo.

Minha mãe suspirou.

— Ontem de noite entrei nos sonhos de sua irmã Ivy.

Eu já sabia que o fazia, de fato, uma vez, mamãe e eu nos reunimos ali. Minha mãe visitava os sonhos de todos meus irmãos; assim acreditava que cuidava de seus filhos e de seus netos. Não, não acredito que fosse mesmo vê-los em pessoa, mas sabia que não foi fácil tomar essa decisão, e estava tratando de não julgá-la.

— Acontece algo com Ivy? — A merda de estar preocupada comigo. Minha irmã maior às vezes me punha histérica, mas a amava. Amava todos meus irmãos, apesar de que nenhum sabia que não era totalmente humana.



Mamãe negou com a cabeça e moveu nervosa, suas delicadas mãos sobre o colo.

— O especialista que ligaram, o doutor Ravenelli, irá depois de amanhã me examinar.

OH, merda. Uns meses atrás, minha família conheceu esse *doutor*, que alardeava poder despertar mamãe do coma em que estava. Parecia, terminaram acreditando e o contrataram. Eu não fazia ideia do que pensava fazer esse tipo para quebrar o vínculo que o deus do mundo dos sonhos criou com minha mãe, mas era evidente que tanto ela como meu pai estavam preocupados e que, portanto, acreditavam que podia conseguir.

Não, era impossível que Ravenelli pudesse fazer algo, não?

Possivelmente não fosse tão impossível.

Por outra parte, talvez fosse só uma coincidência, mas tendo em conta tudo o que chegaram a fazer os inimigos de Morfeo, não se importava que também estivessem atrás disso. Não teria sido nada difícil colocar nos sonhos desse médico e convencer de que podia despertar minha mãe. Ou, pior ainda, possivelmente disseram como podia fazer.

Olhei meu pai com o coração apertado. Que fossem atrás de mim era uma coisa, mas se mexiam com minha mãe...

— Esse tipo não pode fazer nada, não?

Morfeo negou com a cabeça.

— Não, a mim não.

— E a você? — Olhei minha mãe e vi que estava pálida.

— Tenho medo de que me faça voltar. E, apesar de tudo, uma parte de mim acredita que deveria deixa-lo me despertar.

Levantei as sobrancelhas. Aquilo sim que era uma novidade.

— Sério?

Mamãe assentiu.

— Sinto falta da minha família, Dawn. Não sou tão fria e insensível como acha.

Não respondi. Ainda não sabia o que pensar sobre o que minha mãe fez. Abri a boca, mas meu pai se adiantou.

— Não tem nada de que preocupar-se, Maggie. Estive nos sonhos desse homem. Não representa nenhuma ameaça. Não vai a nenhum lugar.

Aproximou-se dela por atrás e colocou as mãos sobre os ombros; parecia um anjo vingador. Minha mãe não podia ver seu rosto, mas eu sim, e arrepiava a pele. Senti pena desse médico. Se conseguisse despertar minha mãe, sua vida se converteria em um inferno. De fato, isso era exatamente o que aconteceria a qualquer que se colocasse entre os dois. Com minha mãe e comigo, meu pai era muito carinhoso, mas era um deus, e a história nos ensina que os deuses não gostam quando os contrariam.

Eu era sua filha, o que tecnicamente me convertia em uma deusa, ou semideusa ao menos. E agora que penso, tampouco eu gosto que me contrariem. Ainda não sei do que sou capaz, embora saiba que posso fazer coisas que nem sequer Morfeo pode fazer.

Não me importa que o Conselho dos Pesadelos esteja assustado.



CAPÍTULO 3

Fiel a minha palavra, cheguei ao quarto de Amanda as quatro e trinta e duas da tarde. Ela estava descansando, uma boneca de porcelana quebrada em baixo daqueles simples lençóis. À luz do dia, as feridas estavam piores que a noite anterior. Suponho que há alguma explicação médica para que os machucados piorem antes de curar, mas eu não sei. E não vejo nenhum sentido.

Noah estava sentado junto à cama, lendo um romance de Stephen King. Era mórbido que lesse isso, tendo em conta as circunstâncias, mas King era seu escritor preferido, e ler o distraía da realidade, assim me alegrei por ele.

Levantou o olhar ao ouvir que me aproximava, e embora parecesse muito cansado, seu rosto se iluminou ao me ver. Eu gostei. Levantou uma mão para me indicar que parasse, levantou-se da cadeira com cuidado e cruzou o dormitório em silêncio para vir até mim. Entramos no pequeno lavabo e fechou a porta.

Abri a boca para saudá-lo, mas fiquei sem fala quando ele segurou meu rosto entre as mãos e me beijou como se sua vida dependesse disso.

Rodeei sua cintura com os braços e o peguei para mim enquanto nossos lábios se moviam juntos, dançando uma valsa a ritmo muito lento que não só me fez suspirar, além de sentir um comichão muito agradável por todo o corpo. Encostei a parte traseira das pernas no lavabo, notei a fria louça através do jeans e me arrepiou a pele das coxas.

Deus como eu gostava de estar com ele, poder sentir seus músculos sob as palmas das mãos, sentir seu calor. Noah era tão forte e quente... com sabor de hortelã, uma hortelã úmida e temperada. Não se barbeou e a mandíbula estava áspera. Quando tivesse que deixar de beijá-lo para respirar, certamente teria a pele irritada, mas não me importava. Somente queria estar entre seus braços, saber que me queria. Parece brega, mas era a pura verdade.

— Olá — murmurei quando nossas bocas por fim se separaram.

Noah sorriu; um sorriso lento e sexy.

— Olá, doutora. Senti sua falta.

Oohhhhh. Sorri.

— Eu também senti sua falta. — Deixei passar uns segundos— Como está Amanda?

Sim, sou uma perita em engolir momentos românticos, mas precisava perguntar. Quero dizer, estávamos presos no lavabo de seu quarto de hospital, não podia dizer que fosse o lugar mais apropriado.

— Não sei — respondeu, passando uma mão pelo cabelo, sempre despenteado— Antes despertou gritando, mas não quis me contar nada; segurou a mão e não me soltou até que ficou adormecida.

Assenti.

— Duvido que queira me contar isso. — À margem do que eu pensasse do pedido de Noah, se Amanda queria falar comigo não ia rejeitá-la. Mas teria que ser ela, eu não forçaria.



Frequentemente, as vítimas de abusos sofrem estresse pós-traumático, e este pode manifestar-se de muitas maneiras. Fisicamente, possivelmente já passou pelo pior, mas as sequelas mentais só estavam começando. Mas não disse a Noah.

— Obrigado por vir — me disse acariciando o cabelo.

— De nada. — E então, sem poder evitar, perguntei— vai passar a noite aqui? — Assim que as palavras saíram de minha boca, desejei não tê-las dito. Faziam parecer muito egoísta.

Ele estava com uma mecha de meu cabelo entre os dedos. Acariciou-me e sorriu.

— Não, a mãe de Amanda ficará com ela. Se acha que pode me suportar, esta noite sou todo teu.

OH, sim que podia suportá-lo.

— Parece ótimo. — Em especial, tendo em conta que precisava ir ver o Guardião. Passar a noite com Noah me daria forças para enfrentar isso com mais valentia.

Noah me deu outro beijo curto e intenso, arrumou o cabelo, e logo abriu a porta do banheiro. Segui até a cama, e Amanda se moveu assim que nos aproximamos.

— Mandy — disse Noah em voz baixa —Dawn veio.

A canção de Barry Manilow começou a soar em minha cabeça. Parece que meu cérebro possui uma enorme coleção de discos de música pop. os cílios de Amanda tremeram e por fim abriu os olhos, bom, um olho. O outro ainda estava inchado. Certo que deram remédios para dormir. Sonhava? Provavelmente não muito. Quanto antes pudesse enfrentar seus sonhos, mais rápido começaria a curar.

— Dawn — me saudou com voz rouca— Olá. — Parecia mal, débil e dolorida.

Obriguei-me a sorrir.

— Olá. Gostaria de um pouco de companhia?

Ela encolheu os ombros e logo fez uma careta de dor. Não podia nem imaginar pelo que estava passando.

— Claro — respondeu, antes de olhar Noah e que ele sorrisse.

— Vou pegar um café — anunciou Noah— Voltarei antes que sua mãe chegue.

Tratei de esconder — e sossegar— minha surpresa. Ia me deixar sozinha? Ali, com sua ex-mulher traumatizada? De verdade estava tão desesperado por um pouco de cafeína ou me jogou isso e me deixou a sós com uma mulher que não queria minha ajuda?

Fosse qual fosse à razão, zanguei-me e o fulminei com o olhar. Ele me olhou sem um pingo de remorso e com completa segurança. Era admirável que estivesse tão preocupado por sua ex-mulher, ou talvez não, mas em todo caso, seus métodos deixavam muito a desejar.

Amanda procurou a mão dele pelo lado da cama e estreitou os dedos uns segundos antes de soltá-lo.

— Obrigado.

Noah se agachou e deu um beijo na testa. O gesto me pareceu terno e também muito triste. Quando ele se foi, Amanda e eu ficamos a sós.

— Quer que traga algo? — perguntei me aproximando da cama.

Ela negou com a cabeça e levantou o braço esquerdo.



— Nestes tubos tem de tudo. Dói engolir, dói fazer xixi. Os tubos se encarregam. — riu sem humor e eu engoli em seco. Doía fazer xixi? Deus. Então me olhou— Sabe o que? É a primeira pessoa que não me pergunta como estou.

Deduzi que tal omissão não a ofendeu.

— Suponho que a resposta é mais que evidente — respondi.

Os lábios machucados de Amanda esboçaram um leve sorriso.

— Noah não deixa que me olhe no espelho.

Mantive o rosto impassível. Não importava se estava ou não de acordo com Noah, ele estava fazendo o que acreditava que era melhor para Amanda. Mas ela não se beneficiava que arrebatasse sua capacidade de decidir.

— De verdade quer ver? — perguntei.

— Sim — afirmou.

Procurei dentro de minha bolsa e encontrei o espelhinho de maquiagem. Abri a caixinha de plástico e a passei a Amanda, que a pegou com dedos tremendo.

— Eu tenho um igual — disse, fazendo uma dessas observações tão surrealistas que encontrava diariamente em meu trabalho.

— É muito bom — respondi, tratando de não conter o fôlego enquanto ela colocava o espelho diante do olho bom.

Ficou em silêncio e observou atentamente as feridas. Estudei-a em busca de qualquer emoção, mas estava olhando como olharia a uma desconhecida.

— Não é tão grave como pensava — disse no fim, e me devolveu o espelho— Me alegra ver que me encontro pior por dentro que por fora.

Voltei a guardar o espelhinho e deixei a bolsa de pele na cadeira ao lado da cama, que Noah ocupou antes.

— Quer falar disso?

Negou em silêncio. Punha-me nervosa ver aquele único olho fixo em mim.

— A verdade é que não.

— Está bem. — Senti-me aliviada. Não queria ser sua doutora, e não sabia se podíamos ser amigas, assim, me tirou um peso de cima que não quisesse falar comigo.

Suponho que Amanda pensou que me devia uma explicação, porque depois disse:

— Não quero que tenha pena de mim.

— Não tenho pena.

O olho voltou a fixar em mim.

— Suponho que não, depois do que fiz a Noah.

— Ele não tem nada que ver com isto — respondi com sinceridade— Sinto o que aconteceu, e desejo de todo coração que se recupere logo.

Amanda ficou em silêncio durante um momento. Possivelmente estivesse reorganizando seus pensamentos, ou possivelmente estava questionando se eu era sincera, ou se essa sinceridade era fruto de meu desejo de não querer compartilhar Noah com ela mais tempo do que o estritamente necessário. E, se por acaso querem saber, direi que é cinquenta por cento.



O que parece meu ataque de sinceridade?

— Saí para dar um passeio — balbuciou com a voz rouca, possivelmente porque as palavras estavam saindo à força. Bebeu um pouco de água— Sozinha, de noite. Vai dizer que foi uma estupidez? Todo mundo me disse isso.

— Quem disse isso? — Desejei com todas minhas forças que Noah não fosse um deles.

Encolheu os ombros.

— Todo mundo pensa. Vejo como me olham.

Isso não fazia nenhum bem.

— Amanda, não foi uma estupidez sair para passear por seu bairro e, embora fosse, isso não justificaria o que aconteceu. Não foi sua culpa. Eu às vezes volto caminhando para casa. — Embora, deixem que diga que, quando faço, vou muito alerta.

Ela sorriu ligeiramente.

— Pois a violentaram uma vez, não acha que deveria tomar cuidado?

Não sabia se estava tirando sarro ou se estava falando a sério.

— O que quer dizer? Que teria que ter medo e me comportar como uma menina pequena? Como uma vítima? Deveria me esconder em vez de seguir adiante com minha vida?

Pegou a minha mão e apertou com uma força que não esperava. Pude ver que tinha sangue seco sob as unhas, e me perguntei se seria do violador. Seria útil à polícia para obter uma amostra de DNA e dar com esse tipo?

— Eu tampouco quero ter medo — disse, com o olho muito aberto e as bochechas pálidas— Mas me assusta tanto não me recuperar...

Apertei sua mão com a minha, que era muito maior. Amanda era tão delicada...

— Ficar bem — assegurei. E assim seria, embora tivesse que me colocar em seus sonhos e recompor seu mundo pessoalmente.

Um segundo. De onde vinha isso? Noah era o defensor dos inocentes, o cavalheiro de armadura brilhante, não eu. O que em Amanda me impulsionou a converter-me em sua defensora? Não podia me sentir tão insegura de mim mesma que queria ajudá-la só para que ela não tivesse que depender tanto de Noah.

— Me acertou. — soltou de repente. Foi como se não pudesse conter, e me dava conta de que, exceto à polícia, não contou a ninguém— Saiu de um nada. Não ouvi até que foi muito tarde. Estava passeando, feliz e relaxada e, de repente, me vi deitada no chão com ele em cima. — levou uma mão ao pescoço— Começou a me estrangular. Colocou algo na minha boca para que não pudesse gritar. Tentei de me defender. Juro isso.

Meu coração deu um salto ao ver a solitária lágrima que escorregou pela bochecha. Voltei a apertar sua mão.

— Não pode se culpar Amanda.

Ficou me olhando, agora com as bochechas ensopadas. O olhar brilhante.

— Posso. E faço.

Fiquei furiosa. Minha vontade era agarrar esse bastardo e fazê-lo pagar.

— Viu o rosto dele?



— Usava um chapéu. — Franziu a testa— Possivelmente. Eu... Não... Não sei. — Suspirou e saltou esgotada sobre o travesseiro.

Minha fúria se desvaneceu ao vislumbrar um pouco de esperança. Se Amanda o viu, então poderia identificá-lo. Existia a possibilidade de que sua mente simplesmente não queria lembrar.

— Esta noite, antes de dormir, quero que faça uma coisa por mim.

Ela ficou imediatamente alerta.

— Não quero pensar nisto quando estou sozinha. Não posso tirar da cabeça que me encontrará e terminará o trabalho. — levou a mão à bandagem da testa.

Compreendia perfeitamente sua reação. Tinha medo de que a matasse. A grande maioria dos violadores não são assassinos, mas o medo não entende de estatísticas. Era natural que tivesse medo que esse tipo pudesse voltar.

— Não quero que pense no que aconteceu— disse—. Quero que pense em mim. Quero que imagine que estou aqui com você. Serei seu guardião de sonhos particular.

Isso era exatamente o que ia ser. Por quê? Por que não? Podia ajudar Amanda, e iria, não estava moralmente obrigada a fazer? Somente precisava abrir um espaço entre os remédios que deram para dormir e me colocar em seus sonhos para começar a curar as feridas emocionais. E não ia ajudar para que Noah não tivesse que fazê-lo. Ia ajudar porque podia, porque não queria que esse bastardo fizesse mais mal, e porque queria ver o rosto do tipo.

Amanda começou a chorar e quebrou meu coração. Se inclinou para frente e puxou a mim, me aproximando, e eu não fiz nada para detê-la. Aconchegada entre meus braços. Ela precisava de um abraço e, para ser sincera, eu também.

Rodeei os ombros com um braço e apoiei uma bochecha em sua cabeça, com cuidado de não roçar a bandagem. Essa bandagem era superior a mim, converteu-se na personificação da maldade que havia no mundo.

Meus olhos encheram de lágrimas, enquanto continuava abraçando aquela mulher que não parava de tremer. A força dos soluços sacudia seu corpo e notei que seu pranto empapava minha blusa. Não me importou o mínimo.

Ouvi um suave pigarro e levantei o olhar. Noah estava na porta, com um café na mão. Era para mim, sabia. Em seu rosto se refletia a pena, mas havia algo mais. Pela primeira vez, dei-me conta de que naquele triângulo eu não era a intrusa. Desta vez não.

Era ele.

CAPÍTULO 4

Como de costume, Noah e eu não falamos muito no retorno a sua casa. Possivelmente porque nossas conversas sempre eram sobre assuntos muito pessoais, ou muito estranhos, e não queríamos que ninguém nos ouvisse. Ou possivelmente a paisagem nos distraía muito. Ou talvez aproveitávamos o momento que estávamos no táxi para reorganizar nossos pensamentos. A



verdade é que isso é o que faço. Fazia pouco tempo que saíamos juntos, e ainda gostávamos de planejar o que diríamos um ao outro.

Fosse como fosse, quando chegamos no enorme apartamento de Noah, com suas grandes janelas e seu reluzente chão de madeira, retomamos a conversa. Começou ele:

— Ficar bem? — perguntou-me, entrando na cozinha.

Não precisou especificar de quem estava falando.

— Acredito que sim.

Minha resposta pareceu aliviá-lo um pouco. Como seria ir pela vida sentindo tanta responsabilidade? Eu faria o que estivesse em minha mão para ajudar Amanda, mas sobre meus ombros não recaía nenhuma carga emocional.

Quantas emoções Noah carregava sobre os seus?

Abraçou-me, e eu deixei que me abraçasse, mas demorei em rodeá-lo com meus braços. Odiava estar ciumenta. Preferia ficar como uma estúpida a sentir as dúvidas me corroendo.

— Ainda a ama? — perguntei, jogando a cabeça para trás para poder olhar no rosto dele.

Noah retrocedeu um pouco, mas não me soltou. Bom sinal. Olhou-me surpreso. Outro bom sinal.

— A Amanda?

Assenti.

— Segue apaixonado por ela? — Essa pergunta era mais direta, porque era evidente que em certo modo a queria, se não, não estaria tão preocupado por ela.

— Não, Por Deus — disse franzindo a testa — por que me pergunta isso?

— Estou com ciúme — confessei como se não tivesse importância.

Seu franzido desapareceu e fez uma cara de satisfação, que tive vontade de beliscá-lo só para que deixasse de sorrir.

— Eu gosto que seja tão possessiva comigo, doutora.

Revirou os olhos.

— eu não. E não respondeu a minha pergunta. — Agora que vi como o afetava que estivesse ciumenta, já não estava tão preocupada com sua resposta.

— Sempre sentirei carinho por Amanda — me disse, encolhendo os ombros. E por muito que odiasse ouvir isso, admirava Noah por me dizer isso — Mas se estivesse apaixonado por ela, não estaria aqui com você.

Significava que estava apaixonado por mim? Ainda não estava preparada para fazer essa pergunta. Além disso, estávamos só umas semanas juntos. Era muito cedo para falar de amor.

Deus, meu coração pulsava como um idiota e não ia analisar por que. E tampouco ia perguntar a Noah por que estava ali comigo. Só serviria para que parecesse uma namorada pegajosa e dependente, que era, mas não queria que ele soubesse. Apesar de meus esforços por fingir que não, estava morta de medo por meu iminente encontro com o Guardião e queria que Noah me abraçasse e me dissesse que tudo ia ficar bem.

O que me dava mais medo era que sabia que ele estaria disposto a fazer algo para que, efetivamente, tudo saísse bem.



Voltou a franzir a testa e abriu um pouco aqueles cílios negros para deixar seus olhos também negros descobertos.

— Algo a preocupa?

Não queria aporrinhá-lo com meus problemas. De verdade que não. Suspirei e dei meia volta para o armário onde guardava os telefones de tele entrega.

— Coisas de família — respondi, olhando por cima do ombro — Coisas do mundo dos sonhos. E do trabalho. Já sabe. — Ao ver que ele se preocupava ainda mais, tratei de sorrir — Estou bem. Sério.

Noah me pegou pelo braço, não muito forte, mas o bastante para me parar.

— É por sua mãe? — perguntou, me abraçando de novo.

Eu não queria que me visse como outra vítima a que tinha que salvar. Mas não mentiria.

— Mamãe tem medo de que o especialista que minha família contratou a desperte.

— E você, o que sente a respeito?

Não pude evitar sorrir.

— Pois verá, doutor Clarke, tenho sentimentos contraditórios.

Noah me olhou nos olhos. Também estava sorrindo e os olhos brilhavam como ônix recém-polido.

— Sabichona. O que passou no mundo dos sonhos?

Perdi o sorriso. Ia ter que contar, cedo ou tarde, em especial se as coisas saíssem errado. Deus, possivelmente o Guardião também queria citá-lo, ou, pior, apagar a memória dele ou algo do estilo. O Conselho dos Pesadelos podia fazer essas coisas?

— Esta noite tenho que me apresentar diante do Conselho dos Pesadelos — expliquei.

Noah não voltou a franzir a testa, mas sim todo seu rosto se converteu em uma máscara de preocupação.

— Por quê?

Ele já sabia por que, ou ao menos podia fazer uma ideia. Notei o momento exato em que se esticou, porque seus músculos e seus lábios mudaram radicalmente de postura.

— Porque o levei ao mundo dos sonhos.

— Mas fez para me salvar a vida.

— Parece que não faz nenhuma diferença. Na realidade, deu muito medo. — O dia em que levei Noah ao mundo dos sonhos, não só Morfeo o viu, mas também vários membros do Conselho. Não sei quem exatamente, mas vários presenciaram a chegada de um humano ao palácio do rei dos sonhos.

— Desde quando sabe que tem que ir? — perguntou-me.

Não o olhei nos olhos.

— Desde ontem à noite. Desde que nos deitamos.

— E quando iria me contar isso?

— Quando não tivesse mais remédio — respondi, tentando sorrir.

Noah não sorriu.

— precisava ter me dito isso.



Ali estávamos. Acabava de tocar um de seus pontos fracos.

— Por quê? Para que tivesse que se preocupar por mim, igual à Amanda?

Aproximou-se do armário furioso e pegou os telefones de refeições a domicílio.

— Odeio que tente me proteger — afirmou veemente, algo que eu já sabia. Certamente sua mãe tratou de protegê-lo quando era pequeno.

— Pois eu odeio que se descontrola cada vez que não está no comando! — A frase soou mais repelente do que pretendia, e provavelmente não era justo que o atacasse desse modo, mas era verdade. Poderia ter focado o assunto com mais tato, mas Noah não era meu paciente, era meu namorado. Maldição. Não queria ter que me comportar como uma psicóloga com ele.

Fechou a porta do armário de repente e eu retrocedi um pouco. Ele se apoiou na bancada de mármore, me dando as costas. Os ombros estavam tão tensos que a camiseta cinza que usava grudou às costas. Morria de vontade de me aproximar e rodeá-lo com os braços, mas não fiz.

— Me descontrolo porque você me mantém a margem de sua vida — disse entre dentes, e sem dar a volta— É como se acreditasse que não sou capaz de enfrentar a verdade.

— Igual a você com Amanda quando decidiu que não podia olhar-se no espelho? — Foi um golpe baixo, mas queria que entendesse que todos fazemos coisas para proteger às pessoas que nos importam.

Noah deu meia volta sem esconder como estava surpreso.

— Amanda contou isso?

Assenti, embora decidi omitir o detalhe de meu espelho de maquiagem. Falaríamos disso em outra ocasião, se fosse necessário.

— Noah, não queria dizer isso até que tivesse que fazer — disse.

— Porque acreditava que ia me descontrolar.

— Porque Amanda precisa de você mais que eu. — Fez soar como uma mártir, mas era verdade. Sou uma hipócrita; por um lado não queria que passasse tanto tempo com sua ex-mulher, e por outro, eu mesma dizia que fizesse exatamente isso— Possivelmente eu precise mais tarde, mas agora mesmo, ela precisa muito mais que eu.

Ele não parecia muito contente comigo, mas já não parecia zangado.

— Acreditava que estava ciumenta de Amanda.

— Terei que aguentar — respondi, encolhendo os ombros.

Então se aproximou e levantou uma mão para me acariciar a bochecha. Se ele fosse qualquer outra pessoa, teria me afastado, mas sabia que Noah jamais me bateria. Ele preferiria morrer antes de me fazer mal.

— Se faz de dura — murmurou enquanto me acariciava a testa com o polegar— mas não é.

Meu coração acelerou sob suas carícias. Acaso estava insinuando que o necessitava? E eu que gostava que fosse assim? Deus, eu precisava ir a um psicólogo.

— Não posso evitar.

Noah apoiou a testa em cima da minha.

— Deixa-me louco, mas não posso imaginar a vida sem você.

Meu coração estava dando saltos frenéticos, como adolescentes descontroladas na primeira



fila de um concerto.

— Só diz isso por que tem fome. — precisava fazer uma piada. Era o que fazia sempre que não sabia o que responder.

— Tem razão — ele concordou, e depois me pegou pela cintura e me levantou do chão para me colocar em cima da mesa. Eu meço quase um metro oitenta, e quando estou magra uso quarenta e dois, assim, me parece fascinante que um homem possa me levantar em seus braços como se fosse uma delicada flor. Noah sabe, evidentemente. E me levanta nos braços sempre que surge a oportunidade. Acredito que gosta de saber que pode me excitar com tanta facilidade.

Moveu um canto do lábio e sorriu malicioso.

— Estou faminto.

E como estava! Tirou a roupa sem deixar de me beijar. Mordeu meus lábios, acariciou o interior da minha boca até me fazer cócegas, e brincou com sua língua até que me deu voltas na cabeça. E com as mãos, com aquelas mãos de artista tão maravilhosas, tocou-me em todo o corpo. Noah pode ser tão terno como uma suave brisa do verão, o que me deixa arrepiada. E sabe quando converter essa ternura em paixão e me arrancar um gemido. Sabe exatamente como me tocar para me ter tremendo da cabeça aos pés, algumas parte mais que outras.

Não me importava que estivéssemos na mesa em que comíamos diariamente. Agora íamos fazer muito mais que comer. Estava nua e meu corpo estremecia de desejo. Deixei que Noah separasse minhas coxas. Observei, com a boca seca, e o contemplei nu em todo seu esplendor. É provavelmente o homem mais bonito que vi em minha vida. Sua pele é dourada e tem um corpo muito musculoso.

Se colocou entre minhas pernas e baixou a mão. Notei como seus nódulos acariciavam o interior de uma coxa e então guiou sua ereção onde eu mais precisava. O extremo de seu pênis roçou meu sexo e segurei a mesa ansiosa.

Levantou uma mão para me segurar pela nuca, fez a pressão exata para que eu soubesse que queria que levantasse o olhar e o olhasse. E quando fiz, já não pude afastar os olhos dos seus. Noah se aproximou um pouco mais e, sem deixar de me olhar, foi entrando em mim. Quando chegou ao fundo, ao lugar mais íntimo de meu corpo, inclinou o pescoço e me sussurrou ao ouvido:

— Não volte a me manter a margem. Jamais.

Estremeci, sem poder evitá-lo. Eu gostava muito que ficasse em modo macho alfa. Rodeei sua cintura com as pernas.

— Parece que quero te manter a margem?

Ele gemeu de prazer e moveu os quadris para deslizar um pouco mais em mim. Eu também gemi e pus ponto final a nossa conversa. Ficamos sem fôlego e chegamos juntos a um orgasmo demolidor.

Pouco depois, nos vestimos e voltamos a colocar a mesa em seu lugar de sempre. Os dois estávamos famintos e nos decidimos pela comida indiana.

Sentamos no sofá e nos aconchegamos juntos. Fazíamos amor dessa maneira que nos deixa em paz com o mundo, e comemos frango tikka masala, matar paneer, naan e arroz enquanto



víamos Não Digas Nada no enorme televisor de Noah.

— De verdade acha que John Cusak é sexy? — perguntou-me, molhando um pedaço de naan no molho masala.

Assenti, enquanto pegava mais arroz e frango com o garfo.

— Todas as mulheres acreditam que John Cusak é sexy, sobre tudo em Matador em Conflito. Noah olhou ao ator que aparecia na tela segurando um enorme radio por cima da cabeça.

— Não entendo.

Sorri.

— Eu tampouco entendo que Keira Knightley pareça sexy, assim estamos empatados.

Quando terminou o filme, ficamos ali sentados, compartilhando gulab juman quente e bebendo um chá chai que eu mesma preparei com os ingredientes que encontrei na cozinha. Noah gosta de cozinhar, assim, em sua despensa sempre há tudo o que necessito.

De fato, Noah tem tudo o que necessito. E ponto. Mas como, embora seja maravilhoso e excitante, também me dá muito medo.

— Quando vai ao mundo dos sonhos? — perguntou-me, enquanto me oferecia uma colherada do queijo empapado em água de rosas.

— Daqui a pouco — respondi, e deixei que me levasse aos lábios essa sobremesa tão doce. Mastiguei. Estava muito bom! Engoli— Não posso seguir atrasando.

Ele me olhou preocupado.

— Está bem?

— Acredito que sim.

Não tinha nem ideia do que o Guardião ia fazer ou dizer. Suponho que é um homem, embora bem poderia ser uma mulher. Possivelmente queria me prender em uma cela ou algo do estilo. Eu não podia desaparecer da face da Terra assim sem mais, possuía muitas obrigações.

Mas não havia sentido em preocupar me antes de tempo, assim, depois de comer a sobremesa, ficamos no sofá e vimos séries que tínhamos gravado no DVD (os dois somos desse tipo de frikis). Terminando, soube que chegou o momento de ir.

Noah decidiu que ficaria pintando um pouco. Tentou fingir que veio a inspiração, mas acredito que somente queria era me esperar acordado.

Foi a seu escritório e eu fiquei no salão. Assim que estive a sós, respirei fundo e abri o portal para cruzar ao outro lado. Dá vergonha reconhecer que me custou muito dar o primeiro passo. Estive tentada há ficar ali esperando até que Verek não tivesse mais remédio além de vir me buscar e levar a força diante do conselho.

Abri o portal e me concentrei para que me levasse aonde precisava ir. Às vezes funciona e às vezes não. Estou quase segura de que quando não sai bem é minha culpa, mas ao menos nessa ocasião consegui. Saí do salão de Noah e cruzei o véu que separa ambos os mundos. Foi como sair para tomar o ar depois de estar presa em um apartamento cheio de gente. A brisa da noite cheirava muito bem, no mundo dos sonhos não há contaminação, e ainda, acima de minha cabeça, milhares de estrelas brilhavam em um céu de veludo negro.

Concentrei-me em aparecer onde fosse que estivesse o Conselho, e terminei diante de uma



escada que levava a uma colina que parecia um antigo templo corinto. Cada três degraus havia uma tocha ardendo para assinalar o caminho, e na entrada vi dois enormes, guardas de aspecto temível. Nenhum deles me olhou, embora a expressão de que era uma mulher se alterou levemente.

O que deviam pensar de mim? Me perguntei enquanto subia os degraus. Odiavam-me como quase todo mundo, ou estavam fascinados com minha mera existência? O que se escondia atrás daquela porta?

Tratei de controlar a ansiedade que me devorava. Não sou uma dessas mulheres que sofrem ataques de pânico, e rezei para seguir assim.

Parei um segundo na entrada para respirar e jogar os ombros para trás. Apesar do que estava sentindo, não os deixaria notarem. Igual à névoa que envolvia o mundo dos sonhos — névoa que, por sorte, esse dia não aparecia em nenhum lugar — aquelas pessoas não eram meus amigos, e certo que mais de um me faria mal se pudesse. Precisava ser forte, e estar preparada.

Entrei em uma sala enorme, com chão de pedra amarela coberto de tapetes persas. Por todo o lugar, estátuas de homens e mulheres vestidos com túnicas estavam espalhadas. No alto das paredes sem janelas ardiam mais tochas. As sombras dançavam pelos muros, inclusive a minha. Eu imaginava, ou haviam sombras que não pertenciam a ninguém? Em efeito, havia sombras com vida própria, e não paravam de mover-se ao ritmo de uma música que eu não podia ouvir. A minha fluía como a água e ia movendo-se para a parte dianteira da sala. Segui-a.

Meu coração deu um salto, quando vi aproximadamente uma dúzia de homens e mulheres que, muito sérios, permaneciam sentados ao redor de uma enorme mesa. Apenas se alteraram ao notar minha presença. Não sabia se isso era bom ou mau sinal. Quem seria o Guardião?

Tranquilei-me um pouco quando vi meu pai. Sentava junto ao Conselho, com outros dois homens aos que reconheci como seus irmãos; Icelo e Fantasos, príncipes dos sonhos desagradáveis e dos sonhos impossíveis. Não era estranho que me sentisse como um inseto estranho. Uma vez que eram parte da família real, meu pai e meus tios estavam sentados à parte, mas de seus assentos podiam ver tudo o que acontecia e todo mundo podia vê-los. Era reconfortante que meu pai estivesse ali, mesmo sabendo que não poderia intervir em minha defesa.

Me olhou nos olhos e sorriu. Um sorriso breve, mas que fez maravilhas em meu ânimo. Tratei de devolver, mas meus lábios perderam a vontade assim que vi que Verek se aproximava de mim muito sério e em missão oficial.

— Supõe-se que é meu guardião? — perguntei quando o tive a centímetros de distância.

Ele assentiu com seus olhos pálidos e sérios.

— Tenho que te escoltar até a parte dianteira do salão.

— De verdade que preciso de escolta?

— Não tem escolha — me respondeu com a cumplicidade que faltava em seu olhar.

Bom, lá estávamos.

— Se me pede assim, como posso me negar? — respondi, tratando de brincar.

Verek me ofereceu seu braço e eu aceitei. Na aparência, tudo era muito civilizado, mas era



uma farsa. Provavelmente, aquelas criaturas queriam me convencer de que eram seres racionais, embora na realidade, esperassem ansiosas que ninguém as olhasse para poder atacar.

Eram um bando de sanguinários.

Verek me escoltou até a mesa e me deixou ali sozinha. Por um instante, pensei que me fariam estar de pé durante todo o processo, mas de repente todos se levantaram, embora não o fizessem por mim. Os únicos que permaneceram sentados foram meu pai e seus irmãos, e então, por uma porta lateral, entrou uma criatura envolta em uma túnica. Aquilo sim que era uma entrada triunfal!

O Guardiã do Conselho dos Pesadelos era uma mulher. A princípio, o descobrimento me deu esperança, mas assim que levantei o olhar e vi aquele rosto tão branco que recordava a minha professora de matemática do oitavo ano, soube que teria problemas.

A mulher não possuía os típicos olhos azuis das criaturas do reino dos sonhos. Estou convencida de que a cor dos olhos quer dizer algo, mas não tenho nem ideia do que. Os meus são turquesa, e acredito que são meu traço mais favorecedor, exceto quando ficam negros e parecem uma teia. Então eu não gosto muito.

Os olhos da Guardiã eram verdes, envoltos por um círculo negro, mas em vez de teias, os dela pareciam estar cortados por umas linhas negras, muito grossas, como se alguém tivesse pintado permanentemente. Que estranho. O cabelo era acobreado e parecia uma língua de fogo em cima de sua túnica violeta.

Dava medo, e ela sabia. Levantei o queixo e esperei que se aproximasse da mesa para se unir ao resto. Me olhou nos olhos e, embora quisesse afastar o olhar, aguentei.

— Assim, você é a que leva o nome em honra de Eos — meio perguntou meio acusou, em um tom tão letal como a cor de seu cabelo— A filha do Morfeo com a humana. — Disse *humana* como se fosse uma enfermidade.

— Sim — respondi, e inclinei ligeiramente a cabeça. Isso era o mais parecido a uma reverência que ia receber de mim. Nem morta ia envergonhar-me de minhas origens.

A Guardiã apertou seus magros lábios cor pêssego. Se não parecesse tão amargurada, seria uma mulher linda.

— O Conselho a citou hoje aqui porque a acusa de ter posto em perigo a todo o reino, de quebrar nossas leis e de menosprezar a segurança e integridade de nossa espécie.

Fechei os olhos. Não, melhor dizendo, fulminei-a com o olhar.

— Eu nunca fiz nada disso! — exclamei indignada.

Não gostou que a interrompesse. Se ergueu em toda sua estatura — era um pouco mais alta que eu— e fixou seus olhos em mim. Graças a Deus que não podia me matar com o olhar.

— Pôs nosso reino em perigo ao trazer o humano. Um humano consciente e que se lembra perfeitamente de tudo o que aconteceu durante sua estadia.

Referia-se a Noah. Cruzamos juntos o portal para o mundo dos sonhos, quando nos demos conta de que Karatos roubou sua capacidade de sonhar.

— Não sabia que era proibido — me defendi— Eu só queria ajudar o humano.

Essa explicação não impressionou muito a Guardiã.



— Sua ignorância só demonstra a profunda falta de respeito que sente para nossas leis e nossos costumes. Se tivesse se incomodado em aprender essas coisas, nada disso teria acontecido, mas parece, embora faça mais de vinte anos que sabe quem é, que nunca sentiu a necessidade de se informar sobre sua espécie.

Era uma puta. Consegui manter a boca fechada, apesar de morrer de vontade de me defender e de arrancar a pele dela em tiras. Nada do que eu pudesse dizer mudaria o fato de que ela tinha razão. Deveria ter me interessado mais pelo mundo dos sonhos. Se não tivesse dado as costas a essa parte de mim, saberia que não podia levar Noah.

E também saberia que, a princípio, supunha-se que era fisicamente impossível levar um humano ao reino dos sonhos. E essa era a verdadeira causa de todos os meus problemas, que eu assustava. Pois bem, teriam que aguentar. Também eles me assustavam.

— E pôs em perigo esse mesmo humano ao ter uma relação com ele — prosseguiu a Guardiã— Algo que todo os Pesadelos juram não fazer jamais.

Eu sabia perfeitamente que fazer mal a um humano ia contra os princípios dos Pesadelos. Nossa missão era protegê-los.

— Eu nunca jurei nada — respondi, fazendo caso omissso do gesto reprovador de meu pai— Eu não pedi para nascer metade Pesadelo metade humana. Eu não pedi para ser um inseto estranho. Possivelmente transgredi alguma de suas leis, mas não foi nossa relação o que pôs Noah em perigo, a não ser um Terror Noturno que continuava as ordens de alguém deste reino, e que de repente decidiu que queria mudar ao mundo dos humanos e se instalar para sempre dentro de Noah. Se eu não tivesse detido Karatos, agora teríamos mais problemas entre as mãos.

Eu estava furiosa, jogava fumaça, e a Guardiã me olhava como se fosse uma mosca colada a seu sapato.

— Está insinuando que Karatos obedecia a ordens de outra pessoa?

Respirei fundo e me obriguei a me acalmar.

— Não estou insinuando. O próprio Karatos me disse isso. — Tive que me recordar que essa coisa que tentou matar Noah e a mim não era humano.

Ela levantou o queixo com um gesto desafiante.

— O Terror também disse como se ligava a seu benfeitor?

Que maneira tão estranha de dizer, qualquer um diria que Karatos esteve fazendo obras de caridade.

— Não.

O rosto da Guardiã expressou satisfação.

— Então não tem nenhuma prova que sustente suas palavras.

Eu também levantei o queixo.

— Você não tem nenhuma prova que sustente que eu tenha atuado contra o reino.

Ali a peguei, e a julgar pelo modo em que brilharam os olhos dela, ela sabia.

— É verdade — afirmou distante— Por isso a citamos aqui, para perguntar por seus atos. O Conselho vai observar de perto, lady Dawn, e estudará sua conduta passada. Se chegar à conclusão de que atuou com boa intenção e que suas ações não tiveram consequências graves,



será declarada inocente e não tomarão medidas contra você.

Certo, aquilo não parecia tão mal. Eu não fiz nada errado, assim era impossível que houvesse consequências de algum tipo. Então, por que meu estômago estava encolhido?

— Mas — seguiu a ruiva voltando para frente— se chegarem à conclusão de que foi consciente de seus atos e que sua intenção era prejudicar o reino dos sonhos, não terei mais remédio que te condenar e me assegurar de que cumpra seu castigo.

— Castigo? — repeti como se fosse uma menina assustada em uma telenovela— Que tipo de castigo? — E por que Morfeo estava tão pálido? Ele era o rei, maldição, e eu sua filha! Não me importa que soe como uma malcriada, mas eu era Paris Hilton desse mundo e o pior castigo que podiam me infligir era me mandar à cama sem ver televisão.

A Guardiã sorriu, mas não foi um sorriso reconfortante, a não ser justamente o contrário.

— Não respeitar as leis de nosso mundo se considera um ato de traição. E a quem comete esse delito é condenado a ser *desfeito*.

Graças a Deus, Verek escolheu esse preciso instante para me pegar pelo braço, porque, se não, teria caído de traseiro no chão. Estava metida em uma boa confusão.

No mundo dos humanos, o equivalente a que se *desfaçam* é a morte.

CAPÍTULO 5

Me segurei a Verek durante quatro ou cinco segundos antes de me obrigar a solta-lo. Sim, estava tremendo, mas não ia permitir que vissem.

— Deveria ter vergonha, Padera — disse uma voz suave de um dos extremos da mesa— Está assustando a pobre garota.

Falava a sério ou estava zombando de mim? Igual o resto dos presentes na sala voltei em busca da proprietária da voz, mas não antes de ver a careta de desaprovação que apareceu brevemente no rosto da Guardiã. Desapareceu tão rápido como veio e, depois, voltou para sua interlocutora.

Caminhando para mim, vinha à mulher mais alta que eu já vi. Devia medir mais de dois metros e estava tão magra como as supermodelos. Tinha o cabelo muito comprido e prateado e a pele pálida e brilhante. Vestia uma larga túnica azul índigo que flutuava ao redor de seus pés como se fossem ondas acariciando a lua. Na base da garganta mostrava uma tatuagem pequena e muito elegante: era uma espécie de arranha, com a cabeça para cima e as patas estiradas para as clavículas de sua proprietária.

Parou diante de mim. Precisei levantar o queixo para olhá-la nos olhos. Não estou acostumada a ter que fazer isso quando estou com outras mulheres.

— Olá, Dawn — me saudou com uma voz mais profunda que antes.

Inclinei a cabeça.

— Sinto muito, mas não sei quem é.



Vários murmúrios seguiram a essa frase.

Ela se limitou a me sorrir.

— Sou Hadria, a sacerdotisa da Ama.

Eu nem sequer sabia que a Grande Arranha o Bicho-tesoura de sonhos, tivesse sua própria sacerdotisa, embora suponha que fizesse sentido.

— Diria que é um prazer em conhecê-la, mas odiaria ter que me corrigir mais tarde.

Mais murmúrios, mas Hadria só riu, deixando descobertos uns dentes tão brancos e reluzentes quanto o resto de seu corpo. Olhou atrás de mim.

— Tem sua valentia, Morfeo.

Eu me virei um pouco e vi meu pai sorrindo à mulher gigante.

— E se surpreende? — Morfeo deu um passo adiante— Por que veio velha amiga?

Amiga. Certo, então possivelmente não precisava me assustar. Os olhos púrpura de Hadria — cujas pupilas destacavam umas espirais prateadas — se fixaram de novo em minha pessoa e, embora deixou de me sorrir, já não me dava tanto medo.

— Vim determinar quais são os poderes de sua filha.

— Verek já está fazendo isso — disse— É meu treinador. — Não queria perder Verek. Ele era o único em quem podia confiar, exceto meu pai, claro. Não me perguntem como sabia, mas sabia.

Hadria inclinou a cabeça, suponho que para poder me ver melhor.

— Não tenho intenção de tirar seu treinador, princesa. Eu não vim treina-la, vim ver o que é capaz de fazer.

— Para ver se represento uma ameaça? — perguntei, me erguendo.

Ela me sorriu, pormenorizada.

— É?

Maldição, não estava de humor para jogos psicológicos, mas estava muito intimidada para me calar. Aquela mulher emanava energia a torrentes, que me envolvia como se fosse uma mão gigante. Era muito forte e poderosa, e soube, sem dúvida, que não queria vê-la zangada.

— A Guardiã acredita que sim — murmurei— Muitas pessoas acreditam que meu objetivo é destruir o mundo dos sonhos. — Possivelmente soou algo melodramático, mas era a verdade, não?

A sacerdotisa se inclinou agachando um pouco até que nossos olhos ficaram à mesma altura. No meio do azul profundo vi seus redemoinhos prateados. Não tinha pupilas, ou fui incapaz das distinguir. Que estranho.

— Espero que seu objetivo não seja destruir nosso mundo, filha de Morfeo, porque alguns de nós confiamos em você para que o salve.

— Desfazer? — Noah deixou a garrafa de cerveja diante de mim, em cima da mesma mesa em que antes tínhamos feito amor. Agora não me parecia tão sexy. E sim, estava limpa— Que diabos significa isso?

Eu não sou muito aficionada à cerveja, mas de todos os modos bebi um pouco.



— Significa que deixaria de existir no mundo dos sonhos. Que estaria morta.

Noah empalideceu.

— Acreditava que isso era impossível. — sentou-se diante de mim com a cerveja na mão. Usava uma camiseta larga negra e calças de pijama do Iron Man que eu comprei no Target. O cabelo alvoroçado e os olhos alertas, cheios de preocupação— Ali é imortal, não?

— Tecnicamente. — Dei outro gole— É complicado. No mundo dos sonhos podem *desfazer* o que significa que a pessoa que sou agora morreria, mas minha essência seguiria e a reconverteriam em outra coisa.

— Como o que?

Encolhi os ombros.

— No que quisessem. — Deus, desejei com todas minhas forças que não me convertessem em névoa.

— Mas seguiria sendo a filha de Morfeo, não?

— Seguiria sendo parte dele, igual ao resto de criaturas que habitam ali. — Enfrentei seu olhar— Mas não seria eu, Noah, seria o que eles quisessem que fosse. — Minha voz se quebrou e tremeu um pouco. Apenas um mês atrás, não queria ter nada a ver com o mundo de meu pai, e agora... Agora precisava enfrentar à possibilidade de perder tudo o que era nesse mundo. E me dava medo.

Não me importava que meu próprio povo me odiasse. Nem tampouco que não conseguisse me encaixar entre eles. Mas eu gostava das coisas que podia fazer no mundo dos sonhos. Eu gostava de como me sentia ali. Se perdesse isso, também deixaria de ser eu mesma no mundo dos humanos. Sempre soube que não era totalmente humana, e isso formava parte intrínseca da pessoa em que me converti.

E se mudasse tanto que já não me reconhecia? E se Noah deixasse de me querer? E se deixasse de gostar de meus amigos?

Não entre em pânico. Não entre em pânico...

Perdi. Durante um segundo, só um pouco, mas entrei em pânico. Não pude evitar. Os olhos encheram de lágrimas e o medo me apertou a garganta. Solucei uma vez. E outra. E de repente escondi o rosto entre as mãos e comecei a chorar.

A cadeira de Noah chiou contra o chão e então senti suas mãos sobre as minhas, me puxando para ele. Rodeei-o com os braços, sem me preocupar que fosse deixar a camiseta dele ensopada de lágrimas, e chorei desconsolada. Chorei até que já não me senti tão aflita pelo que estava acontecendo.

Noah não tentou me consolar, nem tampouco tratou de me fazer parar. E isso eu gostei, e o odiei ao mesmo tempo, porque uma parte de mim acreditava que ele precisava sentir as lágrimas de uma mulher em apuros. Não era verdade, e eu deveria saber melhor que ninguém.

Me afastei um pouco e sequei os olhos. Como era de esperar, Noah estava com a camiseta ensopada mas, como era negra, mal se notava.

— Sinto — disse, respirando pelo nariz.

Ele secou minhas bochechas com os polegares, um dos quais estava com um pouco de



pintura seca sob a unha. Ocre escuro, se não me enganava. Levantei o olhar e me encontrei com seus olhos. Estava olhando com tanta ternura que quebrou meu coração. Juro Por Deus.

— Esteve me pintando outra vez? — perguntei, segurando a mão manchada de tinta. Noah já fez um retrato meu. Pesadelo estava pendurado na parede de seu dormitório.

Sorriu-me.

— Talvez. — Voltou a ficar sério— Está bem?

Sorvi de novo. Precisava de um lenço. Agarrei um guardanapo e sequei o nariz.

— Estarei. Possivelmente as coisas não terminem mal. Possivelmente o Conselho decida em meu favor.

— Ou poderia dizer a seu pai que jogasse ovos e dissesse a Guardiã que deixasse a sua preciosa filha em paz.

Ri.

— Não acredito que fizesse muita graça, além disso, ele não pode fazer nada. Nem sequer Morfeo está acima da lei.

— Tem a sua mãe vivendo com ele. Me diga que isso não transgride ao menos uma de suas leis.

— Não transgride nenhuma. Minha mãe está ali como sonhadora, e até no caso de que jamais chegasse a despertar, seguiria sem transgredir. Possivelmente, não seja muito ético que Morfeo se apaixonou por uma humana, mas não há nenhuma lei que o proíba.

Noah franziu a testa.

— Pois havia para Antwoine e sua súcubo.

Noah tinha razão. Antwoine era uma espécie de mentor para mim. Era o único humano de Nova Iorque que sabia que eu era um Pesadelo, além de Noah, claro. Anos atrás, Antwoine se apaixonou por uma súcubo chamada Madrene e meu pai os proibiu de estarem juntos porque dizia que ia contra a lei.

Era correto que um Pesadelo e um humano estivessem juntos? Eu não contava, afinal, tão somente era meio humana.

— Possivelmente sim, pode fazer algo — reconheci— mas ultimamente está muito preocupado por esse médico que minha família contratou para despertar mamãe, e porque um punhado de súditos está conspirando contra ele. — Alguns habitantes do mundo dos sonhos, como por exemplo, Karatos, não estavam satisfeitos com o reinado de meu pai e não gostavam que tivesse a uma humana por esposa ou uma filha mestiça.

— Acha que seria capaz de te pôr em perigo só para salvar seu traseiro?

Suspirei e encolhi todas as partes de meu corpo suscetíveis de tal movimento.

— Acredito que tem que fazer o melhor para o reino, e seu papel como rei.

Uns dedos largos e quentes tocaram o rosto com tanta suavidade que meus olhos voltaram a se encher de lágrimas.

— Ultimamente, diz muito frequentemente que as pessoas tem que fazer o melhor para eles, mas o que me diz de você?

— Morfeo é o único que pode me desfazer. — Engoli saliva ao pronunciar a última palavra—



Se existir um modo de evitá-lo, encontrará.

Noah se inclinou e me beijou a testa.

— Odeio não poder fazer nada para ajudar, ainda mais quando fui eu que a meti nesta confusão.

Levantei o olhar.

— Eu me coloquei, não você. Somente preciso saber que está a meu lado. Nada mais.

Noah esboçou um amargo sorriso.

— Quer voltar a fazer tudo sozinha.

Empalideci.

— Me escute, faria de outro modo, se pudesse. Me acredite. Odeio ter que enfrentar um conselho de guerra sozinha.

— Tem essa mulher estranha do seu lado, essa que disse que tem os olhos estranhos.

Noah não se esqueceu de Hadria, nem de suas palavras.

— Sim. Senti que emanava muito poder. Possivelmente possa me ajudar. Certo que a Guardiã não querará me desfazer antes que salve o mundo.

Por fim, consegui arrancar o sorriso que estava procurando. Noah ficou em pé e me estendeu a mão.

— Hora de ir para cama.

Bocejei e aceitei a mão para me levantar.

— Tem razão. Quero me colocar nos sonhos de Amanda.

— Sério? — Parecia surpreso — Não acha que por esta noite já teve muitas emoções?

Apoiei-me nele enquanto atravessávamos o salão em direção à escada que levava à parte superior do loft.

— Eu prometi. E eu sempre cumprio minhas promessas.

Noah ficou em silêncio um momento, mas me estendeu a mão.

— É possível que ajudar Amanda faça ganhar pontos frente ao Conselho?

Não pensei nisso. Por que não me ocorreu? Provavelmente, porque meu cérebro tendia a se desconectar quando estava sobrecarregado.

— Talvez. Suponho que, em todo caso, não me prejudicará.

Claro que, com minha sorte, tampouco o descartaria.

Minha intenção não era passar muito tempo nos sonhos de Amanda. E não porque tivesse outras coisas a fazer — não sou tão egoísta — mas sim porque queria que ela fosse capaz de curar-se sozinha, de recuperar a confiança em si mesma e de encontrar parte do que o violador roubou. Em longo prazo, não faria nenhum bem que eu o desse sem que ela tivesse que fazer nenhum esforço.

Noah insistiu em ficar acordado enquanto eu visitava os sonhos de sua ex-mulher. Não estava segura se o fazia por meu bem ou pelo de Amanda, mas me disse que era pelo de ambas. Possivelmente um pouquinho mais pelo meu, porque se preocupava que meus problemas



pudessem piorar por culpa disso.

Não abri um portal. Estava muito cansada e, além disso, com isso teria chamado a atenção de meu pai e provavelmente de alguém mais. Queria passar o mais despercebida possível, assim, a melhor opção era entrar no mundo dos sonhos como faria qualquer mortal: dormindo.

Deitei na cama e me tampei com os lençóis, com Noah lendo a meu lado. Então cantarolei mentalmente uma das canções de ninar que minha mãe estava acostumada me cantar quando era pequena para que dormisse. Esse método ia muito bem para me concentrar e me permitia entrar no mundo dos sonhos com relativa facilidade, sempre e quando mantivesse a mente limpa, o que nessa ocasião não me resultou tão fácil quanto eu gostaria.

Assim que sumi na escuridão, os elementos de nosso mundo foram desvanecendo pouco a pouco, e fui me perdendo na névoa. Para variar, não senti nenhuma dentada nem recebi nenhum arranhão. A névoa se levantou e vi que estava em uma rua da parte alta da cidade. A grande maioria dos edifícios possuíam pequenas escadas. Era tarde, soube por que tudo estava relativamente calmo e porque, excetuando as luzes, estava virtualmente às escuras.

Levantei a cabeça para uma das luzes da rua e levei um momento para saborear a sensação de estar sozinha em plena cidade. Compreendia perfeitamente que Amanda se sentiu a salvo. E também por que o violador escolheu esse bairro em especial. Custava imaginar que ali pudesse acontecer algo errado.

O suave som de uns saltos captou minha atenção e abri os olhos. Não me custou me adaptar à falta de luz, podia ver perfeitamente. Dentro do subconsciente de um humano, quando está dormido, sou virtualmente onipotente. Sou boa assim em meu trabalho, uma autêntica deusa. Escondi-me e vi que Amanda descia os degraus de seu edifício vestida com roupa de esporte rosa, e com o cabelo preso em um rabo.

Parecia jovem e bonita..., tão frágil. E estava ilesa. Não se parecia em nada à mulher maltratada que vi no hospital, e de repente tive vontade de ir.

Mas não podia abandoná-la, assim saí de meu esconderijo e me coloquei sob a luz da luz para que pudesse me ver. Para não desafinar, me imaginei vestida com uns jeans, um pulôver e tênis.

— Dawn? — Amanda parou a me ver — O que está fazendo aqui?

— Saí para caminhar — respondi — Se importa que a acompanhe?

Amanda duvidou uns segundos; sinal de que suas lembranças estavam entrando em conflito com o sonho. Notei sua confusão e sua indecisão. Uma parte dela sabia que isso não era o que aconteceu, mas outra queria reescrever a história.

— Não, é obvio que não.

Fiquei ao seu lado e caminhamos juntas pela rua que agora parecia muito mais escura e perigosa. Ali era onde a violaram. Podia ver a rua tal como ela recordava.

Era óbvio que ela não queria ir para esse lugar, mas seguiu caminhando de todos os modos, impulsionada por suas lembranças. Possivelmente não queria estar ali, mas sua mente sabia que não tinha mais remédio.

Eu não disse nada, embora o que de verdade desejava era começar a tagarelar como uma



idiota. Mas estava com medo de dizer ou fazer algo que pudesse piorar o estado de Amanda. Fazia muito tempo que não entrava no sonho de uma pessoa, e não queria errar.

A noite foi escurecendo e as luzes foram apagando. De repente, estar fora já não era tão agradável. Então, Amanda segurou minha mão, mas antes que eu pudesse apertar, alguém a puxou e a separou de mim. Vi um braço embainhado em uma jaqueta negra, e logo vi que seu dono arrastava Amanda para o beco que havia entre dois edifícios. Ouvi ela gritar, apesar de que o violador cobriu a boca com uma mão enluvada para amortecer o ruído. Era impossível que alguém pudesse ouvi-la. Até com tudo em silêncio, mal a ouvia, assim era lógico que na *cidade que nunca dorme* ninguém se inteirou de nada.

Reagi por instinto e corri para o beco. Parei atrás do homem, que deixou Amanda deitada no chão. Estava ajoelhado entre suas pernas, eu somente precisava dar uma tapa em sua cabeça para dete-lo.

Mas aquilo não era o mundo real, e embora fizesse mal a ele e conseguisse que parar isso, não mudaria nada.

Coloquei-me atrás de Amanda e me ajoelhei junto a sua cabeça. O chão do beco estava cheio de pedras que se fincaram através dos jeans. Concentrei-me para fazer desaparecer e toquei Amanda.

O violador pôs um trapo na boca e segurava os braços por cima da cabeça com uma mão enquanto com a outra baixava as calças. Amanda resistiu, e ele a esbofeteou muito forte. Podia ouvir os soluços dela misturados com os ofegos de seu violador. Senti náuseas.

Acaricieei o cabelo e a testa de Amanda.

— Olhe o rosto — eu disse — Olha e se fixa em suas feições.

Ela soluçou e negou com a cabeça. O violador voltou a esbofeteá-la. Já abriu as calças.

Não podia suportar mais. Não podia ficar ali de braços cruzados e ver como...

Acaricieei a testa com os polegares e segurei a cabeça para que tivesse que olhar a aquele desgraçado.

— Olhe — eu disse — Não acontece nada.

E nesse preciso instante absorvi todo o medo e a dor que estava sentindo Amanda e segurei em mim. Senti correndo por minhas veias como se fossem óleo. Jamais senti nada igual em toda minha vida.

Gritei sem poder evitar. Mas segui tocando-a e abrindo a cortina de escuridão que sua mente criou para esconder o rosto do violador. Não só queria que o visse, também queria vê-lo.

Amanda seguiu resistindo, esforçando-se por respirar. Ele jogou o braço para trás, levantou a cabeça e deu um murro. Nesse momento vi o rosto. Ela também. Era um homem coerente, exceto pelo ódio que deformava suas feições.

O medo me alagou as veias; o medo de Amanda. Aquele porco não podia me fazer mal, assim, deixei de lado essas emoções e me concentrei em por que estava ali. Não para ser uma mera observadora, nem para analisar aquele psicopata, estava ali para ajudar Amanda.

— Note em seu rosto — eu disse — Quero que diga à polícia que aspecto tem. E quando o prenderem e o identificarem, o colocarão atrás das grades. Você é muito mais forte que ele. —



Sim, mostrou um pouco. Queria me assegurar de que dizia o mais adequado. Era de vital importância que ela pudesse identificá-lo, mas o mais importante era que fosse consciente de que ia seguir adiante.

Chegou o momento de pôr ponto final aquele horror. Não queria ver nem um segundo mais aquilo, e tampouco queria que Amanda tivesse que sofrer de novo. Ao menos, ali sim, podia ajudá-la.

Respirei fundo e convoquei todo o poder que possuía no mundo dos sonhos. Este me rodeou o corpo como água quente e levou a sujeira da violação. Senti como se crescesse por dentro, e me voltei muito mais forte e sábia.

— Está na City Bakery — disse, depois de capturar uma das lembranças de Amanda— Está tomando chocolate quente com Noah. — Em circunstâncias normais, não gostaria de presenciar esse instante de felicidade entre meu namorado e sua ex-mulher, mas tendo em conta o que acabava de ver, decidi que tinha que aguentar.

— Faz um dia lindo. — Me meti em seu subconsciente e troquei o beco escuro pelo interior bem iluminado da cafeteria— Faz frio e o chocolate quente está muito bom.

De repente, Amanda voltou a estar sã e salva. Estava sentada em uma cadeira e ia vestida com jeans e um pulôver azul. Usava o cabelo solto e segurava uma xícara enorme entre as mãos.

E estava sorrindo a Noah como se este tivesse dado a lua e as estrelas enquanto ele a olhava como se estivesse disposto a fazer algo por ela.

Essa lembrança não era meu assunto. Não tinha direito a me sentir culpada por vê-lo, e tampouco tinha direito a estar ciumenta.

— Passará o que fica de noite sonhando coisas bonitas — eu disse a ela, e toquei o ombro antes de dar as costas— Que durma bem, Amanda.

E fui. Saí caminhando da cafeteria, inclusive dava alguns passos antes de me lembrar de que tudo era um sonho. O sonho de Amanda. Devia ir dali quanto antes.

Deus, parecia uma confusão.

Tive um ataque de pânico. O medo e a dor de Amanda que absorvi, e a raiva, eram muito para mim. Senti-me como um coelho tratando de escapar de uma raposa. De fato, comecei a correr. Precisava escapar do desconhecido que ia pisando em meus calcanhares. Corri pela rua e esquivei os desconhecidos e os carros que circulavam pelo subconsciente de Amanda, procurando desesperada uma saída.

— Abra — supliquei quase sem fôlego e sem deixar de suar— Abra.

A calçada separou diante de mim como se fosse à casca de um ovo duro. Sim! Concentrei-me nessa greta e acelerei a marcha. Meus pulmões iam explodir.

Um empurrão mais e a greta se alargou e abriu o chão como nada. No mundo dos sonhos, a matéria é mutável, mas aquele asfalto era tão real como as ruas de Manhattan. Entretanto, eu o estava abrindo como se fosse de papel. Meu poder estava agindo.

Esse instante de satisfação durou um segundo e meio, pois, de repente, a calçada desapareceu sob meus pés e eu caí, gritando como uma idiota.

Igual aos filmes, sentei-me na cama de repente e tratei de recuperar o fôlego.



Em um segundo, Noah me rodeou os ombros com suas quentes mãos.

— Está bem, Dawn?

Embora respirasse como se tivesse corrido uma maratona, assenti. Estava bem. Agora que por fim despertei e sai da cabeça de Amanda, estava mais que bem. Estava foddidamente bem.

Ele franziu suas sobrancelhas escuras e me olhou preocupado.

— Por Deus, doutora, parece muito mal.

Ri, mais por alívio que por graça.

— Imagino.

Me aconcheguei contra ele e desfrutei do calor que emanava de seu corpo. Fechei os olhos. Estava exausta.

— Jamais senti nada tão horrível.

Notei que Noah tencionava e soube que estava me olhando.

— Viu?

A raiva que enchia sua voz me reconfortou, apesar de sua brutalidade. Não estava zangado comigo, estava zangado pelo que aconteceu.

— Senti — expliquei, olhando seus profundos olhos negros— absorvi as emoções de Amanda.

Então me abraçou tão forte que eu quase não podia respirar.

— Assusta-me, Dawn.

Devolvi o abraço e tratei de controlar as lágrimas que ardiam nos meus olhos. Eu também me assustava, mas sabia que Noah dizia como um cumprimento.

— Espero que a polícia o encontre logo — me surpreendi dizendo, apesar de que não queria falar do assunto. Já estava mais calma, mas o terrível medo que passou deixou um sabor amargo em minha boca. Como quando não lembramos um pesadelo, mas sabemos que foi um terror.

— Cinco minutos a sós com esse bastardo — balbuciou Noah. Tremeu um músculo da mandíbula— É o único que peço.

Era um mestre do aikido, e apesar de que é uma arte marcial defensiva, não restavam dúvidas a respeito do que Noah faria durante esses cinco minutos.

— Mataria? — perguntei não muito segura de querer saber a resposta.

— Eu gostaria — respondeu como se não fosse nada.

Esse era o momento perfeito para manter a boca fechada, mas não pude me controlar.

— Faria isso por Amanda, ou por princípios?

Ele me olhou confuso.

— Segue ciumenta?

Estava zangada comigo mesma porque sabia que a resposta a essa pergunta era que sim, ou estava zangada com Noah por não compreender o alcance do que eu estava perguntando?

— Um pouco, mas o que de verdade me preocupa é que diga que seria capaz de matar alguém.

Ele riu sem humor.

— Já sabia eu que não podia dizer isso. Agora me analisará.



— Sim — respondi sincera— vou fazer. Mas economizaria um montão de tempo se dissesse diretamente como se sente.

Noah suspirou e esboçou um sorriso algo triste.

— É impossível.

— E não esqueça de acrescentar que o assusto — recordei me fingindo ofendida.

Desta vez riu, sincero.

— Sim, eu gostaria de matar esse tipo pelo que fez a Amanda, e porque se aproveitou de alguém mais fraco que ele. Está perguntando se de verdade seria capaz de matá-lo? A verdade é que acredito que sim.

— E por isso mesmo, espero que nunca esteja cinco minutos a sós com ele. — respondi com sua mesma sinceridade.

— Está bem, Miss Moralmente Superior, e você o que faria a esse tipo?

— Faria sonhar que o violam durante o resto de sua vida. Em seus sonhos, o violariam uma e outra vez sem clemência. — respondi sem me alterar.

Noah me olhava com tal cara de satisfação que me deu vontade de gritar de raiva... E de me enche-lo de beijos.

— Eu só quero matá-lo. Você quer fazê-lo sofrer. Possivelmente deveria analisar a você, doutora.

Dei uma cotovelada nas costelas.

— Possivelmente deveria fazê-lo sonhar que passará mal se segue discutindo comigo — respondi meio de brincadeira. Desde que torturei Jackey Jenkins treze anos atrás, que não havia tornado a me colocar nos sonhos de ninguém. Não há no inferno fúria como a de uma adolescente.

Noah me grudou a ele.

— Vai castigar-me, doutora Riley? — perguntou-me de modo sexy, com os olhos brilhantes. Empurrei-o, mas danifiquei o golpe de efeito com uma risada.

— Teria um bom castigo.

Noah baixou o olhar para os lençóis antes de voltar a me olhar.

— Não tem por que estar ciumenta de Amanda. Digo a sério. Estou onde quero estar.

Me fez um nó na garganta e engoli em seco. Assenti com estupidez.

— É muito difícil não invejar seu passado, o que existiu entre os dois.

Passou uma mão pelo cabelo e me olhou incrédulo.

— Acredito que deveria contar por que nos divorciamos.

— Acreditava que era porque ela teve uma aventura.

— Assim é, mas há algo mais.

Olhei e o vi incerto. Parecia culpado?

— Que mais?

Noah olhou as mãos.

— Amanda e eu nos divorciamos porque eu descobri que estava tendo uma aventura e reagi mal. Fiz mal a ela.



— Bateu- nela? — perguntei, apesar de que não estava segura de querer saber a resposta.
Ele negou com a cabeça.

— Não, mas quis fazer. — riu com amargura— Quis bater nela. Cheguei inclusive a levantar a mão... Mas não fiz. Tratei de me afastar dela, mas então Amanda se colocou diante de mim e começou a chorar. Suplicou que a perdoasse.

Senti-me tão aliviada que demorei uns segundos em recuperar a voz.

— Como fez mal a ela?

Noah ficou calado durante um momento, como se estivesse sopesando se devia me contar toda a história.

— Ela tratou de impedir que fosse embora e eu a empurrei e bateu as pernas contra a mesa de centro. Eu disse que queria o divórcio e fui embora. — Quando me olhou nos olhos, em suas profundidades negras brilhava sua culpa— Não fui porque estava dormindo com outro homem. Fui porque nesse instante, quis bater nela.

Franzi a testa e depois agarrei a mão e o olhei com ternura.

— Noah, não acredito que haja ninguém que não houvesse sentido o mesmo que você — disse. A última vez que um cara me traiu, tive vontade de dar uma chute nos ovos, mas como estava relativamente boazinha, não fiz.

Noah, apesar do ambiente em que se criou, demonstrou que não era como seu pai quando preferiu ir a bater em Amanda.

Retirou a mão da minha.

— Não tente me convencer de que estive bem, doutora. Não estive.

— Não — convim eu— Os dois erraram, mas superaram e agora são amigos. Estive ao lado de Amanda quando ela o necessitou; e se isso não basta para atenuar seu sentimento de culpa, não terei mais remédio que imaginar que me está ocultando algo.

Noah me olhou feio, mas embora pareça estranho, não me incomodou.

— Odeio que se ponha em modo super doutora.

Isso me irritou um pouco, mas em seguida me controlei. Queria discutir comigo. Noah sabia como levar uma discussão, e o que o desarmava era que tivesse paciência com ele. Optei por sorrir.

— Não voltará a acontecer.

Continuava rindo quando o deitei na cama a meu lado. Ficamos adormecidos abraçados um ao outro. Sorrindo.

CAPÍTULO 6

Ao longo da seguinte semana, minha vida foi relativamente tranquila. A Guardiã não voltou a falar comigo, embora, quando me reuni com Verek, este me disse que Padera esteve fazendo muitas perguntas sobre o que aconteceu com Karatos.



Verek estava ensinando a me transformar; algo que vi fazer o Terror, mas que eu ainda não conseguia.

Quando me contou isso, fiquei tão furiosa que, sem pretender, converti-me na Guardiã... O que deixou meu treinador nervoso. Parecia que um Pesadelo adquirir o aspecto físico de um humano é bastante normal, mas que se converta em outra criatura do mundo dos sonhos, não. Uma coisa mais a acrescentar as minhas preparadas habilidades de inseto estranho. Eu estava concentrada em me converter em outra pessoa, e, parecia, meu aborrecimento se ocupou do resto.

As mutações, depois, poderiam ser muito úteis; quando me colocasse nos sonhos de alguém, poderia me converter em uma pessoa que o sonhador conhecesse e poderia reconfortá-lo muito melhor. Imagine a quantas pessoas poderia curar quando aprendesse a fazer. Mas de momento ainda precisava pegar o truque.

Verek também me contou que Padera estava fazendo perguntas sobre Noah, o que me incomodou, apesar de que esperava isso. Que perguntasse o quanto quisesse, não me arrependia de nada do que fiz.

Bom, se voltasse a ver na mesma situação, não levaria Noah ao mundo dos sonhos, mas fiz porque estava muito preocupada com ele, e não ia desculpar-me por ter salvado a vida dele... Apesar de que, ultimamente, ele passava todas as horas livres com Amanda.

Não tenho ciúme. Não sou ciumenta...

A campainha que zumbiu dentro de minha cabeça não me pegou de surpresa; meu pai estava ligando. Por sorte, era sexta-feira pela tarde e já estava sem mais clientes.

Pus a cabeça pela porta do consultório e gritei em direção à sala de espera:

— Bonnie, se alguém ligar, pega o recado.

Minha amiga me fez uma saudação militar ao mesmo tempo em que desprendia o telefone que estava tocando.

— De acordo, capitão Girino.

Fechi a porta rindo. O que faria eu sem Bonnie?

Peguei a bolsa e me fechei no banheiro, onde era totalmente privativo. Assegurei-me de que a tampa da privada estivesse abaixada antes de me sentar — assim certamente evitava surpresas desagradáveis — e me dispus a provar um método novo. Em vez de abrir um portal bastante grande para cruzá-lo fisicamente, tirei a maquiagem em pó da bolsa e o abri. A base de maquiagem Benefit tem um espelho enorme e ia utilizar esse espelho para entrar no mundo dos sonhos. Provavelmente, uma terrina com água teria funcionado melhor, mas a loja de objetos paranormais ainda não abriu. Que piada tão má.

Resumindo, olhei fixamente a superfície lisa do espelho e concentrei o olhar além de meu reflexo. Imagine como se o mundo dos sonhos estivesse atrás do nosso, escondido entre as sombras e os reflexos. A pessoa que via no espelho não era eu, a não ser minha imagem feita com luzes e sombras, uma interpretação de mim mesma.

Tudo se reduz à ilusão, e meu pai é o rei das mesmas. Senti, e recordei que minha mãe recorria a esse truque antes de se converter na Bela Adormecida.



A superfície do espelho começou a ondear como o mau da segunda entrega do Exterminador. Era lindo. As cores refletidas se foram deformando até adquirir uma forma clara. Meu pai.

— Olha quem acaba de lembrar como chegar em casa! — sorriu, cheio de orgulho.

Devolvi o sorriso.

— É como andar de bicicleta — respondi. A mim, andar de bicicleta era um horror. Sério, sentar a uma mulher tão descoordenada como eu em um desses trastes de duas rodas é toda uma temeridade— Queria algo?

— Sim, fazer um convite.

Levantei as sobrancelhas.

— Parece tirado de um romance de Jane Austen.

Morfeo riu.

— Ah, Jane, ela sim que tinha sonhos interessantes.

Como não queria perder a boa ideia que tenho de Jane Austen, não perguntei a que se referia.

— Aonde queria me convidar?

— A casa de Hadria. Quando for melhor.

Que era o eufemismo politicamente correto quando realmente queria dizer *Move o traseiro e vem em seguida*. Como se supunha que eu devia reagir? O poder dessa mulher me dava medo, e seus olhos eram muito estranhos, mas meu pressentimento era de que a sacerdotisa não representava nenhum perigo para mim.

— Hadria tem que prestar contas ao Conselho?

Ele assentiu. Meu pai certamente se precaveu de minha indecisão.

— Hadria é muito respeitada, Dawn. O Conselho levará muito a sério sua opinião.

Fiquei olhando-o um segundo.

— Você pediu, não é assim?

— Sim.

Franzi a testa.

— Tão mal estão as coisas que teve que pedir favores a suas antigas namoradas?

Morfeo riu, embora eu não via a graça.

— Hadria é uma velha e querida amiga. Tenho-a em muito bom conceito, mas não mentirá por mim, se for isso o que está pensando. Se reunirá com você e fará um relatório objetivo apoiando unicamente no que ela opine de você, e logo passará ao Conselho.

Apesar de me explicar isso calmamente, suas palavras gelaram meu sangue.

— Assim, se não gostar de mim, estou perdida.

Lembrei-me da Guardiã e do tom virulento com que me acusou de ser praticamente o Anticristo do mundo dos sonhos.

— De verdade acreditam que quero destruir seu mundo?

— Também é o seu — apontou meu pai com ternura. Não discuti, embora quisesse fazê-lo.

Eu só era metade desse mundo e metade do outro. Inteira de nenhum— Vá ver Hadria assim que



seja possível. Tenho o pressentimento de que ela será de grande ajuda.

— Assim farei. — Embora só fosse para obter algumas respostas. A diferença de meu pai, certamente a sacerdotisa não possuía nenhum interesse em me proteger da verdade.

— Boa garota. — Sorriu-me— Tenho que desligar. Sua mãe não sabe que escapei.

— Está tratando de esconder como estão más as coisas, não é assim?

— Estou tratando de que se preocupe o menos possível. — Olhou divertido.

— Mamãe não é a flor delicada que você imagina. — Pensei em Amanda e no que passou— Enfrentar à realidade não faria nenhum mal.

Ele inclinou a cabeça e me olhou de um modo muito estranho. Reconheci a expressão, pois era idêntica a uma das minhas. De fato, era como estar me olhando em um espelho. Que era precisamente o que estava fazendo.

— Nem imagina o que sofreu desde que abandonou a sua família — disse Morfeo.

Suspirei e passei uma mão pela testa.

— Não quero voltar a falar desse assunto.

Ele me surpreendeu dando a discussão por resolvida. Normalmente, defendia minha mãe até cansar. Possivelmente estava tão farto como eu de falar disso.

— Se cuide, meu doce sonho.

Fazia anos que não me chamava assim. Maldição. Deixou-me com um nó na garganta e desapareceu. Um segundo estava ali, e no seguinte não.

Eu fiquei ali sentada, a borda das lágrimas e olhando meu próprio reflexo no espelho.

Por que quase todos os habitantes do mundo dos sonhos me odiavam tanto? O que fiz para merecer essa animosidade?

Sentir pena de si mesmo não é algo muito atraente, e eu o fazia mais do que o recomendável. De pequena, zombavam de mim e me deixavam de lado porque era gordinha. Eu não acredito que fosse má, mas não era popular com o resto dos meninos. E morria de vontade de ser.

Agora me sentia igual. O único que queria era ser popular ao povo de meu pai, queria gostar deles e me sentir aceita. Queria formar parte deles. Queria me encaixar.

Notei que uma lágrima escorregava pela bochecha. Genial. Estava chorando. Sorvi pelo nariz e agarrei um lenço de papel da caixa que havia na penteadeira. Sequei os olhos com cuidado de não borrar o rímel. Minha vaidade estava por cima de minha neurose.

Fui do trabalho pouco depois. Bonnie não me perguntou nada, mas a julgar por sua expressão, minha amiga sabia que me acontecia algo. Perguntei se saberia o que, pois eu ainda não o deixava claro.

Fui diretamente ao apartamento de Noah em vez do meu. Não queria estar sozinha. Precisava... Algo. Algo bom. Algo em que confiar. Não fazia sentido, mas tampouco ia questionar isso.

Ele abriu a porta alguns segundos depois que toquei a campainha. Graças a Deus que estava em casa. Não sei o que teria feito se não tivesse encontrado.

— Por que demorou tanto? — perguntou-me, despenteado e descalço, na entrada.



Corri para ele e rodeei o pescoço com os braços. A porta se fechou a minhas costas e permaneci naquele diminuto vestíbulo, onde só existia Noah. Estava rodeada por seu calor, por sua pele que cheirava a especiarias e a baunilha, e me senti no céu.

Não sei o que passou, mas comecei a tremer. Nesse momento precisava tanto... Precisava dele dentro de mim. Precisava sentir sua pele contra a minha. Precisava sentir algo. Meus dedos tremeram ao desabotoar o botão dos jeans.

Noah ficou olhando. Sustentei o olhar enquanto continuava arrancando a roupa. Ele deve ter visto o desespero em meus olhos, porque não disse nada, mas sua boca se equilibrou sobre a minha com uma intensidade demolidora. Não foi um beijo doce, e eu o devolvi com o mesmo ardor. Seus lábios foram persistentes, ferozes inclusive, e uma emoção muito complexa me percorreu as veias.

— Me mata — gemeu contra meus lábios, segurando meu rosto entre as mãos. E então voltou a me beijar, desta vez com suavidade, mas com a mesma intensidade de antes. Eu também o beijei, fui em busca de sua língua com a minha, deixei que saboreasse quanto precisava, quanto desejava.

— Desejo — sussurrei— Aqui. Agora.

Provavelmente, algum outro homem teria sugerido que fôssemos pra cima, onde havia um sofá muito confortável e uma cama incrível nos esperando, mas eu não procurava comodidade. E Noah entendeu. Por sorte, para mim, é muito atrevido.

Empurrou-me para a parede e me apertou as nádegas com ambas as mãos antes de subir por meu peito. Beliscou-me os mamilos por cima do pulôver e do sutiã e me excitou tanto que gemi de prazer. Apesar das camadas de roupa, eu gostei muitíssimo.

Só tiramos os objetos estritamente necessários, e as afastamos a toda velocidade. Meu jeans e minha calcinha foram parar no chão, mas deixei às meias. Riria se não estivesse tão desesperada por sentir Noah dentro de mim.

Fez-me voltar e fiquei de as costas para a escada. Depois, me puxou para baixo e me sentou em um dos degraus. Minhas pernas reagiram por instinto e rodeei sua cintura com elas, aproximando-o mais de mim. Deus morria de vontade de estar com ele.

Assim, quando Noah por fim entrou em mim, estive a ponto de explodir. Apertei as pernas e apoiei as costas no degrau que estava atrás. Coloquei os cotovelos de ambos os lados e levantei os quadris para que ele estivesse mais cômodo.

— Noah — gemi, sentindo como se movia em meu interior— OH, Deus, Noah!

Capturou minha boca com a sua, e engoliu meus gemidos acrescentando os próprios. Os degraus rangeram sob o peso de ambos. Teria um montão de machucados, mas não me importava o mínimo.

Afastei a boca.

— Por favor — supliquei. Eu jamais falava enquanto praticava sexo. Nunca pedia nada nem tomava a iniciativa. Noah estava mudando tudo isso.

Ele estremeceu e senti sua testa ensopada de suor sobre a minha.

— Deus, está muito excitada. — Empurrou com os quadris— Nunca senti nada igual.



Gemi e me arqueei tanto quanto pude para me aproximar mais dele. Queria que seguisse falando. E fez. Ambos tivemos um orgasmo tão demolidor que nem sequer me dava conta de que tínhamos escorregado e estávamos dois degraus mais abaixo. Quando nos demos conta, deu-nos um ataque de risada que terminamos chorando.

Nossa risada aliviou a tensão do momento, mas nada podia dissipar o aroma de sexo nem as palavras que trocamos, nem que acabávamos de desfrutar do melhor encontro sexual de nossas vidas. E isso que tínhamos uma vida sexual incrível. Eu antes não era assim. Só com Noah.

Nunca em minha vida me senti tão em paz comigo mesmo como nesse instante.

Meio sentados, meio deitados na escada, e ele passou os dedos pelo meu cabelo para alisar. Voltou a me beijar, e foi um beijo tão carinhoso que me deu vontade de chorar. Então recolhemos a roupa e fomos para cima. Tomamos banho juntos e ele massageou os ombros até que relaxei. Logo me secou e me levou nos braços para cama, onde me fez um montão de coisas escandalosas, até que me esqueci inclusive do significado da palavra *estresse*.

E logo jantamos. Não há nada como a comida chinesa depois de fazer amor. Sentamos no sofá, de pijama, deixamos as caixas de papelão na mesa baixa do café. E comemos com os pratos no colo enquanto víamos Shrek II na televisão. Tomamos algumas cervejas e ficamos acordados até tarde. Fomos à cama por volta das três e os beijos e carícias terminaram convertendo em algo mais. Quando por fim dormi, estava muito cansada e muito relaxada para fazer mais que cair no abismo. E pela primeira vez desde muito tempo, eu gostei de minha vida. De fato, minha vida era maravilhosa. Tive o pressentimento de que tudo ia sair bem.

E quando despertamos, tarde, no domingo pela manhã, descobrimos que houve outra violação.

CAPÍTULO 7

Noah e eu decidimos passar o dia fora.

Havia uma feira de arte em White Plains, assim, depois de ligar para Amanda (sua mãe estava com ela), entramos no carro de Noah e fomos para a I-87. Havia muito tráfego, mas podia circular.

— Amanda estava afetada? — perguntei, olhando a caminhonete branca que tínhamos a frente.

— Estava zangada — respondeu Noah com a voz tensa. Amanda não era a única que reagiu mal ao se inteirar de que houve outra violação.

Eu me limitei a assentir. Não precisava que acrescentasse que esperava que a polícia prendesse logo esse cara. E sabia que ambos desejaríamos poder fazer algo mais para ajudar; Noah por motivos pessoais, e eu porque, sendo como sou, uma criatura meio imortal, sentia-me muito inútil.

A nuvem negra em que se converteu a má notícia dessa manhã não podia durar para



sempre, e quando chegamos a White Plains os dois estávamos de melhor humor; embora tampouco podia dizer que estivéssemos dando saltos de alegria.

Se tivesse que defini-lo com uma só palavra, diria que ambos nos sentíamos derrotados. Tínhamos medo de que o tipo pudesse sair livre e que jamais se fizesse justiça por Amanda. Não queríamos que ela tivesse que viver aterrorizada porque esse homem continuava em liberdade.

Já disse que me sentia como uma inútil?

Entramos no recinto e bastou com que déssemos alguns passos para que começasse a distração. Havia mesas e bancos até onde alcançava o olhar; vimos comida, obras de arte, roupa e tantas joias que qualquer garota se veria tentada. Por não mencionar uma com minha pouca força de vontade.

Noah e eu compramos doces e comemos enquanto dávamos um passeio. Não pude resistir à tentação de comprar brincos com colar combinando de cor turquesa. As pedras estavam polidas e se destacavam muito com a prata. Eram muito bonitas. Além disso, paguei com visa, assim só me preocuparia mais tarde como pagá-lo.

Também comprei uma saia de seda laranja. Ficaria genial durante o verão, quando fizesse tanto calor em meu apartamento. Noah mostrou um vestido e me disse que ficaria muito bem, mas era muito caro para meu bolso, apesar da inestimável ajuda de meu querido Visa. E o que fez o muito tolo? Comprou, é claro.

— É um presente muito caro para uma garota que está saindo a menos de um mês — disse séria.

Ele esboçou um sorriso e saiu da loja com o vestido embalado para presente, em uma sacola.

— Então, suponho que terá que ficar comigo durante mais tempo.

Sorri como uma idiota. Certo que não foi muito difícil imaginá-lo.

— De acordo.

Me segurou pela mão e seguimos passeando. Teríamos que pegar um carrinho da compra. Noah comprou geleia caseira, molhos, folhas de chá e umas pastinhas que nem em sonhos iriam chegar em casa. Também comprou uma pequena escultura de metal, uma camisa, e uma delicada aranha de cristal que me pegou olhando.

— O Bicho-tesoura de sonhos, não se diz assim? — Fez o comentário com um sorriso e guardou a caixinha que continha o aracnídeo, do tamanho da palma de uma mão, em uma de minhas sacolas.

— Estou impressionada. — E estava— A mãe de todos nós, Ama, o Bicho-tesoura do universo e criadora dos sonhos.

Caminhamos uns minutos mais, antes que Noah visse uma loja de espadas e se dirigisse para lá. Eu queria olhar um quiosque de bonecas de porcelana que antes chamou minha atenção, e disse que me reuniria com ele mais tarde.

As bonecas eram incríveis. Eram de todos os tamanhos e cores. Princesas egípcias, gueixas, belezas indígenas com cabelos resplandecentes e criaturas preciosas de delicadas asas. A atenção ao detalhe era deliciosa. Todas os rostos eram diferentes, com personalidade própria. Tinham o



cabelo suave e sedoso, prova de que era de verdade. Era evidente que seu criador as fez com um amor obsessivo; parecia que ganhariam vida de um momento a outro.

Uma boneca em concreto chamou minha atenção. Usava um vestido rosa adornado com cristais Swarovski. Parecia uma Barbie maior e perfeita. Era magra, mas com curvas, a pele dourada, cílios espessos e o cabelo comprido e loiro, que brilhava sob a luz.

Nossa. Parecia estranhamente familiar... Amanda. Parecia com Amanda. Talvez porque estive pensando nela, mas a boneca parecia tanto que dava arrepios. O cabelo era idêntico ao dela.

— É linda, não parece?

Levantei o olhar para o homem que acabava de me falar. O sorriso que ia oferecer congelou nos lábios e o mundo caiu sob meus pés.

Merda.

Era ele. Reconheceria aquele rosto em qualquer parte. Parecia tão sereno e calmo, tão fodidamente amigável que ninguém diria que debaixo daquela aparência tão comum se escondia um monstro.

Todas aquelas bonecas eram réplicas de suas vítimas?

— Sim — respondi com voz rouca — É preciosa. Você as fez? — Deus, não sei como fui capaz de falar com normalidade quando estava tremendo por dentro. Estava com medo e estava tão zangada que senti a tentação de criar um pesadelo em plena luz do dia só para ele. Fiz uma vez, com uma pobre senhora, em uma cafeteria. Fiz acreditar que estava coberta de aranhas.

Mas as aranhas eram muito pouco para esse tipo.

Ele me sorriu.

— Sim. Todas e cada uma delas. Completamente à mão.

Tive um calafrio, mas consegui manter o sorriso.

— Quanto esta vale? — Assinalei a boneca de Amanda.

Assim que viu qual de suas criações estava assinalando a expressão de seu rosto mudou. Poderia dizer que olhou a boneca com carinho. Nunca antes uma pessoa me inquietou tanto.

— Sinto muito, mas não está em venda. Esta é de exposição.

— OH — tratei de fingir que sentia pena em vez de asco — Uma coleção particular?

Ele assentiu, e seu cabelo castanho adquiriu um tom esverdeado à luz dos fluorescentes.

— Sim, ela é especial. Forma parte de minha coleção pessoal.

Me encolheu o estômago.

— Que pena. — O que teria feito se tivesse vendido? Não podia dar de presente a Amanda.

Procurei Noah com o olhar. Estava umas lojas mais à frente, falando com o vendedor enquanto segurava uma espada samurai nas mãos. O violador de Amanda estava diante do meu nariz. Devia dizer a Noah. Poderíamos ligar para a polícia.

E então, o que? Diria que vi o homem em um sonho de Amanda? Não tínhamos nenhuma prova. Nada exceto minha certeza de que era ele.

E, por esse motivo, não podia dizer a Noah. Eu queria torturar esse cara, mas o que Noah faria? Podia decidir provar aquela espada. No mínimo, o acusariam de agressão, e seguiríamos



sem ter nenhuma prova que demonstrasse que o homem era o violador.

Não, não podia dizer a Noah. Preferia correr o risco de que se zangasse comigo a que fizesse algo que se arrependeria.

— Sabe? — disse o cara me olhando igual me olhava Noah quando ficava em modo artista. Exceto aquele indivíduo me fez sentir incômoda, e Noah me fazia sentir bonita— Tem um cabelo lindo. Se algum dia decidir cortar, me interessaria muito compra-lo.

Queria comprar meu cabelo? Que nojo.

E então compreendi tudo, foi como se as peças de um quebra-cabeças encaixassem a perfeição. Cabelo. Olhei de novo a boneca de Amanda. Não tinha o cabelo da mesma cor que o de Amanda. Tinha seu cabelo!

Tive vontade de vomitar. Não importava que não queria vendê-la. Aquela boneca era um de seus troféus. Aqueles desgraçado não só fazia bonecas parecidas com suas vítimas, mas também punha seu próprio cabelo.

Desejei com todas minhas forças enviá-lo ao inferno.

Desviei o olhar para a caixinha de plástico com cartões que tinha em cima do tabuleiro.

— Importa que pegue um? Se por acaso tiver coragem de cortar o cabelo.

— É obvio que não — respondeu o filho da puta como se não fosse nada— Também faço encomendas.

Já percebi.

Mãe, sussurrou uma voz em minha cabeça. Foi à mesma voz que me disse das aranhas da mulher do Starbucks. Perguntei-me se poderia usar sua mãe para provocar. Talvez pudesse usa-la contra ele. Recorrer aos medos é mais próprio dos Terrores Noturnos que dos Pesadelos, mas parecia eu também possuía esse dom (algo mais que acrescentar a lista de coisas inexplicáveis sobre minha pessoa).

— Obrigado. — Forcei outro sorriso e peguei um cartão. Logo peguei mais dois, no caso de perdê-los. Phillip Durdan. Com uma loja no Brooklin. Agora a polícia saberia onde encontrá-lo.

E eu também sabia. Provavelmente não poderia entregá-lo à polícia, mas podia fazer algo igualmente importante. Agora que o conhecia, podia me colocar em seus sonhos.

Não pode fazer mal, recordei ao me afastar, com o cartão bem guardado em um compartimento de minha bolsa. Ainda estava tremendo, mas o medo se convertia em determinação à medida que ia me aproximando de Noah.

Não ia fazer mal a Phillip Durdan.

Mas isso não significava que não pudesse fazer pagar pelo que fez.

Noah me deixou em meu apartamento. Ele ia visitar Amanda e assegurar-se de que jantasse antes que irmã Mia chegasse para passar a noite com ela. Perguntou-me se queria ir com ele. Não queria.

Não podia enfrentar Amanda, depois de ter conhecido seu violador. Não podia estar ali sentada enquanto ela tocava meu namorado, apesar de que sabia pelo que passou e estava



passando.

Não queria ter ciúme de Amanda, mas tinha. E preferia arrancar os olhos a ver como Noah cuidava dela, e muito menos quando ele não foi comigo como um cavalheiro andante depois de que eu contei que podiam me desfazer. E não era que o quisesse nesse plano comigo.

Sim, sou uma idiota. Apesar de Noah me dizer que não precisava ficar com ciúme. Apesar de ter dito que era comigo que queria estar. Vejam, eu sabia que ele de verdade acreditava nessas coisas, e também sabia que parecia culpado por querer bater em Amanda no dia que descobriu que ela teve uma aventura. O sentimento de culpa, somado a sua necessidade de proteger uma dama em apuros, era uma motivação muito poderosa.

E tenho que confessar que sempre temi que um dia se cansasse de um inseto estranho como eu e quisesse uma garota *normal*.

Sim, essa sou eu, insegura e patética.

Em circunstâncias normais, vestiria o pijama serviria um pedaço enorme de bolo de cereais; daria sentido e sensibilidade, e recitaria os melhores diálogos com Dulce roncando em meu colo. Mas no final optei por fazer um favor ao meu tamanho, e a Jane Austen, e aceitar o convite de meu pai.

Visitaria Hadria. Teria que ir, de todos os modos, e aquele momento era tão bom quanto qualquer outro, e possivelmente, depois de falar com ela, saberia a que me prender. Hadria era uma idosa, e certamente poderia me ensinar muitas coisas.

Se eu quisesse chegar a participar do mundo dos sonhos, ainda precisava aprender muito. Aquelas pessoas acreditavam que eu era a vilã do filme! Não sou o bastante sofisticada para ser a vilã de nada. Em compensação, a Guardiã...

Não, não ia pensar nela. Já estava bastante deprimida. Se continuasse assim, terminaria chorando como uma madalena arrependida. E embora seja verdade que sentia pena de mim mesma, tudo tem um limite. Não podia permitir que esse sentimento controlasse minha vida, tinha muito a fazer; decisões a tomar e batalhas a lutar e vencer.

Fui a meu quarto. As paredes laranja e a roupa de cama lilás davam um aspecto muito acolhedor. Puxei a colcha e deitei com um travesseiro sob a bochecha. Estava tão cansada que não me custaria muito dormir. Meu corpo se recarregaria neste mundo enquanto eu recarregava a mente e o espírito no mundo dos sonhos.

Quando vou lá, não apareço exatamente onde quero, ou a uma distância razoável. Ainda não tentei, mas se a memória não falhasse, dentro do mundo dos sonhos podia me teletransportar, igual Morfeo. Era um meio de deslocamento muito cômodo, mas não sabia com certeza como funcionava. Continuava me sentindo muito mais cômoda me trasladando do modo tradicional, ou dobrando o mundo a minha vontade, o que parecia exaustivo. Mas não podia tirar a cena de Heróis fora de órbita em que aquela criatura sai da máquina teletransportadora completamente do avesso.

Fosse como fosse, não podia me apresentar no templo de Ama sem avisar, assim acabei aparecendo diante da grade do palácio. Os barrotes de marfim e cobre brilhavam a luz da lua. A lenda dizia que os sonhos verdadeiros cruzavam pela porta de cobre, e os falsos, pela de marfim.



Não sei se é verdade, mas quando eu me aproximava sempre se abriam ambas as portas.

Entretanto, essa noite havia uma carruagem me esperando.

Ao menos, deduzi que era uma carruagem. Tratava-se de um veículo esférico coberto de escamas lilás, prateadas e verdes, puxada por dois grifos² enormes, cor estanho com as asas rematadas em ébano. Os arnês eram de prata, e as bridas não pareciam o bastante grossas para poder parar.

A porta, circular como o veículo, abriu e desceram dois degraus. O interior brilhava, graças a uma luz que provinha de focos iridescentes, e vi que as paredes eram cinza, e uns amaciados bancos violeta. Soube que Hadria me mandou esse meio de transporte para me impressionar.

Maldição, aquela mulher era muito boa, se era capaz de detectar minha presença e me mandar uma carruagem com tão pouco tempo.

Duvidei um segundo, pois uma parte de mim continuava sem confiar em Hadria. E quem poderia me culpar? Não podia dizer que os habitantes do mundo dos sonhos se esforçaram muito para ganhar minha confiança. Mas então me dava conta de que não havia escolha. A opinião de Hadria possuía peso específico no conselho, e não iria mal sua ajuda.

Entrei naquele ovo resplandecente e me sentei em um dos bancos. Era tão cômodo quanto aparentava. Os grifos esperaram que a porta se fechasse e andaram assim que as luzes do interior se atenuaram um pouco.

Recostei nos almofadões e olhei pela janela, para as distantes luzes do palácio. Os grifos adquiriram velocidade e logo estiveram correndo pelo suave caminho de laje. Então pararam de repente, e fiquei colada contra a parede da carruagem, enquanto ela levantava do chão. Os grifos levantaram voo.

OH, Deus.

Estava voando, metida em uma bola brilhante, atada a esses insetos unicamente por umas correntinhas de prata. Deveria estar aterrorizada, e durante um segundo estive, até que olhei pela janela a minha direita.

O palácio de meu pai e seus arredores pareciam tirados da Disneylândia, era lindo e resplandecia entre aquele mar de escuridão. Em meio a zona central, estava o resto do reino dos sonhos. Podia ver as luzes dos ducados mais afastados, os que pertenciam a meus tios, e também multidão de aldeias e de povos. Nunca o vi assim, e fiquei encantada ao ver como era bonito. Tenho que confessar que estava atônita, e que inchou o coração ao vê-lo.

Estava em casa.

Os grifos viraram à direita e desfrutei de outro olhar panorâmico. Logo, as luzes começaram a se aproximar, a escuridão foi diminuindo e, por desgraça, meu veículo foi se aproximando do chão.

Uma ligeira sacudida e aterrissamos. A carruagem ficou imóvel e saí assim que se abriu a porta.

² Grifo é uma criatura lendária com cabeça e asas de águia, sua cabeça se assemelha muito com a águia Americana e corpo de leão. Fazia seu ninho perto de bolcacas (Nome usado para o ninho do grifo conforme a mitologia grega) e punha ovos de ouro sobre ninhos também de ouro. Outros ovos são frequentemente descritos como sendo de ágata.



Estava de pé, em frente à ladeira de uma montanha: uma saliência pendurada há um precipício. Não vi nenhum caminho por nenhum lugar que conduzisse a esse lugar. Havia o espaço suficiente para os grifos e a carruagem — possivelmente coubesse outro mais— e para mim. Era óbvio que aquele templo não recebia muitas visitas.

Supus que o templo em si estaria na caverna atrás, onde a boca da montanha bocejava com frouxidão e a rocha parecia escura e amigável. Havia candelabros de ferro nas paredes que iluminavam o interior. Entrei. Tampouco podia ir a nenhuma outra parte.

O chão estava gasto, depois milhares de anos de pegadas. À medida que ia entrando na caverna, no interior da montanha, podia ouvir a música que provinha de suas profundidades.

As paredes brilhavam, graças às pequenas nervuras de cristal, e quando a luz das tochas se refletia nelas produziam brilhos azuis, brancos e rosa. Segui avançando com uma mão apoiada na parede para manter o equilíbrio.

Caminhei o que me pareceu uma eternidade, mas por fim cheguei à entrada de um grande salão. O chão era diferente e estava coberto com ladrilhos de diferentes cores, distintos tons de cinza e violeta, as cores da própria Hadria. As paredes eram negras e brilhantes, como se fossem feitas de ônix. Uns candelabros em forma de estalactites desciam do teto e iluminavam a estadia com sua luz dourada.

Só no meio da sala, sentada a uma mesa cortando o que parecia uma espécie de mistura de granada e maçã, estava Hadria.

— Boa noite, princesa — me disse com uma voz que encheu toda a estadia— Me honra com sua presença.

— Me chame de Dawn — disse. Só Verek podia me chamar princesa sem que me desse repulsa. E parecia tão *honrada*, por que não me olhava?

Deixou de cortar a fruta e virou aqueles olhos tão horripilantes para mim.

— Está bem. Por que não se senta, Dawn?

Afastei a cadeira que havia à esquerda da sua, de costas à parede e da entrada. Provavelmente havia outras portas que ligavam a aquela sala, mas ia tomar poucas medidas de precaução que estivessem a meu alcance.

Havia outra faca na mesa, bem diante de mim.

— Quer que a ajude? — ofereci.

— Obrigado.

Peguei um pedaço de fruta da travessa de prata e comecei a cortá-la, separando a carne da pele sobre uma terrina de madeira.

— Nunca vi esta fruta.

— Não? Começou a crescer aqui mais ou menos na mesma época em que se situa a história do Jardim do Éden dos humanos. Ligamos a Eva.

Fiquei olhando a fruta avermelhada. Era o fruto da árvore da ciência? O que aconteceria se dava uma dentada...?

— É muito boa, mas muito forte. Utilizamos em cerimônias de busca da verdade.

— Busca da verdade em um mundo construído sobre a ilusão. — Não pude evitar rir de



minha própria ocorrência e cortei um pouco mais da fruta carnuda— Deve ser interessante.

Levantei o olhar e vi que Hadria estava me olhando com um sorriso em seu rosto iridescente.

— Pode ver uma quando quiser. Se desejar.

Por estranho que parecesse, pensei que eu gostaria.

— Obrigado. Ainda me falta muito que aprender a respeito deste mundo.

O sorriso de Hadria se alargou.

— Aprenderá.

Baixei o olhar e segui cortando. O suco da fruta escorregava pela mão.

— Não se a Guardiã conseguir me desfazer.

— Não acredito que isso chegue a acontecer. Padera preside o Conselho, mas não fala em nome dele.

Essas palavras me reconfortaram. Terminei de cortar Eva em silêncio e a deixei na terrina. Logo peguei outra. Quase terminei — as mãos estavam pegajosas e cheiravam maravilhosamente— quando percebi algo com a extremidade do olho.

Levantei a cabeça e, em cima da mesa, bem a meu lado, vi um enorme cofre cheio de cosméticos. E dos caros. Tinha-os de todas as marcas e cores. Me caía baba só de olhar as caixas por estrear da linha profissional de MAC. Um autêntico tesouro.

— O que é isso? — Antes não estava aqui, deduzi que Hadria fez aparecer.

— Vê algo que você goste? — perguntou-me quase sem olhar o cofre.

— Tudo — ri.

Hadria parou e me olhou com aqueles olhos transformados que foram do violeta ao prateado.

— Pode ficar com o que queira. Com tudo, se desejar.

Franzi a testa e olhei o cofre de maquiagem. Merda, parecia maior? O que havia em cima era um pote de perfume da Prada? Ohhh, brilho de lábios da Lancôme. Eu adoro os Juicy Tubes.

De repente, tive uma revelação, e soube que era de vital importância que não ficasse com nada daquele cofre, por muita vontade que tivesse.

— Não, obrigado. — Afastei o olhar antes que pudesse mudar de opinião— Não preciso de nada.

— É uma jovem fascinante, Dawn.

— Tenho quase trinta anos.

Hadria sorriu com ternura.

— É um bebê. — Ofereceu uma garrafa de vinho— Gostaria de beber algo?

— Por favor. — Provavelmente não deveria, mas podia me embriagar no mundo dos sonhos? Além disso, o vinho era muito bom.

— O que é o que me faz tão fascinante? — Desculpem meu ataque de vaidade, mas de verdade queria saber.

Hadria passou uma toalha para as mãos.

— A fruta da Eva é muito tentadora.



Pelo modo em que disse, desviei o olhar para o cofre de maquiagem e vi que desapareceu. Fiquei surpreendida, mas quando a sacerdotisa seguiu falando, minha surpresa foi aumentando.

— Eva é capaz de fazer aparecer tudo o que deseje, não importa o pequeno ou vil que seja seu objeto de desejo, aparece e oferece isso. Mas cada vez que cede à tentação, perde um pouquinho de você mesma, até que só fica uma sombra.

— Uma sombra.

Hadria assinalou a parte mais escura da caverna.

— Um fantasma.

Segui seu olhar e vi que algo se movia na escuridão. Virei o rosto, mas o coração pulsava descontrolado na garganta.

— Assim, isto era uma prova?

— E passou — afirmou ela.

Fiquei olhando. Estava doída. Eu pensei... Bom, pensei que gostava de mim.

— É uma puta.

Hadria deixou a taça de vinho diante de mim e nem sequer se alterou pelo insulto.

— Sabe quantas pessoas sucumbem à tentação de Eva? Quase todo mundo que entra em contato com a fruta. Tinha a pele ensopada de seu suco, estava tocando-a, e mesmo assim foi capaz de resistir. Só seu pai e eu temos essa capacidade, e eu tive que praticar durante anos até conseguir.

Outra coisa que só Morfeo e eu conseguíamos. Genial. Continuava sem gostar que tivesse me enganado.

— E se não tivesse resistido à tentação?

— Então, teria sabido que era fácil de corromper — respondeu ela, calmamente.

Minha cabeça dura começou a compreender a situação.

— Mas agora pode dizer ao Conselho que sou capaz de me conter.

— Sim. Se souberem que sua alma é pura, será muito mais difícil pensarem mal de você.

Limpei as mãos e bebi um pouco de vinho, agora já não estava tão zangada.

— Por que existem tantas pessoas convencidas de que sou uma espécie de arma de destruição em massa?

Os olhos de Hadria se fixaram nos meus.

— Porque, muito tempo antes que você nascesse, quando os humanos aprenderam a sonhar, uma sacerdotisa de Ama teve uma visão. Viu que Morfeo entregava seu coração a uma humana e que dessa união nascia uma filha. Uma filha capaz de caminhar entre os dois mundos, que cresceria em meio a uma época de mudanças e, quando alcançasse a maturidade, se veria metida em um grande conflito. Então, a salvação ou a destruição de nosso mundo dependeria dela.

Hadria já mencionou antes que acreditava que eu salvaria o mundo dos sonhos. Pessoalmente, não queria carregar com essa responsabilidade sobre meus ombros.

— Assim, toda esta merda é culpa de uma anciã que teve uma visão faz vinte e sete séculos?

— Neguei incrédula com a cabeça — Não chateie. Custa acreditar. Não parece uma estupidez?



Me olhando pormenorizada, Hadria estendeu o braço e encheu de novo a taça de vinho.

— Possivelmente pareceria, se não fosse pelo pequeno detalhe de que a *anciã* em questão sou eu.

CAPÍTULO 8

Possivelmente achem que, dada minha natureza e todas as coisas fantásticas que me acontecem, sou boa em manter segredos. Por não mencionar que meu trabalho requer muita discrição. Pois não, é horrível para mim manter a boca fechada, em especial quando sei algo que acredito que tenho que contar a meus seres queridos.

Morria de vontade de explicar a Noah a previsão de Hadria, mas não sabia como. Maldição, nem sequer sabia como explicar isso para mim mesma.

Quero dizer, tudo é muito estranho. Podem me imaginar destruindo o mundo? E agora, imaginem salvando? Difícil, né? Pois eu não podia deixar de pensar nisso. Essa profecia ocupava a metade de meu cérebro, e a outra metade estava ocupada com Phil e suas bonecas.

Também não contei sobre isso ao Noah ainda. Só passou um dia, e já não podia suportar a culpa que sentia. Permaneci em silêncio, não só porque não queria discutir com Noah, mas também porque não sabia o que ele faria assim que dispusesse dessa informação. Estava convencida de que poderia se conter, e esperava que assim fizesse, mas também sabia que era pedir muito. Certo que estaria tentado a tomar a justiça em suas mãos.

Não estou tratando de me justificar, nem a mim nem a ele. A sede de vingança forma parte da natureza humana: olho por olho. Se o que aconteceu com Amanda acontecesse a um de meus seres queridos, suponho que não importaria o que dissessem, faria o que quisesse com esse cara. Nem sequer a lembrança do que aconteceu com Jackey Jenkins teria podido me parar.

Em resumo, faria as coisas a minha maneira. E sei que isso me convertia em uma hipócrita, mas preferia ficar em perigo e proteger Noah. Se fizesse as coisas a meu modo, não precisaria recorrer à polícia, e se tomasse cuidado — e essa era minha intenção — nem sequer a Guardiã poderia reprovar nada.

Ou isso acreditava.

Assim, no fim, terminei sentada no sofá de Amanda fazendo companhia a Noah em sua visita diária. Ela estava há uns dias em casa, e minha atenção continuava fixa na bandagem da cabeça. Estava convencida de que fiz bem em me manter calada. Fazer as coisas a minha maneira era o melhor para todos. E o mais certo.

Noah ficaria para passar a noite com Amanda, porque eu faria uma festa para garotas em meu apartamento. Disse que Amanda não queria ficar sozinha, e que não se importava em dormir lá. Esforcei-me muito para não me zangar. No final, não era como se estivesse me deixando plantada para voltar com sua ex-mulher. Mas não foi fácil ficar ali sentada, vendo como ele se movia como se estivesse em casa no apartamento de Amanda, como se aquele fosse seu lugar.



Por tudo isso, meia hora mais tarde, decidi que chegou o momento de ir. Precisava tomar banho e me preparar para a chegada de minhas amigas.

Despedi-me de Amanda, e Noah me acompanhou até a porta. Bloqueou a saída com um braço para impedir que eu fosse. Dava as costas a sua ex-mulher, impedindo que visse o que estávamos fazendo.

Noah usava uma camiseta negra que marcava os peitorais. O braço que passava junto a minha cabeça era forte e musculoso, apesar da postura relaxada. Não era um homem excessivamente grande, mas era todo músculo. Comparada a ele, estou em má forma, mas gostava de minhas curvas, assim não vou reclamar, nem me sentir insegura.

Cheirava muito bem e era incrível. Estava com sombra de uma barba por fazer, o que dava um aspecto rude. Sorria-me com seus lábios sensuais, e seus olhos negros jogavam faíscas. Às vezes, a sensação era de que eu fazia graça, ou possivelmente era porque sempre me caía baba quando o via.

— Sonhará comigo esta noite? — perguntou-me com voz baixa e profunda.

Me arrepiou todo o corpo. Adeus ciúme.

— Quer que sonhe com você?

— Quero, doutora. — aproximou-se um pouco mais, até que senti seu fôlego em minha bochecha— Morro de vontade.

Quase me dobraram os joelhos. E, além disso, sentia muita curiosidade.

— Por que quer que sonhe com você?

Noah arqueou uma sobrancelha e os olhos brilharam ainda mais.

— Porque, nos sonhos, posso fazer tudo o que quiser. Nos sonhos, posso ficar dentro de você a noite inteira.

OH, Deus. Dito desse modo... Engoli em seco e senti um nó na garganta. Maldição.

— Está-me matando — balbuciei com a voz rouca.

Noah sorriu e me olhou com infinita ternura.

— Tem graça. Você me salvou a vida.

Sim, estava me apaixonando como uma louca por aquele cara. A quem estava tentando enganar? Já estava apaixonada por ele como uma louca. O surpreendente é que ainda não me prenderam em um hospital psiquiátrico.

— O que? — zombou carinhoso— Não vai dizer nada?

— Não — neguei com um sorriso.

Me aproximou ainda mais, e me deu um beijo tão delicado como as asas de uma mariposa. O beijo bastou para me fazer estremecer, mas não satisfez as ânsias de estar com ele.

— Mandy, vou acompanhar Dawn — disse, sem dar meia volta, mas afastando-se um pouco. O que me permitiu abrir a porta e respirar um pouco.

Voltei a me despedir de Amanda e saí do apartamento. Noah desceu à rua comigo.

— Não tem por que me acompanhar — disse, apesar de que me parecia um detalhe muito romântico.

Ele franziu a testa e colocou as mãos nos bolsos. Era uma noite fria, e não pegou a jaqueta.



— Está louca? Não penso em te perder de vista até que seja completamente necessário. Não enquanto esse bastardo está solto.

Arqueei uma sobrelance e me senti um pouco culpada.

— Se agora bater no peito como o Tarzan, serei sua para sempre.

Noah me fulminou com o olhar; não foi muito grave, mas a verdade é que me olhou feio.

— Não brinque sobre isto.

Suspirei e fiquei nas pontas dos pés para dar um beijo na bochecha.

— Agradeço que se preocupe por mim, sério.

— Me faça um favor.

— O que queira — respondi sincera. Sabia que era um problema isso de querer proteger sempre os outros, mas no fundo eu era uma garota normal, e o melhor cara que conheci em toda minha vida queria auto proclamar-se meu protetor.

Olhou-me sedutor.

— Não faça nada que possa se colocar em mais confusões com a Guardiã.

Pisquei surpresa. Por que Noah assumia que ia colocar-me em *mais confusões*? E como diabos me conhecia tão bem?

— Como o que?

Voltou a me sorrir.

— Já sabe. Não faça nada que faça com que a cite no mundo dos sonhos. Já fez muito por Mandy, não é preciso que ponha sua vida em perigo.

Eu sabia que dizia todo isso porque queria que eu estivesse a salvo. Mas uma parte de mim não pôde evitar pensar que possivelmente meu namorado acreditava que me faltava cérebro. Que era estúpida.

Noah estava insinuando que sabia que eu ia fazer algo. Coisa completamente certa, por outro lado.

— Diz por que Amanda já tem seu cavalheiro andante, não? — Sim, já sei que soei muito repelente — E não precisa que ninguém mais a defenda. — Acaso não foi ele quem me pediu que ajudasse a sua ex-mulher?

Noah tirou uma mão do bolso e me pegou pelas costas para me aproximar dele com um movimento seco e veloz que me deixou sem fôlego.

— Digo por que não quero que te façam mal — respondeu zangado — Porque ficaria fodidamente louco se acontecesse algo com você.

Uau. Sem dúvida, seus motivos eram muito melhores que os meus. E a verdade era que eu fiz o mesmo que ele estava fazendo agora; escondi o Durdan para proteger Noah, para evitar que cometesse uma estupidez.

— De acordo — murmurei.

Então me beijou. Um beijo comprido e sensual. E quando levantou a cabeça, a minha ainda dava voltas. Parou um táxi, que apareceu como por arte de magia nesse mesmo instante, abriu a porta e logo a fechou assim que me sentei na parte de trás, depois de dar o endereço ao condutor, claro. Noah era a paranoia em pessoa, mas por isso o amava tanto.



Cheguei à casa sã e salva e liguei no celular para dizer. Estivemos falando uns segundos, e antes de desligar me desejou *doces sonhos*. A verdade é que, ao ouvir sua voz tão sexy, ruborizei.

Minha companheira de apartamento, Lola, mestiça e de curvas muito sensuais (ela está acostumada dizer que é uma galinha; toda coxa e peito), riu a caminho da cozinha. Lola usava uma calça de algodão de cintura baixa e uma camiseta, e seu cabelo negro presos em dois rabos. Estava tão bonita que a teria esbofeteado.

— Estava falando com Noah? — perguntou-me, sorrindo.

— Não, com meu dentista — respondi de brincadeira.

— Ah, pois acredito que marcarei hora — disse.

Ri sem poder evitar e fui a meu dormitório para me acomodar.

Julie, outra de minhas amigas pequenas, chegou alguns minutos mais tarde. Sentia-me como uma gigante ao lado delas duas, mas ultimamente, gosto de ser tão alta e já não me importo. De fato, ultimamente gosto de muitas coisas que antes me incomodavam. Agora, não perdia tempo pensando em meu peso, e isso que usava quarenta e quatro. Sim, podia estar mais magra, mas Noah gostava tal como era, e a verdade é que eu também.

Que estranho, não? Não sei se essa repentina segurança em mim mesma era mérito dele, ou se, por fim, assumi minha autêntica natureza.

Abracei Julie, e nós três nos sentamos para ler os diferentes menus de restaurantes a domicílio para ver por qual nos decidíamos. No final nos decidimos pela comida chinesa e liguei para fazer o pedido enquanto minhas duas amigas escolhiam um DVD. Essa noite não ia preocupar-me com a Guardiã, nem se por acaso salvaria o mundo.

Eu queria ver *Devour*, mas me vetaram isso.

— É muito ruim! — exclamou Julie.

— Mas se tem Jensen Ackles — disse, assinalando como estava bonito na capa— Nós três adoramos Jensen Ackles!

Julie revirou os olhos e eu suspirei me dando por vencida. Eu veria sozinha. Outra vez.

Lola sugeriu *Surpresas do Coração*, com Meg Ryan e Kevin Kline, e Julie e eu demos nossa aprovação. Já sabia eu que acabaríamos assim. Vimos o filme e recitamos os diálogos que mais gostávamos, e as três nos apaixonamos por Kevin Kline na cena final. E logo passamos o resto da noite falando com um péssimo acento francês.

Estamos ou não como cabras?

O segundo filme da noite Julie escolheu, e a ganhadora foi virando o jogo. Boa escolha. Não só Keanu estava no melhor momento de sua carreira, mas também, além disso, estava Rhys Ifans, que é completamente adorável, apesar de seus esforços por não ser.

O jantar chegou quando fazia meia hora que estávamos vendo *Surpresas do Coração*, bem antes que Kevin Kline desdobrasse seus encantos. Pusemos até as sobancelhas de wonton frito frango do general Tao, porco agri-doce e verduras salteadas. E de sobremesa; chocolate Lindt. E se por acaso isso fosse pouco, tomamos uns coquetéis.

Terminei a noite muito cheia e meio bêbada. Sentia-me muito bem. Lola e eu mandamos Julie a sua casa em um táxi e nos despedimos da janela. Suponho que fomos tão paranoicas como



Noah, mas em minha defesa direi que eu não estava tão bêbada, e que Julie ia como um balde.

Entrei na cama depois de lavar o rosto e os dentes; um costume que não perco apesar do estado em que me encontre. Assim que apoiei a cabeça no travesseiro, me expôs outro dilema. Ia primeiro visitar Noah ou diretamente perseguir o violador de Amanda?

Não importava que estivesse bêbada, no mundo dos sonhos não seria assim. Durante minha visita a Hadria, descobri que ali o álcool não sortia efeito. Não queria deixar de me sentir tão bem, mas suponho que precisava ir atrás daquele violador; no final, eu era a única que podia fazer. Certo, reconheço que o principal motivo pelo que queria pegar esse filho da puta era porque, assim, Amanda poderia fechar esse capítulo de sua vida e Noah e eu poderíamos seguir com uma relação a dois. Uma relação em que nenhum de nós teria que salvar o mundo inteiro, nem sequer a uma pequena fração.

Estava decidido. Primeiro iria ver Noah e logo perseguiria Durdan.

Fiquei cômoda e deixei que o meu já desorientado cérebro se afastasse ainda mais da realidade. Ia entrar no mundo dos sonhos do modo tradicional, assim tinha menos possibilidades de *me colocar em mais confusões*, como Noah disse com tanta eloquência.

Dormi em seguida. Cada vez estava melhor nisso de adormecer a vontade, apesar de que haviam noites que, como qualquer pessoa normal, não conseguia conciliar o sonho nem a tiros. Por sorte, sempre existia a possibilidade de abrir um portal ao mundo dos sonhos e rejuvenescer ali minha mente e meu corpo.

Já que Noah estava me esperando, chamei-o primeiro com a mente. Já fizemos algumas vezes, assim me deixou entrar em seu sonho sem nenhum problema. Ele já preparou tudo, e em seu sonho havia uma versão maior de sua cama, com lençóis suaves esperando minha chegada.

Eu usava cueca de menino e uma camiseta muito pequena. Deitei na cama e me coloquei ansiosa entre os braços de Noah. Deus, como eu gostava de estar com ele. E como ele era um sonhador lúcido muito potente, essa experiência era tão real para Noah como para mim. Ou quase.

Abraçou-me forte.

— Foi bom com suas amigas? Embebedaram-se e organizaram uma briga de travesseiros em roupa íntima?

Ri em pensamento.

— Não, nos enrolamos umas com outras.

Agora foi ele quem riu.

— Fizeram fotos?

— Um vídeo. Está no YouTube — respondi.

Noah ficou em silêncio e ambos desfrutamos do momento. E então, como não podia ser de outro modo, tive que perguntar:

— Como está Amanda?

O bom humor foi à lua.

— Melhor.

Meu Noah é um homem de poucas palavras.



Dava uns golpes na mão em cima de meu estômago.

— Ficar bem. — Não era uma promessa, nem uma frase para ficar bem. Simplesmente, sabia. precisava ficar bem, ou do contrário, ele e eu teríamos problemas. E eu também sabia isso com absoluta certeza.

— Não pode arrumar tudo — respondeu tranquilo, e com um toque de amargura que me disse que não era dirigido a mim.

— Pois claro que posso — repliquei, meio brincando, para ver se conseguia voltar a relaxar o ambiente. Não queria que o mundo real se metesse. Teria que ter pensado antes e ter mantido a boca fechada.

— Não pode fazer com que esse bastardo pague pelo que fez.

É óbvio que não estava pensando com clareza, do contrário não haveria dito o que saiu a seguir de minha boca:

— Pois claro que posso. Se me der vontade, posso fazê-lo acreditar que é um rato na boca de lobo. Posso fazê-lo passar o resto de sua vida sofrendo pesadelos.

Noah ficou imóvel a meu lado e me olhou fixamente.

— Isso não vai contra as regras?

— Sim — respondi, tirando a importância — mas a primeira vez que fiz, não me disseram nada. — Teria que dizer que sim, ia contra as regras e que não podia fazer. Não deveria ter deixado Noah se expor a essa possibilidade, não deveria ter me exposto. Mas agora estava no ar.

— Jackey Jenkins. — Surpreendeu-me que se lembrasse do nome — O que fez exatamente? Fechei os olhos. Tratei de manter a calma e de não pensar naquilo.

— Não me lembro.

Graças a Deus, Noah deixou passar. Ambos tínhamos nossos segredos, e de momento seguíamos respeitando-os. Algum dia, ele gostaria de saber mais, tanto quanto eu queria saber mais sobre seu pai, mas ainda não.

— Me prometa que não fará nada — me pediu em voz baixa, com muito mais ternura que utilizou na porta da casa de Amanda — Não vale a pena que corra perigo por esse desgraçado.

Não podia prometer. Em uma parte de mim, incomodou que me pedisse isso. Ele se vingaria se pudesse. Não haveria forma humana de detê-lo.

— Prometo que não me colocarei em confusões. — Ou isso esperava.

Voltou a me abraçar.

— Digo a sério, Dawn. Não quero descobrir que o obrigaram a saltar da ponte do Brooklin, ou de que se colocou em meio das vias do trem.

— Eu jamais faria isso! — Aquele homem merecia algo muito pior que a morte. E, além disso, desse modo, algum pobre inocente teria que limpar as vias depois.

Senti que a tensão abandonava seu corpo.

— Me alegre.

— Não confia muito em meu bom senso, verdade? — O olhei de lado.

Ele escondeu o rosto em minha cabeleira.

— claro que sim. É seu senso de justiça o que me preocupa.



Ri. Tive que fazer.

— Meu senso de justiça? Se pudesse, você daria uma surra nele.

— Isso é diferente.

— Vamos, reconhece. — Franzi a testa e me alegrei de não ter contado que topei com Durdan— Não é.

— Sim é. — Notei que sorria e tive vontade de dar uma cotovelada— Se eu desse uma surra nesse cara, provavelmente iria à prisão, mas se você fizer algo, possivelmente sua vida muda para sempre. E não há ninguém que mereça tal sacrifício.

Ele merecia. Essa afirmação me sacudiu de repente. Estava fazendo tudo aquilo por Noah. Sim, também queria ajudar Amanda, mas a verdade era que o que mais me motivava era que queria que Noah deixasse de se sentir culpado. Me perdoem por soar como um disco quebrado, mas meu medo era que Amanda desse algo que eu não podia dar. Algo nada a ver com o sexo, nem com amor. Noah parecia protetor com ela. E Amanda precisava que alguém a protegesse. E eu não. Uma parte de mim continuava sem entender por que Noah se divorciou de Amanda, enquanto precisava tanto ser o herói de alguém.

Olhei, olhei de verdade, e não vi nada que me fizesse duvidar o mínimo de seus sentimentos por mim. Noah era meu e não havia nenhum motivo para duvidá-lo. Então, por que me sentia tão obrigada a ajudar Amanda? Por que assumi como algo pessoal entregar aquele homem à justiça, fosse qual fosse?

Suponho que Noah não era o único dos dois com complexo de herói.

— Acredito que me apaixonei um pouco mais por você — disse em voz baixa.

Noah franziu as sobrancelhas um segundo; logo compreendeu o que estava dizendo e voltou a relaxar. Sorriu-me, com aquele sorriso que fazia meu estômago encolher.

— Eu mais — respondeu, e levantou uma mão para acariciar minha bochecha.

E então notei seus lábios em cima de meus e o última coisa que pensei antes de me deixar levar por nossos beijos foi que esperava que me perdoasse quando descobrisse que menti. Ia tratar de não me colocar em mais confusões. Mas precisava fazer algo.

E agora sabia o que.

Graças a minhas peculiares habilidades, eu podia controlar até o detalhe mais insignificante de meus sonhos. Não estava acostumada a fazer, porque isso tirava toda a graça, e a verdade é que meus sonhos eram tão complexos como os do resto do mundo. Mas essa noite, depois de deixar Noah, entrei na escuridão. Não entrei em uma sala, nem em uma caixa, nem sequer em uma caverna. Simplesmente, entrei na escuridão, como se ficasse de pé no meio do céu de uma noite sem lua nem estrelas.

E então, sem nada que pudesse me distrair, concentrei-me na informação que obtive das lembranças de Amanda e a que armazenei em minha memória ao ver Durdan em pessoa. Concentrei-me na impressão que me produziu e segui essa vaga sensação. Quando conheço uma pessoa, resulta-me relativamente fácil me colocar em seus sonhos. É difícil de explicar, não é um



sentimento, ou um sabor ou aroma, são as três coisas ao mesmo tempo e nenhuma de uma vez. Digamos que todos os humanos deixam um rastro no mundo dos sonhos que permite aos Pesadelos como eu encontrá-los. Assim, quando achei o rastro de Durdan o segui até seu lugar de origem. De repente, a escuridão se desvaneceu e apareci dentro de uma loja. A loja de Durdan.

O chão de tábuas de madeira resplandecia sob meus pés. Estava limpo, não havia nenhuma partícula de pó por nenhum lado. Vi um enorme balcão de madeira, era antigo e com uma caixa registradora da mesma época. O terminal de cartões era novo, igual ao computador que havia ao lado.

O resto do interior da loja foi aparecendo pouco a pouco e parei um instante para olhar ao redor. Havia bonecas por toda parte. Centenas de rostos, que foram da porcelana branca a de cor chocolate me observavam entre seus cabelos perfeitamente penteados.

Voltei-me para um expositor e vi um menino de cabelo escuro, sentado em uma das duas poltronas de pele que havia em frente à vitrine.

Nas mãos, segurava uma boneca vestida como na época do Rei Charles, com diadema negro combinando e o cabelo cortado a garçom. Certo que as lantejoulas do vestido estavam costuradas à mão. O menino olhou debaixo da saia e se decepcionou com o que viu. Quase sorri.

Uns passos provenientes da parte de trás da loja ressonaram com força. Pertenciam a uns sapatos pesados, desses com salto grosso, mas pela brutalidade do som, soube que a pessoa que se aproximava era uma mulher.

— Pode saber o que está fazendo? — perguntou, assim que viu o menino— Tem muito trabalho que fazer para andar brincando com as bonecas. — A arrancou das mãos dele.

O menino não disse nada. Nem sequer a olhou. Pareciam tanto que era evidente que eram mãe e filho.

— Vai acabar igual a seu pai. — Rodou a boneca diante do pirralho— Olhou debaixo da saia?

O menino seguiu sem olhá-la, mas pegou a boneca. O pobre não tinha escolha, a mulher virtualmente o obrigou a olhar.

— Sim, é igual a seu pai — zombou— Certamente que algum dia também me abandonará e me deixará jogada neste buraco de merda. Não sei o que faremos quando acabarem as bonecas.

Olhou ao redor da loja e, depois de fazer uns cálculos mentais, suspirou aliviada.

— Você também sabe fazer bonecas, não? — Olhou ao menino, com uma careta em que se misturavam o nojo e a avareza.

Ele assentiu e ela riu com amargura.

— Parece que será mais útil que o desgraçado de seu pai.

Assim, desse modo começou tudo. A mãe o manipulou, o maltratando psicologicamente. Esse tipo de infância, marcadas por uma figura feminina tão abusiva, deixavam sequelas em qualquer menino.

Como obedecendo a meus pensamentos, algo por si impossível, o sonho mudou. Quando virei a cabeça para voltar a olhar o menino, este desapareceu e em seu lugar ocupava um adolescente magro e de aparência antissocial. Ainda segurava a boneca entre as mãos, e a loja estava virtualmente igual à antes, apesar de que havia bonecas novas nas estantes. Essas bonecas



eram ainda mais bonitas que as primeiras.

A mulher estava sentada ao lado do menino, tocando. Ela também envelheceu, e apesar de seu aspecto amargurado continuava sendo atraente. O modo em que acariciava o cabelo e o rosto de seu filho me arrepiou.

— Vem pequeno — sussurrou de forma melosa— Necessito que faça algo por mim.

Merda. Não só abusou psicologicamente, mas também fisicamente. O menino tratou de se esquivar.

— Estou ocupado.

A mulher fingiu que chorava.

— Acaso já não ama a mamãe?

OH, aquilo era na verdade retorcido, como estar vendo uma novela. Sabe que é horrível, mas não pode mudar de canal.

Ele levantou o olhar e de repente já não me pareceu tão antissocial. Sentia-se culpado, e ao mesmo tempo estranhamente impaciente.

— Pois claro que a amo, mamãe.

Ela sorriu com doçura e as lágrimas desapareceram. Estendeu a mão ao menino e ele a aceitou, e deixou que o guiasse à parte de trás da loja.

Não quis ficar para ver o que acontecia depois, mas algo me impulsionou a agarrar a boneca que o menino deixou em cima da poltrona. O pequeno vestido de lantejoulas não estava em tão bom estado como antes, e era como se a boneca tivesse perdido um pouco de cabelo.

Fiquei gelada. Perdeu um pouco de cabelo. Tinha uma pequena calvície no meio do crânio de porcelana branca.

De repente, soube que tinha que olhar debaixo do vestido. Não queria, nem morta queria fazer. Engoli saliva. Agarrei o delicado recorte de tecido entre os dedos e levantei a saia. Com o polegar rocei a suave coxa e estremeci. Todo aquele assunto estava dando muitíssimo medo.

Contive a respiração e olhei por debaixo das lantejoulas. Ruborizei da cabeça aos pés.

Alguém desenhou uma vagina muito realista entre as pernas da boneca. Não me custou muito imaginar quem foi o artista. O menino. inclusive os pelos púbicos. E, a julgar pelo fedor que desprendia, juraria que era pelo púbico de verdade. Que nojo.

Mas isso não era o pior. O pior era que, o interior das coxas da boneca estavam manchadas com algo cor cobre. Gostaria de acreditar que era pintura, mas sabia perfeitamente que não. Igual ao pelo púbico, soube que o que havia nas coxas da boneca também era de verdade.

Era sangue, e aposto o que queiram que pertencia a sua primeira vítima.

CAPÍTULO 9

Se eu fosse à heroína de um filme ou de uma série da televisão, teria um amigo no departamento de polícia, e poderia contar o que descobri no sonho do Durdan. Mas o único



policial que conhecia era o namorado de Bonnie, e não queria colocá-lo nisso; sem contar que, provavelmente, não acreditaria.

Suponho que poderia fingir que tinha poderes psíquicos, mas duvido que a polícia levasse mais a sério a uma médium, que a uma mulher que dissesse que se colocou nos sonhos de outro.

Possivelmente, poderia ligar e dar uma pista anônima, dizer o nome de Phil e o endereço da loja, e comentar que vi algo estranho, mas possivelmente isso não serviria de nada.

O que realmente serviria, seria que eu mesma me ocupasse do assunto.

Possivelmente estivesse me colocando em uma soberana estupidez, mas não podia permitir que aquele cara saísse bem. Não queria me comportar como uma estúpida, só queria fazer o correto.

E enquanto não fizesse mal a Durdan, não aconteceria nada.

Percorri o corredor em que Phillip Durdan e sua mãe desapareceram e rezei para que tivessem terminado o que quer que tenham ido fazer ali. Nesse caso, acelerei um pouquinho o passar do tempo. Ao chegar ao final do corredor, abri a porta e cruzei os dedos. Oxalá tivesse acertado cronologicamente e não houvesse nenhuma surpresa.

Phil estava sozinho no que parecia ser uma oficina. Havia pedaços de bonecas por todos os lados, igual a um espetáculo de Alice Cooper. Estava lavando algo em uma pia. Olhei por cima de seu ombro e vi que entre as mãos tinha uma mecha de cabelo vermelho. A água que escorria pelo ralo era marrom. Sangue.

Phil cantarolava algo ao trabalhar, e percebi que estava tranquilo. Os demônios que o possuíam estavam saciados, e parecia em paz consigo, mesmo enquanto enxaguava e acondicionava seu pequeno troféu.

Olhei a meu redor, para ver se assim conseguia reprimir a vontade de arrancar os olhos. Em cima da mesa havia o corpo de uma boneca, e junto a ele uma seleção de objetos de roupa. Estava calva. Certo que ia pôr o cabelo que estava limpando e pensando que penteado fazer.

Olhei-o. Ainda não senti minha presença. Precisava pensar em como enfocar o assunto. Cheguei à conclusão de que a única saída era conseguir a confissão de Phil. Mas como? Meu cérebro não parava de dar voltas, a adrenalina corria pelas veias. Verek e eu estivemos praticando as transformações — uma habilidade que quase todas as criaturas do mundo dos sonhos possuíam— mas eu nunca conseguiria mudar sob tanta pressão. Se queria enganar Phil, teria que me converter literalmente em outra pessoa, e não em uma cópia muda.

Poderia me converter em uma de suas bonecas, mas queria assustá-lo. Não tinha medo das bonecas, elas não exerciam nenhum poder sobre ele. E o mesmo podia aplicar a suas vítimas. Se me convertesse em Amanda, certo que me olharia com carinho. E certo que não temeria a uma mulher que já violou uma vez.

Mas o que me dizem da mulher que roubou todo seu orgulho e seu poder?

Sim, ela serviria. Entretanto, seria capaz de me transformar na mãe de Phillip?

Bom, chegou o momento de averiguá-lo. Igual a Morfeo, eu podia mudar completamente de aspecto, me converter em outra. Fechei os olhos para me concentrar melhor e extraí a imagem da mãe de Phillip do subconsciente de seu próprio filho. Me apropriei de sua expressão, seu modo de



falar e de se mover. Deixei sua essência me impregnar e me cobrir, me alagar. Converti-me nela com espantosa facilidade. Senti seu veneno. Senti todas e cada uma de suas retorcidas emoções.

Em algum lugar do mundo, Jackey Jenkins se moveu enquanto dormia, quando meu lado escuro voltou de novo para a vida, feliz por ter escapado de sua jaula. Soube por que uma diminuta parte de Jackey seguiria para sempre fixada em meu interior.

Se todos os humanos possuíam um lado escuro, esse era o meu. Essa era a parte de mim que parecia gostar dos lugares mais recônditos do mundo dos sonhos. A parte de mim que sabia do que era capaz, e gostava.

Tratei de ignorar o prazer que senti e de me concentrar no que faria. Não podia fazer mal a Durdan. Não devia fazer mal.

Mas Deus, quanta vontade de fazer. Queria arrancar sua pele em tiras, desejava fazê-lo sentir a dor que ele infringiu a todas essas mulheres. Queria foder sua mente, de tal modo que passasse o resto da vida preso em um pesadelo, balbuciando e soluçando. Queria me assegurar de que jamais voltasse a ser o mesmo.

Mas sabia que o que devia fazer era conseguir que fosse consciente do mal que fez.

— Foi um menino muito mau, Phillip — disse, com aquela voz rouca que ouvi sua mãe falar.

Ele se esticou e jogou os ombros para trás. Não se voltou, mas saboreei seu medo na ponta da língua. Foi como se uma pena acariciasse nos lugares mais íntimos.

Aproximei-me, balançando os quadris e com os punhos fechados dos lados. Odiava. Odiava que uma vez dependesse dele. Seu filho era a personificação do ódio que sentia desde que seu marido a abandonou. E, entretanto, Phillip se parecia muitíssimo ao homem pelo qual se apaixonou. Deitando-se com ele, a sensação era de que estava outra vez com seu pai. E assim se assegurava de que seu filho jamais a abandonasse, embora ao mesmo tempo, fazia com que o odiasse ainda mais.

Merda. Não podia seguir sendo essa mulher durante muito tempo. Não teria que ter absorvido tantos de suas lembranças.

Abri as mãos e as coloquei sobre os ombros de Phillip. Senti-o quente e musculoso sob as palmas. Era jovem e forte e agora era mais alto que eu (a mãe do Phillip era mais baixa que ele), mas eu continuava me sentindo superior.

— Me olhe, Phillip.

Não se moveu.

— Phillip.

Ele deu a volta muito devagar. Levantei as mãos de seus ombros e as passei pelos braços assim que ficou frente a mim. Seu rosto, o mesmo que antes me pareceu um monstro, agora parecia tão atraente e vital como o de sua mãe.

Sua mãe. Deus.

— O que esteve fazendo? — perguntei.

— N... nada — me respondeu, mas vi a mentira em seus olhos.

Sorri.

— Não minta a mamãe. Sei sobre as garotas. — Acertei com a frase, porque Phillip



empalideceu e arregalou os olhos.

Já discutiram antes pelas garotas. Sua mãe não gostava que olhasse a outras mulheres. Não queria que saísse com outras mulheres.

Ninguém te ama como eu, Phillip querido, ouvi a voz em minha mente com a mesma clareza que ele devia ter ouvido essas palavras infinidade de vezes. *Eu sou a única que te ama*.

Agora sabia de onde herdou sua loucura. Não é comentário muito profissional, sei, mas o que querem que diga. Não estava em meu melhor momento.

— Eu não queria...

— Calado. — Pus um dedo nos lábios dele quando tratou de justificar. Empurrei até que senti o muro de seus dentes contra minha ponta. Phillip tremeu— Não minta.

Ele assentiu com o pescoço completamente rígido e eu afastei o dedo. Uma parte de mim queria secar a saliva que ficou ali na roupa, mas resisti à tentação. Mamãe não faria essas coisas.

— Não pude evitar — disse.

Sorri e dei uns golpes no ombro.

— Sei. Jamais aprendeu a se controlar. Pensei que eu o eduquei melhor.

Essa mulher ensinou a seu filho a controlar umas coisas que me deixaram arrepiada. Que asco.

— Estou muito decepcionada com você, Phillip. — Enquanto falava, passava as mãos pelo cabelo. Vindo de outra pessoa, seria um gesto muito maternal, mas naquela mulher era ameaçadora— foi um menino muito mau, e agora terei que me ocupar de arrumar o desastre. Outra vez.

Essa última frase saiu de minha boca sem prévio aviso, impulsionada unicamente pelas lembranças dele. O que Phillip fez, que sua mãe teve que salvar seu traseiro? Quanto sabia a mulher a respeito dos crimes de seu filho? Por que diabos não o parou?

Possivelmente porque possuir essa informação outorgava mais poder sobre ele.

Phillip baixou à cabeça.

— Sinto muito.

— Esta vez não basta um *sinto muito*, Phillip. — Não parava de dizer seu nome porque sabia que era algo que ele odiava— Esta vez terá que se comportar como um homem e assumir sua responsabilidade.

Uns olhos apagados procuraram os meus. Parecia um menino assustado.

— O que quer que faça?

— Tem que ir à polícia e contar o que fez.

Ele negou com a cabeça e apertou a mandíbula com convicção.

— Não. Não farei. Não pode me obrigar.

— Phillip.

Ele seguiu negando e começou a afastar de mim.

— Não! — Seu rosto se deformou de raiva e frustração— Não farei! Não farei!

Esbofetei-o com força. Ardeu a palma da mão e a bochecha dele se tingiu de vermelho. Acalmou-se.



— Não tem mais remédio — disse— Desta vez não vou arrumar o que fez. A polícia sabe que foi você. Tudo será mais fácil se confessar.

— Não sabem que fui eu. — Voltou a negar com a cabeça— Ninguém sabe.

Olhei-o nos olhos e vi que estavam completamente vazios, e me deram muito medo.

— A polícia sabe Phillip. — Tentei retomar o controle da situação— encontraram provas. Sabem quem é. — Era mentira, mas ele não sabia— Sabem o que fez. Tem que confessar.

Se voltava a negar com a cabeça teria que dar outra bofetada. Fiz. Esbofetei-o. Eu gostei, eu gostei muito. Muito. precisava acabar com aquilo quanto antes.

— Confessará— disse.

— Não.

Segurei pelo queixo com uma mão e o obriguei a me olhar.

— Confessará ou contarei tudo o que fez. Contarei o que me fez pequeno bastardo. — E assim que essas palavras saíram de meus lábios, soube que mamãe estava morta. E tive o horrível convencimento de que Phillip a matou.

Aposto o que queiram que em algum lugar da loja havia uma boneca com suas feições e seu cabelo.

Phillip começou a tremer e seus olhos encheram de lágrimas.

— Já sabe que não queria te fazer mal.

Naquele preciso instante soube que ganhei. Soltei o queixo e o abracei.

— Sei querido. Sei. Tranquilo. Este é meu menino. — O segurei enquanto ele chorava sobre meu ombro, me sentindo muito mais satisfeita de mim mesma do que deveria— Já sabe o que tem que fazer para me compensar, não é assim, querido? Já sabe o que tem que fazer para me fazer feliz.

Phillip assentiu, e quando levantou a cabeça vi que deixou de chorar. Parecia doído, um cão abandonado, ou um menino que acabam de brigar.

— O que vai fazer? — perguntei com ternura, e voltei a acariciar o cabelo— O que vai fazer para mamãe?

— Vou me entregar à polícia — respondeu com a voz rouca— Irei à polícia e confessarei tudo.

Estava segura de que cumpriria sua palavra. Sorri contente e voltei a abraçá-lo.

— Bom menino. — E então meus lábios procuraram os seus e soube que precisava sair do corpo de mamãe antes que aquele sonho desse um passo mais.

Acabei com isso tão rápido como pude e sai do sonho. Phillip estava muito ocupado fodendo sua mãe para se dar conta de algo.

Despertei e abri os olhos em meio a escuridão. Levantei-me da cama e fui ao banheiro. Precisava de uma ducha.

O problema era que não sabia se alguma vez voltaria a me sentir limpa.

Bem antes do amanhecer, ouvi a voz de Phillip Durdan em minha cabeça. Estava sussurrando



algo a sua mãe, estava dizendo que iria confessar, tal como ela queria. Estava bem? Antes que pudesse evitá-lo, respondi que sim, ou, melhor dizendo, sua mãe respondeu. Era eu, mas não era. O sonho da noite anterior foi tão convincente que, quando Phillip falou com sua querida mamãe, fui eu quem recebeu a mensagem. E isso me deixou arrepiada.

Mas não ia permitir que esse pequeno tropeção estragasse o bom humor. Saí da cama, tomei banho, maquiei-me como nunca, se me permitirem que diga isso, e fui correndo a casa de Noah.

Estava com aspecto sonolento e o cabelo alvoroçado quando abriu a porta. Jamais me pareceu tão bonito. Acompanhou-me à cozinha e foi tomar banho, depois de proferir apenas alguns grunhidos. Não me importou. No final, o despertei e ainda não eram nem sete e meia da manhã.

Estava servindo uma xícara de café quando voltou a aparecer na cozinha. Olhou-me e parou em seco.

— O que fez? — perguntou-me.

Olhei por cima da borda da xícara.

— Por que acha que fiz algo? — perguntei com fingida inocência.

Noah estava convencido de que já descobriu.

— Levantou antes que eu e está preparada para ir trabalhar. Fez o café. Das duas uma, ou fez algo ou não é minha Dawn.

No transcurso de nossa relação, ele já teve que ver uma réplica de mim, assim, o que estava sugerindo não era tão estranho. E tendo em conta a surra que deu a meu falso eu, não duvidei nem um segundo em começar a falar.

— Convenci Phil para que confesse — soltei sem mais.

Essa explicação só fez Noah me olhar ainda mais intrigado.

— Quem diabos é Phil?

Incapaz de enfrentar seu olhar joguei um pouco de leite no café.

— O violador de Amanda. — Contive a respiração.

O silêncio ressoou na cozinha.

— E você conseguiu?

Atrevi-me a olhá-lo. Estava imóvel como uma estátua, a testa franzida, e a única peça de roupa que usava era calça de pijama com o Batman estampado.

— Mais ou menos.

Se aproximou com a velocidade do raio, pegou-me a mão e me impediu que seguisse mexendo o café.

— É melhor que me conte isso tudo. Agora mesmo.

Respirei fundo e me virei para ele.

— Não fiz mal a ele. Não fiz nada que possa me criar problemas com o Conselho.

Noah fechou os olhos e respirou. Quando voltou a abri-los parecia calmo e sereno.

— O que fez doutora?

Não podia estar muito zangado comigo se continuava me chamando por esse apelido



carinhoso.

— Entrei em seu sonho e o convenci a se entregar à polícia.

— Continua. — a mandíbula de Noah tremeu.

— Fingi que era sua mãe e o convenci a confessar.

Noah ficou me olhando.

— Convinceu ele a confessar fingindo que era sua mãe?

Tenho que reconhecer que parecia pouco verossímil.

— Bom, digamos que me converti em sua mãe durante um momento.

— Se converteu em sua mãe? — Noah voltou a enrugar a testa.

Suspirei. Precisava tomar aquele café. Levantei a xícara e dei um gole. Vi que Noah estava impaciente, assim o não fiz esperar.

— Utilizei um sonho do subconsciente do violador para me converter na réplica exata de sua mãe. Inclusive pensava como ela. — Fiz uma careta de repugnância ao me lembrar.

Se deu conta e se aproximou de mim.

— Pode fazer isso? — E logo acrescentou— Está bem?

Apoiei-me nele e rodeei a cintura com os braços.

— Sim. Essa mulher era uma doente. E seu filho é ainda pior.

Acariciou as costas.

— Está certa de que vai entregar-se?

Levantei a cabeça e sorri brevemente.

— Tão segura como pode estar uma mãe de seu filho.

Noah não achou nenhuma graça na minha brincadeira macabra.

— Correu um grande risco.

— Se funcionar, valerá a pena.

Senti-me como uma tola ao ver que não me dava razão em seguida, como se estivesse escapando algo.

— Como sabia quem era? — Perguntou-me com tanta frieza e reticência que soube que Noah tinha medo de minha resposta.

Esse era o momento exato que tanto temi. Já não havia escapatória. Possivelmente fui uma covarde por não querer contar antes, mas agora não ia mentir.

— Procurei seu rastro no mundo dos sonhos — respondi, para ver se assim ganhava o tempo suficiente para encontrar a coragem que me faltava para contar toda a história.

Soltou-me e deu um passo para trás para me olhar com uma expressão que eu não gostei muito. Estava surpreso, doído e receoso.

— Acreditava que só podia fazer se conhecesse a pessoa.

Realmente, Noah prestava atenção quando contava minhas coisas. E agora tinha razão, a não ser que se tratasse de outra criatura do mundo dos sonhos, se eu queria encontrar alguém ali, antes precisava conhecê-lo.

— Estava na feira — sussurrei incapaz de utilizar meu tom de voz habitual— Era o homem da loja de bonecas.



Se Noah se zangasse, acredito que teria podido suportá-lo. Mas em vez disso, olhou-me como se sentisse decepcionado comigo e possivelmente com um pouco de repugnância. Embora espero que o último fosse só fruto de minha imaginação e meu sentimento de culpa.

— Como sabe que era ele? — Nenhuma recriminação, só uma simples pergunta.

— Reconheci-o porquê o vi no sonho de Amanda. Vi seu rosto. Na loja, havia uma boneca idêntica a Amanda, acredito que inclusive tinha seu cabelo.

— Compreendo. — deu meia volta e se afastou alguns passos. Completamente rígido, apoiou as mãos na parede, me dando as costas.

Estava zangado com o violador ou comigo? Ou com ambos?

Abri a boca para dizer algo, algo que pudesse fazer entender o que fiz e por que, mas Noah falou antes.

— Disse a Amanda que seria uma boneca linda.

— O que? — Agora eu fiquei atônita. Eu não gostei da sensação— Quando?

Noah se voltou para mim. Estava tão pálido que me assustei um pouco.

— Quando a violou. Não o ouviu quando esteve no sonho dela?

Neguei com a cabeça.

— Os sonhos não são sempre réplicas exatas de...

Noah não me deixou terminar, e me interrompeu com uma precisão letal.

— E se me dissesse que estava ali, eu teria visto a boneca e teria ligado à polícia.

Noah estava certo.

— Se você me contasse o que o violador disse a Amanda, teria avisado no dia em que o vi. — Eu também tinha razão.

Cruzou seus fortes braços sobre o peito. Um clássico exemplo de postura defensiva.

— Teria que ter me avisado. E ponto.

— Provavelmente. — Eu também cruzei os braços. Aquela discussão não ia acabar nada bem.

— Mas não fez.

— Não, porque estava morto e você tinha uma espada enorme na mão, e pensei que possivelmente sentisse a tentação de usá-la.

Noah me olhou como se não soubesse se ria ou gritava. Fez um pouco de ambas as coisas.

— Acaso acha que sou idiota?

Eu respondi no mesmo tom.

— É obvio que não, mas eu mesma estive tentada a matar esse bastardo, e isso que não tenho o vínculo emocional que tem você com Amanda.

Arregalei os olhos.

— Matá-lo? Deus santo, doutora. De verdade sou um monstro?

Durante um segundo, a terapeuta que vive em mim tirou a cabeça à superfície surpreendida pela escolha das palavras de Noah. Mas voltei a ocultá-la e me concentrei na discussão em nossas mãos. Muito típico de mim querer me distanciar de um assunto pessoal ficando em modo doutora Riley.



— Não é um monstro, me acredite. Estive na cabeça desse homem, ele sim que é.

— Voltou a pôr sua vida em perigo por mim. — Noah descruzou os braços e passou uma mão pelo cabelo.

Supus que se referia a tudo sobre Karatos.

— Fiz porque pensei que era o melhor para todos.

É olhos negros se fixaram nos meus. Custou muito aguentar o olhar, e o motivo principal foi que eu não gostei do que vi refletido neles.

— O melhor para todos era não me contar isso.

— O melhor para todos era que eu me ocupasse do assunto. — Suspirei— Não quis dizer isso exatamente.

Noah negou com a cabeça e um amargo sorriso apareceu em seus lábios.

— Não se incomode. Já peguei.

Aproximei-me dele e pus uma mão no braço. Não me afastou, assim, interpretei como um bom sinal.

— Noah, não corri nenhum risco. Ninguém está ferido e não teremos que nos submeter ao interrogatório da polícia. Nesse momento me pareceu que era boa ideia.

Ele ficou me olhando um momento, e desta vez não me custou aguentar o olhar. Deixei que visse a sinceridade em meus olhos e confiei que se desse conta de que me importava muitíssimo, que nunca pretendi fazer mal.

Suspirou.

— Olha, acredito que, tendo em conta as extraordinárias circunstâncias que rodeiam nossa relação, fui foddidamente paciente e pormenorizado, mas se você for incapaz de ser sincera comigo, a verdade é que não vejo sentido.

Meu coração deu um salto. Essa frase soava como se estivéssemos terminando.

— Sou sincera com você.

Noah riu.

— Sempre que não ache que vou me converter em um psicopata assassino.

— Não acredito que vai se converter em um psicopata assassino.

Seu olhar me manteve fixa à parede.

— Mas estava com medo de que fosse acontecer.

Deus, não ia se dar por vencido. Suponho que mereci isso. Não me ocorreu pensar que ele pudesse ver desse modo. Somente me preocupei por que não queria perdê-lo. Mas Noah levou como um insulto.

— Sim, tive medo. — E por que se surpreendia tanto? Ele quem me disse que queria estar cinco minutos a sós com Durdan.

Vi que ficava tenso, que se aferrava a esse controle que tanto dava valor e que escolhia com cuidado os movimentos com cada passo que se afastava de mim.

— Não quero ter uma namorada que tenha medo de mim.

— Eu não tenho medo. Somente queria evitar que cometesse uma estupidez.

— Claro, porque as estupidez são suas. — Disse sem raiva, sem rancor, mas me afetou de



todo modo. Noah estava com os olhos brilhantes, inclusive úmidos, e soube que aquela discussão ia adquirir dimensões épicas.

— Vou trabalhar — disse em voz baixa— antes que digamos algo realmente horrível. Acha que bastará dez horas para decidir se pode me perdoar?

— A questão não é se posso ou não perdoar — respondeu no mesmo tom— A questão é se você quer ou não estar comigo. Acha que bastará dez horas para saber?

Antes que pudesse dizer algo mais, pegou a xícara de café, virou sobre seus calcanhares e retornou a seu quarto.

— Que tenha um bom dia no trabalho.

Bem, pensei, segurando minhas coisas e me dirigindo para a porta, como uma menina que chamaram ao escritório do diretor. Certo que ia ter um dia esplêndido.

CAPÍTULO 10

Fui ao trabalho me sentindo como um cão espancado. Sei que mereci o castigo. Sei. Mas isso não impedia de estar zangada com Noah. Eu já sabia que ele não ia ficar de joelhos e me dar obrigado por ter resolvido tudo sozinha. Já sabia que não ia felicitar-me por ter enfrentado sozinha um psicopata. Mas mentiria se não dissesse que uma parte de mim esperava que fizesse exatamente isso. Sentia-me culpada, mas ao mesmo tempo, não me arrependia do que fiz. E ele tampouco foi completamente sincero comigo, não?

Ah, as relações de casal. Por isso tive tão poucas, porque era péssima.

Bom, basta de lamentações. Se de verdade queríamos estar juntos, Noah e eu encontraríamos um modo de solucionar nossos problemas, e se não... bom, pois isso. Mas ficar ali sentada, perdendo tempo, não serviria de nada. Não ia permitir que a discussão estragasse todo o dia.

Uns minutos mais tarde, soou o telefone e deixei de lado o capuchino cheio de creme até a borda (aquele não era um dia para o leite desnatado) e o relatório que estava lendo para responder.

— Dawn Riley.

— Bom dia, Dawn Riley — me disse uma voz grave e familiar.

Sorri e meu humor melhorou grandemente.

— Antwoine!

Antwoine Jones e eu nos conhecemos pouco antes que Karatos começasse a se meter comigo. Era o único humano, além de Noah e de minha mãe, que sabia a verdade sobre mim. Sabia muito sobre o mundo dos sonhos, muito mais que eu. E a verdade é que não sei como teria derrotado Karatos sem ele.

— Menina, em que tipo de confusão se colocou desta vez?

Não fazia ideia de como sabia, mas às vezes tinha a sensação de que o bom de Antwoine me



conhecia melhor que eu mesma.

— Não sei do que está falando.

— Dizem por aí que a Guardiã a fez comparecer diante do Conselho.

—Vá? É um humano que proibiram de entrar no mundo dos sonhos, mas sabe mais do que deveria. E se nega a me contar de onde tira tanta informação.

— Assim é, mas estou bem. — Duvidei um segundo e terminei por acrescentar:

— Acredito.

Sua risada rouca me fez sorrir de novo, apesar de que me sentia como uma tola.

— Sabe o que? Conheço alguém que possivelmente poderia proporcionar informação útil sobre a senhorita Padera.

Antwoine sabia inclusive como se chamava a Guardiã.

— E quem é esse alguém?

— Madrene — respondeu em voz baixa.

Madrene era a súcubo que Antwoine se apaixonou. Fazia anos que não a via, desde que meu pai o expulsou do mundo dos sonhos. Ele possuía seu próprio canto ali; os humanos não podem sobreviver sem sonhar. Eu prometi a Antwoine que, em troca do muito que me ajudou, procuraria seu antigo amor. Mas de momento não o fiz.

Esse seria um bom momento para cumprir minha promessa. Corria o risco de que Morfeo se zangasse comigo, mas nem sequer meu pai podia negar que estava em dívida com Antwoine, assim, suponho que não incomodaria muito. Além disso, preferia que se zangasse comigo a descumprir uma promessa. E se Madrene podia me ajudar com a Guardiã, valia a pena que me arriscasse.

— Sinto — disse — Ultimamente estive muito preocupada. Começarei a procurá-la, de acordo? — Não sabia exatamente quando, mas seria logo. Essa noite precisava me concentrar em fazer as pazes com Noah — Amanhã.

— É uma boa garota, Dawn.

Não me sentia como se fosse.

— Guarde os cumpridos para quando ganhar isso.

Meu amigo riu.

— Enquanto esperamos, gostaria de almoçar comigo amanhã? Assim, poderá me contar em que confusões se meteu durante minha ausência.

— Pois demorarei um longo momento — respondi também com um sorriso — Convido você?

— Possivelmente.

Sabia que estava tirando sarro. Antwoine cortaria um braço antes de permitir que eu convidasse. Sua situação era cômoda e foi educado a antiga; nem sequer permitiria que cada qual pagasse o seu.

— Se for assim, esvaziarei minha agenda.

— Genial. Esperarei nesse restaurante tailandês que fomos à última vez. A uma.



Desliguei me sentindo de melhor humor que dez minutos antes. Estaria bem voltar a ver Antwoine, ele fazia mundo me parecer um lugar melhor.

Minha última consulta do dia chegou às quatro. Deandra, uma estudante de segundo ano de instituto, veio para ver-me porque sua mãe era uma velha amiga de Bonnie. O pai de Deandra morreu fazia sete meses e depois disso, sonhava com ele. O mais normal seria assumir que sua mente estava se despedindo de seu pai, mas dado que em todos os sonhos o pai dizia quanto desejava que voltassem a estar juntos, decidi enfocá-lo de uma perspectiva diferente.

O mundo dos sonhos está entre o mundo dos humanos e o reino da morte. No final, se recordarem as aulas de mitologia, já sabem que meu pai é o sobrinho da Morte. Não estou segura se são tio e sobrinho, ou primos, mas seja como for, minha teoria é que o pai de Deandra está preso no mundo dos sonhos e não pode seguir seu caminho. Igual a uma das sombras que havia na caverna de Hadria.

Também suspeito que, sem pretender, estava levando a sua filha ao suicídio, porque isso era o que Deandra acreditava que seu pai queria que fizesse. A convenci de que não era assim absolutamente, que ele, por mais vontade que tivesse de voltar a vê-la, nunca quereria que se machucasse.

Deandra se foi e me prometeu que não tentaria se suicidar, e que tampouco faria nenhuma das outras tolices que acreditava que seu pai pediu. Confiei em ter feito bem meu trabalho, porque se aquela garota se matasse, ia ter que tomar uma providencia muito rápido.

Apoiei-me no respaldo da cadeira e respirei fundo. Bonnie entraria de um momento a outro para me explicar as mudanças de última hora de minha agenda do dia seguinte, e para me perguntar como foi o trabalho. Mas por agora, estava sozinha e meus pensamentos me assaltaram como lobos famintos.

Ao pensar no pai de Deandra e no que diria se o visse, lembrei-me do que eu fiz a Durdan e isso me levou a pensar, indevidamente, em Jackey Jenkins. O que essa garota fez foi me envergonhar diante de todo o colégio ao assinalar meu jeans manchados de sangue pela menstruação. O que eu fiz para me vingar foi muito pior.

Não deveria ter tido a capacidade de fazer tanto mal. Uma menina de quinze anos não deveria ter ostentado esse poder. O dia que me vinguei, senti uma enorme satisfação, mas na atualidade só ficava um amargo sabor na boca e uns remorsos horríveis que me envergonhavam do mais profundo de minha alma.

Provavelmente poderia voltar a me colocar nos sonhos de Jackey e tentar de arrumar as coisas, mas não queria nem pensar que sonhos poderiam ter ela sobre mim. E não tinha nem ideia de como arrumar algo que estraguei treze anos atrás. Nem sequer sabia se podia. Algumas feridas são muito profundas para curar.

E, para ser sincera, deu muito medo de enfrentar às consequências do que fiz.

Exatamente às 5.15, Bonnie veio à porta e evitou que seguisse adiante com minha introspecção. Bonnie não esperou que dissesse que podia entrar, mas abriu assim que afastou os nódulos da madeira. Por isso eu fechava com ferrolho quando entrava no banheiro para abrir um portal.



— Deve estar esgotada — me disse, enquanto deixava um montão de relatórios na mesa— Hoje chegou antes que eu.

Sorri cansada enquanto ela agarrava os relatórios do dia que acabava. Graças a Bonnie, minha agenda sempre estava bem organizada. É um sol.

— Estou.

— Que pena. — Sorriu com malícia— Noah está aqui.

OH, merda. Não acreditei que voltaria a vê-lo tão cedo.

— Então suponho que será melhor que o atenda, não?

Ela não fez nenhum de seus típicos comentários picantes, mas se aproximou e me observou atentamente.

— Está bem, neném?

Assenti igual a uma menina de quinze anos a que sua mãe pegou fumando.

— Estou bem. Só cansada.

Bonnie tinha filhos, embora nunca diria, a julgar por sua figura, e era evidente que não acreditava em uma palavra do que eu disse, mas, por sorte, deu o assunto por resolvido.

— Está bem.

— Me dê um minuto — disse, quando parou junto à porta.

Minha amiga voltou a me olhar e viu mais do que eu queria que visse.

— Tenho que dar uma surra nesse menino?

Não pude evitar sorrir.

— Não, mas preciso fazer algo antes que entre. — E esse *algo* era me maquiar, me acalmar um pouco e reunir toda coragem que pudesse.

— Toca a campainha quando estiver preparada— me indicou.

Sabia que Bonnie não ia permitir que Noah entrasse em meu escritório antes de receber o sinal, embora demorasse dias.

— Precisa de algo mais?

— Não, obrigada.

Assim que fechou a porta, me levantei e fui ao banheiro. Precisava uns segundos para me serenar, e nada me dava mais coragem que ter bom aspecto. Pus também um pouco de perfume e de desodorante.

Ainda não acabei de me arrumar quando senti que o chão cedia sob meus pés. Não, melhor dizendo, o chão desapareceu sob meus pés e aterrissei no mundo dos sonhos sem nenhuma delicadeza e sem que ninguém me perguntasse se queria ir.

A Guardiã sorriu satisfeita, um sorriso largo que ia de orelha a orelha.

— Olá, Dawn. É incapaz de não entrar em confusões, não é assim?

Estava muito zangada para me assustar, embora provavelmente teria que ter me assustado. Nem sequer Morfeo me fazia aparecer sem minha permissão. Nem sequer sabia que isso fosse possível. Se Padera era tão poderosa, o melhor seria que não me colocasse com ela.

— O que quer? — perguntei.

Seu sorriso se alargou ainda mais. Era como uma mistura entre Nicole Kidman e Joker.



— Quero falar com você do que fez ontem à noite.

Estiquei as costas e fiquei em pé. Sabia que não ia intimidá-la, nem sequer me passou pela cabeça, mas tampouco iria mal me pôr a sua altura.

— Obrigado por se interessar por mim, mas agora mesmo estou um pouco ocupada.

Dei meia volta para ir. Podia fazer? E se a Guardiã me retivesse ali contra minha vontade?

Não tive tempo de descobrir.

— De verdade acreditou que podia manipular os sonhos de Phillip e sair assim?

Algo em seu tom me chamou a atenção. Dei meia volta muito devagar e deixei de pensar em minha vontade de ir.

— Não o machuquei.

— Poderia fazer.

— Mas não fiz. — Segurei o olhar sem me alterar.

Parecia, ela tinha vontade de jogar comigo.

— Não consigo entender como é possível que exista, e não sei como pode sobreviver todos estes anos. O que fez é mais um exemplo da perdição que vai trazer para nosso mundo. E seu pai está permitindo.

Perdição? Bonita palavra.

— É uma queixa o que estou ouvindo? — Mantive um tom de voz neutra— Qualquer um diria que é um desses imbecis que querem amargar a vida de meu pai. — Karatos me disse que havia súditos que estavam descontentamentos com seu reinado, quer dizer, que se incomodavam por que levou a minha mãe para viver com ele e que eu desse voltas por aí. Morfeo não fazia ideia de até onde se estendia esse círculo de traidores, nem tampouco sabia se devia leva-lo a sério.

A Guardiã encolheu os ombros.

— Eu nunca pretendi insinuar nada parecido.

— Genial, agora trata de salvar seu traseiro. — Sorri furiosa.

Padera fechou os olhos.

— Não é do meu traseiro que tem que se preocupar.

— Não me ameace se não for capaz de assumir as consequências. — De onde saiu tanta sacanagem?— E não me solte outra vez esse rol das leis. O que de verdade a assusta é que sabe que não podem aplicar nenhuma delas em mim, tem medo, porque não há normas que regulem o que eu posso fazer. — E essa era a pura verdade. Eu não havia transgredido nenhuma lei levando Noah ali, porque se supunha que era impossível que um humano entrasse fisicamente no mundo dos sonhos. Nem sequer meu pai podia fazer. E, por outro lado, todos os Pesadelos alteravam os sonhos dos sonhadores. Possivelmente eu interpretei alguma lei a minha maneira, mas não transgredi nenhuma.

— Que tenho medo? — Padera riu— Eu não tenho medo. Odeio você.

— Mas por quê? — De verdade queria saber— Porque sou meio humana? Ou porque acha estúpida a profecia que diz que vou destruir este mundo?

Ela endureceu o semblante.

— Antes que Morfeo trouxesse sua mãe aqui, havia paz e equilíbrio no reino. Tudo mudou



no dia que você nasceu. Há Cada vez mais humanos capazes de interagir conosco. O véu que separa nossos mundos está desaparecendo, e a destruição nos aproxima.

Genial. A Guardiã acreditava que ia destruir seu mundo. Pequena panaquice.

— Eu não pretendia que acontecesse nada disso.

— Mas é sua culpa.

Podia demonstrar?

— O Conselho não concorda.

— E como acha que reagirão quando se inteirarem de seu último numerosinho? Se não estou enganada, é a segunda vez que faz algo parecido. Claro que, nesta ocasião não passou nada. Sabia que essa pobre garota ainda tem pesadelos pelo que fez? Sua mente nunca se recuperou de tudo.

Não queria seguir escutando.

— Era uma menina. Não sabia o que fazia.

— E agora sabe?

Pegou-me.

— E o que vai fazer a respeito? — Podia me fazer algo? Se pudesse, não me levaria ao Conselho? Em troca, veio sozinha.

Voltou a sorrir daquele modo tão horripilante.

— Já fiz. Tornei a deixar Phillip tal como estava antes de sua visita. Não se lembra de nada.

Fechei os punhos.

— É uma puta estúpida! Deixou solto um violador só porque quer me contrariar? Seu sorriso perdeu um pouco de brilho.

— Liberei um sonhador de seus jogos mentais.

— E uma merda. Se de verdade fosse tão magnânima, faria o mesmo por Jackey há um montão de anos. Fez por rancor. Filha da puta.

Padera escureceu, foi como se convertesse em um negativo de uma fotografia, e depois se equilibrou sobre mim.

— Mestiça patética! Não merece ter tanto poder sobre nosso mundo! Jamais teria que ter existido!

Mestiça? Jamais teria que ter existido? Pus nas pontas dos pés para que nossos olhos ficassem à mesma altura e sorri com toda a frieza que pude.

— Mas fiz, tenho muito poder. Possivelmente você seja a líder dos Pesadelos, mas eu sou a filha de Morfeo, e me tratará como mereço ou juro que converterei sua vida em um inferno. — Supus que ainda ficava um pouco de escuridão dentro mim, porque em circunstâncias normais teria estado morta de medo.

— Como se atreve — sussurrou ela.

Fingi que ficava completamente atônita.

— Tem muito cara de pau, sabe? Consegui convencer um violador em série de que se entregasse à polícia e você vai e o libera como se não fosse nada. Suas mãos já estão manchadas com o sangue de sua próxima vítima.



A Guardiã zombou.

— Como sei que quando isso acontecer, você sofrerá mais que eu, me alegro.

Nesse instante poderia tê-la matado. Juro. Por Deus. Se tivesse o poder de desfazer uma criatura do mundo dos sonhos, teria feito sem duvidar um segundo. Mas por sorte para ela, meu pai era o único que podia fazer.

— E nem ocorra voltar a aproximar dele — me advertiu— Se a cheiro a um quilômetro de distância dos sonhos desse homem, a delatarei diante do Conselho e direi sobre a senhorita Jenkins. Certamente que então não confiarão tanto em sua inocência.

Fiquei a pensar que possivelmente valia a pena correr o risco, mas então Padera acrescentou:

— E quando tiverem desfeito você, quem cuidará de sua mãe enquanto seu pai estiver tratando de recuperar seu reino?

Joguei faíscas pelos olhos. Ia perder o controle de um momento a outro e arrancaria a jugular daquela harpia só para me dar satisfação.

Mas, de repente a Guardiã desapareceu. De tudo. Foi como se uma mão gigante me empurrasse sem nenhum reparo e me jogasse do mundo dos sonhos ao dos humanos. Inclusive caí no chão.

Estava em meu consultório. Sozinha. Padera me jogou como se fosse um montão de roupa suja.

Poderia dizer a Morfeo o que Padera me disse, mas então teria que contar o que eu fiz. Alguém tinha que adverti-lo de que a Guardiã formava parte do grupo de traidores que queriam destroná-lo. Devia encontrar o modo de preveni-lo. E no caso de que fosse necessário, contaria tudo.

Deus, o que acontece? Por que tenho tanto medo de ser sincera com os homens de minha vida?

A raiva foi dissipando e me sentei na poltrona que utilizava quando recebia visitas e enterrei o rosto entre as mãos. Essa puta liberou Phillip. Não ia confessar. Já não podia fazer nada a respeito.

Como ia dizer a Noah que meu plano fracassou? Como poderia voltar a olhar Amanda nos olhos sabendo que errei a esse ponto?

Deixei que a maldade de Phillip e de sua mãe me envolvessem como se fosse papel transparente. Deixei que minha própria escuridão saísse à superfície e tomasse o comando. Briguei com Noah para nada.

Eu gostaria de poder dizer que foi essa escuridão que me fez desejar poder me vingar da Guardiã, mas não foi. Era eu pura e sinceramente a que queria vingança. Essa puta e eu tínhamos assuntos pendentes e algum dia resolveria.

No mundo dos sonhos, o tempo passava em diferente velocidade, assim quando chamei Bonnie para dizer que Noah podia entrar só passaram uns minutos.



Retoquei a maquiagem, o bastante para que não notasse nas bochechas minha discussão com a Guardiã, e quando Noah entrou consegui que meus joelhos deixassem de tremer.

Ele provavelmente veio de uma reunião ou algo do estilo, porque usava camisa branca, jaqueta negra e jeans com as botas recém-lustradas e o cabelo estudadamente despenteado. Estava muito bonito. Dava vontade de comer.

Me obriguei a sorrir e me pus em pé ao ver que fechava a porta.

— Está muito elegante. — A arte da conversa não tem segredos para mim!

— Tive uma reunião com o proprietário de uma galeria — me disse — Está ocupada?

— Não, já terminei por hoje. — Ficamos ali de pé, nos olhando — Segue zangado comigo?

— Um pouco — respondeu com um ligeiro sorriso. Passou a mão pelo cabelo — pensei que possivelmente gostaria de sair. Faz tempo que não vamos a nenhum lugar.

Bom, aquilo era bom sinal, assim supus que não ia acabar comigo.

— Eu gostaria muito — respondi —. Mas antes tenho que dizer uma coisa.

Noah franziu a testa, preocupado.

— De acordo. O que? — Era um homem econômico nas palavras.

Aproximei-me dele. A princípio, só pretendia que não estivéssemos tão separados, mas de algum modo terminei em seus braços. Não sei qual dos dois se moveu primeiro.

— Sinto não ter dito que vi Durdan. Estava certo. Estraguei tudo.

Noah ficou muito quieto, mas seus braços me estreitaram com força.

— Sim, estragou. Mas nada disto teria acontecido se eu tivesse contado o que Amanda disse.

Levantei o queixo e me obriguei a olhá-lo nos olhos. Voltei a ter a tentação de esconder o que me aconteceu, mas resisti. Essa vez ia contar toda a verdade.

— Não, o que quero dizer é que estraguei até o fundo. A Guardiã descobriu o que fiz a Durdan e mudou o processo. Não vai confessar. — Estava a ponto de chorar. Sentia-me como uma merda e não queria que Noah estivesse zangado comigo. Além disso, estava muito cansada — Eu sinto muito.

— Você sente? — Segurou o rosto com uma mão e levantou o queixo com dedos surpreendentemente ternos — Dawn, você não tem nada do que se desculpar.

Podia imaginar o mau aspecto que tinha com o rosto naquele ângulo.

— Mas eu queria ajudar Amanda, e agora esse tipo ficará livre, a não ser que a polícia encontre uma pista.

Noah estava rindo?

— Doutora, ninguém ajudou tanto Amanda quanto você.

Soltou-me o rosto.

— Não está zangado?

Ele negou com a cabeça.

— Porque quis ajudar Amanda? Não. Porque parece estar obcecada se colocando em confusões? Não tem por que correr tantos riscos.

Não podia acreditar o que estava ouvindo.

— Se eu não fizer, quem fará?



— Tudo terminou doutora. Encontrei um dos cartões de visita de Durdan e chamei à polícia. contei da boneca. E contei tudo.

Levantei as sobrancelhas até o cabelo.

— Tudo?

Noah riu.

— Possivelmente tudo não, mas o suficiente para que achem que valha a pena investigar Durdan.

Enjoei de alívio. A intervenção da Guardiã não teve consequências. E o que eu fiz não serviu de nada. Primeiro ponto para os humanos.

— Graças a Deus — murmurei. Quando a polícia revistasse a oficina de Durdan encontrariam todas as provas que precisavam. Com certeza que sim.

— Assim... — disse Noah me dando um último empurrão antes de me soltar— gostaria de ir jantar algo e retornar logo a meu apartamento para que possamos fazer as pazes como é devido?

Gostaria muitíssimo. Peguei o casaco e a bolsa e apaguei a luz antes de fechar a porta do escritório. Não havia ninguém mais, assim conectei o alarme — o serviço de limpeza sabia o código— e fomos dali.

Fazia uma noite fresca, mas agradável. Odiava que escurecesse tão logo. Sentia falta dos dias longos do verão. Dentro em pouco seria de noite às quatro. Merda. Embora, para falar a verdade, no inverno tenho mais pacientes. Nunca falha. Toda essa escuridão e esse frio, junto com as férias de Natal, fazem que muitas pessoas se deprimam. Suponho que teria que gostar da chegada do inverno.

O consultório está na Madison entre a rua Quarenta e dois e a Quarenta e três, o que significa que a essa hora do dia há muitos transeuntes. Muitas pessoas se dirigem à estação Grand Central para pegar o trem, ou um dos muitos ônibus que param nas ruas contíguas. Por sorte, eu vivo muito perto, em direção ao sudeste, no Murray Hill; e não tenho que pegar o metro a não ser que faça um dia de cão.

Caminhamos pela Quarenta e três em direção à Quinta Avenida seguros pela mão, contando como foi nosso dia. Foi como se não passasse nada errado entre os dois, embora eu sabia que, quando chegássemos ao apartamento de Noah, voltaríamos a falar do assunto. Ainda tínhamos muito do que falar, e do que nos desculpar.

Estava muito contente de que outra galeria se interessou por seus quadros. Apesar de que não estávamos juntos há muito tempo, sentia-me muito orgulhosa de seu trabalho e do êxito que estava tendo.

E era toda uma honra que me escolhesse como motivo de uma de suas pinturas. Como Pesadelo eu quase parecia um anjo sustentando a aquele homem adormecido em meus braços. O homem era Noah. O dia que me mostrou o quadro pela primeira vez, foi quando me disse que sabia o que eu era na realidade.

Tinha graça, Karatos foi horrível, mas se não tivesse sido por ele, provavelmente Noah e eu não estaríamos juntos. Entendem agora o que quero dizer quando digo que das más experiências sempre se tira algo bom? Eu poderia escrever um livro sobre isso. Possivelmente chegasse a



preparar NYT e me converteria em uma estrela. Iria ao programa de Oprah e não teria que voltar a me preocupar se teria ou não clientes.

Bem, uma garota pode sonhar, não?

Estávamos saindo de um Starbucks com cafés quentes na mão quando o celular de Noah tocou. Olhou o número antes de atender. Não acredito que atenderia a ligação se não pensasse que podia ser importante.

— Olá, Mandy.

Amanda. Sim, definitivamente era importante. Bebi meu café e o observei com a extremidade do olho enquanto falava.

— O que? Ah, sim, está comigo. Espera um segundo. — voltou-se para mim— Amanda quer saber se gostaria de ir tomar algo com ela.

— Claro. — Das duas uma, ou queria celebrar algo, ou queria companhia— O que acontece?

Noah levantou o copo com o café para me indicar que me esperasse, e voltou a falar no telefone.

— Ouviu? Sim, nos reuniremos com você ali. Adeus. — Fechou o telefone e o guardou no bolso.

— O que acontece? Amanda está bem?

Noah enrugou sua dourada e lisa testa.

— Não estou certo. Parecia estranha.

— Espero que a polícia não deixe Durdan escapar. — Não precisava que ele dissesse que desejava o mesmo. Percorremos o resto do caminho tensos e em silêncio. Quando chegamos ao hotel onde Amanda nos chamou, ela já nos estava esperando.

Levantou o olhar ao nos ver entrar e seu olhar foi de mim a Noah. E logo começou a chorar.

E a rir.

— Prenderam-no — disse, ficando em pé. Escorregavam lágrimas pelas bochechas e ria de puro alívio— Eu identifiquei em uma roda de reconhecimento e o prenderam.

Abraçou-me primeiro e eu devolvi o abraço com tanta força que quase quebro as costas dela. Acredito que possivelmente até demos alguns saltos, mas não estou segura.

— Vamos celebrar — disse, quando nos soltamos era a vez de Noah. Olhei para ver se parecia bem, e ele assentiu— Amanda vem jantar conosco.

Ela se separou de Noah e vi que nos olhava com estranho acanhamento.

— Eu adoraria, mas não posso. Já tenho planos. — Olhou-o um instante— Vou com Warren a um restaurante italiano.

Aquilo sim que era uma surpresa! Noah e eu nos olhamos.

— Genial — a animei eu — o cumprimente de nossa parte.

Ela disse que o faria e nos despedimos. A acompanhamos à rua e esperamos que pegasse um táxi, e logo decidimos ir até o bairro coreano para jantar em um pequeno restaurante vietnamita no que serviam um pho muito bom.

— Certo que se sente muito satisfeito de você mesmo — disse a Noah enquanto caminhávamos um ao lado do outro— Sua ligação à polícia surtiu efeito.



Ele me mediu com o olhar.

— Está esperando que diga *eu disse*?

— Teria todo o direito do mundo de fazer — eu reconheci um pouco envergonhada.

— Eu gosto mais que você diga — respondeu, tirando importância ao assunto. E logo sorriu— Vamos jantar. Celebremos. Conversaremos depois.

Me parecia um bom plano. Alguns minutos mais tarde, estávamos sentados em uma mesa no restaurante. Esperei que nos trouxessem o aperitivo antes de falar outro assunto difícil.

— Assim, Warren né?

Noah riu e agarrei um rolinho primavera com os palitos.

— Estava me perguntando quanto demoraria em mencionar. — colocou o rolinho na boca, mastigou e engoliu— Meu irmão sempre gostou de Amanda.

— E não se importa? — Molhei meu rolinho no molho picante— Suponho que não se pode dizer que estejam saindo. Quero dizer, ela ainda está se recuperando.

Noah me interrompeu.

— Não me importa. — Disse como um homem que de verdade não se importava. Não estava absolutamente ciumento— Fazem muito melhor casal do que Amanda e eu jamais fizemos. Warren cuidará muito bem dela, e agora mesmo, só está sendo seu amigo, que é exatamente o que Amanda precisa.

Isso sim que não podia discutir. Levantei os palitos, com o molho cobrindo meu prezado tesouro para fazer um brinde.

— Pelos descobrimentos e os novos romances.

Noah bateu seu rolinho contra o meu. Nossos olhares se encontraram e soube que ia acrescentar algo mais.

— E para que se mantenha afastada da Guardiã.

Coloquei a comida na boca para evitar falar, e por exemplo, prometer algo que possivelmente não poderia cumprir.

CAPÍTULO 11

Antwoine Jones é um pouco mais baixinho que eu e tão magro que alguém erroneamente poderia descrevê-lo como frágil, quando na realidade é justamente o contrário. Tinha o cabelo negro, mas agora está se enchendo de branco, e possui um olhar muito ardiloso. Tem um ar de Morgan Freeman, ou Will Smith dentro de vinte anos.

É um dos poucos humanos que se colocou contra meu pai. Eu estou convencida de que Antwoine é uma dessas anomalias que foram aparecendo desde meu nascimento. Há humanos muito poderosos dentro do mundo dos sonhos, como, por exemplo, Noah.

O que aconteceu foi que, quando Antwoine se apaixonou por uma súcubo, tentou matar Morfeo, que o expulsou do mundo dos sonhos e proibiu que passasse de um determinado canto



por ter causado tantos problemas.

O rosto de Antwoine se iluminou a me ver, e eu sabia que refleti o mesmo. Fazia muito tempo que não o via, apesar de que quase acabávamos de nos conhecer. O dia que ele me viu pela primeira vez, soube imediatamente que era um Pesadelo, e isso que meus irmãos nunca se deram conta de que não era como eles.

— Querida, é um presente para o olhar — disse ao me abraçar, e riu.

Eu também ri.

— Diz frases de velho.

Antwoine me soltou.

— Há dias em que me sinto como um ancião.

Sentamo-nos à mesa e apareceu um garçom com o cardápio e um pouco de água. não precisávamos do cardápio. Eu queria pad thai com camarões-rosa e Antwoine com frango. Conversamos relaxadamente, até que nos trouxeram a comida e estivemos certos de que não voltariam a nos interromper.

— Embora a julguei errado, tenho o pressentimento de que há algo que não está me contando. — Antwoine enrolou o macarrão ao redor de seu garfo, como se estivesse comendo espaguete— O que se passa, pequena Dawn?

Contei tudo o que aconteceu da última vez que falamos; o bate-papo que mantive com Hadria, como convenci Durdan para que confessasse, e a intromissão da Guardiã.

Ele me observou por cima do prato, com o macarrão escorrendo do garfo que tinha a meio caminho da boca.

— Vejo que sua vida nunca é aborrecida.

Ri, e por um momento fingi que as coisas não eram tão graves como pareciam.

— Só queria te advertir de que ser meu amigo possivelmente não seja o melhor para você, ou para Madrene.

Antwoine não pareceu se preocupar com minha advertência; colocou o garfo na boca e começou a mastigar.

— Não se preocupe por mim nem por ela. A Guardiã não é nenhuma ameaça para nós.

Arqueei uma sobrancelha.

— Parece estar muito certo disso. — Odiava ter que reconhecê-lo, mas por um segundo, a confiança que sentia por Antwoine fraquejou um pouco, e tive a sensação de que estava ocultando algo.

Ele limpou os lábios com um guardanapo de papel e bebeu um pouco de água.

— Estou. A Guardiã só nos faria algo se quebrantássemos uma de suas preciosas leis. E como nem Madrene nem eu somos Pesadelos, não entramos em sua jurisdição.

certo. Não precisava ficar paranoica. Se eu tivesse tido a sorte de nascer súcubo, essa puta tampouco poderia me fazer nada. Ou possivelmente sim, por tudo isso da profecia.

Profecia. Ouviu alguma vez algo tão estúpido? E pensar que havia um montão de gente que acreditava! Sério, acaso não aprenderam nada de Nostradamus? As profecias estão abertas a milhares de interpretações.



— E o que? — prosseguiu Antwoine fixando um pouco de frango e sorrindo a mim— Vai se arriscar provocar a ira do rei só para reunir dois velhos amantes?

— Prometi que faria, e eu cumpro minhas promessas. Ao menos as que não implicam piorar as coisas.

— Não precisa se colocar em mais confusões só porque me fez uma promessa.

— Você não sabe o que eu necessito, ancião. — Quis fazer uma piada, mas soou um pouco estranho.

Ele me olhou feio, mas não voltou a falar do assunto.

Comemos em silencio durante um momento, até que não pude evitar fazer uma pergunta.

— Antwoine?

Ele levantou o olhar e vi tanta amabilidade em seus olhos castanhos que relaxei um pouco.

— O que?

— Lembra-se do dia que nos conhecemos no supermercado?

Antwoine riu.

— Achou que eu era um velho louco e foi tão rápido que se esqueceu do troco.

Sorri.

— E você comprou um chá gelado com esse dinheiro.

Meu amigo assentiu sem deixar de sorrir.

— Sim, é verdade. Por que pergunta?

Movi o garfo por entre os camarões-rosa e o macarrão que estava no prato.

— Como soube que era um Pesadelo?

O sorriso se desvaneceu de seu rosto. Inclusive seus olhos perderam um pouco de brilho.

— Não sei. Simplesmente soube, igual soube o que Madrene era a primeira vez que a vi. Suponho que tenho um dom.

Obriguei-me a sorrir e a esconder como estava decepcionada de que não pudesse me dar outra explicação. Mas então, Antwoine me deu o golpe de graça.

— Mas você é muito mais que um Pesadelo, Dawn.

Fiquei gelada, e de repente perdi o apetite.

— O que sou?

E nesse instante o vi negar com a cabeça com tal expressão de assombro e desconcerto que me senti incômoda.

— Não tenho nem ideia, pequena. Não tenho nem ideia.

— Há algo que queira me contar? — perguntou-me Noah essa mesma noite, mais tarde, enquanto estávamos sentados em meu sofá, vendo um capítulo do Firefly. Comprei a temporada inteira e também o filme. José Whedon é um gênio com os diálogos e criando personagens.

Engasguei com uma pipoca. Era Tão transparente ? Bebi um pouco de Dr. Pepper light antes de responder. Ainda tinha lágrimas nos olhos quando me volvei para ele.

— Por que acha que estou escondendo algo?



— Porque está muito calada. — Foi o único que disse.

Arqueei uma sobancelha.

— E isso é ruim? — Provavelmente não falaria muito mais.

— É estranho. — me dei conta de que Noah não me disse que falasse muito.

Vamos por partes.

— Você está chateado que não sou de tudo humana?

— Nunca dei muita importância — respondeu, encolhendo os ombros.

— Mas se desse, você se chatearia?

Ele apertou o botão de pausa do controle remoto e congelou Nathan Fillion no meio frase.

Virou todo o corpo, até ficar completamente voltado para mim.

— Parece que você sim.

Um segundo, era eu a que estava fazendo as perguntas.

— Bom, a verdade é que sim. Não te incomodaria não saber o que é exatamente?

Noah inclinou a cabeça e esboçou um leve sorriso. Estava tão bonito reclinado naquelas almofadas marrons...

— Você é quem é doutora.

Eu não achei engraçado.

— Esquece que perguntei isso. É evidente que o fato de que seja um inseto estranho não importa. — Cruzei os braços sobre o peito e me sentei encolhida, me sentindo como uma idiota.

Ele levantou a mão e me colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Por que tudo isto?

— Antwoine não sabe o que sou. — Assim que as palavras saíram de minha boca, já não pude voltar atrás. Teria gostado de seguir um momento mais. Me dava muito bem fazer, em especial quando sabia que estavam zombando de mim.

Noah me olhou confuso.

— E?

Suspirei.

— Parece, Antwoine tem um dom para saber a que espécie pertencem às criaturas do mundo dos sonhos.

— Mas quando te conheceu disse que era um Pesadelo.

— Pelo visto sou algo mais. — me deem alguns minutos e sentirei tanta pena de mim mesma que organizarei um funeral em minha honra.

— E isso a surpreende?

— Sim. — Mais ou menos — A você não? — Não parecia que o surpreendesse o mínimo.

— É a filha de um deus, sua única filha meio humana. Sua mera existência já é por si um milagre. Por que se importa tanto ser algo que até agora alguma vez existiu?

Dito dessa maneira parecia tão simples e tão... correto. Eu não era um inseto estranho, era especial.

— Talvez, somente queira ser normal.

Ele riu.



— Sim, certo.

Abri a boca, mas não saiu nada dela. Noah não estava rindo de mim com malícia, mas estava claro que me via de um modo muito diferente ao que eu me via.

— Se quisesse ser normal — me disse, sorrindo para tirar intensidade à crítica— não se dedicaria ao que se dedica. Se você não gostasse de ser diferente, a possibilidade de que possam te desfazer não te daria tanto medo.

— Se me desfizerem, mudarei — protestei— Já não serei eu.

Ele sorriu satisfeito consigo mesmo e me dava conta de que cai em sua armadilha.

— Exatamente.

Visto que não podia seguir discutindo, voltei a fazer bico.

— Então, suponho que não o incomoda.

Noah deixou de sorrir, mas seus olhos continuavam brilhando quando me pegou pelos braços e os separou do peito. Logo entrelaçou suas mãos com as minhas.

— Você é única. Há dias que eu gosto muito, e outros em que nem tanto, mas eu gosto de você, doutora. Não me importa se Antwoine não sabe o que é, eu sim sei.

Isso era provavelmente o mais bonito que já me haviam dito, e morri de vergonha quando os olhos me encheram de lágrimas.

— OH. — Não opus nenhum tipo de resistência quando me abraçou e me beijou. Suspirei e me rendi à doçura de seus lábios.

Tampouco protestei quando Noah saltou entre os almofadões do sofá. De fato, puxei sua camiseta até que não teve mais remédio que deixar de me beijar para poder tirar. A minha seguiu o mesmo caminho, igual ao resto da roupa, e logo estivemos pele com pele e ele dentro de mim. Nossas respirações se misturaram enquanto nossos corpos se moviam juntos. Me aferrei a seus ombros e notei como seus músculos se estremeciam sob meus dedos com a última investida. Gritei como uma louca ao alcançar o orgasmo, e ele se esticou em cima de mim e gemeu contra meu pescoço.

E durante esse instante, minha vida foi perfeita.

Antes que pudesse ir em busca de Madrene, passei um pouco de tempo com Verek e Hadria. A sacerdotisa requereu minha presença assim que cheguei ao mundo dos sonhos. No final, Noah e eu fomos à cama e, embora não quisesse deixá-lo sozinho, tampouco queria ficar como uma mal-educada com a única pessoa que parecia estar de meu lado, excetuando meu pai, claro. Assim, quando a carruagem de Hadria veio me buscar, entrei nela. Chegamos à caverna das sombras em questão de minutos, e ali a sacerdotisa me disse que queria observar um de meus treinamentos com Verek, para assim poder me dar alguns conselhos.

Evidentemente, aceitei, embora a verdade era que não tive escolha.

— Hadria — disse ao me dar conta de que bem podia aproveitar a situação.

— Sim? — respondeu-me aquela mulher tão alta e estranha.

Olhei Verek, mas vi que estava mais interessado de observar as sombras que se moviam no



muro que de me escutar a mim.

— Eu não sou só um Pesadelo, verdade?

Apesar de que Noah insistia em que ele já sabia o que era e dava igual, não aceitava isso. E sentia a necessidade inexplicável de descobrir a mim mesma. Desde Jackey Jenkins não podia me tirar de cima à sensação de que não sabia exatamente do que era capaz.

Hadria me olhou confusa. Recordou a um gato do Himalaia que tive quando pequena, todo ele eram olhos.

— Não, não é só um Pesadelo.

Sorri e inclinei a cabeça.

— Pode me dizer que diabos sou? — Tinha que procurar não fazer birra na presença de outros adultos.

Hadria deixou na mesa uma bandeja que não prestei atenção que levasse. Continha fruta e queijos.

— É um pouco de tudo. Tem algo de todas as criaturas deste mundo, e muito mais.

E então deu meia volta e flutuou para uma porta que eu não vi até esse momento.

— Obrigado por esclarecer — murmurei.

Ouvi que alguém ria atrás de mim, e quando me virei, vi Verek me observando.

— O que acontece? — perguntei com a testa franzida.

O bonito guardião se limitou a negar com a cabeça.

— Nada. Ah, me esquecia, hoje vamos voltar a praticar com a névoa.

— Não. — Movi a cabeça com tanta força que quase enjoo— Nem pensar.

Ele não deixou de me sorrir.

— Foi ideia de Hadria.

Cretino. Verek sabia que agora não tinha escapatória.

— Dawn. — Hadria reapareceu na sala com outra bandeja de comida— Me engano ao assumir que ainda não recebeu sua marca?

Arqueei ambas as sobrancelhas.

— Não tenho nem ideia de que fala.

Voltou a me sorrir pormenorizada.

— Se a tivesse recebido saberia. Quando abrir seu interior, desenvolver todo seu potencial e aceitar quem é, receberá sua marca, um talismã que simboliza seu destino.

Fixei o olhar na tatuagem em seu peito.

— Essa é a sua?

A mulher continuava sorrindo — que surpresa— e com os dedos acariciou o desenho da aranha.

— Sim. Simboliza Ama, e proclama que sou a mais alta sacerdotisa de seu templo.

Assim Hadria não era uma sacerdotisa qualquer, a não ser a Grande Poohbah³. Genial. Voltei-me para Verek.

³ É um título dado a alguém que detém uma posição exaltada.



— Onde tem a sua?

Ele me sorriu e se baixou a cintura da calça para me mostrar uma pequena adaga tatuada em cima do quadril direito. Verek era musculoso inclusive ali, e pareciam folhas afiadas fixadas a ambos os lados de seu abdômen. Tenho que reconhecer, embora nunca diria em voz alta, que me aguou a boca ao vê-lo. E ruborizei. Certo que isso era exatamente o que ele pretendia.

— A adaga é a marca dos Pesadelos — me explicou Hadria, ao que parecia, não se afetou ao ver Verek.

— Eu também terei uma adaga? — Deus, confiava em que não me tatuassem nos abdominais; são um pouco moles.

— Possivelmente — disse a torre humana, sem dar importância— Ou talvez apareça outra marca. Quando fizer, compreenderá de onde provêm seus poderes.

— Há gente que tem que esperar muito tempo para receber sua marca — acrescentou Verek, me olhando de uma maneira que fez que ruborizasse ainda mais, mas desta vez foi porque me envergonhava que detectasse minhas inseguranças com tanta facilidade— Não se preocupe se demorar um pouco, seria normal. No final, você tem muitos poderes.

Disse como se fosse algo bom, e acredito que esse foi o momento exato em que Verek e eu ficamos amigos, ao menos no que se referia a mim. Por isso sequei as palmas das mãos nas calças e me pus em pé.

— Está bem, vamos treinar.

Verek me sorriu com tanto orgulho, que tive que afastar o olhar. Acredito que me sentia mais cômoda quando me provocava. De todos os modos, seu sorriso me reconfortou, coisa que precisava ao ver que uma sombra subindo pela parede até chegar ao teto. Parecia, o mascote de Hadria tampouco gostava da névoa.

Tanto o Pesadelo como a sacerdotisa se aproximaram de mim e me flanquearam ao mesmo tempo em que agarravam uma mão cada um.

— O que estão fazendo? — perguntei, deixando que entrelaçassem seus dedos com meus.

— Lição número um — disse Verek me olhando— nos leve para a névoa.

Olhei atônita.

— Não posso.

— Sim pode. — Apertou-me os dedos— É idêntico ao que faz para abrir um portal. Pensa em onde quer ir e nos leve até ali.

Sim, é obvio que queria aprender a teletransportar, mas acreditava que antes alguém me contaria como fazer, e não que me lançariam à arena, assim sem mais. Aquilo sim que era trabalhar sob pressão. Não queria ficar como uma idiota diante da Hadria, mas seria mil vezes pior se não tentasse.

Respirei fundo e rezei por não ter as mãos muito suadas. Fechei os olhos. Pensei nos lugares onde estava acostumado a ter névoa e decidi que o mais certo era a grade do palácio. Era onde podia visualizá-la com mais clareza.

Esvaziei a mente, e abandonei o medo e as dúvidas. Não foi fácil, mas consegui. E quando acreditei estar preparada, expulsei o ar dos pulmões e me segurei com força às mãos de meus



companheiros de viagem, me concentrando aonde queria ir. Uma suave brisa me despenteou, e quando abri os olhos estavam diante da grade de cobre e marfim.

— Excelente — disse Hadria ao me soltar à mão— Verdadeiramente admirável, Dawn.

Tratei de fingir que não me afetavam seus elogios, mas como sorria como uma idiota, não consegui.

— Obrigada.

Inclusive Verek parecia impressionado comigo, e então me dei conta de que fiz algo que Hadria não podia fazer. Algo que possivelmente inclusive Verek não pudesse fazer. Genial.

Mas, como de costume, minha felicidade foi efêmera e em seguida apareceu à névoa, comportando-se como uma matilha de cachorrinhos atordoados. Virtualmente pulou com Verek e Hadria, e tive a sensação de que fazia uma careta de asco quando seus milhares de olhos se deram conta de que eu também estava ali.

Era muito estranho. Na aparência, era névoa normal, possivelmente um pouco mais espessa, mas não parecia perigosa. Suponho que não se importam que diga que as aparências enganam, não?

Possivelmente fosse minha imaginação, mas a sensação era de que podia ouvi-la sussurrar à medida que ia aproximando-se de mim, deslizando pelo caminho. Fiquei quieta e a deixei que me tocasse. Tratei de respirar tranquila. Verek e Hadria me observavam. Meu rude treinador particular me olhava esperançoso, e vi que estava quase tão nervoso como eu.

— Monstro — sussurrou a névoa— Desconhecida.

Rodeou-me as pernas. Podia senti-la por cima dos jeans, mas segui imóvel; não me movi nem sequer quando notei que me fixava uma garra na mão.

— Deixa de fazer isso — disse com suavidade— Não sou nenhuma ameaça. — Não ia permitir que suas palavras me afetassem. Já as ouvi antes.

— Ameaça — repetiu uma voz que era como se sussurrassem mil meninos juntos.

— Não sou nenhuma ameaça — repeti. Tentei manter a respiração sossegada, acalmar os batimentos de meu coração, mas este retumbava nas costelas igual a uma bateria em um clube de jazz.

A névoa foi subindo por todo o corpo, me mordendo e me arranhando no caminho. Estiquei assim que chegou ao rosto. Mas não podia perder o controle, não podia me zangar por mais vontade que tivesse de pegar minha adaga marae e cortar aquela condenada bastarda feita de fumaça.

Dedos gelados se colocaram entre meu cabelo e puxaram com tanta força que os olhos me encheram de lágrimas.

— Para — pedi, apertando os dentes.

Estava rindo de mim? Fiquei furiosa, mas apertei a mandíbula e não disse nenhuma palavra. Minha raiva e meu medo só serviriam para dar a razão a ela, para que estivesse mais convencida de que era sua inimiga.

Mas quando arranhou a bochecha e me fez três cortes tão profundos que começaram a sangrar, gritei. O que fez que a ferida doesse muito mais. O rosto queimava e o sangue



escorregava pela mandíbula e o pescoço. Assim que o veneno entrou no corpo, caí de joelhos e tratei de recuperar o fôlego enquanto ela se abatia sobre mim me arranhando e me mordendo como se fosse uma manada de leões famintos. Não podia respirar de tão forte que me apertava entre suas garras, tanto que temi que me quebrasse uma costela.

Fisicamente, já não podia mais, mas quando tratei de respirar, coloquei-me dentro da névoa com minha mente. Não tinha intenção de fazer mal, só queria demonstrar que eu não era nenhuma ameaça para ela. Toquei algo. Foi como se a bruma deslizesse sob minha pele e se convertesse em parte de mim.

E então desapareceu e me vi caída no chão, com Hadria e Verek ajoelhados a meu lado. Verek estava furioso e preocupado ao mesmo tempo, mas a sacerdotisa estava tão tranquila como sempre. Concentrei-me primeiro nela.

Dedos longos e frios me tocaram a testa.

— Se cure Dawn — me pediu com voz serena — Eu a ajudarei.

E começou a cantar em uma língua antiga que reconheci, mas que não entendia. Era a língua dos oniros⁴, um dialeto mais antigo que a humanidade. O ritmo de sua voz me deu algo no que me concentrar enquanto tratava de curar meu corpo. A primeira vez que a névoa me envenenou, Morfeo teve que utilizar um unguento especial para neutralizar o veneno, mas agora que sabia o que precisava, podia fazer aparecer esse remédio eu mesma.

Quando abri os olhos, voltava a estar outra vez bem, e a única coisa que lembrava o ataque era a ardência que sentia em algumas parte do corpo.

— Suficiente por hoje? — perguntei antipática.

Hadria me ajudou a me pôr em pé, e Verek me observou de perto. Ela riu.

— Acredito que sim. Conquistará à névoa, Dawn, mas deixa que diga o resto de suas habilidades muito me impressionaram.

— Obrigado.

Oxalá tivesse sido sincera. Peguei uma mão de Hadria e Verek o segurei pelo braço, e sem dizer uma palavra fechei os olhos e imaginei os três na caverna da sacerdotisa onde aquele montão de comida estava esperando. Precisava comer. E precisava estar o mais longe possível daquela ditosa bruma.

Verek puxou a cadeira e, ao me sentar, agradei por aquela amostra de cavalheirismo. Deus, estava tão cansada, sentia-me como se me dessem seis surras seguidas. Assim, me surpreendi um pouco quando ele se agachou e me sussurrou ao ouvido:

— Fez muito bem, princesa.

Peguei um pedaço de queijo.

— Sim.

⁴ Na mitologia grega, os Oniros (em grego "Ονειροι", "sueños") eram as mil personificações dos sonhos. Hesíodo os considera filhos de Nix (a Noite) sem intervenção masculina, outros autores consideram Érebo (a Escuridão) seu pai. Eurípides os considerava filhos de Gaia (a Terra) e os concebia como daimones de asas negras. Ovídio, os considera filhos de Hipnos (o Sono), e menciona a três por seus nomes: Morfeu (o mais célebre e considerados por alguns, chefe dos oniros), Ícelos ou Fobetor e Fantasos.



Assim que recuperei as forças, deixei meus treinadores e segui com meus planos para aquela noite: encontrar Madrene. O que de verdade queria fazer era sair dali a toda velocidade e me colocar na cama como uma pessoa normal, e dormir aconchegada junto a meu namorado. Mas isso teria que esperar.

Alguma vez voltaria a ter uma noite normal? Fazer uma visita ao reino dos sonhos equivalia a passar uma noite adormecida em uma cama de dois por dois. O único que eu queria era dormir e sonhar como o resto dos humanos. Não me importaria cair por um precipício, nem imaginar que estava nua, sempre e quando acontecesse só em sonhos.

Mas isso também teria que esperar. Não muito, esperava. Assim que encontrasse Madrene, retornaria à cama e não despertaria até que tocasse o despertador.

Em teoria, não deveria ser muito difícil. Somente precisava procurar a súcubo e me assegurar de que possuía tanta vontade de ver Antwoine como ele a ela. Se não tivesse, não diria a meu amigo que a mulher que amava o rechaçou.

Não fazia nem ideia do que faziam as súcubos para passar o tempo, exceto que enchiam de sexo os sonhos dos homens. E dado que nem louca queria aparecer em um desses sonhos, procedi a procurá-la com muita cautela.

Teria que ter feito antes. Fui muito desconsiderada ao não cumprir antes a promessa que fiz a Antwoine.

Concentrei-me em procurar um grupo de súcubos em geral em vez de uma em concreto; porque, para ser sincera, não fazia ideia de como procurar alguém que não conhecia. Mas de pequena vi um bordel e, embora tivesse uma lembrança imprecisa, era o bastante confiável para ir até ali. Os incubos viviam com as súcubos, por isso pensei que, tendo em conta a natureza sexual de ambas as espécies, em suas casas as festas deviam ser puras orgias.

Que sentido tinham exatamente os sonhos dessas criaturas? As súcubos e incubos serviam para resolver problemas sexuais, para satisfazer os desejos e dar rédea solta aos sentimentos reprimidos. Também para proporcionar prazer aos sonhadores. Acaso meu pai era uma alma caridosa?

Entrei no vestíbulo de um edifício que parecia um palácio árabe. Não sei se de verdade possuía esse aspecto, ou se minha mente decidiu outorgar. Umas paredes muito antigas me deram a boas vindas, como também fizeram as sedas e as tapeçarias coloridas. De fato, aquele palácio se parecia muito a meu dormitório em Nova Iorque. Bem. Hadria me disse que eu possuía uma pequena parte de todas as espécies do reino, assim, suponho que herdei de minha súcubo gosto para os móveis. Bom, suponho que podia ser pior.

O ar cheirava a incenso doce e almiscarado, sensual e atraente, nada que ver com esses incensos baratos que se utilizam às vezes para esconder um fedor. Vinha música do interior, mas os tecidos e as portas do palácio a amorteciam.

Aquele lugar parecia o harém de um sultão, mas estava convencida de que meu pai não o utilizava. Ou assim esperava eu.

— Posso ajudá-la em algo? — perguntou uma voz aborrecida e com um marcado acento



inglês a minhas costas.

Dei meia volta e topei com um mordomo que bem poderia ser o dobro de Cary Grant e que não parecia não gostar muito de minha visita.

— Todos os incubos estão ocupados — me informou, abrindo uma enorme agenda de pele— Terá que pedir uma entrevista.

— Não vim ver um incubo — respondi tratando de dissimular como estava atônita. — Estou procurando uma súcubo.

Ele arqueou uma sobrancelha, mas, além disso, nem sequer se alterou.

— Compreendo.

Revirou os olhos.

— Não, não compreende. Vim falar com Madrene, está aqui?

Oh cara, que soubesse o nome de uma súcubo pareceu surpreendê-lo suficiente para deixar de ser condescendente comigo e dignar me olhar de verdade. Vi o momento exato em que percebeu de quem era porque sua expressão mudou por completo, embora só um segundo.

— É a princesa.

Quando me tratavam como um membro da realeza, custava muito evitar que explodisse.

— Sou Dawn. E você é?

— Fitzhugh, majestade. — Fez uma reverência— Perdoe minha rabugice. Não esperava que uma pessoa de sua importância nos visitasse esta tarde.

O que significava que as criaturas de alto berço pediam entrevista e não se apresentavam sem avisar, tal como Fitzhugh já me disse antes.

— Sinto muito. Temo que ainda estou aprendendo como funcionam as coisas aqui. — Sorri — Madrene está?

O mordomo abriu o caderno e passou algumas páginas.

— Está. Mas temo que agora mesmo está com um sonhador. Se pudesse retornar em outro...

— Esperarei.

Minha resposta pareceu surpreender e incomodar Fitzhugh.

— Sua alteza, isso é muito inapropriado. Madrene pode demorar um momento em terminar, e esta noite tem outro encontro.

Obriguei-me a sorrir e coloquei uma mão em cima da sua.

— Me escute, Fitz, posso chama-lo de Fitz? Tive uma noite horrível, assim, agradeceria muito que não a piorasse. Somente preciso falar com ela uns minutos, assim, vai procurá-la enquanto a espero sentada neste cômodo sofá, ou quer que eu vá?

Ele ficou boquiaberto e tratou de se afastar, mas eu segurei a mão dele. Arregalou os olhos e os cravou nos meus. Senti uma sensação que me resultou familiar e soube que minhas íris mudaram e ficaram negras e em forma de teias. Os olhos de Karatos eram parecidos e, embora muito bonitos, cada vez que os vi me arrepiavam.

— O que decide Fitz? — Olhem como sei fazer a garota má. A verdade é que me sentia como se estivesse em um filme de série B, recitando um péssimo diálogo. Estava a ponto de perder o



controle e deixar que a escuridão se apoderasse de meu interior.

Fitzhugh deve ter se dado conta, porque pigarrear e disse:

— Será um prazer ir procurar Madrene em seu lugar, alteza. Seu próximo encontro pode esperar uns minutos. Se for tão amável de me seguir ao salão, direi a Madrene que desça para vê-la.

Fim do problema. Poderia agarrar o gosto por ameaçar. E por esse motivo seria melhor que não o fizesse muito frequentemente. Não queria que mais gente me odiasse, mais do que já me odiavam.

— Obrigado, Fitzhugh — disse sincera — agradeço a gentileza.

O mordomo piscou incrédulo por minha mudança de atitude.

— Não tem importância, alteza.

Segui por um corredor não iluminado. Nossos passos eram engolidos pelo amaciado tapete persa de atrevidas cores que cobria o chão. Umas esculturas enormes seguravam uns candelabros por cima de nossas cabeças, como se fossem umas taças brindando para nos dar boas vindas. Outra estátua fazia às vezes de sentinela à porta a que nos dirigíamos.

— Fique a vontade — me disse meu guia ao entrar — Direi a Madrene que desça em seguida.

Dei obrigado de novo e cruzei a porta. O salão estava decorado igual ao resto do palácio; paredes de cores suaves, tochas a meia luz. O teto era muito alto e nele pintaram vários afrescos. Os sofás pareciam cômodos e de cores terrestres, e dava vontade de deitar neles.

Sentei-me em um cor berinjela, tão suave como veludo e três vezes mais fofo. A mesinha de centro era de madeira esculpida e com um mosaico em cima. Nela vi uma garrafa de vinho e duas taças de cristal. Estavam ali quando cheguei? Não importava. Servi-me uma taça e soube que seria de meu vinho preferido. Recostei-me contra as almofadas e esperei a minha súcubo. Não precisei esperar muito. Fiel às palavras do mordomo, Madrene entrou no salão em poucos minutos. Ao menos supus que era Madrene. Assim que conseguisse recolher minha mandíbula do chão perguntaria.

Eu já sabia que as súcubos eram muito bonitas, mas aquela mulher era muito mais que bonita. Muito mais que sexy. Era a natureza feminina em estado puro. De estatura normal, embora isso era o que havia em comum com o resto das mulheres. Imagine Beyonce ou Ache e logo multipliquem por cem. uma cabeleira comprida e espessa da cor do cobre, olhos como topázios e a pele do tom do café com leite.

Em resumo, era uma deusa. E ao me encontrar diante de uma criatura tão magnífica, perdi a segurança e me senti só como a semideusa que eu era.

— Majestade. — Fez uma reverência.

— Não, por favor — consegui dizer, assim que me recuperei da impressão. a voz era tão bonita como o rosto. Possivelmente a teria odiado se não tivesse me impressionado tanto— Meu nome é Dawn. É Madrene?

— Sim, sou — afirmou ela.

Mostrei a poltrona junto ao sofá.

— Quer se sentar um momento? Gostaria de uma taça de vinho?



Ela se mostrava receosa, mas, uma vez que eu era um membro da realeza, não se atreveu a negar. E tendo em conta o que meu pai fez a ela e a Antwoine, não podia culpa-la de que desconfiasse de alguém de minha linhagem.

Quando se sentou — deixe que diga que as almofadas mal se afundaram — servi uma taça de vinho e bebi um pouco da minha.

— Não vou prendê-la muito — prometi — vim vê-la porque tenho uma proposta para fazer. Olhou-me cautelosa com aqueles olhos tão exóticos.

— Que tipo de proposta?

— Me falaram que possivelmente possua certa informação sobre a Guardiã dos Pesadelos. Enrugou sua testa imaculada.

— Padera?

Assenti.

— Sim, agradeceria muito algo que pudesse me contar sobre ela.

Madrene encolheu os ombros.

— Contarei o que possa. Permita o atrevimento de perguntar o que me oferece em troca dessa informação?

Bem, ia direto ao ponto.

— Antwoine Jones — respondi sem rodeios.

Ela tremeu e derramou um pouco de vinho no tapete, os olhos arregalados quando me olhou.

— Antwoine — repetiu com voz rouca — Conhece Antwoine?

— Posso organizar um encontro entre os dois — prossegui eu diante de seu silêncio — Se isso for o que quer.

Ruborizou e me olhou incrédula.

— Seu pai proibiu que voltássemos a nos ver.

— Meu pai não está oferecendo este trato. — OH, que arrogante e segura de mim mesma parecia! — Eu posso fazer com que voltem a estar juntos. Está disposta a me ajudar?

Madrene ficou ali sentada, em silêncio, com a mão tampando a boca. Por que diabos estava demorando tanto em decidir? Ou queria ver Antwoine ou não queria.

— Se meu senhor se inteira, você assumirá a culpa e receberá o castigo?

Seu senhor era meu pai. Eu não gostei de nada como soou isso da *culpa e o castigo*, mas supus que Morfeo seria muito mais benévolo comigo que com eles. Além disso, era por uma boa causa, e ele era um hipócrita.

— Farei. — Outra promessa que esperava poder cumprir. Eu podia assumir a culpa, mas que meu pai me acreditasse ou não, não dependia de mim.

Entretanto, minhas palavras convenceram Madrene.

— Direi tudo o que queira saber sobre Padera — falou.

Não me dava conta de que estive contendo o fôlego até que suspirei aliviada para ouvir sua resposta.

— Obrigado.



Seus olhos dourados brilharam.

— Não me agradeça. Vendo Antwoine tenho mais que suficiente.

Senti um calafrio nas costas. Apesar de linda, dentro daquela súcubo, havia algo que me dizia que se não conseguia voltar a se reunir com Antwoine, a Guardiã e o violador desenquadrado seriam o menor de meus problemas.

E a essas alturas, o último que precisava era ter mais problemas.

CAPÍTULO 12

— Se apertar mais, meus seios vão escapar.

Lola riu enquanto eu tratava de fechar o espartilho de minha fantasia de Halloween. Estava vestida de Wonder Woman⁵, com um espartilho vermelho e dourado que desafiava as leis da natureza. Graças a Deus, a parte de abaixo era uma saia de seda, e não os habituais shorts que usava a super-heroína. Eu nem sequer visto traje de banho que não tampe a parte superior das coxas.

— Maldição, garota, mas está linda! — falou minha companheira de apartamento.

— De verdade? — Evidentemente, eu não estava tão segura. Digamos que eu era inexperiente escolhendo fantasias sexys. E aquele, decididamente, era com meias de nylon de cor natural e botas de pele-vermelha até os joelhos, por não mencionar as munhequeiras de pele, que pareciam algemas, para esquivar as balas, nem o cinto dourado que me rodeava a cintura.

E tenho que reconhecer a diadema dourada ficava muito bem. A verdade é que tenho um cabelo muito bonito.

— Noah a olhará e se esquecerá de que quer ir à festa a fantasia; certo que preferirá brincar de super-herói.

Ri, apesar de estar vermelha. Eu escolhi aquela fantasia pensando em Noah, consciente de sua obsessão pelos gibis. E sabia que Wonder Woman era uma de suas heroínas preferidas.

— Não demorará a chegar — disse, e fui em busca dos cílios postiços guardados na penteadeira— Se importaria de me dar o batom MAC que tenho na bolsa?

— Nenhum problema — respondeu Lola me fazendo uma saudação militar antes de sair do quarto, enquanto eu punha cola em uma pálpebra para grudar os cílios postiços. Repeti a operação com o outro e fixei com os dedos. Eu não estava acostumada a pôr esse tipo de coisas, mas usei suficientes vezes para saber que não podia tocar isso muito.

Lola retornou com o batom vermelho escuro na mão e, como já desenhei os lábios, os pinteí. Deixo-os grandes, mas eu gosto, assim, os pinto sempre que posso, e essa noite aquela cor tão atrevida ficava muito bem com os longos cílios negros combinando.

Estudei meu reflexo no espelho. Com a maquiagem e o espartilho, que me fazia uma falsa

⁵ Mulher maravilha



cintura de vespa, parecia recém-saída do gibi. Sorri. Se me permitirem isso, direi que realmente estava muito bonita.

Gostava muito de sair, fazer algo normal. Ainda continuava preocupada com as confusões em ambos os mundos, mas me sentia otimista com relação aos assuntos do mundo dos sonhos, e essa noite, Noah e eu íamos sair sozinhos, assim, estava muito contente.

quando entrava na sala para guardar de novo o batom na bolsa, tocou a campainha. uma pequena bolsa vermelha combinado em que podia guardar as coisas básicas: batom, ruge, cola para os cílios, carteira de identidade e cinquenta dólares se por acaso tinha uma emergência complementava a fantasia. Além disso, que levasse bolsa não danificaria o efeito da fantasia, pois também precisei vestir um casaco. Fazia calor, mas nem tanto.

Lola abriu a porta enquanto eu procurava dentro do armário. Ouvi ela gritar.

— Deus santo!

Deixei o cabide no armário. A fantasia de Noah devia ser impressionante. Voltei-me para vê-lo.

— Deus santo! — Não saía de meu assombro.

Noah era Batman. E não me refiro a que se pôs essas fantasias que vendem no supermercado. Refiro-me a que era Batman. Parecia como se tivesse feito o traje sob medida; grudava nos músculos e estava incrivelmente sexy. Christian Bale morreria de inveja.

Não podia ver o rosto todo, por culpa da máscara, mas vi que minha fantasia o impressionou tanto quanto e dele a mim.

— Está muito bonita, doutora — disse com aquela voz sua tão sexy— Muito bonita.

Lola estava no meio dos dois, sorrindo como uma idiota.

— Meninos, parecem tirados de um gibi da Liga da Justiça. Só falta encontrar o Superman e o Flash Gordon e podem ir salvar o mundo. Bom, vou ao meu. Que se divirtam!

Noah se aproximou de mim, com a capa flutuando ao redor de suas pernas.

— Se esta fantasia não fosse tão difícil de tirar, diria que a merda com a festa e que ficássemos em casa.

Confesso que estremei dos pés à cabeça; foi como se estivesse me acariciando com a voz. Disfarçados, ficamos igualmente altos, mas ele conseguiu me fazer sentir delicada e feminina apesar de meu aspecto de amazona.

— Sinto-me pouco vestida comparada com você. — por que diabos disse isso? Era verdade, mas parecia ridículo.

Noah levantou uma mão enluvada e deslizou um dedo por entre o vale de meus seios. Voltei a estremecer, maldito fosse.

— Não me importaria me sentir pouco vestido com você. — Sorriu— Já sabe que está fazendo realidade uma de minhas fantasias.

— Sério? — Arqueei uma sobrancelha como se não soubesse.

Noah deu outro passo e desta vez me rodeou com os braços e grudou meu torso ao dele. Um pouco mais e meus seios saíam disparados em cima do espartilho. Por estranho que parecesse, não me importou. Estava me colocando em meu papel e me sentia atrevida e valente.



Desviou o olhar de meus lábios a meu decote antes de voltar para meus olhos.

— OH, sim. Vestirá isso quando voltarmos?

Passei um dedo por sua mandíbula recém-barbeada.

— Só se você me prometer que deixará a máscara.

— Estragarei a maquiagem se beija-la nos lábios? — perguntou-me, sorrindo.

— OH, sim — respondi sem fôlego.

Então Noah se agachou e me deixou arrepiada ao me dar um beijo em cima da clavícula.

— Terei que me conformar beijando em outras partes.

E então me beijou o ombro e foi subindo pelo pescoço.

Quando terminou, meus joelhos tremiam e me importava um rabanete ir à festa.

Noah me ajudou a pôr o casaco e me despedi de Lola a gritos enquanto fechava. Dulce levantou a cabeça do sofá o tempo necessário para bocejar em minha direção e logo voltou a dormir.

Noah veio em seu carro, um velho Impala, e agradecia por isso. Minha fantasia não era para sair de moto em meados de outubro. Parecia, o Impala era um clássico. Era negro e resplandecente e estava completamente restaurado. Dava minha aprovação, apesar de que não sabia nada de carros. Parecia confortável e espaçoso, e isso era o que me importava.

A festa se realizava na casa de Ellie e Matt, no Brooklyn. Conheci o casal a noite que fui à exposição de Noah, quando ele e eu começamos a sair. Não me lembro muito deles, exceto que pareciam simpáticos. A julgar por onde viviam, era óbvio que as coisas iam bem. A casa de tijolo avermelhado estava em uma rua maravilhosa, flanqueada por árvores. Através das janelas podia ver gente disfarçada, bebendo vinho em meio de uma luxuosa decoração.

Tivemos que estacionar rua abaixo porque não havia espaço diante da casa. Por culpa daqueles saltos tão altos, eu caminhava mais devagar do que o habitual, mas como Noah segurava minha mão, não me queixei.

Matt abriu a porta ao primeiro tocar da campainha. Ia disfarçado de saleiro e usava um fuzil UZI de plástico em uma mão. Matt era um tipo normal, mas com aquele fantasia estava engraçado e intimidante ao mesmo tempo.

Olhei impressionada e comecei a desabotoar o casaco.

— Um saleiro com um rifle de assalto?

Matt riu.

— Suponho que... vá! — Repassou-me com o olhar quando passei o casaco— Olá, princesa!

Durante um segundo fiquei gelada. Era impossível que Matt soubesse quem era eu. Mas ia disfarçada de Wonder Woman, que também é conhecida como princesa Diana.

Noah estalou os dedos diante dos narizes de seu amigo.

— Seque a baba, colega.

Era evidente que Matt já tomou alguns taças, assim em vez de se desculpar limitou a sorrir.

— Está linda, Dawn. — Logo se dirigiu a Noah— Menino, suponho que sabe que Wonder Woman pode chutar o traseiro do Batman quando quiser.

Noah sorriu e me devorou com os olhos.



— Não oporia resistência.

Os três rimos e Matt nos empurrou para a festa enquanto ele terminava de pendurar minha bolsa e o casaco. Já sabia que brincava, mas suas palavras seguiram em minha mente durante um momento. Nesse mundo era impossível que eu pudesse chutar o traseiro de Noah, mas no dos sonhos era outra história. Incomodava a ele que fosse assim? Às vezes tive a sensação de que no mundo humano, eu também tinha poderes. E se pudesse fazer coisas estranhas inclusive aqui? Noah seguiria gostando de sair comigo? Ou essa parte dele que precisa sentir forte e manter o controle me odiaria por fazê-lo se sentir fraco?

Não queria ter que descobrir.

Me apresentou a todo mundo. Conheci Supergirl e Xena, mas por sorte, não havia nenhuma outra Wonder Woman na festa. Recebi muitos elogios por minha fantasia, quase todos de homens, o que me fez sentir muito segura de mim mesma e ao mesmo tempo muita vergonha, conforme diziam o galanteio.

Ficamos algumas horas quando notei umas mãos enluvadas em meus quadris.

— Vamos — me sussurrou Noah ao ouvido.

Estremeci outra vez e assenti.

Matt me abraçou ao se despedir junto à porta e logo disse a Noah que era um cara com sorte. Ainda ríamos quando chegamos à calçada.

O caminho de volta para casa foi muito tranquilo, e estranhamente reconfortante, tendo em conta a tensão sexual que havia entre nós. Ambos sabíamos o que ia acontecer. E quando chegamos ao apartamento de Noah fomos diretamente ao quarto. Sentíamos como se sentiria qualquer pessoa que usasse aquelas fantasias, e brincamos que éramos realmente Batman e Wonder Woman. Foi legal. Muito bom.

Ao terminar, já sem as fantasias e depois de tirar toda aquela maquiagem, nos aconchegamos na cama e conversamos. Sentia-me tranquila, feliz e muito relaxada.

Em outras palavras, não o vi vir.

— Tenho que perguntar uma coisa — disse Noah em voz baixa. Muito baixa.

Levantei a cabeça de seu peito e o olhei, e de repente gelou meu sangue. Sabia que estava tentando trazer de novo Phil, o violador?

— O que?

Fixou seu escuro olhar no meu.

— Alguma vez alterou meus sonhos?

Eu não esperava isso. E para falar a verdade, não sabia como receber.

— Como?

Percorreu meu braço com os dedos, uma doce carícia.

— Mudou o sonho de Amanda para ajudá-la a recuperar-se. Fez que esse violador quisesse confessar. E nenhum dos dois sabe que estive em sua cabeça.

Afastei-me e me apoiei no cotovelo para pôr alguma de distancia entre nós.

— Acha que estive jogando com sua mente? — ah, merda.

— Não. — Em defesa de Noah, direi que olhou nos meus olhos, e que nos seus só vi



sinceridade— Quero saber se alguma vez alterou meus sonhos.

— Não — respondi ofendida— Não fiz, jamais faria sem seu consentimento. Deus, Noah. Que tipo de pessoa acha que sou? — Tratei de sair da cama, mas ele me impediu isso.

— Não se zangue.

— Não estou zangada! — Tentei soltar o braço, mas Noah era muito forte. E quando notei que meus olhos ardiam, deixei de tentar. Não queria pôr a prova minha teoria sobre ter poderes neste mundo. Assim não— Estou magoada.

Apoiou-se em um cotovelo e me puxou para me aproximar dele.

— Me olhe. — Fiz a contra gosto— Doutora, sei o quanto quer ajudar às pessoas, cura-los. Não estou perguntando isto para zanga-la. O que preciso saber é se, alguma vez, tratou de me curar.

— Jamais fiz nada, nem a você nem a nenhum de seus sonhos — respondi petulante— Me pediu que me mantivesse afastada deles a não ser que me convidasse, e isso é exatamente o que fiz.

O rosto de Noah relaxou.

— Está bem.

Soou tão aliviado que me senti ainda mais magoada. Mas quando voltou a me abraçar para aconchegar contra seu peito, não resisti, apesar de que não se desculpou por ter perguntado algo tão horrível. Era impossível que parecesse tão fácil como dizia, estar com uma pessoa como eu. Se eu não fosse tão escrupulosa como era, poderia me colocar em seus sonhos e averiguar todos seus segredos. E ele nunca saberia.

Suponho que deveria ter me conformado que acreditou quando disse que nunca fiz nada parecido. Teria que me alegrar de que acreditasse. E me alegrava.

Mas uma parte de mim se perguntou, e não pela primeira vez, o que ocultavam os sonhos de Noah. E por que estava tão decidido que não descobrisse.

Dizer que tive a tentação de me colocar em seus sonhos e exigir que contasse por que tudo aquilo seria obvio. Essa noite fiquei acordada durante muito tempo e estive observando-o enquanto dormia, lutando contra a vontade de trair sua confiança.

Noah não me convidou a seus sonhos, e a verdade era que não queria me apresentar ali sem ser chamada, por dizer de uma maneira. Além disso, precisava trabalhar.

A princípio, acreditava que Morfeo arrebatou de Antwoine a capacidade de sonhar, mas isso equivaleria a cometer um assassinato. O que meu pai fez, foi não deixar que Antwoine passasse de um canto do mundo dos sonhos, mais ou menos o mesmo que fiz, depois de Jackey Jenkins.

Antwoine podia sonhar, e graças a isso poderia encontrá-lo. Somente precisava procurar seu rastro onírico. Mas antes, precisava ir por Madrene.

Desta vez não entrei na casa, mas preferi esperar no jardim de trás. Apesar de que estava escuro, podia ver a luz que saía pelas janelas. O ar cheirava a jasmim e a canela e respirei fundo enquanto permanecia sentada em um banco de pedra, esperando que Madrene aparecesse.



Quase todas as janelas do palácio estavam iluminadas com uma luz suave, como procedente de umas velas. De alguns quartos podia ver o interior; de outros, com cortinas, não. Mas não me importou, não tinha vontade de ser voyeur.

Logo ouvi fechar uma porta. Logo, a grade do jardim se abriu e apareceu Madrene. Era tão graciosa e elegante que me perguntei se seus pés tocavam o chão.

Olhei com inveja o vestido de seda branca que usava, com mariposas pintadas à mão na parte inferior. Até no caso de que pudesse me permitir comprar um objeto tão bonito, jamais o usaria como ela.

— É tão bonita... — disse sem poder me conter — eu adoro seu vestido.

Ela sorriu.

— Obrigado. Também eu gosto do seu.

Confusa, baixei o olhar. Sai de casa com jeans e uma camiseta, mas de algum modo mudou. Agora usava um vestido muito parecido ao de Madrene, só que o meu era lilás com flores pintadas.

— Que diabos...?

Ela riu e se aproximou de mim.

— Uma súcubo que não sabe reconhecer um desejo quando o vê, é que não é boa em seu trabalho.

— Acreditava que só se ocupavam dos desejos sexuais. — Eu era mais alta, mas Madrene possuía tanta presença, que a seu lado me sentia pequena. Que interessante.

Encolheu os ombros. Sua pele canela parecia tão suave e acetinada como seu vestido.

— É o mais habitual, mas, para sermos boas em nosso trabalho, temos que identificar todo tipo de desejo.

Reprimi um estremecimento. Não podia nem imaginar as coisas que Madrene teria visto e feito.

— Eu jamais poderia fazer o que você faz — respondi séria, sem ânimo de crítica. Na realidade, admirava a qualquer um que pudesse distanciar emocionalmente de si mesmo. Oxalá eu pudesse fazer o mesmo.

Ela me olhou surpreendida.

— Não sabe muito a respeito de minha espécie, não?

— Não. Sinto muito. — por que estava com o pressentimento de que ia descobrir muito mais do que queria?

Seus lábios cor cereja esboçaram um sorriso.

— Há muito poucas coisas que não nos parecem bem. Nos alimentamos do desejo, melhor dizendo, vivemos dele, se essa terminologia te faz sentir mais cômoda. Todo o resto carece de importância, parece frente à intensidade dos desejos do sonhador.

Fiquei olhando-a atônita.

— Então, se um homem dá um murro, não dói porque seus desejos são mais importantes que seus sentimentos?

— Ou uma mulher — corrigiu com um sorriso malicioso — Também servimos as mulheres.



É obvio. Seria difícil que uma lésbica sonhasse com um íncubo e seus talentos. Já dizem: nunca te deitará sem saber uma coisa mais. Quem teria dito que meu pai possuía um lado tão zombador? No final, ele criou todo esse mundo.

Assim que essa ideia me veio à mente, enjoei. Meu pai era um deus. Um deus.

— Deveríamos ir. Provavelmente, estará se perguntando onde estamos — disse, sem mencionar o nome de Antwoine — Está preparada?

Madrene pôs os braços dos lados.

— Estou bem?

Arregalei os olhos.

— OH, sim.

— Acha que gostará?

— É consciente de que Antwoine envelheceu da última vez que o viu, não? — Não podia acreditar que não estivesse preocupada se por acaso ia gostar dele, quando continuava tão perfeita como a última vez que Antwoine a viu.

— Ele sempre será meu Antwoine — respondeu ofendida.

Sorri.

— Certo, de acordo. Suponho que gostará muito, não se preocupe.

Devolveu-me o sorriso e me dei conta de que estava nervosa, assim que estendi a mão.

— Estou preparada — disse — Leve-me para vê-lo, por favor.

Estreitei seus quentes dedos entre meus e pensei em Antwoine. Concentrei-me em aparecer diante dele e... voilà foi como a outra noite com Verek e Hadria. Passamos de estar em pé, no meio do jardim, a estar em um caminho que levava a uma enorme casa Branca com alpendre e balanços. O sol de um meio-dia de verão brilhava sobre nós. Tudo estava cheio de árvores, os pássaros cantavam e o ar cheirava a flores, a grama recém-cortada e a bolo de maçã recém-tirado do forno.

O semblante de Madrene se iluminou e me olhou.

— É verdade isso que dizem de que não é como nós.

Acredito que disse como um elogio, assim, tratei de não fazer cara feia quando soltei a mão.

— Assim é.

Antes que soubesse o que estava fazendo, Madrene se ajoelhou diante de mim. Segurou a saia e, com suma elegância, ficou de joelhos, com a cabeça inclinada, diante de mim.

— Obrigado, alteza. Estarei eternamente em dívida com você.

— OH, meu Deus, se levante, por favor. — A teria ajudado a fazer, mas estava com medo de puxar com muita força e fazer mal a ela — Preferiria que não me chamasse assim. Meu nome é Dawn.

Assim que ficou em pé, segurou minhas mãos e as embalou entre as suas. Logo me beijou os nódulos e, apesar de que tinha os lábios vermelhos, não deixou nem rastro de batom. Aquela cor era natural. Não acham que tenho todo o direito do mundo de odiá-la?

— Dawn — repetiu. Meu nome soou exótico com seu acento — Jamais poderei pagar o que há...



— Madrene? — A ansiosa voz de Antwoine a interrompeu e ambas nos voltamos em direção ao alpendre.

Fiquei atônita. Diabos. Não pude evitar arregalar os olhos. Acredito que inclusive deixei de respirar. Em meio daquele alpendre branco havia um homem com a voz de Antwoine, mas aí terminava a semelhança com meu amigo.

Esse outro Antwoine era jovem, de uns trinta e tantos. Continuava sem ser muito alto, mas estava musculoso e bem formado. Usava calças cáqui e uma camisa branca com o botão do pescoço desabotoado. Era uma mistura entre Denzel Washington e Morgan Freeman jovem, com um pouco de Sydney Poitier. Estava muito bonito e emanava inteligência e elegância. Incrível. Assim era como Madrene o via. Assim era como Antwoine imaginava a si mesmo.

Os enormes olhos dela se encheram de lágrimas e me soltou as mãos como se fossem uma batata quente.

— Antwoine!

Correu para ele, e Antwoine desceu os degraus do alpendre de um salto. Pegou-a no ar e começaram a girar como se estivessem em um anúncio de uma companhia Telefônica.

Quando me dei conta de que ambos estavam chorando, soube que chegou o momento de ir. Precisavam de intimidade. Com um sorriso nos lábios e sim, com lágrimas nos olhos, dei meia volta.

— Dawn.

Ao ouvir a voz de Antwoine olhei por cima do ombro. Estava sorrindo, e parecia tão jovem com lágrimas escorregando pelas bochechas...

— Obrigado.

Assenti, estava muito emocionada para falar, e logo me afastei daquela cena de postal. Fui em busca de Noah. Ele e eu chegamos a um acordo; se não ficamos precisamente de nos encontrar em um sonho, eu o avisava antes de aparecer sem mais. A falta de outro sistema, subi a escada que usava de uma pesada porta de carvalho e levantei a aldrava com forma de cabeça de gárgula. Quando soltei, Noah abriu quase imediatamente, e ao ver que sorria meu coração deu um salto.

— Olá, doutora — saudou, com os olhos negros brilhantes, e compreendi o que disse Madrene a respeito do quanto parecia poderosa sendo objeto de desejo— Bonito vestido.

Um pouco mais tarde, ouvi um zumbido em minha mente — assim funciona o telefone no mundo dos sonhos— Me perguntei o que teria que fazer para conseguir dispor de uma tecla de *chamada em espera*. Iria muito bem.

De repente, apareci no meio do sonho de minha amiga Julie. Sonhava que estava em um Starbucks tentando pedir um chá com leite, com a dificuldade acrescentada de que estava nua e sem dinheiro. Tratei de não olhar. E não emprestei o dinheiro. Sei, sou muito má amiga, mas não fui ali para isso e não podia chamar a atenção. Foi porque quem fosse que estivesse ligando, queria falar comigo em um lugar público. E tendo em conta que Karatos me fez algumas



emboscadas similares no passado, e que havia muitas pessoas que queriam me ver morta, preferi atuar com cautela.

Sentei a uma mesa que havia no canto mais afastado, para que Julie não pudesse me ver. Minha amiga estava apalpando as coxas nuas em busca de uns bolsos inexistentes, amaldiçoando a si mesma por não ter pego a bolsa. Em questão de segundos, um tipo vestido com jeans apertados, botas negras e pulôver da mesma cor se sentou a meu lado. Verek. O Pesadelo era tão bonito como intimidante.

— O que acontece? — perguntei assim que se sentou.

— Preciso falar com você — me disse, olhando ao redor como se quisesse assegurar de que estávamos sozinhos— Deve tomar cuidado.

— Com o que? — inteirou-se de Antwoine e Madrene? Não, era impossível. Como poderia ter se informado?

Convencido de que não nos estavam espiando, Verek me olhou com seus pálidos olhos.

— Com a Guardiã.

Não tive notícias dela desde o dia em que me disse que me desfaria pelo que fiz a Durdan. A verdade era que estava com esperanças de que se esquecera de mim.

— Não tenho feito nada que possa incomodá-la. — Certo, isso possivelmente fosse mentira, mas a verdade era que não infringi nenhuma lei.

Verek apoiou seus fortes antebraços na mesa.

— Dawn, a Guardiã te odeia quase tanto como a Morfeo. Está disposta a fazer o que for necessário para destruir, inclusive mentir e fazer uma armadilha.

Franzi a testa e tratei de ignorar o nó que me fez na garganta.

— Como sabe?

Não duvidou nem um segundo em me responder.

— Porque me pediu que a espie.

Se me tivesse dado um murro no rosto, teria ficado menos surpresa.

— É um bastardo.

Verek me pediu que baixasse a voz e voltou a olhar ao redor.

— Estou aqui, não? Isso deveria dizer algo, não parece?

— Sim, que é um vil rato traidor. Porco asqueroso! — Esforcei-me por manter um tom baixo— Acreditava que fosse leal a meu pai!

— E sou — afirmou ele, ofendido— E a você também. Por isso estou aqui.

— Para me espiar?

— Para dizer que tome cuidado. Até que consiga descobrir exatamente o que Padera pretende, não estará a salvo.

— Contou a meu pai?

— Não — negou também com o gesto— ainda não tenho provas. A Guardiã não me pediu nada que vá contra a lei, só que a siga.

— Ela não pode me fazer mal — insisti— Eu não posso morrer neste mundo. O único que pode fazer é pressionar para que me desfaçam, mas o Conselho não o ordenará, se antes não



demonstra que sou o Anticristo.

Ele olhou nos olhos.

— Isso mesmo é o que estou tratando de dizer; está procurando o modo de demonstrar.

— Mas por quê? — perguntei com mais ânsia da que pretendia— Eu não fiz nada.

Verek vacilou um segundo, como se fosse discutir essa última frase, mas no final disse:

— Se conseguir que a desfaçam, já não pertencerá a ambos os mundos. Não será nenhuma ameaça. Todos os que acreditam que pode nos destruir se tranquilizarão, e os que acreditam que simboliza o princípio de uma nova era, teremos que ficar calados para sempre.

Pisquei atônita.

— O princípio de uma nova era?

Verek suspirou.

— Diz que é o arauto da mudança, a que nos guiará para um novo mundo e nos salvará deste.

Ah, sim, a profecia que Hadria contou.

Esfregou a mandíbula.

— Dawn, temo que Padera vai tentar te fazer mal. Prometa que tomará cuidado?

Parecia como Noah. Bem. Do que me servia ser uma criatura tão especial se todo mundo acreditava que não era capaz de me cuidar sozinha?

Mas Verek estava me pedindo isso. Meu treinador. O homem que, às vezes, me conhecia melhor que eu, e ele nunca me deu motivos para duvidar de sua lealdade. Inclusive então, sabia perfeitamente que se arriscou muito para me avisar. Se sua chefe descobrisse, teria muitos problemas por ter acreditado em mim. O mínimo que podia fazer era escutar.

— Eu prometo — respondi— Tomarei cuidado. — E teria. A Guardiã não podia viajar ao mundo dos humanos, mas isso não significava que não pudesse me fazer mal enquanto eu estivesse nele. Era muito poderosa.

— Dawn — ouvi dizer a uma voz incrédula— O que está fazendo aqui?

Levantei o olhar e vi Julie caminhando para mim. Agora ia vestida e levava um copo de papelão que, no mínimo, devia medir trinta centímetros. Não pude evitar sorrir. Minha amiga gostava de café, inclusive em sonhos.

— Eu... — Procurei Verek com o olhar, mas este já desapareceu. Era realmente ardiloso— estava esperando.

Minha amiga sorriu.

— Genial.

E, depois, sentou-se a meu lado e começamos a conversar sobre coisas que, suponho, faziam um pouco de sentido, embora não muito. Às vezes, os sonhos são só isso, sonhos. Nada estranho nem escuro, nenhuma tragédia que resolver, só a mente humana dançando ao redor de uma ideia, arejando seu interior, tratando de decidir que lembranças ficam, e quais despreza.

Que Julie não precisasse de minha ajuda para nada, ou que não estivesse me proclamando profeta de nada, nem destruidora de mundos, gostei. Tampouco me disse que tomasse cuidado; nem que vigiasse cada passo que desse. Comentou-me que leu em um artigo que o bacon era bom



para a pele, mas estou segura de que estava inventando. Apoiei-me no respaldo do sofá, pedi um chá com leite para mim, e fiquei escutando minha amiga com um sorriso nos lábios.

Sim, não era um grande sonho, mas eu gostei muitíssimo.

Quando despertei, descobri Noah sentado em uma cadeira, com os pés descalços apoiados na cama. Em uma mão, um caderno de desenho e na outra um lápis. Estava sério, despenteado e precisava de um bom barbeado. Usava a camiseta enrugada e os jeans, além de estar salpicados de pintura, eram grandes e com buracos nos joelhos. Em resumo, estava incrivelmente sexy.

— Não estará me desenhando, não? — perguntei, advertindo ao mesmo tempo.

Ele me olhou por cima do caderno.

— Sim, estou desenhando. Quase acabei, fique quieta.

Fiquei deitada entre os lençóis revoltos, desfrutando do sol que entrava pela janela e cujos raios me acariciavam com seu calor. Poderia ficar ali todo o dia, ronronando como um gato.

— Isso sim que é um sorriso — comentou Noah, assim que afastou o caderno. Então se levantou da cadeira e se deitou na cama comigo— Dormiu bem?

— Sim — afirmei.

Ele me olhou com fingida suspicácia.

— Sonhou com algo bonito?

Ri ao me lembrar de Julie nua no Starbucks.

— Poderia dizer que sim.

— bom. — Passou-me um dedo pelo braço nu— preciso ficar ciumento porque não me convidou?

— Não, era uma tolice. — A não ser que incluísse a parte em que Verek me disse que minha vida corria perigo, claro. Mas nesse momento não ia preocupar-me por isso. Seguiria seu conselho e tomaria cuidado, mas não ia me esconder da Guardiã como uma covarde— Estive com Julie.

Noah sorriu.

— Não me diga isso. Organizaram uma briga de travesseiros em roupa íntima.

Revirei os olhos. Às vezes, era o típico menino.

— Não, mas Julie estava nua.

Noah levantou as sobrancelhas até o cabelo e baixou o olhar.

— Garota má! — apoiou-se em um cotovelo— Conta tudo.

— Estávamos em um Starbucks — expliquei, rindo — tomando chá.

— Um chá sexy?

Não pude evitar. Ao ouvir essa tolice comecei a rir. Ele também riu e, quando nossos olhares se encontraram e as risadas se apagaram, seguimos sorrindo um ao outro.

Então senti uma pontada no coração, uma dor aguda e repentina me deixou sem fôlego, e Noah me pareceu ainda mais bonito. Nesse momento me dava conta de que não estava me apaixonando por ele, mas que o amava.

Abri a boca, desesperada por dizer algo, por confessar aqueles sentimentos recém-



descobertos antes que me consumissem. Por desgraça, meu telefone celular escolheu esse preciso instante para tocar. Rodei para um lado e o agarrei, e não me importou que Noah me ouvisse resmungar enquanto fazia.

— Olá?

— Dawnie?

— Olá, Ivy. — Era minha irmã mais velha— O que acontece?

Notei que Noah abandonava a cama.

— Vou preparar o café — murmurou, e me deu um carinhoso golpe no braço.

Eu sorri e assenti.

— Só queria te dizer que hoje veio o novo especialista para ver mamãe — me explicou minha irmã.

— E? — Ivy era a rainha das pausas dramáticas.

— OH, Dawnie! Moveu-se!

— O que? — Não foi medo o que senti, a não ser surpresa. Certo, sim, um pouco de medo. Quem diabos era esse tipo que foi capaz de quebrar o feitiço de meu pai? Nenhum humano podia enfrentar Morfeo. Certo que era um truque, uma fraude.

— Moveu um dedo.

Com certeza que sim. Provavelmente, mamãe tentou mandá-lo a merda.

— Ivy, possivelmente tenha sido uma reação involuntária. — não o disse, soube que teria que manter a boca fechada.

— Você não estava aqui — contra-atacou ela muito zangada— Sei perfeitamente o que vi. Esse homem fez com que mamãe reagisse, Dawn. Por que te custa tanto acreditar nisso?

— Porque a viu, o que, duas vezes, supõe-se que tenho que acreditar que conseguiu fazer o que nenhum outro médico pôde fazer antes? — Nem sequer eu? OH, foi muito desagradável me dar conta disso precisamente então. Eu não queria acreditar nesse indivíduo porque seria como reconhecer que tinha mais poderes que a filha preferida de minha mãe, quer dizer, eu. E se um humano podia exercer esse tipo de poder sobre uma sonhadora, e não uma sonhadora qualquer, a não ser minha mãe, então mais me valeria não só acreditar nele, mas também ter muito medo.

— Fez um milagre — suspirou minha irmã.

— Tenho que reconhecer que sim, fez — balbuciei. Não ia perder a calma até que falasse com meu pai. Se o tipo de verdade era tão poderoso, então certo que Morfeo o conhecia e saberia o que fazer com ele. Ou isso esperava. Ou possivelmente, esse especialista fosse outra tentativa mais de destronar a meu pai. Uma tentativa mais de debilitá-lo.

Acabavam de estragar seu dia.

— Acreditava que se alegraria — me recriminou minha irmã.

Estava custando não perder os nervos, e que ela tratasse de me fazer sentir culpada não me ajudou muito. Prometi a mim mesma que não me assustaria até que fosse absolutamente necessário, e cruzei os dedos para poder manter essa promessa.

— E me alegro, Ivy. De verdade. — Era uma mentira, mas soou convincente, e isso era o único que importava.



Minha irmã acreditou, e dava graças a Deus por isso. Falamos um pouco mais sobre mamãe e logo dirigimos a conversa para assuntos mais mundanos, como por exemplo, nossos outros irmãos, as crianças e, por último, chegou o interrogatório sobre Noah. Cada vez que falávamos, Ivy tratava de me surrupiar o máximo de informação possível.

Noah reapareceu com o café na mão nessa parte da conversa, assim, eu segui respondendo perguntas sobre ele com ele me escutando e fazendo esforços por não rir.

Por fim Ivy e eu nos despedimos e desliguei.

— Era sua irmã, não? — disse Noah.

Revirei os olhos, um cacoete que, parecia, desenvolvi ultimamente.

— Sim. Queria me explicar algo sobre mamãe. A verdade é que me dá um pouco de medo que esse especialista possa despertá-la.

— Acreditava que isso era impossível — disse ele, me olhando confuso por cima da borda da xícara.

— A princípio, sim.

— Duvida?

— Eu sou a prova viva de que nada é impossível.

Noah sorriu.

— Sim, sim que é.

Bebi o café e estivemos um momento em silêncio. Sentia-me melhor com ele a meu lado, mais forte, mais segura.

Foi Noah quem quebrou o silêncio.

— Está com rancor? De sua mãe, quero dizer.

— Todo o maldito tempo. — Suspirei — Sei que tem direito a ser feliz, e que quando se foi já não éramos crianças... e que tampouco parece fácil, mas às vezes eu gostaria que tivesse sido um pouquinho mais difícil.

Assentiu com a cabeça e deduzi que me estava dando razão.

— Eu tinha muito rancor da minha mãe. Ainda tenho.

Isso não me contou jamais. Virei o pescoço e o olhei.

— De verdade? Por quê?

— Porque deixou que ele abusasse dela. Porque, se o deixasse antes, ele não teria quebrado meu braço em dois lugares diferentes. — Sorriu com amargura — Uma coisa é deixar que bata em você, e outra muito diferente deixar que batam em seu filho. Ou ao menos teria que ser.

— Mas depois disso o deixou.

Noah me olhou como se não tivesse entendido nada.

— Essa não foi a primeira vez que me bateu doutora. Simplesmente, foi a primeira vez que me fez algo que outros podiam ver.

Engoli saliva.

— Quantos anos tinha?

— Tinha quatorze quando fomos embora.

— Vejo que segue ressentido com sua mãe.



— Estava assustada — a justificou — fez o melhor que pôde. Olhando para o passado, acredito que chegou um momento em que, para minha mãe, parecia normal que batesse nela. Se não sangrava, não parecia tão grave, compreende?

Não, não compreendia. Graças a Deus não compreendia.

— É horrível quando nos damos conta de que nossos pais também são humanos, não? Quando nos damos conta de que os julgamos por umas decisões que custaram muito tomar.

— Eu adoro quando fica profunda — disse ele com um sorriso.

Deixei o café na mesa e afastei os lençóis para que Noah me visse nua.

— Demonstre isso.

E me demonstrou.

CAPÍTULO 13

Tendo em conta os problemas que me deu a vida desde que decidi assumir minha verdadeira natureza, certo que acham que já perdi a esperança. Pois não. Por desgraça, assim que aparece o minúsculo indício de que as coisas começam a melhorar, sinto a necessidade incontrolável de ser otimista.

E isso foi o que me aconteceu no dia seguinte.

O sol brilhava no céu, enquanto eu ia a caminho ao trabalho com um café com leite desnatado na mão. O tráfico não era de todo insuportável e as buzinas não tocavam em excesso. Não me choquei com mais de meia dúzia de pedestres, pois, apesar de que fazia muito bom dia, ainda não haviam muitas pessoas na rua. Ia muito bem penteada, a pele parecia imaculada, nem um grão ou marca a vista, e meu brilho de lábios combinava com os babados vermelhos de minha blusa. Depois de passar a noite fazendo amor com meu fabuloso namorado, estava genial. Reuni a dois apaixonados que estiveram separados muitos anos e por fim, a agenda estava até os batentes de clientes.

Teria que saber que tudo estava pra cair.

Minhas primeiras duas consultas foram muito bem. Eu disse para que escrevessem um diário de sonhos, falamos do assunto e tudo fluiu com normalidade. Nada de histerismos, o que sempre era muito bom sinal. Eu não sou uma dessas terapeutas às que gostam que seus clientes comecem a chorar, ou tenham um ataque de nervos.

À hora do almoço continuava de muito bom humor, e ainda o estive mais quando soube que Noah estava me esperando. Mas me bastou ver o rosto quando entrou no consultório para saber que aconteceu algo. Estava muito bonito, ia vestido com uns jeans gastos, camisa branca perfeitamente engomada e jaqueta de pele negra.

— Não me diga que veio me buscar para me levar a um restaurante romântico. — Tratei de parecer derrotada.

Ele sorriu.



— Pois sim. Não acreditará que ponho uma camisa de duzentos dólares por qualquer uma, não, doutora?

Fiquei atônita. Eu, nem louca, gastaria duzentos dólares em uma camisa. Claro que Noah preferia ter poucas coisas, mas boas e que durassem, enquanto que eu sou dessas pessoas às que gostam de renovar todo seu vestuário a cada temporada. Por isso ele comprava Armani e Gucci e eu sempre ia de ofertas.

— Mas não veio só para me convidar para almoçar, estou enganada? — Era como um cão roendo um osso.

Ele negou com a cabeça e colocou as mãos nos bolsos dos jeans.

— Não. Podemos conversar?

Mostrei o sofá e, depois de dizer a Bonnie que não queria que nos incomodassem, e de aguentar estoicamente que minha amiga me piscasse um olho, sentei-me com ele.

— O que acontece? — Estava nervosa. Embora estávamos bem, não estava segura de que não fosse dizer isso de *não é você, sou eu*. Já veem aonde foi parar meu otimismo.

Apoiou os antebraços nas coxas e entrelaçou os dedos. Uma mecha de cabelo negro caiu pela testa e me olhou.

— Ontem à noite tive um sonho muito estranho.

Senti tal alívio que sorri. Não ia deixar-me.

— Não foi tão estranho. Certo que já fez isso antes com muitas mulheres.

Noah tem um modo de olhar que consegue se manter inexpressivo, mas você sabe exatamente que pegou a piada e que não achou nenhuma graça. E agora me estava olhando assim.

— Com centenas, mas não me referia a isso.

Centenas? Mais valia ter dito de brincadeira.

— Então, a que te referia engraçadinho?

Olhou-me confuso e logo sorriu.

— Engraçadinho. Acredito que não me chamou disso antes. — Moveu os ombros e voltou a recuperar a inexpressividade— Acredito que conheci a Guardiã.

Bom, isso sim que me tirou a vontade de seguir fazendo piadas.

— O que? — Foi como reviver Karatos outra vez. Lembrei-me do dia em que Noah me disse que seus sonhos estavam tentando matá-lo e de como meu mundo tropeçou.

— Vi uma mulher alta e de aspecto severo. Ruiva. — esfregou a mandíbula— Exsudava poder, igual a você às vezes.

Estou segura de que o dizia por que era sua namorada, e porque eu era a única criatura do mundo dos sonhos que conhecia pessoalmente.

— Disse algo? — O coração batia descontrolado e notei um suor frio que empapava a nuca. Estava gelando meu sangue.

— Sim. — Franziu a testa e hesitou uns segundos antes de me olhar nos olhos. Não era bom sinal que Noah hesitasse, isso nunca augurava nada bom— Me disse que eu era seu ponto fraco. Disse que se de verdade a amava, a deixaria, porque ela não ia ter nenhum dó em me utilizar para



te fazer mal.

Se saturou a raiva, e medo.

— Puta. — Começou a tremer a pálpebra direita e meus olhos arderam, mas não por culpa das lágrimas. Essa ardência era uma prova mais de minha natureza desconhecida e de por que Padera me odiava tanto.

Noah estava relativamente calmo, por ser alguém ao que acabavam de ameaçar de morte.

— Tem que contar a Morfeo. Certamente que ficará com você, o que ela fez deve ser contra a lei — disse.

Tinha razão. Ameaçar a um membro da família real ia contra a lei. Mas a Guardiã não fez só isso, também pôs em perigo a integridade de um sonhador, de Noah. Certo que sabia que, ao fazer, estava jogando suas queridas leis pela janela, assim, por que fez? Porque sabia que o modo mais rápido de me provocar era ameaçando meus seres queridos.

Karatos fazia o mesmo. O Terror Noturno matou uma de minhas pacientes e logo tentou se apoderar do corpo de Noah. Nem morta ia permitir que Padera também fizesse mal ao meu Noah.

Virei a cabeça muito devagar e me pus em pé. Tremiam os joelhos.

— Disse algo mais?

Ele arqueou uma sobrancelha ao detectar meu tom.

— Disse que eu era *um deles*. Embora não tenho nem ideia do que significa.

Teria que descobrir. Pela força do costume, encaminhei-me para o banheiro. Estava tão alterada que me custava me mover, como se as pernas ficassem adormecidas.

Noah me seguiu.

— Aonde vai?

Abri a porta do banheiro e abri um portal em questão de segundos.

— Vou conversar um pouquinho com ela.

— Ficou louca? — exclamou Noah— Dawn, isso é exatamente o que quer. Essa mulher sabia o que fazia ao me ver, que você reagiria. É uma harpia, esqueceu por acaso?

Dei meia volta. Teria que me preocupar com como Noah estava encarando tudo aquilo. Padera o converteu de novo em uma vítima, jogando com seu passado.

— Já vai sendo hora de que dê na cara.

Ele ficou olhando.

— Seus olhos... Têm o mesmo aspecto que em meus sonhos. — Piscou atônito— Se supõe que no mundo humano não poderia trocá-los, não?

Apertei a mandíbula.

— Supõe que não poderia fazer muitas coisas. — Nesse instante, e de um modo algo melodramático, voltei-me e caminhei ofendida para o portal. Mas em vez de ir ver a Guardiã. Apareci no escritório de Morfeo. Estava ali com Verek e os dois levantaram o olhar ao me ver. Maldito fosse meu pai por ter adivinhado minhas intenções.

— Onde está a Guardiã? — exigi saber, saindo do portal com os punhos fechados a ambos os lados do corpo.

Morfeo me olhou levemente preocupado, algo que antigamente me inquietava, pois dava



muito bem esconder seus sentimentos.

— O que aconteceu?

— Ameaçou Noah. — Apertava a mandíbula com tanta força que inclusive doía— Onde está?

Verek deu um passo para frente.

— Dawn, será melhor que não enfrente ela agora.

Estava farta de que todo mundo me dissesse o que tinha que fazer. Sem pensar, desatei toda a fúria que estava sentindo, e deixei que a emoção se equilibrasse sobre o Pesadelo e o lançasse ao outro extremo do escritório. Verek foi dar contra a parede como uma boneca de pano.

— Você não tem nem ideia do que é melhor para mim — gritei, fulminando com o olhar.

Verek não disse nada enquanto se levantava do chão. Era muito corpulento e o joguei pelos ares como se não fosse nada.

— Dawn. — Morfeo me tocou o ombro. Minha primeira reação foi lançá-lo também pelos ares, mas seus dedos foram me relaxando e deixei de estar zangada. precisava me acalmar.

— Sinto — balbuciei, me sentindo de repente esgotada— Verek, está bem?

No bronzeado rosto do Pesadelo apareceu seu sorriso de anúncio.

— Foi divertido, princesa. A próxima será a sua vez. — Disse de modo sedutor, e não como se fosse uma ameaça, mas nesse momento, estava sem tempo nem vontade de me preocupar por isso.

— Não permitirei que faça mal a Noah — fiz saber a meu pai— Se tocar um fio de cabelo, a matarei — afirmei, apesar de que nem sequer sabia se podia fazer. No mundo dos sonhos ninguém morre, seus habitantes se refazem.

— Não vai matar ninguém — sentenciou uma voz muito familiar a minhas costas.

Morfeo e Verek se voltaram para o portal ao mesmo tempo em que eu fechava os olhos. Merda. Noah cruzou. Outra vez. E agora eu sim que sabia que ia contra a lei.

Dei meia volta.

— Não deveria estar aqui — adverti, e meu aborrecimento encontrou outra vítima. Levá-lo ali foi o que me meteu na confusão em que me encontrava— Se a Guardiã descobrir...

— Não fará nada — interrompeu meu pai olhando Noah com sincera curiosidade— Não teria que ter deixado o portal aberto, mas senhor Clarke, supõe-se que você não teria que poder vê-lo e muito menos cruzá-lo.

Vá, e eu que estive tendo tantos problemas para esconder os portais. Meu namorado estava resultando ser quase tão surpreendente como eu.

E isso era bom, não? Quero dizer, assim, estávamos em igualdade de condições. Então, por que me incomodava?

As sobrancelhas avermelhadas de meu pai se juntaram e se moveu em círculos ao redor de Noah, como se estivesse olhando um carro novo.

— Como veio até aqui, senhor Clarke?

— Caminhando — respondeu Noah cauteloso e não dando importância.

— Interessante. — Meu pai olhou a Verek— O que acha?



O Pesadelo se colocou a meu lado, um pouco muito perto. Sua expressão não refletia curiosidade, a não ser agressividade. Estudou Noah como se representasse uma ameaça.

— Poderia ser consequência de algum dos poderes de Dawn — sugeriu Verek — Talvez sua capacidade de cruzar entre os dois mundos *pega* à pessoa que está a seu lado no momento de abrir o portal. Embora isso não explicaria como é possível que Clarke visse o portal.

Morfeo esfregou o queixo.

— A primeira vez o trouxe, e também foi ela quem jogou daqui o Karatos. — Os pálidos olhos de meu pai se fixaram em meus — Mas isto de agora é diferente. É o portal, ou acaso o inexplicável é o próprio senhor Clarke? É a primeira vez que um humano entra sem mais em nosso mundo.

Merda. Merda. Noah e eu nos olhamos. As surpresas continuavam e continuavam. Olhei Morfeo.

— A Guardiã disse a Noah que era *um deles*. Sabe o que significa?

Agora foram meu pai e Verek os que trocaram um olhar.

— Ao longo das últimas décadas, aconteceram diferentes casos de humanos que atravessaram o véu — explicou meu pai — Humanos que podem entrar em nosso mundo de diferentes modos que a princípio não seriam possíveis. E ao mesmo tempo, houve criaturas do mundo dos sonhos que foram capazes de relacionar-se com o mundo dos humanos.

Pensei em Karatos e em seu plano para passar ao outro lado. O Terror Noturno queria cruzar ao mundo dos homens para semear o terror.

A Guardiã também mencionou algo a respeito de uns estranhos incidentes. Incidentes dos que me culpava.

— É minha culpa, não? — Olhei a meu pai em busca da verdade — Se supõe que eu não teria que existir, e por isso estão acontecendo todas estas coisas.

Morfeo sorriu com ternura e se aproximou para me abraçar. Não podia olhá-lo. Como tampouco podia olhar Noah. Não queria que nenhum dos dois visse o medo em meus olhos.

— Minha querida menina, essas anomalias começaram a acontecer muito antes que você nascesse. — Acariciou-me as costas e me afoquei a ele como se fosse uma menina pequena — De fato, acredito que seu nascimento é consequência de todas essas coisas, não a causa. — Olhei-o no rosto e ele fingiu que se surpreendia — O que? Acaso acha que sua mãe foi à primeira humana com quem mantive relações? Não. Mas sim foi a primeira que me deu de presente um filho. — O modo em que disse me fez sentir bem. Era um presente, não um equívoco.

— Mas essas pessoas que estão zangadas com você, culpam-me de tudo, não?

— Acho que sim. — confirmou Morfeo — Mas o senhor Clarke nos deu outra pista que investigar. Claro que o fato de que esteja tão unido a você não ajuda muito, embora possivelmente poderíamos pôr a prova esta nova teoria de outra maneira.

— Que nova teoria? — perguntei intrigada.

Meu pai me soltou.

— Acreditam que há humanos que podem cruzar as fronteiras que separam os dois mundos. — Sorri e acariciou o cabelo — Possivelmente, no final resultará que não é tão especial, pequena.



Outros insetos estranhos como eu. Não sei se isso seria bom ou mau mas, de momento, me bastava sabendo que o que estava acontecendo não era minha culpa.

— Isso não muda nada. Possivelmente não possam seguir me culpando, mas a você sim.

Meu pai me apertou o ombro. Pude sentir o amor que emanava de seus dedos.

— Não se preocupe por eles, deixa que seja eu quem o faça.

A julgar pela luz de seus olhos e pelo modo em que apertava a mandíbula, posso assegurar que eu não gostaria de ser uma deles. Morfeo era muito bom comigo, mas todos sabiam que não era dos que se andam com gracinhas.

Voltou-se em direção a Noah e me deu um ligeiro empurrão.

— Vocês dois podem ir. Ninguém saberá de sua visita. E eu irei ter uma conversa com Padera, prometo isso.

Isso conseguiu me fazer sorrir. Oxalá pudesse vê-lo.

— Obrigado.

Morfeo sorriu levemente. Ele e Noah trocaram algumas breves saudações com a cabeça e logo o guiei até o portal para que o cruzasse antes que eu. Encontrava-me melhor quando reapareci em meu consultório? Não sei. Estava diferente, isso é certo.

O que me passou pela cabeça para lançar Verek pelos ares? E por que me contou meu pai do véu entre os dois mundos? O que significava? Estava mais confusa que nunca. Conhecia-me menos que antes.

Mas sabia uma coisa com absoluta certeza: Noah corria perigo por minha culpa. Que ele também era especial só piorava as coisas. Karatos foi atrás dele, e agora a Guardiã. E depois dela, se é que conseguíamos sair dessa, haveria alguém mais esperando sua vez? Melodramática? Possivelmente, mas sabia que era verdade.

— Acredito que temos que deixar de nos ver — disse sem prévio aviso.

Noah me fulminou com o olhar. Estava muito zangado.

— É a maior estupidez que te ouvi dizer em todo este tempo — respondeu, como se me ouvisse dizer muitas estupidezes.

Sorri com tristeza.

— Estando comigo corre perigo. — Ninguém descobriu as habilidades de Noah até que eu apareci em sua vida. E se estando comigo, essas habilidades se amplificavam? Karatos já insinuou que ele era muito mais do que aparentava e eu não me dei conta. E se Noah não era o que dizia ser? E se só me estava utilizando...?

Não, basta de tolices. Não ia pensar essas coisas.

Ele seguiu me olhando preocupado.

— Também corro perigo cruzando a rua. Maldição, poderia escorregar com um pincel e abrir a cabeça.

Sorri, apesar da opressão que sentia no peito, apesar da dor que me rasgava o coração. precisava proteger Noah. Jamais poderia me perdoar se acontecesse algo com ele.

— Está agindo como um idiota.

— E você também.



— Não — afirmei decidida— Sei que diz que o fato de que não seja de tudo humana não o incomoda, mas a mim sim, Noah. Incomoda porque, por minha culpa, pode acabar sofrendo. E me incomoda que se ponha em perigo só porque estava preocupado por mim. Eu não necessito sua segurança.

— E eu não necessito a sua — respondeu tenso.

Olhei e me quebrou o coração.

— Sim que precisa — sussurrei— No mundo dos sonhos precisa. — E não podia garantir que pudesse mantê-lo a salvo.

A dor que vi em seu rosto me chegou à alma, e não só porque era real, mas também porque ele me permitiu que visse.

— Compreendo.

Não tentei detê-lo quando girou sobre seus calcanhares e se encaminhou para a porta. Queria fazê-lo, de verdade que queria, mas me obriguei a me manter imóvel e observá-lo enquanto ia de meu escritório e provavelmente de minha vida.

E assim que me assegurei de que fez, comecei a chorar.

Essa mesma semana, uns dias mais tarde, Antwoine me ligou no trabalho e me perguntou se gostaria de comer com ele. Aceitei o convite encantada, ansiosa por saber como foi o reencontro com o amor de sua vida.

E para ser sincera, também precisava me distrair, nem os treinamentos nem as aulas com Verek e com Hadria conseguiram que deixasse de pensar em Noah. Passaram vários dias da última vez que o vi e várias vezes estive tentada de ligar e pedir perdão por ter agido como uma idiota, mas não fiz. Podem dizer que estou me fazendo de mártir, mas a crua realidade era que Noah estava melhor longe de mim, e que se tínhamos rompido, a Guardiã não teria nada com o que me ameaçar.

Negava-me a me expor, se algum dia poderíamos voltar a estar juntos. Cada coisa há seu tempo.

Reuni-me com Antwoine em uma pequena cafeteria perto do trabalho em que serviam sanduiches e sopas. Gostava de salada César, e as dali eram as melhores. Acompanhei com uma sopa de tomate com crótons. Deliciosa. Antwoine pediu chefe e um sanduiche de pão integral com peru defumado. Digo- se por acaso se interessa.

Nos sentamos a uma mesa do fundo para poder falar de gente que se metia nos sonhos e de súcubos sem ter que nos preocupar se por acaso alguém nos ouvia e achasse que éramos loucos.

Antwoine estava com muito bom aspecto, ia bem vestido e parecia relaxado. Podia imaginar perfeitamente quem sugeriu essa mudança de imagem, embora não queria que me contasse os detalhes. O único que posso dizer é que deduzi que Madrene era muito boa em seu trabalho. Meu amigo era feliz, e me bastava com isso.

Levávamos um momento conversando sobre bobagens quando vi que ele me olhava indeciso. Indeciso e arrependido, uma combinação que em minha experiência nunca augura nada



bom.

— O que acontece, Antwoine? — Bebi um pouco de água para ver se assim acalmava meu estômago. Se meu pai tivesse descoberto que ele e Madrene voltavam a estar juntos, já teria informado.

— Madrene recebeu ontem uma visita.

Deixei a garrafa de água a um lado.

— Quem foi vê-la? — Me neguei a expor todas as possibilidades. O melhor seria manter a calma até que Antwoine me contasse tudo, mas suspeitava de que sabia quem foi.

Ele negou com a cabeça e o sol que entrava pela janela iluminou umas mechas de cabelo cinza.

— Se zangará muito quando descobrir que estou contando isso. — Seus olhos se fixaram nos meus. Mas você sabe que não posso permitir que Madrene faça algo que possa colocá-la em uma confusão.

Falava igual à Noah.

— Sei — respondi com um sorriso — O que aconteceu?

Antwoine suspirou como se tivessem tirado um peso de cima. Apoiou os antebraços na mesa e se inclinou para a comida.

— A Guardiã foi vê-la. Queria falar com ela sobre você.

Tive um calafrio. Não durou o suficiente como para que batessem os dentes, mas estremeci. Quanto odiava a aquela mulher, mas por sorte, era o bastante ter medo, ao menos de momento.

— O que disse Madrene?

Antwoine duvidou um segundo.

— Nada importante, que eu saiba. De fato, acredito que discutiram. Ouvi que Madrene dizia que parecia muito decepcionada por tudo o que estava fazendo. Padera não achou nenhuma graça.

Não entendia nada.

— E por que importa a Guardiã o que Madrene possa pensar dela?

Antwoine se removeu incômodo, e desviou o olhar para seus dedos, que brincavam com os talheres.

— Bom, isso é o que queria contar. Lembra de que disse que Padera se criou com as súcubos?

— Claro que me lembro, por isso me disse que acreditava que Madrene poderia me ajudar.

— Embora, disse de passagem, a súcubo não me ajudou em nada.

Antwoine possuía tal expressão de nojo, que qualquer um diria que serviram um prato cheio de vermes.

— Não sei se pode confiar na informação que Madrene desse.

Surpreendeu-me muitíssimo ouvi-lo duvidar de sua amada.

— Por quê?

— Porque Padera é filha de Madrene.



CAPÍTULO 14

— Merda. Está de merda, não?

Antwoine não gostou que utilizasse palavras tão malsoantes. Possivelmente, Nova Iorque seja uma cidade que se rege pela norma de *vive como quer*, mas as pessoas olham feio se solta obscenidades em público.

— Eu tampouco sabia — insistiu, juntando as mãos em sinal de súplica— Tem que me acreditar, pequena.

— Por quê? — perguntei muito mais zangada do que acreditava estar— Você mesmo reconheceu que odeia meu pai. Ele o proibiu circular pelo mundo dos sonhos, e se supõe que agora tenho que acreditar que é uma mera coincidência que sua namorada seja a mãe da puta que está tratando de me desfazer?

Parecia o argumento de uma telenovela paranormal ruim.

— É a verdade.

Possivelmente não fosse capaz de ignorar o tom suplicante de Antwoine, mas podia desconfiar dele.

— Eu sabia que Madrene tinha uma filha, mas não a vi nunca. Ela sempre dizia que a menina não entenderia que sua mãe se apaixonou por um humano.

Isso sim podia acreditar.

— OH, Antwoine — suspirei resignada e neguei com a cabeça. Sentia-me decepcionada, mas meu aborrecimento se foi com a mesma rapidez com que chegou. Possivelmente meu amigo fosse um mentiroso profissional, mas ninguém era capaz de fingir a preocupação que agora deformava seu rosto. Se queria estar zangada com alguém, teria que ser com Madrene, por não me dizer a verdade quando falei com ela. Certo que me escondeu porque queria ver Antwoine. Teria confessado isso algum dia?

Provavelmente não. E a verdade é que me custaria muito voltar a confiar nela, se é que chegava a fazer. Deus, e se foi Madrene quem pôs sua filha contra mim e Morfeo? Isso teria sentido. A súcubo odiava meu pai e certamente que alimentou também o ódio de Padera.

Olhei a Antwoine pormenorizada.

— Vou ter que contar a Morfeo.

Ele assentiu abatido.

— Sei. — Logo alargou o braço e colocou uma mão em cima da minha— Não se zangue com ela, Dawn. Só tentava proteger sua filha e aproveitar o máximo o tempo que nos restasse juntos.

O da filha me importava um rabanete, mas apelar a meu romantismo funcionou.

— Tentarei — foi o melhor que pude prometer.

Terminamos de comer com rapidez e sem que se produzissem mais incidentes. Nos abraçamos ao nos despedir, e pude sentir o quanto Antwoine estava alterado e confuso. Estava com medo de que Morfeo o separasse de Madrene para sempre? Ou ele também duvidava da



mulher que amava? Eu não sabia e, para falar a verdade, sua vida sentimental não era meu assunto.

Que diabos ia fazer com a Guardiã?

Quando cheguei ao escritório, já esbocei um plano. Mas, por desgrça, antes de poder fazer algo precisava atender a minhas duas visitas da tarde. Provavelmente era melhor assim; desse modo, não correria o risco de fazer algo impulsivo. E dado que meus impulsos tendem a me pôr os olhos estranhos e me fazer lançar pelos ares Pesadelos de cem quilos, certamente era mais que recomendável que tivesse tempo para pensar bem no que ia fazer.

Assim que tive um momento livre, fui ao banheiro e me fechei dentro, como sempre fazia. Logo abri o portal, cruzei e o fechei atrás de mim. Sou uma paranoica compulsiva, e, embora me dissessem que os portais são invisíveis nos olhos humanos, ou seja, se Bonnie também tivesse algum dom estranho. Ultimamente todo mundo parecia tê-los.

Como já me reuni uma vez com Padera não seria difícil encontrá-la, acredito que já expliquei como funciona. E desta vez meu pai não me pegaria com as mãos na massa, pois controlei minhas emoções, eram mais discretas e, portanto, menos detectáveis.

Poderia tê-la chamado para dizer que queria vê-la, mas já que ela não teve nenhuma consideração comigo, eu ia devolver o favor.

Apareci diante de uma grade de ferro forjado que rodeava um cottage inglês com seu pequeno jardim. Parecia uma casa tranquila e pacífica. Aquela puta vivia ali?

Percorri o caminho até a grade e logo segui até os degraus que havia em frente à porta principal. Era uma porta velha, mas sólida, de carvalho. A aldrava era uma adaga de aço idêntica a tatuagem de Verek; o símbolo dos Pesadelos. Levantei e bati na porta com ela.

Esperei.

A espera foi curta, mas durou mais do que queria. Certo que Padera sabia. Abriu-me a porta e me surpreendeu dar conta de que não tinha medo. Basicamente estava zangada.

Ali estávamos as duas sozinhas. E eu era mais alta.

— Olá, princesa — me saudou zombadora — Queria me ver?

Como reagiria se desse um murro em sua boca? Digo a sério. Começaria a gritar como uma histérica ou brigaria sujo como um rato traidor? Eu apostava pela opção do rato. Esses insetos não são de confiar, assim preparei os punhos no caso.

— Acredito que você e eu temos que falar — disse, apertando a mandíbula.

— Ah, sim? — Não se separou da soleira nem me convidou a entrar — Do que?

— De que quer que me desfaçam por ter posto em perigo um sonhador quando logo vai e ameaça esse mesmo sonhador.

— Noah me dedurou — disse, ruborizada de satisfação — Eu já sabia que faria. Sério, Dawn, como pode estar saindo com um menino que se esconde atrás de suas saias?

Estava provocando, mas não pensava morder o anzol. Fazia o mesmo com Noah? Também disse essas coisas?

— Deixa Noah fora disto. Ele não tem nada que ver com você.

— É outra dessas anomalias que ameaçam nosso mundo. É quase tão perigoso como você.



Arqueei uma sobancelha.

— Parece que está se esquecendo no que consiste seu trabalho. É um Pesadelo, supõe-se que tem que proteger os sonhadores.

A Guardiã ruborizou como só sabem fazer as ruivas.

— Meu trabalho consiste em proteger este mundo.

Agora era eu a que parecia satisfeita de si mesmo.

— Não, seu trabalho consiste em proteger os sonhadores. Sei, por que estive aprendendo suas leis com Hadria e Verek. Embora possa que tenha razão, possivelmente deveríamos consultar com Morfeo.

Dois círculos vermelhos mancharam as bochechas e os olhos ficaram da cor do jade.

— Sim, certo que adorará saber que atuou a suas costas voltando a reunir Madrene com seu amante.

Sorri, porque minha intenção era contar tudo isso a meu pai.

— Chama a sua mãe por seu nome?

Parecia empalidecer de repente.

— Certo que Morfeo estará muito interessado em averiguar o que contou sobre mim a sua querida mamãe. Igualmente ficará muito interessado que você ameaçou Noah.

Durante um segundo, um segundo extraordinariamente satisfatório, Padera se assustou. Mas o medo desapareceu em seguida e seu lugar o ocupou a arrogância de sempre.

— Escolhe suas cartas com cuidado, pequena Dawn, no final pode perder a partida.

— Não me ameace — respondi, me erguendo.

Ela encolheu um ombro. Se houvesse sido humana, diria que era francesa de tão bem como dava fazer desplantes. Cada vez que fazia esse gesto, conseguia que me sentisse insignificante.

— Só dizia por que me preocupo com você.

Apesar de meus esforços por me manter tão fria quanto ela, depois desse comentário a fulminei com o olhar.

— Por que me odeia tanto?

A pergunta não a surpreendeu o mínimo.

— Odeio quem é. Odeio o que representa. Odeio o que fez a nosso mundo.

— Eu não fiz nada. — Pareceu muito infantil? Fiquei séria— Essas anomalias começaram antes que eu nascesse.

— Mas você é a pior de todas. Acaso não vê? — Havia tanta paixão em sua voz que me inquietei um pouco, como quando estava com um paciente a borda de um surto psicótico— Acabará conosco.

— Isso é um pouco melodramático, não acha?

Apertou os lábios.

— Se te importasse este mundo, deixaria que a desfizesse para se converter em humana cem por cento.

— Se importasse este mundo, não estaria conspirando contra seu rei.

Então riu, embora não se incomodou em negar minha acusação.



— Não se pergunta alguma vez por que Noah não te deixa entrar em seus sonhos?

Ferveu meu sangue só de pensar que ela tivesse invadido os sonhos de Noah, que tivesse visto seus pensamentos mais íntimos sem seu consentimento. E não só por isso, mas também porque me dava muita raiva que soubesse algo que eu provavelmente não saberia nunca. Não me importava que se apropriou dessa informação à força, a realidade era que sabia algo que Noah não tinha intenções de me contar.

— Se ele quisesse que soubesse, diria.

A Guardiã sorriu de orelha a orelha. Um sorriso tão agudo e afiado que me cravou como uma adaga.

— Eu sei o que é o que está escondendo, e estou impaciente por ver o que faz quando descobrir quem é Noah na realidade.

Esse foi o momento em que perdi os estribos, em que descobri o que sentiria ao dar um murro no focinho dela. Era uma sensação agradável, eu gostei de muito notar que partia o lábio com os nódulos. Inclusive gostei de notar que seus dentes me arrancavam um pouco de pele.

Padera tropeçou para trás levando uma mão à boca para parar o sangue.

— Infringi alguma lei? — perguntei sarcástica.

Ela me sorriu, fez uma careta de dor e deixou de sorrir. Mas os olhos brilhavam com tal satisfação que decidi que ali seria onde aterrissaria meu segundo murro.

— Pagará por isso.

— Seja qual seja o preço, haverá valido a pena — afirmei.

Seus olhos perderam um pouco de brilho.

— Já veremos princesa. — Pôr cara de asco não a favorecia, claro que o fato de que estivesse toda ensanguentada tampouco ajudava muito— Não tem nem ideia do que sou capaz.

Outra ameaça. A palma da mão me ardia de vontade de esbofeteá-la.

— Se fizer mal a algum de meus seres queridos...

Equilibrou-se sobre mim, mas parou escassos milímetros de distância. Eu levantei os punhos, mas foi o único que consegui fazer.

— Se fizer mal a alguém, alteza, será a você.

Por incrível que pareça, sorri. Como podia sorrir em um momento como esse?

— Faz, por favor. Quando a tiver liquidado, eu adorarei alegar que foi em defesa própria. — Sim, a Dawn que estava falando era a que se passou ao lado escuro. A Dawn que estava preparada para brigar, que queria soltar toda sua raiva em cima da Guardiã. Me contive. Para falar a verdade, não sei do que é capaz essa Dawn, e tampouco sei se quero descobrir.

Seus pálidos olhos verdes se fixaram nos meus.

— Não tem nem ideia da dor que posso infligir.

Aquilo era a guerra; não estava só defendendo, nem tampouco contra-atacando como fez com Karatos. Estava me encetando em uma batalha contra uma mulher que provavelmente podia me dar uma surra, e o pior de tudo era que tinha mais gana de começar a bater naquela puta que de ter toda a linha de maquiagem da primavera MAC.

— Possivelmente te surpreenda o que eu possa fazer a você — disse meu lado escuro com



um sorriso— Segue me provocando e descobrirá.

Seu rosto retorceu de fúria diante de minha insolência.

— Acabarei com você — me prometeu. E então fechou a porta no meu nariz.

Em vez de sentir medo ou arrependimento, senti-me animada e com uma impressionante sede de sangue; como quando vai jogar uma partida decidida a ganhar.

— Não se eu acabar antes com você — murmurei com um sorriso antes de dar meia volta e desaparecer.

Minha mãe tinha muito mau aspecto.

Observei-a enquanto nos servia uma xícara de chá. Parecia mais frágil do que o habitual, e faltava o glamour que normalmente exsudava. Parecia pálida e cansada. Estava muito elegante, como sempre, com um pulôver cor ameixa e calças marrons, sapatos Prada e joias Chanel, mas, mesmo assim, vi que não estava bem.

— Como está? — perguntei como uma boba, como se não soubesse já a resposta.

— Estou bem — me respondeu, apesar de que inclusive sua voz parecesse esgotada— A ligação com o mundo dos humanos é muito forte. — Sorriu-me sem humor— Suponho que se alegre de que, por fim, tenha que pagar por meus pecados.

Até então eu haveria dito o mesmo.

— Não, assim não. Não quero que seja obrigada a fazer algo contra sua vontade.

Olhou-me surpresa e voltou a deixar o bule na bandeja. Ficou calada um segundo antes de voltar a falar.

— Uma parte de mim acredita que deveria deixar que esse médico me despertasse, e assim poderia me despedir de todos como é devido, mas tenho medo.

Peguei um sanduiche de atum e dei uma dentada.

— Acha que se esse tipo consegue despertar, poderá impedir que retorne aqui? — Era disso do que tinha medo?

Ela assentiu.

— Sou uma pessoa horrível, não?

Encolhi os ombros, e eu mesma me surpreendi do pormenorizada que havia me tornado com relação a esse assunto.

— Sua vida está aqui. — Agora me tocou sorrir sem humor— Ao menos você sabe a que mundo quer pertencer.

Uma mão pequena se colocou sobre a minha. Possivelmente fosse delicada, mas continuava desprendendo calor e uma força surpreendente.

— Eu tenho que escolher Dawn. Você não. Você pode pertencer a ambos.

Ri sem vontades. Acaso aquilo não equivalia a dizer que jamais pertenceria a nenhum dos dois? Vamos, não acredito que os habitantes desses dois mundos estivessem dispostos a me aceitar tal como era.

— Não sei se estou mentalmente pronta para isso.



— Se alguém pode fazer, é você. Você sempre consegue o que se propõe.

Eu não tenho essa ideia de mim para nada, mas não discuti. O único que queria era que minha mãe ficasse bem. Não queria que tivesse que escolher.

Mas em vez de dizer isso, mudei de assunto.

— Certo que Morfeo está louco de preocupação.

— Nem imagina — respondeu — Está completamente decidido a me reter aqui. Se não fosse por ele, eu já teria me dado por vencida.

Se não tivesse sido por ele, minha mãe não estaria ali, pensei, mas tampouco disse. Passei muito tempo odiando-a por ter nos abandonado, mas uma parte de mim podia entender perfeitamente que se foi com um homem que a amava tal como era. Eu esperava que Noah fosse esse homem, mas de momento, não parecia ser possível. E muito menos quando sempre parecia ter alguém do mundo dos sonhos nos perseguindo ou tentando nos matar.

Ou alguém insinuando que ele me escondia algo; algo que podia mudar o que eu sentia.

Peguei uma bolacha da bandeja que tinha a frente — a receita da avó — e bebi um pouco de chá. Conversamos um momento mais sobre tolices, até que mamãe foi direta ao ponto.

— Tenho que pedir um favor, Dawnie.

Deixei a xícara sobre a toalha de flores e segurei as mãos sobre o colo. Estava preparada e composta.

— Qual?

Ela deixou a xícara no pires e brincou com a asa. A fazia girar de um lado a outro. Recordou minha avó, quando nos ensinava a mover a xícara para ler as folhas.

— Se acordo, quero que cuide de Morfeo. Ele não aceitará bem minha partida.

— Diz como se estivesse morrendo. — Tentei fazer uma piada de mau gosto.

Seus olhos se fixaram nos meus.

— Para seu pai, será como se tivesse morrido.

Deus. Me fez um nó na garganta. Assenti.

— Cuidarei dele. — O que poderia fazer? Dar a mão? Não queria nem pensar no que Morfeo faria se minha mãe fosse, em como aguentaria a dor. Esta converte aos deuses em seres instáveis, irracionais e muito perigosos. Sei, por que fui à aula de mitologia na universidade.

Então acendeu a lâmpada. Tudo aquilo parecia outra estratégia urdida pelos inimigos de meu pai. Se desfaziam de mamãe, Morfeo perderia o controle, seria vulnerável e estaria furioso. Eles não podiam impedir que minha mãe retornasse ao mundo dos sonhos, não? Poderia fazê-lo, mas já não seria o mesmo. Morfeo já não seria todo seu mundo, e isso o deixaria de saco cheio, e assim cairia totalmente na armadilha de seus inimigos.

Se meu pai perdesse o controle, se cedia às provocações de seus adversários, estaria dando o que tanto queriam. Maldição.

— Ajudarei — reiterarei — Farei tudo o que possa por ele. — E em silêncio supliquei aos deuses que me estivessem escutando, fossem do mundo que fossem, que me dessem força para ajudar Morfeo a manter a calma e a conservar seu mundo.

E rezei para que mamãe não despertasse.



Ela me apertou a mão.

— Cuida também de você. Há quem tratará de te utilizar para fazer mal a seu pai.

— Acredito que alguém já fez.

Mamãe arqueou uma sobrancelha.

— A Guardiã? — Depois de me ver assentir, fez uma careta— Nunca confiei nessa mulher.

Não dê as costas a ela, Dawn.

— Não farei.

— A quem não tem que dar as costas? — perguntou Morfeo, atrás de mim. Odiava que aparecesse assim.

— A Guardiã — respondi quando ele se inclinou para me dar um beijo na bochecha.

— O que fez agora? — sentou-se ao lado de minha mãe, beijou-a também na bochecha e segurou as mãos ao mesmo tempo. Meu pai era todo um sedutor.

— Tratou de me chantagear. — Melhor seria que aproveitasse para contar toda a verdade. Assim Padera não teria nada com que me ameaçar. Claro que, possivelmente então meu pai já me tivesse quebrado as duas pernas.

Parecia preocupado. Pegou uma bolacha com a mão que tinha livre e a mordeu.

— Se seguir assim, perderá seu trabalho. Com o que queria chantagea-la?

Respirei fundo.

— Ameaçou contar que reuni Madrene e Antwoine para compensá-lo pelo muito que ele me ajudou com Karatos.

Morfeo ficou mais bravo que esperava. Golpeou a mesa com os punhos e a destruiu completamente, e logo, claro, a fez reaparecer intacta, incluída minha xícara de chá pela metade.

Eu fiquei imóvel, igual a minha mãe, à espera do que ele pudesse fazer a seguir.

— Me desculpem — disse em voz baixa. Parecia muito zangado, mas também parecia um pouco envergonhado— Não teria que ter reagido assim. Não aprovo o que fez Dawn. Teria que ter me consultado antes, mas Antwoine a ajudou a derrotar Karatos, e isso significa que também a ajudou a voltar para meu lado, assim que me parece razoável que permita a ele estar com Madrene.

la suspirar de alívio quando acrescentou:

— Sempre e quando sua relação não interfira nas obrigações de Madrene, não tenho nenhum problema em permitir que sigam se vendo. Mas Antwoine fica onde está.

Em resumo, ele continuava sem poder circular livremente pelo mundo dos sonhos, mas recuperava a sua garota.

— É um velho, Morfeo — disse minha mãe.

Por que fiquei com a sensação de que acontecia algo que não estavam me contando? Estar ali era como estar em uma competição contínua. Tantas dúvidas e tanto segredos são exaustivos.

— Antwoine é uma anomalia — respondeu ele— E é muito perigoso.

Quase me engasgo de risada.

— Antwoine, perigoso?

Meu pai não viu a graça.



— Possivelmente, algum dia seu amigo conte toda a verdade de por que o bani. Não foi só por sua relação com Madrene, nem porque me atacou.

— Está dizendo que não deveria confiar nele? — Me tremeu o queixo ao formular a pergunta, porque, no que se referia a Antwoine, já estava com mais dúvidas do que podia suportar.

— É obvio que não. Demonstrou de sobra que é seu amigo. O único que peço é que quando contar coisas de mim, sobre as circunstâncias que levaram a seu exílio, não acredite com convicção e que me permita que eu siga desconfiando dele pelos dois.

Pareceu justo, embora algo inquietante. Eu não gostava de pensar que Antwoine me ocultava algo, e tampouco queria me expor à possibilidade de que não fosse tal como eu acreditava.

— Está contando tudo isto agora porque a Guardiã a ameaçou? — perguntou Morfeo.

Não me custou o mínimo aguentar o olhar, porque sabia que se não contasse a verdade, me sentiria muito pior e tudo aquilo terminaria por me explodir no rosto.

— Em parte sim. A verdade é que decidi contar tudo quando Antwoine me disse que descobriu que Madrene é a mãe de Padera. — O que era estranho, agora que o penso, porque Padera é pálida como o leite e Madrene não.

Minha mãe ficou boquiaberta.

— Sério?

Morfeo a olhou e se removeu incômodo.

— Sim — respondeu ele.

Mamãe apertou os lábios.

— Compreendo.

Eu os olhei, primeiro um e logo ao outro. Que diabos estava acontecendo?

— Parece, a Guardiã foi ver Madrene e começou a fazer perguntas sobre mim. — peguei outra bolacha. Deus, que boas estavam— Madrene mentiu, disse-me que me diria o que sabia de Padera, mas não me contou nenhuma palavra. E agora sei por que.

— Não sabe nem a metade. — Minha mãe estava com as bochechas acesas, e estava tão zangada que não podia nem olhar ao Morfeo— Conte para ela.

Voltei a olhá-los.

— Conte o que.

— Maggie... — advertiu meu pai, mas ela estava muito furiosa para fazer caso.

Mamãe dobrou o guardanapo.

— Nunca me disse quem é seu pai.

— Do que estão falando? — Uma teoria começou a tomar forma no mais profundo de minha mente.

Minha mãe me olhou com tanta intensidade que me senti como uma mariposa fixada em uma cortiça com um alfinete.

— Dawnie, possivelmente seu pai odeie esse tal Antwoine porque roubou sua amante.

Fiquei boquiaberta. Morfeo soltou uma maldição e se negou a me olhar nos olhos; na



realidade, estava muito ocupado olhando minha mãe, quem a sua vez continuava olhando a mim.

Não haviam palavras para expressar o que estava sentindo. O único que pude dizer foi:

— Você e Madrene?

— Sim — respondeu mamãe— antes de me conhecer, seu pai e Madrene foram amantes durante muitos anos. Antwoine se intrometeu entre vocês, não é assim, Morfeo? — O olhar que lançou a meu pai teria partido um carro pela metade.

Só havia uma explicação possível para sua fúria. *Nunca me disse quem é seu pai.* Merda. Merda.

— Quer dizer que... — OH, Deus, nem sequer podia terminar a frase.

Morfeo o fez por mim.

— Sim, Dawn. A Guardiã, Padera, é sua meia irmã.

CAPÍTULO 15

— Você sabia? — perguntei a Verek ao olhar para baixo, enquanto estávamos escalando um precipício.

Ele jogou a cabeça para trás para me olhar. a testa empapada de suor e as bochechas vermelhas. Estava muito bonito, tendo em conta que quase chegávamos ao topo daquela enorme montanha. Segurava à rocha com os dedos, e os músculos dos braços esticavam, ao suportar a maior parte do peso.

— Se sabia o que?

— Que Padera é minha maldita irmã.

Verek chegou ao topo e se sentou em uma rocha que havia junto a meus pés.

— Sim, sabia — respondeu, antes de ficar em pé.

Eu fiquei ali, presa de uma espiral de frustração, enquanto ele secava o suor da testa com o antebraço. Apesar de estar tão suado, não cheirava mal.

— Por que não me disse isso?

Olhou-me.

— Teria servido de algo?

— Pois claro que sim! — Não? Quero dizer, é óbvio que ela já sabia que somos da mesma família e isso não impediu de desejar que desaparecesse dali para sempre.

— Não, não teria servido de nada — me contradisse, me afastando. Cheirava muito bem, para homem suado. Muito bem, envergonhou-me reconhecer— Que sejamos irmãs não muda nada, o único que acontece é que agora se sentirá culpada por odiá-la.

— Eu não a odeio — insisti. E Verek voltou a me olhar— Está bem, de acordo, a odeio. — Ele tinha razão, agora me sentia culpada, mas não porque Padera não merecesse meu ódio, mas sim porque odiar a um irmão ia contra meus princípios.

Verek riu uma risada rouca que parecia sair dos pés.



— Não se preocupe princesa. A ajudarei a relaxar um pouco.

Sim, certo que poderia me ajudar a relaxar.

— Tenho vontade de boxear um pouco — disse — Quer?

Ele me estendeu a mão.

— Quando quiser.

Segurei a mão e imaginei o lugar onde íamos treinar às vezes, uma espécie de ginásio que Verek montou, como esses que saem na televisão. Acredito que vi Rocky muitas vezes.

Eu usava minhas calças de ioga e uma camiseta, assim, estava preparada para começar. Dei a volta e vi que Verek só usava shorts muito ajustado. Nada mais.

Deus santo, parecia um desses gladiadores modernos.

Se eu também era um Pesadelo, por que não tinha aqueles abdominais? Certo, a verdade é que não queria para mim aquele tablete de chocolate, mas uns músculos um pouquinho mais definidos não estariam nada mal. Suponho que era porque em todas as mitologias os homens são fortes e musculosos e as mulheres suaves e com curvas. Eu era decididamente muito suave, e tinha curvas, vá se as tinha.

— Vamos — disse Verek — entra no ring. Será melhor que comecemos.

Subi os degraus com estupidez e passei por debaixo das cordas. Senti o colchonete frio sob meus pés.

— Sei que tem algumas noções de arte marcial — disse — assim, pensei que poderíamos começar por aí.

Arqueei uma sobrancelha.

— Quer que lutemos corpo a corpo?

Verek me sorriu, um sorriso de lobo que deixou descoberto seus dentes brancos.

— Não, princesa. Você quer brigar, assim vamos fazer.

E então se agachou no colchonete e, com um movimento de perna, levantou-me os pés e saltou ao chão.

— Vá!

Caí contra o colchonete com todo meu peso e fiquei sem ar nos pulmões. Quando consegui reagir, Verek me fez um nó e estava explicando como se chamava aquela postura e por que não podia me soltar. Estou segura de que explicava muito bem, mas me apitavam tanto os ouvidos que não me inteirava de nada.

— Se solte. — Foi o que entendi quando minhas orelhas deixaram de assobiar.

— Não posso. — Tratei de respirar — É muito mais forte que eu.

Verek se agachou. Podia cheirar o calor que emanava de sua pele.

— Princesa, este é seu mundo. Me dê uma surra.

— Como diabos se supõe que posso fazer?

— Tenta. — Foi o que disse e o único que ia dizer. Ficou em silêncio e seguiu me segurando naquela maldita postura.

Certo, já o pegava. Se minha cabeça não mudasse de postura nos próximos minutos, ia explodir. Ou possivelmente, minha coluna vertebral expulsasse uma vértebra. Fechei os olhos e



me concentrei em tomar e expelir ar, e logo enfoquei meus sentidos para dentro. Verek tinha razão. Em teoria, no mínimo teria que ser uma rival digna dele, que era mais forte, mas eu sou a filha de Morfeo, uma espécie de Wonder Woman⁶ do mundo dos sonhos.

Pena que esqueci o látigo em casa.

Movi um braço e o coloquei entre nossos corpos, e logo empurrei, mas não só com o braço, mas também com uma perna. O peso de Verek cedeu um pouco e ele tratou de reequilibrar, mas eu aproveitei esse instante para utilizar seus próprios movimentos contra ele. O resultado foi que os dois fomos parar no chão, mas dessa vez comigo sentada escarranchado em cima dele, afastando o cabelo do rosto e segurando os braços atrás das costas.

— O que achou? — perguntei satisfeita.

— Perfeito — me respondeu com um grunhido— Mas já sabe que não deveria se vangloriar. — E em questão de segundos voltei a estar deitada com as pernas em cima dos ombros do Verek e com os braços imóveis nas costas porque ele me retinha com uma mão.

Era uma sorte que já estivesse ruborizada, do contrário teria dado conta de que fiquei vermelha. Acaso não se precavia de que aquelas posturas eram muito sexuais?

— E agora, o que vai fazer? — perguntou-me sedutor.

Não pensei, simplesmente reagi. Apanhei o pescoço com as coxas e apertei, apoiando todo meu peso nos ombros. Empurrei para cima e para frente, e recorri a meus abdominais para estabilizar o movimento. Certo que teria hematomas, mas teria valido a pena. Propulsei para cima e saltei.

Virtualmente, aterrissei em cima de seu rosto. Deus santo. Afastei-me e sentei no colchonete tão rápido como pude.

Ele se sentou com facilidade e vi que sorria de orelha a orelha.

— Foi muito interessante.

— Se cale. — Sim, essa foi à resposta mais inteligente que me ocorreu.

Verek se aproximou com tanta rapidez que não tive tempo de reagir. Amaldiçoei a mim mesma por ser tão idiota, e ele voltou a me segurar contra o chão. suas pernas estavam em cima das minhas, enquanto segurava minhas mãos por cima da cabeça.

Podia sentir cada centímetro de seu musculoso corpo grudado ao meu. Seus abdominais eram de aço, mas suaves como a seda e estavam em cima de meu estômago. E roçando minha coxa... Bom, digamos que o que me roçava a coxa também estava firme como o aço. Cravei os olhos nos seus e soube com absoluta certeza que se insinuasse que seria bem recebido, Verek me beijaria.

Quando diabos aconteceu aquilo? Não fazia nem ideia de que ele se sentisse atraído por mim. Pensava que me respeitava, embora ao mesmo tempo, o frustrava e aporrrinhava. Nem louca imaginaria que terminaríamos assim.

Pior ainda. Nem louca teria imaginado minha reação. Verek era muito bonito, era tão bonito que dava medo. No mundo real seria ator ou modelo, e nunca teria se fixado em mim. É obvio que

⁶ Mulher Maravilha.



queria que me beijasse. Possivelmente, inclusive sentia certa curiosidade por saber como seria deitar com ele. Era tudo o que uma mulher sonhava. O protagonista de uma novela romântica na realidade, incluída a tendência que têm esses homens a pensar que sempre têm razão.

Mas não era Noah, e aí radicava o problema. Meu corpo respondia a Verek igual faria o de qualquer mulher heterossexual com sangue nas veias, mas meu coração não. Meu coração pertencia a Noah, e isso significava que o resto de meu corpo também. Para ser sincera, não me custou nada tomar essa decisão.

Assim posso dizer com total franqueza que eu gostei de muito jogar a cabeça para trás e dar uma cabeçada. Verek se separou de mim com um gemido de dor e segurou o nariz, que não parava de sangrar. Sentou e me olhou por cima das mãos. O sangue escorregava por entre os dedos.

— Fez armadilhas — se queixou — Me distraiu com suas artimanhas de mulher.

Fazia muito tempo que queria rir a gargalhadas, e agora que havia uma desculpa para fazer, aproveitei.

— E você não queria me distrair, capitão Ereção?

Verek sorriu.

— Ponto.

Então colocou o nariz no lugar com um movimento seco e eu fiz uma careta ao ouvir o ruído dos ossos ao se encaixar. Deixou de sangrar.

— Bom trabalho. — estendeu a mão para me felicitar.

A apertei.

— Obrigado. Você também.

Teria que saber que não podia confiar nele. Assim que seus dedos se fecharam sobre os meus, puxou e me fez aterrisar contra seu peito nu.

Dedos fortes, e sem rastro de sangue, seguraram o queixo enquanto seus lábios devoravam meus. Foi como beijar uma fogueira, uma fogueira enorme e incrivelmente sexy.

Verek me afastou à mesma velocidade com que me aproximou. Notei que passava os dedos pelo lábio superior para limpar algo. Parece que era sangue. Acreditarão que estou mal se disser que me pareceu muito erótico?

— Uma pequena lembrança para que pense em mim, princesa — murmurou com arrogância enquanto ficava em pé — Se algum dia quiser voltar a jogar, me chame.

Fiquei sentada no meio do ring e, como uma idiota, observei-o partir. Parecia uma confusão. Que diabos aconteceu? Todo aquilo passou de verdade ou sonhei? Era possível que minha vida se complicasse ainda mais?

A resposta a essa última pergunta era sim, podia. O que me ajudou a encontrar a resposta ao oferecimento de Verek. É obvio que estava tentada de jogar com ele, mas não o suficiente. Embora o lado escuro, ou possivelmente simplesmente a Dawn do mundo dos sonhos, queria sair correndo e persegui-lo igual a uma leoa a sua presa.

Mas só havia uma pessoa pela que estava disposta a me arriscar, só uma que merecia, e essa pessoa era Noah.



Rezei para não tê-lo perdido para sempre.

No dia seguinte, fui comer com Antwoine. Precisava apagar o sabor de Verek dos lábios. É um comentário de mau gosto? Sim, é, mas era verdade. Provavelmente se devesse a que ele era uma criatura do mundo dos sonhos, mas uma parte de mim gostava muito do que me fez e queria voltar a sentir isso.

De caminho ao meu encontro com Antwoine, liguei para Noah no celular. Ia pela Madison e, com o ruído da cidade a meu redor, custou distinguir a mensagem de sua secretária eletrônica. Estava se esquivando minhas ligações? Possivelmente, mas o mais provável é que estivesse trabalhando.

Não me incomodei em deixar uma mensagem. Não fazia ideia do que podia dizer e que não me fizesse ficar como uma idiota, assim desliguei e guardei o celular no bolso lateral da bolsa. Se mais tarde tivesse a coragem necessária, voltaria a ligar.

Que diabos estava pensando no dia que rompi com ele? Éramos muito mais fortes juntos que separados. Qualquer um saberia que só o deixei porque estava medo de que fizessem mal a ele, mas no final foram atrás dele de todos os modos. E agora Noah estava com o orgulho ferido, e eu me dei conta muito tarde.

Verek me obrigou a assumir o muito que sentia falta dele. E também me ensinou que havia muito pouca diferença entre a luta corpo a corpo e os preliminares, na hora de fazer amor. Teria que perguntar a Noah se tinha experiência naquelas artes marciais.

Entrei no restaurante e estava a uns minutos sentada a nossa mesa quando chegou Antwoine.

— Isto se está convertendo em um costume — disse ele, sentando diante de mim— de ficar para comer.

Devolvi o sorriso, mas me senti forçada isso.

— Sinto não ter podido avisar antes. Obrigado por vir.

— No final era importante. — Olhou-me com tanto carinho e preocupação que me resultou impossível pensar mal dele. Simplesmente impossível— O que acontece, pequena Dawn?

O garçom decidiu aparecer nesse preciso instante para nos perguntar se queríamos algo de beber, assim eu pedi uma Coca-cola light. Já sabíamos o que queríamos para comer, e escolhemos duas sopas e dois sanduíches.

Assim que voltamos a ficar a sós, disse:

— Antes de mais nada, tenho que contar algumas coisas. A primeira, Morfeo não vai se interpor entre você e Madrene.

Dizer que Antwoine ficou surpreso seria bobagem.

— Sério?

Assenti.

— Se Madrene segue cumprindo com suas obrigações de súcubo, não importa quanto tempo passe com ela. — Não estou de todo convencida de que a última parte fosse verdade, mas



que diabos.

— Bom, eu... — balbuciou— Isto sim que não esperava.

Coloquei o guardanapo sobre os joelhos para não ter que olhá-lo.

— Antwoine, sei que Morfeo e Madrene estiveram juntos uma época. Padera é minha meio irmã. — Não o olhei até que pronunciei a última palavra.

O ancião que estava sentado diante de mim empalideceu grandemente.

— Vá — pigarreou— Isto tampouco esperava.

Acreditei.

— Por isso há tanto rancor entre vocês, não? Por isso você perdeu Madrene.

Antwoine assentiu devagar e vi que pouco a pouco ia recuperando um pouco de cor.

— Em parte. Mas Padera já era maior quando apareci. Madrene não teria vindo comigo se tivesse sido feliz.

Tinha razão. Igual a minha mãe não teria abandonado a sua família se tivesse sido feliz em casa.

— Antwoine... — Deus, como podia perguntar. Aproximei-me mais à mesa— Preciso saber se você ou Madrene estão confabulados com a Guardiã.

Franziu a testa.

— O que quer saber é se Madrene ou eu queremos fazer mal a você ou a seu papai.

Sustentei o olhar sem piscar.

— Sim. — precisava saber se de verdade nos conhecemos por acaso esse dia no supermercado. queria saber que ele não levava semanas conspirando contra mim.

— Dawn — disse ele com um sorriso— se quisesse fazer mal a Morfeo, não utilizaria você para isso. Eu não jogo sujo. Você é minha amiga.

Acreditei nele. Reconheço que queria acreditar. Queria acreditar que me queria, que eu não era um meio para chegar a meu pai.

— precisava perguntar.

— É obvio. E faz bem em ser suspicaz.

Dei conta de que Antwoine não mencionou a Madrene em sua resposta e me preocupei um pouco. Se ele confiava na súcubo, eu também faria. No final, Antwoine me disse que Madrene discutiu com sua filha por minha culpa, assim, talvez ela estivesse do meu lado.

— Suponho que sabe que se algum dia tratasse de se vingar de meu pai, teria que impedi-lo.

— A que diabos vinha isso?

Ele me voltou a sorrir com ternura.

— Sei. Possivelmente algum dia estejamos em lados opostos, pequena, mas hoje não. E amanhã tampouco. Espero que nunca cheguemos a estar.

— Eu também espero — afirmei, depois de engolir em seco.

Meu amigo me deu uns golpes na mão.

— Não se preocupe por coisas que possivelmente não aconteçam. Me conte como vai tudo entre você e o jovem Noah.

E dizia que não queria que me preocupasse. Suspirei e contei o que aconteceu. Ele me



escutou sem dizer nada enquanto eu vomitava toda a história. Segui falando, inclusive depois de que nos trouxessem a comida.

Quando terminei, Antwoine me deu de presente outro de seus sorrisos e tomou um pouco de sopa de tomate.

— Assim é o amor, pequena. Tem que trabalhar e às vezes não é fácil.

Bom, dito assim não parecia tão difícil, não? Suponho que se ele e Madrene encontraram o modo de estar juntos apesar de pertencer a mundos diferentes igual, a minha mãe e meu pai, Noah e eu também conseguiríamos. Ao menos, nós tínhamos a sorte de viver na mesma dimensão.

O que passava era que não podia suportar a ideia de que acontecesse algo ruim por minha culpa. Quando me lembrava do que Karatos fez, de como o Terror roubou sua capacidade de sonhar, ficava doente. Mas nada era comparável ao que sentia quando pensava que possivelmente não voltaria a vê-lo mais.

Quando Antwoine e eu nos separamos, sentia-me muito melhor. Retornei caminhando ao consultório e parei para comprar um café pelo caminho. Sim, bebo muito café, sei. Não fumo e faz um ano que não como batatas fritas. O café e a maquiagem são meus únicos vícios.

Ao chegar a meu lindo consultório, pendurei o casaco e tirei o celular da bolsa. Liguei para Noah antes que pudesse perder a coragem e esperei nervosa que atendesse.

Voltou a cair na secretária eletrônica.

— É Noah. Deixa uma mensagem. Liguei.

— Olá — disse insegura. Deus sentia como uma idiota— Sou eu. Eu gostaria de falar com você. Me ligue se quiser também.

Apertei à tecla de desligar antes que pudesse dizer alguma outra estupidez. Embora acredite que teria ajudado dizer que o sentia.

Deixei o telefone em cima da mesa e me sentei a repassar as três consultas da tarde. Ao menos, assim me manteria ocupada e não estaria olhando o telefone todo o momento.

Olhei a cada quinze minutos, só no caso de acontecer algo. Não aconteceu nada. Possivelmente Noah estava ocupado, pensei ao sair do trabalho.

Mas quando chegou o momento deitar na cama, dei conta de que o homem que amava não tinha intenção de me devolver à ligação.

Essa noite sonhei que estava em um carrossel lindo e que ia dando voltas sentada em um cavalo branco enquanto soava música de feira ao fundo. Foi maravilhoso. Senti-me viva e livre. O único problema era que podia descer em dois lugares e não sabia qual escolher.

Estava a ponto de tomar uma decisão quando a música começou a mudar até converter-se em uma melodia que arrepiava, e logo parou igual ao carrossel.

E então se apagaram as luzes da atração. Sem seu brilho, pude ver onde estava e tudo o que não vi antes. Ou possivelmente era que, simplesmente, antes tudo aquilo não estava. Fosse como fosse, era evidente que me encontrava em um parque de atrações fechado.



Desci do cavalo de madeira e um calafrio percorreu as costas. Algo não ia bem naquele sonho, mas não conseguia identificar o que. Desci do carrossel muito devagar e voltei em direção a um caminho que havia mais luz.

O chão estava cheio de chicletes e de tickets das atrações, aos que faziam companhia pipocas, canudos de refrescos e batatas fritas amassadas. O pegajoso aroma de açúcar de feira impregnava o ar junto com o do óleo das maquinarias e o da fumaça dos cigarros.

Avancei com cautela, consciente de que ia acontecer algo ou de que ia aparecer alguém como Freddy Krueger ou Cara de Couro, da matança do Texas, esquartejando. Não comecei a gritar como essas estúpidas garotas dos filmes de medo, mas sabia que havia algo me esperando. O único que não sabia era se representava uma ameaça.

— Uma mulher como você teria que saber que não pode sair sozinha à noite.

Fiquei petrificada, a sola de meu sapato aterrisou sobre uma massa de chiclete rosa. Conhecia essa voz, e a verdade é que esperei não voltar a ouvi-la nunca. Não queria dar meia volta e olhá-lo à cara. Era um sonho. Não era real. Não podia ser real.

Esfreguei a sola do sapato contra o chão ao dar a volta. De pé, sob uma potente luz, estava Phil Durdan. Ia vestido com jeans, botas e um pulôver. Parecia um tipo corrente, o único que chamava um pouco a atenção era o velho medalhão que pendurou ao pescoço.

A aguda resposta que pensei morreu em meus lábios assim que olhei nos olhos. Não era uma criatura do mundo dos sonhos. Era Phil de verdade. Mas eu não estava em seu sonho, mas sim ele estava no meu.

E quando tratei de jogá-lo, nem sequer se moveu, mas sim se limitou a me sorrir.

— Não está acostumada a que ninguém se meta em seus sonhos, não é?

Tinha razão, e se ele fosse uma pessoa normal diria, mas não era. Phil era um psicopata que arrepiava.

— Não, não estou. E suponho que não se importará em contar como chegou até aqui.

Riu.

— E deixar que jogue tudo a perder? Não acredito. — Sua risada se apagou— Mandou-me a prisão.

— Ser um violador o mandou a prisão, Phil — disse eu, em um tom calmo. Igual se estivesse falando com um paciente potencialmente perigoso.

— Acabou com minha vida!

Nem me alterei.

— Você fez isso sozinho. — Pensei em Amanda e na bandagem de sua cabeça, e o medo que sentia na parte baixa das costas se converteu em raiva. Durdan era um monstro, mas de algum modo conseguiu entrar em meu sonho. Supunha que eu ali era muito poderosa, e, entretanto agora não tinha esse poder.

Isso significava que alguém o ajudou.

Têm três oportunidades para adivinhar quem foi. Que difícil. A Guardiã? Minha meia irmã estava louca e se autoproclamou defensora do mundo, me outorgando o papel de vilã e destruidora do universo. Repito um argumento digno de um romance paranormal.



— A odeia de verdade — murmurei.

— Assim é — concordou Phil sem nem sequer tratar de esconder que não foi Padera a que fez que esse encontro fosse possível— Me disse que me assegurasse de que não sobrevivesse. E que podia fazer tudo o que quisesse.

Não gostei nada do brilho faminto que havia em seus. Retrocedi um passo.

— Não posso morrer no mundo dos sonhos, Phil.

— Mas pode sofrer. — E então sorriu— E estou convencido de que quando terminar com você desejará estar morta.

Que detalhe.

— Você também pode sofrer. — Assim que disse essas palavras, senti uma grande segurança em mim mesma. Ali era eu a que tinha o poder. Não ele. Aquele era meu mundo.

Meu mundo.

Phil sorriu.

— Não tenho medo.

Pois deveria ter isso não? Se me defendesse dele, o Conselho acreditaria que ataquei a outro sonhador ou considerariam que agi em defesa própria? Alguém acreditaria que a Guardiã, minha fodida meia irmã, meteu Phil em meus sonhos?

Com a minha sorte, provavelmente não. Mas agora, isso era o que menos me preocupava. Minha principal prioridade era evitar que Phil seguisse cometendo atrocidades.

Comecei a retroceder. E então dei meia volta e comecei a correr. Enquanto minhas pernas foram ganhando terreno, me concentrei e tentei sair do sonho. Tratei de despertar, mas não consegui. Tentei teletransportar a outro lugar e tampouco funcionou.

Não podia ir a nenhum lado, literalmente. Topei com uma cerca. Devia medir mais de seis metros e a parte superior estava coberta com um cabo espinhoso. Era impossível que pudesse saltar. E um cadeado do tamanho de minha cabeça me impedia de cruzar.

Padera realmente pensou em tudo. Não podia sair pela via tradicional, mas podia modificar o sonho a minha vontade?

Ouvi Phillip se aproximando atrás de mim.

— Tudo isto seria muito mais fácil se não resistisse.

O coração batia desbocado contra o peito e voltei para olhá-lo.

— Isso não acontecerá, Phil.

— Já imagino — respondeu resignado.

Quando atacou, estava preparada. Consegui esquivá-lo e evitei o golpe que ia dar, recorrendo a um dos movimentos de aikido que me ensinou Noah. Phil tropeçou, mas não caiu, e conseguiu esquivar o chute que ia dar.

— Já sei que disse que seria mais fácil — disse, quando recuperou o equilíbrio. Estava suando— Mas a verdade é que eu gosto mais quando opõem resistência.

— Suponho — respondi. A adrenalina corria pelas veias junto com a raiva, que por sorte substituiu ao medo. Não me serviria de nada estar assustada, mas estar furiosa provavelmente sim. Lutaria contra ele até recuperar o controle.



Phil voltou a se lançar em cima de mim. Esta vez conseguiu me dar um murro no estômago, mas meu cotovelo acertou contra sua mandíbula, assim estávamos empatados. Mas então me pegou pela cintura das calças e me grudou a ele. Deu um chute nos pés, perdi o equilíbrio e caí. Minha cabeça aterrisou contra algo sólido, não o bastante para me fazer sangrar, mas sim para ver as estrelas. Bati com uma velha mesa de centro.

Meio enjoada, olhei ao redor e tentei me pôr em pé. Estávamos na loja de bonecas que vi nos sonhos de Phil. Agora ele estava no comando.

Saltou em cima de mim e me lançou contra o chão. Ao menos não ocorreu me mudar de roupa, pensei aliviada enquanto dava outro murro. Usava jeans e camiseta, não seria tão fácil me violar. Estou convencida de que a violação estava incluída na lista de coisas que a Guardiã prometeu que podia me fazer.

Entretanto, não ia ficar fácil. Resistiria e brigaria contra ele com todas minhas forças. De fato, começava a gostar da ideia de dar um chute em sua boca.

Phil me deu outro murro no rosto, no mesmo lugar que antes. Uma dor aguda subiu pela cabeça e me nublou o olhar. E então me deu um murro no olho. Repetia esses golpes uma e outra vez, estava a ponto de desmaiar, e então poderia fazer comigo o que quisesse.

Não podia permitir.

No mesmo instante em que me dava conta do que esteve a ponto de acontecer, compreendi outra coisa: o Pesadelo que havia em mim estava despertando, e não estava achando nenhuma graça que me estivessem dando uma surra.

Já era hora.

Dei uma cabeçada em Phil no rosto e o tirei de cima de mim. Foi parar no chão e meus olhos ao medalhão que pendurava em pescoço. Visto mais de perto, parecia estranhamente familiar. Era um objeto do mundo dos sonhos, e tinha duas luas crescentes desenhadas dando as costas a uma à outra. Não sabia o que significava, mas supus que não estava enganada se deduzia que esse medalhão era o que dava tanto poder a ele.

Um poder que agora corria por minhas veias e me enchia a alma com uma atroz resolução. Agora era eu quem estava no comando. Era eu a que estava dando uma brutal surra a ele. Phil conseguiu acertar uns quantos golpes, mas quando acreditou que ia recuperar parte de sua força, peguei o medalhão e apertei.

Se pulverizou sob meus dedos. Naquele estado, provavelmente teria podido pulverizar inclusive diamantes. Segurei o queixo com a mão ensanguentada e o obriguei a me olhar com aqueles olhos inchados por causa de meus murros.

— Né, Phil. — A voz saiu estranha, porque tinha a mandíbula dolorida e se negava a funcionar com normalidade. Possivelmente quebrada, já arrumaria mais tarde.

Ele me olhou e franziu a testa ao ver meus olhos; água-marinha com uma teia negra em cima.

— O que quer?

Esbocei um sinistro sorriso.

— Qual é seu pior pesadelo?



Vi a imagem em minha mente com tanta clareza como se me mostrasse uma fotografia dessas que tinham na carteira. Ia ser horripilante, mas não me importou. Concentrei-me nessa imagem, no medo que dava. Não recordo bem se alguém me disse alguma vez que nós, os Pesadelos, nos excitamos com o medo alheio, mas a verdade é que a uma parte de mim gostou. O medo de Phil me excitava.

Mãe.

Absorvi a imagem. Senti um comichão por todo o corpo, como se tivesse dormido até então e agora começasse a circular o sangue. Estava me convertendo no que Phil mais temia.

E o que Phil mais temia era que sua mãe pudesse seguir controlando-o de sua tumba, que se vingasse dele por tê-la matado tantos anos atrás.

A pele esticou e fiquei menor. Tinha os ossos secos e quebradiços, era virtualmente um esqueleto, mas já não me doía nem a mandíbula nem o olho. De fato, meus olhos eram como passas que davam voltas dentro de umas conchas muito grandes. Phil estremeceu debaixo de mim, pálido como um fantasma e com os olhos exagerados. Acredito que inclusive urinou nas calças, ao menos cheirava como se o fizesse. Graças a Deus, nesse estado não notava nada na pele, porque de pele não ficava muita, e minhas terminações nervosas eram já coisa do passado.

— Bastardo desgraçado — disse. Tampouco ficavam lábios, assim que a frase soou algo estranha, igual a uns lençóis estendidos para secar.

Ele me empurrou, com mesmo resultado que teria obtido um vaga-lume tratando de mover uma rocha com suas asas. O único que notei foi um ligeiro puxão na pele. Acredito que caiu alguma parte, mas tratei de não pensar. Se deixava que todo isso me afetasse, minha atuação não ia parecer convincente.

— Mamãe? — perguntou aterrorizado.

Inclinei-me para frente, rangeram as articulações e os joelhos me fixaram naquela capa de pele quase inexistente.

— Vamos — provoquei — não quer dar um beijo na mamãe?

Phil se afastou, mas eu segui avançando.

— Antes você gostava dos meus beijos.

— Não — sussurrou ele — Nunca gostei. Nunca.

— Mentiroso! A primeira boneca que fez tinha meu cabelo, cabelo que me arrancou da cabeça e da vagina. — Todo aquilo era muito retorcido, mas me obriguei a seguir em frente — Agora mesmo não seria nada sem mim. Não é nada sem mim.

Phil negou com a cabeça. Tinha lágrimas nos olhos. Estava aterrorizado. Quase me senti culpada. Quase.

— Estou tão decepcionada com você — disse com pena e estalando os dentes.

Ele ficou como louco e se lançou em cima de mim, possuído pela raiva. Eu também gritei e ri como uma histérica. Aquele fodido bastardo ia ficar contra mim?

Arqueei debaixo dele e comecei a fazer movimentos e comentários obscenos, imitando o ato sexual. Em algum instante, Phil começou a chorar. E de repente seus soluços se converteram em uma espécie de balbúcio. Então, me dei conta de que se tornou louco de verdade. Sua mente o



abandonou, agora só seu corpo continuava lutando. A escuridão foi alagando o meu cérebro e soube que estava a ponto de ficar inconsciente. Não queria desmaiar e permanecer ali em meio de tudo isso.

Santo Deus, que alguém me ajude.

E então, como se escutasse minha silenciosa prece, ouvi uma voz muito familiar.

— Que diabos está acontecendo?

CAPÍTULO 16

Noah. Era Noah. Devia tê-lo chamado com a mente, e sendo tão bom como era, respondeu a minha chamada e permitiu que o arrastasse a meu sonho. Saber que ele estava ali me permitiu recuperar o controle.

Transformei-me de novo em mim, bastou que pensasse e já voltei a ser eu. Doeu um pouco, mas não muito. Continuava deitada no chão quando levantei o olhar para procurar o indecifrável olhar do homem ao que amava.

— Noah, apresento Phil. A Guardiã o deixou entrar em meu sonho para que pudesse me violar.

Dizer que Noah lançou um olhar assassino seria pouco. Seu olhar foi muito mais à frente e, antes que Phil pudesse reagir, Noah deu um chute nas costelas.

— Maldito filho de puta! — gritou. Uma série de chutes asseguraram que o violador não pudesse voltar a levantar, embora antes da surra tampouco teria podido. A julgar pelo olhar perdido que havia em seus olhos, acredito que perdeu sua mente para sempre. Noah também se deu conta, ou possivelmente o que viu foi que Phil estava babando, porque deixou de dar chutes e se aproximou de mim.

— Que diabos aconteceu? — perguntou me estendendo a mão para ajudar a levantar— Parecia um maldito zumbi.

— E era. — Doía tanto a mandíbula que tinha que falar com cuidado— Me converti em sua mãe. Phil tem terror, apesar de que foi ele quem a matou.

Notei que Noah se esticava durante um segundo.

— Deus santo, doutora. Às vezes me dá medo.

Senti uma pontada no coração.

— Às vezes também dou medo a mim mesma.

Então me abraçou e me compensou pelo dano que me fez com suas palavras.

— Não me importa a quantidade de coisas estranhas que possa fazer; me alegro de que possa fazê-las. — Deu um beijo na testa, com cuidado de não tocar o olho nem a mandíbula.

— Obrigado por vir— disse. Já quase não podia abrir a boca. Tinha que me curar, mas para isso teria que ser capaz de me concentrar. A princípio não era muito difícil, mas estava tão cansada que me parecia missão impossível— Como o soube?



Noah afastou o cabelo da testa.

— Não sei. Simplesmente senti que estava com problemas e soube que precisava vir ajudá-la. — Prova mais que evidente de que era muito mais que um sonhador lúcido. Era uma das anomalias. Não era atoa que me sentisse tão atraída por ele.

E veio me resgatar. Só de pensar, me deu vontade de sorrir. A careta doeu, mas não tanto como esperava, um sinal que meu corpo começou a curar.

— O que é engraçado? — perguntou-me sem malícia.

Olhei seus olhos negros, tão preciosos.

— Tratei de terminar com você porque acreditava que estava em perigo, que era vulnerável no mundo dos sonhos, e no final foi você quem teve que me salvar.

Noah sorriu e soube que o afetei ao dizer isso.

— Não estava fazendo tão mal.

Ao me lembrar do que fez, deixei de sorrir.

— Estava assustada. — com medo de Phil. Da Guardiã. De mim mesma.

Noah voltou a me abraçar.

— Agora está a salvo.

Durante um instante acreditei, mas sabia que não ia durar. Respirei devagar e me concentrei em curar a mandíbula e o resto do corpo, para assim estar em forma para enfrentar o que fosse acontecer a seguir. Consegui com surpreendente rapidez, um efeito secundário apressado de força de antes.

Levantei os braços e segurei o rosto de Noah entre minhas mãos. Deleitei-me com a sensação de sua incipiente barba sob as palmas. Inclinei-o para mim e o beijei. seus lábios firmes e suaves, e os separou para deixar passar minha língua. Saboreei suspirando. Foi como voltar para casa. E então ele tomou o controle e me rodeou com os braços para tomar posse de minha boca com úmida determinação. Gemi de prazer e não de dor, e deixei que me possuísse.

Quando nos separamos, ambos tínhamos a respiração acelerada. Noah descansou a testa contra a minha.

— Volta comigo — sussurrou.

Ao notar que sua voz tremia, me encheram os olhos de lágrimas. Como era possível que ficassemos tão unidos com o pouco tempo que levávamos juntos? Coloquei uma mão na nuca e massageei os músculos.

— Jamais fui — sussurrei eu também.

Alguém pigarreou atrás de mim. Suspirei e apertei a nuca de Noah uma última vez antes de dar meia volta entre seus braços. Ele colocou as mãos em meus quadris e se voltou para minhas costas para que ambos pudéssemos ver quem acabava de chegar.

Evidentemente, era Verek.

Forcei um sorriso.

— Por que demorou tanto?



— Ele não pode vir — disse Verek com firmeza, olhando Noah. A essas alturas não importava o mínimo se dizia por que estava com ciúme ou porque acreditava que Noah era uma ameaça. O único que me importava era ter meu menino comigo.

— Ele vem conosco — insisti, segurando Noah pela mão— Se for me levar diante de um pelotão de fuzilamento, quero que esteja comigo.

O Pesadelo revirou os olhos.

— O Conselho se reuniu e estão esperando no grande salão.

— O Conselho? — Fiquei olhando— Vai me levar diante de um pelotão de fuzilamento — afirmei de novo.

Verek me olhou pormenorizado.

— O Conselho recebeu informação de que utilizou seus poderes para fazer mal a um sonhador. — Olhou Phillip, que continuava convexo no chão— Querem saber por que.

— Não tenho escolha, não?

Negou com a cabeça.

— Temo que não. — Estendeu a mão— Se supõe que tenho que leva-la até ali.

Que estranho. Dei a mão sem soltar a de Noah, que segurava com a outra.

— Segura forte — disse, fechando os olhos.

Noah me apertou os dedos.

Quando abri os olhos, estávamos no mesmo templo da outra vez. Provavelmente seria a sede do Conselho. Cruzamos a porta e entramos no salão principal. Todos se voltaram para nos olhar com cara de poucos amigos.

— Não caio bem aos habitantes deste mundo — disse tensa, enquanto caminhávamos pelo corredor que usava ao final da estadia.

— Dá medo — murmurou Verek com o olhar fixo à frente.

A meu lado, Noah mantinha também o olhar fixo. Com medo? Ou os estava desafiando? Provavelmente o segundo.

Olhei a Verek com a extremidade do olho.

— Também dou medo?

— Um pouco — me respondeu, afastando o olhar.

Genial. Não só assustava Noah, também a Verek. E provavelmente a meu pai. Genial. Fodidamente genial. Certo que todo o Conselho estava com medo de que fosse destruir seu mundo. Fixei na parte dianteira do grande salão, onde se sentava o Conselho. Meu pai estava sentado a sua esquerda, franqueado pela Hadria e a Guardiã, minha irmã, que se alegrava muito de me ver. E de ver Noah. Certo que o fato de que ele estivesse ali terminaria por me prejudicar.

Morfeo parecia estar passando muito mal, e juraria que encheram os olhos de lágrimas ao ver meu rosto. Inclusive a Hadria, que sempre era a viva imagem da serenidade, se afetou me ver. Ao menos, eles dois estavam do meu lado. Igual a Verek e Noah. Fomos cinco contra todo o Conselho e os duzentos habitantes do mundo dos sonhos que foram ali olhar. Fabuloso.

Por que diabos não nasci humana?

— Por que tudo isso? — perguntei, me negando a dar um passo mais em direção a Padera e



seu ninho de víboras.

Meu pai fraquejou e suspirou abatido.

— Faz uns minutos, a Guardiã reuniu o Conselho para informar de que a viu utilizar seus poderes para fazer mal a um sonhador. E ratificou sua petição de desfazer.

A muito puta planejou tudo desde o começo. E eu cai em sua armadilha em cheio. Certo que nem ela mesma acreditava que tudo saísse tão bem.

— E já está? Sem prévio aviso? Visto para sentença?

Eram lágrimas o que brilhava nos olhos de Morfeo? Deus, aquilo estava fazendo tanto mal a ele como a mim. — Sim.

— Vá merda. — Estava furiosa, mas parecia quão único podia fazer era deixar que Verek me acompanhasse até o tribunal onde meu pai estava me esperando junto com outros.

— E trouxe um sonhador com ela! — exclamou Padera triunfante. Dirigiu ao Conselho— Vocês veem? Teve a desfaçatez de trazer um humano a nosso reino.

— De fato — disse Noah antes que eu pudesse falar— vim sozinho.

A Guardiã esticou e o fulminou com o olhar.

— Desculpa?

Ele deu um passo à frente e eu apertei os dedos. Devolveu-me o gesto.

— Estava sonhando com minhas coisas quando pressenti que Dawn tinha problemas. Não sei se ela me levou a seu sonho ou se entrei eu, mas me encontrei lutando contra um violador sentenciado. — Assinalou meu rosto— Acredito que é evidente o que fez.

Com o rosto aceso, Padera assinalou atrás de nós.

— E é evidente o que fez a ele.

Não sei por que me incomodei em dar a volta, quando podia imaginar perfeitamente o que estava acontecendo. Dois Pesadelos enormes entraram na sala com Phil pendurando entre os dois. Parecia pálido e ausente, e na parte dianteira das calças tinha uma mancha escura. Se faz xixi em um sonho desperta molhado?

Que fizesse uma pergunta como essa naquele momento demonstrava como estava mau.

Assim que apareceu Phillip, os murmúrios encheram a sala. Os presente me fulminaram com o olhar. Se as coisas continuassem assim, possivelmente nem sequer se incomodassem em escutar meu testemunho e me linchassem diretamente.

— Foi em defesa própria — soltei de repente. Ainda me custava olhar meu pai, mas fiz. Estava tão triste, arrependido e envergonhado... — Minha vida corria perigo.

— Como espera que o Conselho acredite em tal mentira? — perguntou a Guardiã com malícia— Você não pode morrer neste reino.

Voltei-me para ela e tratei de conter a raiva.

— Mas sim que podem me violar, não? — Sustentei o olhar para que ficasse claro que sabia que tudo foi obra dela. Fraquejou um pouco, mas não deixou de me olhar.

— Impossível — insistiu ela— Nenhum humano poderia ter entrado em seu sonho para fazer mal. Os humanos não caminham pelos sonhos.

Mais murmúrios. Alguns membros do Conselho assentiram mostrando sua conformidade.



Tive vontade de sacudir aquelas cabeças ocas.

— Portanto — prosseguiu minha irmã, cheia de satisfação— a única opção possível é que você se colocou em seu sonho para atacar.

— Ele se colocou no meu — disse apertando os dentes.

Ela seguiu sorrindo.

— Dawn — foi meu pai que falou— tem alguma prova que apoie sua teoria?

Minha teoria? Nem sequer meu próprio pai acreditava?

Pequena merda.

Coloquei a mão no bolso dos jeans e tirei o que ficava do medalhão que arranquei de Phil. O entreguei a Morfeo.

— Ele usava isto redor do pescoço.

As lascas de madeira aterrissaram em sua palma estendida e vi como a expressão de meu pai passava da surpresa ao reconhecimento, para terminar em raiva.

— É certo? — Levantou a cabeça para me olhar nos olhos e vi que os dele estavam mais pálidos e nebulosos que segundos antes— tirou isso do pescoço dele?

Assenti, e resisti à tentação de dar um passo atrás e me afastar dele. Hadria colocou uma mão no antebraço de meu pai para acalmá-lo, ou assim esperava eu.

— Acreditava que possivelmente você soubesse o que é.

— Sei. — Respirou fundo e abriram as fossas nasais— Eu dou de presente estes amuletos a meus seres queridos. Estão imbuídos com parte de minha essência, é uma espécie de talismã para protegê-los do mal.

— Tudo isto é ridículo! — exclamou Padera interrompendo, e, depois, voltou a dirigir ao Conselho— Provavelmente seja seu próprio amuleto.

— Não é — respondi— Mas já que trouxe o assunto, onde está o seu, irmãzinha? Porque você também tem um, não?

Padera ruborizou, mas colocou os dedos pelo decote da blusa sem mangas que usava e tirou uma corrente que pendurava um círculo de madeira idêntico ao que eu destruí.

Maldição, esperava que não tivesse. Estava segura de que foi ela a que o deu a Phil. E provavelmente fosse assim, mas estava claro que conseguiu outro talismã em alguma parte.

Dirigi a Morfeo porque já não podia suportar ver nem um segundo mais o rosto satisfeito de Padera.

— Quantos amuletos há?

— Uma dúzia possivelmente — respondeu ele, intrigado.

— Alguma vez deu de presente um a um humano?

— Sua mãe tem um — respondeu distraído— Igual a você.

— Provavelmente seja o que tem agora na mão — zombou a Guardiã.

Olhei-a furiosa. Nosso pai não se dignou a fazer o mesmo, mas o tom gelado com que respondeu deixou claro o que pensava:

— Padera, se não for capaz de se controlar, terá que abandonar a sala.

Ela ruborizou mortificada, mas não se amedrontou.



— Não pode me por de lado como quando era pequena, milord. Sua preciosa filha é um Pesadelo e está, portanto, sob minha jurisdição.

Morfeo jogou os ombros para trás e fechou os dedos ao redor do medalhão quebrado com tanta força que os nódulos ficaram brancos.

— E você, como filha e minha súdita, está sob minha jurisdição. Possivelmente não possa obrigar a abandonar a sala, mas posso impedir que volte a falar.

Tive que morder a língua para não pular em Padera, zombando. Maldição, inclusive tive vontade de começar a cantar *na-na-na-na* e apontando com o dedo. E, por estranho que parecesse, também me deu um pouco de pena. Seu último ataque deixou descoberto seu estado emocional, e agora parecia não só como alguém que me odiava, mas sim como alguém que me odiava porque meu pai me amava, e estava convencida de que Morfeo não sentia o mesmo por ela.

Padera empalideceu, entretanto teve o bom critério de manter calada. Estou convencida de que se não tivesse feito, Morfeo teria completo sua ameaça.

— Faremos um recesso — comunicou meu pai ao Conselho— Preciso averiguar como o humano conseguiu ter um de meus talismãs.

Olhei a Phillip, que continuava em estado catatônico.

— Pode curá-lo? — perguntei. Apesar de que estava convencida de que não merecia, sentia-me algo culpada de tê-lo convertido em um pedaço de brócolis.

— Depende do dano que tenha sofrido — respondeu Morfeo.

Bom, veríamos.

A Guardiã não se importou de interromper o processo, mas o único que disse foi:

— E o que acontece com a princesa? — Inclusive essas palavras gotejavam desdém.

Fechei os olhos.

— Tecnicamente, você também é princesa, não?

Ela abriu a boca para me insultar, mas Morfeo falou antes e o impediu.

— Dawn ficará no palácio até que o Conselho volte a reunir-se.

Ah, sim?

— E o que evitará que se vá? — perguntou um membro do mesmo— É muito poderosa, e nenhum de nós pode segui-la ao mundo dos humanos.

Nunca vi meu pai tão zangado como então.

— Se for, será desfeita assim que volte a pôr um pé aqui.

Me desencaixou a mandíbula. Acabava de dizer que me desfaria assim sem mais? Filho da puta! Podia ir para casa, mas quando voltasse a ficar adormecida, zás. Genial.

— Com um convite assim, como posso me negar? — Sarcástica? Ficou claro que sim. Estava muito assustada. As coisas tinham que estar muito ruins, se meu pai se atrevia a pôr minha vida em jogo.

— O senhor Clarke ficará com você.

Com tudo o que estava passando, quase me esqueci de que Noah estava ali. De Verek, me esqueci de tudo, e isso que este resmungou ao ouvir a última ordem de Morfeo. Noah se



aproximou mais de mim. Se parecia mal a decisão de meu pai, não disse. Se a situação tivesse sido ao contrário, eu também preferiria ficar a seu lado antes que voltar para mundo *normal* e morrer de preocupação.

Morfeo olhou Verek por cima do ombro.

— Escolta-os ao quarto de Dawn.

Dava um passo para ele, que já se estava indo da sala. Pela primeira vez em minha vida estava de verdade assustada.

— Morfeo? — Ele não parou. Eu tinha o coração na garganta— Papai?

Essa palavra o parou em seco. Deu meia volta e em seu rosto vi tantas emoções que seria incapaz das nomear todas. Corri para ele e rodeei a cintura com os braços, abraçando-o com todas minhas forças.

Ele duvidou um instante, provavelmente porque não queria mostrar debilidade, mas no final me devolveu o abraço e descansou uma bochecha em minha cabeça.

— Se deu um amuleto a Madrene — sussurrei só para seus ouvidos— possivelmente deveria averiguar se ainda o tem.

Apertei uma última vez e logo o soltei e me afastei para retornar ao lado de Verek e Noah.

— Vamos — disse, segurando-o pela mão— Aqui já terminamos.

Verek só nos escoltou até a porta do edifício e logo me permitiu que nos teletransportássemos, Noah e a mim, ao palácio. Minha mãe nos estava esperando. Não sei como se inteirou do acontecido, mas suponho que Morfeo conseguiu explicar.

O único que sei é que seu abraço me fez sentir melhor que qualquer remédio ou bebida que pudesse tomar. Perguntou-nos se queríamos chá ou algo mais forte, mas somente queria era estar a sós com Noah.

Suponho que a parte positiva de tudo aquilo era que a mamãe parecia gostar muito de Noah.

Meu quarto no palácio mudou muito da última vez que estive ali. Em vez de estar decorado com móveis infantis, agora possuía um estilo mais adulto. As paredes estavam pintadas com distintos tons cremes, os móveis eram de nogueira e as cortinas e a roupa de cama de um suave tom dourado. A cama em si era enorme e com um dossel que parecia tirado da Inglaterra isabelina.

Eu adorava.

— Cama para dois — comentou Noah ao sentar no colchão— Está bem, doutora?

— Não sei — respondi sinceramente, enquanto me aproximava da penteadeira coma meu joalheiro, o único objeto que era tal como o recordava— Não sei se é que sou otimista ou estou ficando louca.

Ouvi que se movia e senti sua presença atrás de mim. Suspirei quando me rodeou a cintura com os braços e me grudou a ele. Era maravilhoso o ter comigo. Noah era firme, quente, forte.

Meus olhos foram parar no joalheiro. Era uma caixa pequena, de cor rosa, dessas que às



meninas pequenas tanto gostam. Levantei a tampa e abri. Apareceu uma bailarina diminuta que começou a dar voltas ao som da música.

Em cima do forro de seda rosa haviam alguns anéis de ouro, um pequeno pendente com um rubi, um montão de correntes, e o medalhão de madeira com duas luas dando as costas.

— Aqui está meu amuleto — murmurei, tirando da caixa. Pendurava de uma simples tira de couro que parecia ter atado uma menina de oito anos.

— Seu pai ficou muito deslocado quando deu o que tirou de Phillip.

— Mais que isso. Significa que alguém em quem confia está tratando de fazer mal a ele.

— E a você também — acrescentou Noah com ternura.

— Sim, e a mim também. — Foi essa afirmação tão simples a que me pôs em marcha o cérebro. Voltei-me entre seus braços e passei a tira de couro pela cabeça dele — Toma.

— O que está fazendo? — perguntou-me confuso.

— Estou dando meu medalhão.

— Já me dei conta. Por quê?

— Porque preciso saber que, enquanto esteja no mundo dos sonhos, posso confiar em alguém. Alguém que virá quando precisar. Alguém que me protegerá quando precisar de segurança.

Seu olhar se voltou mais intenso, antes que desviasse para baixo para observar o círculo de madeira que pendurava sobre sua camiseta.

— Mas então poderei fazer coisas que se supõe que não devem fazer os humanos. Isso não vai contra a lei?

Não me importava o mínimo. Dei um tapinha na bochecha.

— Acredito que os dois nos demos conta de que aqui ninguém respeita as leis. Será nosso segredo. Além disso, você já pode fazer muitas coisas que se supõe que não devem fazer os humanos.

Ele voltou a me olhar e deixei de sorrir.

— Senti sua falta — confessei — Sinto tanto tudo o que aconteceu...

Noah assentiu.

— Eu também. Não ia te deixar escapar tão facilmente.

— Mas se nem me devolveu a ligação.

Agora sorriu ele, zombou de si mesmo.

— O orgulho ferido me obrigou a me fazer de durão.

Passei a mão pelas costas.

— E o que obriga a fazer uma mulher que se está engolindo seu orgulho?

Parecia que obrigava a me beijar. A me beijar como nunca. Suspirei de novo, mas nesta ocasião, contra seus lábios senti que a tensão abandonava meu corpo. Noah era melhor que tomar uma taça de vinho dentro da banheira.

Abraçados, nos dirigimos para a cama, percorrendo nossos corpos com as mãos como se fizesse meses, em vez de dias, que não estávamos juntos. Estava tão ansiosa que desejei poder fazer desaparecer nossa roupa e, assim que nossos corpos tocaram o colchão... zás! A roupa



desapareceu.

Às vezes o de não ser de tudo humana é muito legal.

Suas mãos e sua boca estavam por toda parte. Converteu meus seios em dois topos desesperados por seus beijos, igual nos romances. Me arrepiou toda quando foi descendo por meu torso para passar a língua pelo umbigo e logo entre as pernas. Separou-me as coxas com as mãos e me manteve nessa postura.

Me fez gemer e retorcer de prazer uma e outra vez. E se parece que estou me gabando de namorado, pois sim, estou fazendo. Nunca ninguém me fez sentir tão sexy e sensual como Noah. Ninguém me levou nunca ao orgasmo com tanta facilidade como ele. E quando se afastou e os tremores do clímax começaram a retroceder, fiquei de joelhos e devolvi o favor apanhando sua ereção entre meus lábios. Lambi como se fosse um sorvete em um caloroso dia de julho.

Ele afundou os dedos em meu cabelo e me segurou a cabeça enquanto adiantava os quadris. Gemeu e me sussurrou palavras sensuais que basicamente eram sugestões que, em outras circunstâncias, me fariam ruborizar.

Soltei-o antes que ejaculasse, mas ele não se queixou. Percorri o peito a beijos e descansei a bochecha sobre ele um segundo. Logo, afundei o rosto no oco de seu pescoço e respirei fundo aquele aroma a baunilha tão dele. Jamais me cansaria de cheirá-lo, de tocá-lo, de beijá-lo. Estava convencida de que com Noah a meu lado tudo ficaria bem. Ele me fazia acreditar em mim mesma. E isso quase me dava mais medo que o que pudesse me fazer a Guardiã.

Coloquei-me escarranchada em cima dele e deslizei sua ereção em meu interior até notar que os quadris de Noah se fixavam na parte traseira de minhas coxas. Sentia-o e era uma sensação maravilhosa. Seus dedos me seguraram e eu me aferrei a seus bíceps.

— Deus, como eu gosto de estar com você — murmurou.

Agachei-me e o beijei. Meu cabelo caiu ao redor dos dois e tampou a luz do abajur, nos deixando nas sombras.

— Obrigado por estar aqui comigo — sussurrei, grudada a seus lábios.

Ele dirigiu uma mão para minha nuca e a enredou em meu cabelo.

— Não quero estar em nenhum outro lugar.

Acreditei. Noah não queria estar cuidando de Amanda. Não queria estar pintando. Queria estar com sua namorada meio humana e meio louca que sempre estava colocando-o em problemas.

E então quis dizer que o amava, mas tive medo. Medo de dizer e que ele não me dissesse isso. Com isso não só danificaria o momento, mas também provavelmente me arruinaria a vida inteira. Já rejeitou-me o povo de meu pai. Não poderia superar que também me rejeitasse meu namorado.

Assim, deixei de pensar nessas coisas e me concentrei em Noah e em como encaixávamos bem nossos corpos, em como se moviam juntos até criar esses sentimentos tão intensos. A verdade é que não me custou nada fazê-lo.

Movi os quadris acima e abaixo, aguentando o peso com a parte da frente das coxas. Me movi devagar, porque não queria que ele escapasse de meu interior. Possivelmente fosse porque



tinha as emoções à flor de pele, mas tive a sensação de que éramos uma só pessoa. Estávamos conectados além do físico.

Nossos movimentos aceleraram e apoiei as mãos no travesseiro. Noah ficou com a testa suada. Nossas úmidas respirações se misturaram junto com os ofegos. Não sei se o que nos dissemos fazia sentido, mas a verdade é que soava muito bem.

Senti como aumentava a pressão entre minhas pernas, dentro de mim. Segurei ele, desesperada por alcançar o orgasmo. Quando por fim chegou, foi impressionante. Perdi o sentido durante um instante, meu corpo explodiu. Gritei igual à Noah e ele me enfiou os dedos nos quadris até me deixar marcas. Pude sentir como ejaculava em meu interior e logo nos derrubamos juntos, abraçados, eu em cima.

No final do momento, deitei a seu lado para olhá-lo. Não deixei de abraçá-lo, pois sabia que, cedo ou tarde não teria mais remédio que soltá-lo.

— Sabe que despertará em sua cama — murmurei, enquanto desenhava círculos no peito com o índice.

O braço que ele deslizou por debaixo de meus ombros se esticou.

— Retornarei logo que possa. Prometo isso.

Que Noah estivesse ali comigo significava muito para mim. E, por estranho que parecesse, não me fazia me sentir fraca reconhecer que precisava dele. Mas isso não impediu que minhas velhas inseguranças de sempre saíssem à luz.

— O que me diz de Amanda? Não tem que ir vê-la?

Ele levantou o queixo com um dedo firme e foi impossível me esquivar seus perspicazes olhos negros.

— Irei ver como está Mandy, mas agora mesmo você é minha prioridade, doutora. Você é minha prioridade. E ponto.

Deus, que bom pareceu aquilo! Abracei-o para que não visse as lágrimas em meus olhos e descansei a cabeça em seu ombro.

— Obrigado — disse emocionada.

Ele me respondeu me dando um beijo na testa. E dormimos.

Quando despertei, não havia nem rastro de Noah e alguém estava batendo na porta do quarto. Sentei-me na cama meio adormecida e ocultei minha nudez atrás dos lençóis.

— O que?

A porta se abriu. Era Verek. Deu uma olhada a mim e à cama e logo apertou os lábios.

— Lorde Morfeo quer vê-la — disse antipático — O Conselho dos Pesadelos vai retomar o julgamento. Agora.

CAPÍTULO 17

Antes de abandonar o palácio, Morfeo me permitiu escapar uns segundos ao mundo real



para que pudesse despertar e voltar logo para mundo dos sonhos em minha forma corpórea. Com meu corpo ali, era mais forte, e, por outro lado, reduzia grandemente as possibilidades de que Lola me encontrasse adormecida e não pudesse despertar. Chamei Bonnie para dizer que reprogramasse as consultas do dia. Disse que estava doente, coisa que se aproximava bastante à verdade.

Quando retornei, Morfeo, Verek e Hadria estavam me esperando fora do palácio. Eles estavam sérios e a sacerdotisa tranquila. Não faziam ideia de como eu estava.

Pegamos a carruagem da Hadria para ir à sede do Conselho. Suponho que tinham medo de que, se me teletransportasse com Verek, o sequestraria e o utilizaria como refém para negociar minha liberdade.

Sim, claro, muito típico de mim.

Sabia que meu pai precisava aparentar imparcialidade, e entendia. Hadria estava sentada a meu lado, me dando a mão, e de vez em quando me dizia que tudo ia sair bem.

— não está permitido a sua mãe nos acompanhar — me explicou Morfeo, sentado ao lado do Verek— mas me pediu que diga que te ama.

Sorri.

— Sei. — Igual sabia que, por simpatia a minha mãe, dava raiva que Hadria pudesse estar ali e ela não. Meu pai teria que estar agradecido de que a sacerdotisa estivesse a meu lado.

Quando chegamos à sede, não havia ninguém nos esperando. Deixando de lado Padera e os membros do Conselho, a única outra pessoa que havia ali era Madrene. Parecia que meu pai decidiu seguir meu conselho. Padera estava de pé a seu lado, e pela primeira vez vi que se pareciam, apesar de ter a pele e o cabelo de cores muito diferentes. Também me precavi de que a Guardiã e eu compartilhávamos alguns traços, e me deu pena que minha irmã me odiasse tanto.

Investi uns segundos em estudar os rostos dos membros do Conselho. Havia muito poucos jovens. Possivelmente a de menor idade fosse Padera, e eu sabia que era muitíssimo mais velha que eu. Aquele era o órgão de governo dos Pesadelos, mas nem todos os Pesadelos formavam parte dele, apesar de que Verek me disse que seu número diminuiu drasticamente durante as últimas décadas. Parecia, estavam acostumados a morrer assassinadas, pois seu trabalho consistia em proteger o reino dos sonhos e os humanos que entravam nele. Seria lógico assumir que mais valeria preocupar-se por isso que por mim.

Hadria se aproximou do tribunal.

— Já que estamos todos reunidos, por que não começamos de uma vez? Dawn se importaria de sentar a meu lado?

É obvio que não. Ao lado dela me sentia muito protegida, como se fosse uma menina. Sentamos ao redor de uma mesa octogonal que tinha uma cena de uma batalha gravada no centro. Homens e mulheres com lanças e espadas lutando contra um monstro de múltiplas cabeças que escondia a lua.

Quando estivemos todos sentados, Hadria se dirigiu a um ancião que usava uma túnica azul. Era um dos cabeças ocas da noite anterior. Seu cabelo era uma massa brilhante de cachos brancos, os olhos muito pálidos, com bordas escuras.



— Gládios, se importaria começar com o procedimento?

O homem inclinou a cabeça em direção a Hadria muito devagar, igual a uma tartaruga que está ficando adormecida.

— A princesa Dawn apresentou provas que demonstram que o homem que a acusam de ter feito mal a atacou auspiciado por um dos nossos. A princesa afirma que o dito homem estava em posse de um amuleto que lorde Morfeo identificou como uma de suas criações. Milord averiguou quem era o proprietário de dito amuleto?

Olhei a meu pai, que estava sentado ao outro extremo da mesa.

— Sim. A mente do humano está ainda muito confusa para poder obter informação confiável, mas depois de estudar o amuleto com atenção vi que é o mesmo que dei de presente a Madrene antes que nascesse nossa filha Padera.

Bom, menos mal que minha mãe não estava ali para ouvir isso. Meu pressentimento era de que meu pai possuía mais filhos ou filhas dos que ela nunca ouviu falar. No final, Morfeo existia desde o começo dos tempos. De fato, agora que penso, Gládios também possuía um ar de família.

A atenção se concentrou então na súcubo.

— Deu seu amuleto ao humano, Madrene?

Esta parecia preocupada. Inclusive assustada, mas não tinha o rosto de ser culpado.

— Não, jamais faria tal coisa.

Morfeo a estudou com o olhar.

— Então, como chegou a suas mãos?

A súcubo diminuiu diante da ira de Morfeo.

— Não sei. Fazia anos que não encontrava o amuleto. Acreditava que havia perdido.

— Perdeu! — gritou meu pai — Dei uma pequena parte de mim e você o perdeu como se fosse lixo?

Padera se inclinou sobre sua mãe para protegê-la. Estava furiosa e o que vi em seus olhos me fez pensar em mim.

— Minha mãe cuidou desse estúpido amuleto muito melhor do que você nos cuidou.

OH. Um ponto para a louca de minha irmã.

— Esse não é o assunto que estamos tratando hoje aqui — interrompeu Gládios com brutalidade, se concentrando de novo no assunto — Madrene, teria que ter informado a perda do amuleto.

A linda súcubo escondeu o rosto envergonhada. Desejava defendê-la, apesar de que era mais que provável que estivesse junto com a Guardiã. A mesma que me estava fulminando com o olhar.

— Onde está seu amuleto, princesa? — perguntou-me furiosa. Eu me dava conta de que ela usava o seu redor do pescoço. Possivelmente o usava sempre. O que dava um pouco de pena.

Não a culpei por tentar me converter de novo no centro de atenção e afastar assim a pressão de sua mãe. Eu teria feito o mesmo. E tampouco me zanguei porque me perguntasse sobre o medalhão. Era evidente que não o usava. Para falar a verdade, não o usei nunca.

— O dei a Noah.



— O que? — Morfeo voltou à cabeça de repente.

Padera sorriu.

— É incrível. Acusa a minha mãe de ter dado seu amuleto a um humano para fazer mal transgredindo assim a lei que diz que as criaturas do mundo dos sonhos não podem interagir com os humanos, e você tem feito o mesmo. — riu— Sua audácia é infinita, irmãzinha.

Sustentei o olhar sem problema.

— De fato, não há nenhuma lei que diga tal coisa. — E estava segura disso, porque tanto Verek como Hadria estiveram falando do assunto durante nossos treinamentos. A verdade é que não havia tantas leis— Não podemos fazer mal a um humano e não podemos revelar os segredos de nosso mundo, mas eu dei meu amuleto a um humano que já conhece os segredos de nosso mundo.

— Porque você os contou.

— Porque um Terror Noturno o atacou faz umas semanas e contou tudo. Um Terror que, se me permitirem que diga isso, afirmou que estava trabalhando para um grupo cuja finalidade era destronar Morfeo. — Sorri— Por acaso não saberá nada disso, Padera?

Nesse instante me alegrei muito de que os olhares realmente não matassem. A Guardiã não disse nada mais, assim aproveitei para me dirigir ao Conselho:

— Alguém deste reino deu um amuleto a um humano para que pudesse me fazer mal, assim sim, eu dei o meu a Noah porque necessito toda a ajuda que possa conseguir. Excetuando a Hadria, Verek e Madrene, neste mundo ninguém me tratou com a menor amabilidade nem cortesia. — Fixei os olhos nos de Padera— Nem sequer minha própria irmã. Julgaram-me um monstro só porque sou diferente. De onde eu venho isso só o fazem os valentões sem cérebro. E não sei se parece um conceito, mas a ninguém gosta dos valentões.

— Em especial você, Dawn — respondeu minha irmã— Todos sabemos o que fez à última pessoa dessa espécie que cruzou em seu caminho.

Fiquei olhando-a fixamente. Sabia de quem estava falando.

— Aquilo foi um acidente.

Ela riu e se dirigiu ao Conselho.

— Faz treze anos, uma menina chamada Jackey Jenkins zombou da princesa na escola. Essa mesma noite, Dawn entrou em seus sonhos e a torturou durante horas. A senhorita Jenkins não se recuperou nunca.

— Foi um acidente — insisti— Não sabia o que fazia, não era consciente de meu poder. Jamais quis fazer tanto dano.

— E o que me diz de Phillip Durdan? — perguntou-me com doçura— A ele sim queria fazer mal?

Olhei-a nos olhos e consegui manter a calma.

— Não tanto como o que você queria que ele me fizesse.

Padera me percorreu com o olhar e, parecia, sem nenhum medo.

— Dado que você não está catatônica e que ainda é capaz de formular frases coerentes, atreveria a dizer que nunca correu nem a metade de perigo que o senhor Durdan.



— Basta. — A voz da Hadria retumbou na sala.

Tenho que confessar que dava um salto ante seu tom. O rosto sereno que estava acostumada desapareceu, em seu lugar ocupava agora uma feroz determinação que me confirmou que era perigoso enfrentar a ela.

— O objeto deste julgamento é decidir se Dawn significa ou não uma ameaça para nosso mundo, não se cometeu enganos de pequena. Vejamos, as provas demonstram que alguém deu a Phil Durdan um de nossos amuletos. Madrene alega que não tem nem ideia de como o dito amuleto escapou de seu poder. Se isso for verdade, Dawn não é a única suposta ameaça a que temos que enfrentar.

A Guardiã sorveu pelo nariz.

— Possivelmente foi Dawn que deu o amuleto ao humano, para assim ter uma desculpa para dar outro a seu amante.

Revirei os olhos.

— Claro, e suponho que também pedi que me desse uma surra e tentasse me violar.

— Quem sabe até onde está disposta a chegar para conseguir seu objetivo — falou Padera.

— Esse é mais seu estilo, irmãzinha. Por que não conta que visitou Noah?

Hadria dirigiu seu inquietante olhar para ela.

— Do que está falando?

Padera se negou a responder e seguiu me observando, assim respondi eu por ela.

— A Guardiã ameaçou Noah para me mandar uma mensagem. Quantas leis acredita que transgrediu com isso?

Madrene se voltou para sua filha.

— Padera, é isso certo?

Ela se manteve obstinadamente em silêncio.

Gládios negou com a cabeça.

— Tudo isto me parece muito desconcertante. E tantas recriminações me estão dando enxaqueca. Me permitam que resuma o que está em jogo para ver se assim o julgamento pode seguir avançando. Padera, se essa acusação resulta ser certa, sua posição como Guardiã estará em curso de julgamento. Dwan, se resultar que é verdade que tem por costume pôr em perigo os humanos e se demonstra que não respeita a santidade deste reino, será desfeita e despojada de seus poderes.

Hadria falou antes que eu.

— Não acredito que isso seja certo.

Todo mundo ficou olhando à sacerdotisa à espera que continuasse.

— Não há forma de saber se podemos desfazer Dawn, como tampouco sabemos se isso a despojará de seus poderes. Uma tentativa nesse sentido poderia ter consequências catastróficas em nosso mundo.

— Não acredito — disse a Guardiã, furiosa.

— Explique — pediu Gládios — tem algo que ver com a profecia?

OH, não, outra vez não.



A sacerdotisa assentiu.

— Estou convencida de que Dawn salvará nosso reino. Não acredito que tenha intenção de fazer nada que possa prejudicá-lo. A vi realizar coisas surpreendentes. E a vi resistir à tentação e não ceder à corrupção. Nem sequer a fruta de Eva conseguiu tentá-la. De fato, acredito que Dawn é o único que se interpõe entre nós e nossa destruição.

OH, Deus. A ninguém, exceto a Padera, pareceu que esse discurso era uma completa panaquice.

Gládios assentiu com sabedoria.

— Teremos em consideração, Hadria. Madrene, seu amuleto permitiu que um humano fizesse e sofresse mal em nosso mundo. Esse amuleto era sua responsabilidade, e é óbvio que não a tomou muito a sério. Por isso, e dado que afirmamos que o humano veio a nosso mundo com a intenção de atacar Dawn, seu castigo também será o seu.

Padera apertou a mão de sua mãe.

— E agora — seguiu o velho Pesadelo — nos retiraremos para deliberar. — ficou em pé e o resto do Conselho o seguiu arrastando as túnicas pelo chão.

Olhei a Guardiã.

— Por que não os acompanha?

Ela se ruborizou, mortificada.

— Por... por meu parentesco com você se decidiu que não posso ser imparcial e me proibiram votar em sua causa.

—bem— respondi eu, mordaz— que pena, não?

Padera me olhou e eu me limitei a sorrir. Ao menos algo ia a meu favor.

Estivemos ali sentados durante o que me pareceram horas, embora acredite que na realidade só passou meia hora. Brinquei com minhas unhas e tratei de manter uma conversa com a Hadria, que era muito otimista.

Por fim, retornou o Conselho.

—Escutaram ambas as versões — disse Morfeo ficando em pé a meu lado. Agora estava flanqueada por meu pai e Hadria; a sacerdotisa me segurava, à mão gelada. Meu pai com as suas apoiadas no respaldo de minha cadeira— Ditem sua sentença. Não, Padera, não pode acrescentar nada mais.

A Guardiã me olhou como se o fato de que nosso pai se pôs a meu lado significasse que deu por completo as costas a ela, mas não disse nada. Eu nem sequer devolvi o olhar. Para falar a verdade, estava tão nervosa que somente era capaz morder o lábio inferior e esperar que Gládios se levantasse.

— Chegamos a um veredicto.

E? Tive que conter a vontade que tinha de sacudi-lo.

— Acreditamos que Dawn Riley atuou em defesa própria e que nunca quis fazer mal a nosso mundo. Portanto, não tomaremos medidas disciplinadoras contra ela.

— O que? — O grito da Guardiã me chiou nos ouvidos como vidros quebrados— Acaso são todos estúpidos?



O representante do Conselho levantou uma mão e se manteve impassível.

— Entretanto, acreditamos que Madrene tem que assumir a culpa de ter perdido o amuleto do rei. Permitir que um objeto de tal poder caia nas mãos equivocadas é indesculpável. Vou recomendar à Matrona que a sentencie a cem anos da prisão nas Terras Escuras.

Quem diabos era Matrona? E o que eram as Terras Escuras? Parecia, ninguém ia me explicar isso, mas a julgar pelas caras de Madrene e de Morfeo não era nada bom.

— Não! — gritou Padera ficando em pé de um salto— Não podem fazer isto! Não têm direito, não têm jurisdição sobre a súcubo.

A diferença dela, Gládios não mostrou nenhuma emoção.

— E por isso mesmo tenho intenção de comunicar estes fatos à Matrona. Ela se encarregará de executar a sentença. E quanto a você, Padera...

— Não. — A Guardiã o interrompeu— Não vou permitir que castiguem a minha mãe por algo que não fez! Não deu seu amuleto ao humano.

— Madrene não cuidou do medalhão. Deixou que o roubassem e não o denunciou. Isso em si já é delito suficiente. — Gládios olhou a Verek— Por favor, escolte Madrene de volta ao bordel.

Padera se colocou entre sua mãe e o Pesadelo. Por seu olhar, soube que seria capaz de matar a Verek para proteger a Madrene. E o que passaria com Antwoine? Como ia dizer que prenderam sua amada por minha culpa? Morreria se não voltasse a vê-la, e o encarceramento de Madrene duraria esta vida e parte da seguinte.

— Não pode levá-la —insistiu a Guardiã— Não permitirei isso. Fui eu quem roubou o amuleto. Eu dei ao humano. — Olhou-me nos olhos antes de continuar— Oxalá tivesse podido terminar seu trabalho antes que você fundisse seu cérebro.

CAPÍTULO 18

A confissão de Padera parou todo o processo. O Conselho queria falar a sós com Morfeo e com Hadria de certos assuntos, e me mandaram de volta ao palácio. Não sabia onde levaram Madrene e Padera, mas certo que as duas teriam muito que comentar. A súcubo estava furiosa e destrocada ao mesmo tempo, e mesmo assim, continuava tendo um aspecto incrível. Ela e meu pai juntos deviam ser um casal impressionante.

Verek me levou para casa e durante todo o caminho, não pude deixar de dar voltas ao mesmo assunto. O que viu Madrene em Antwoine que a impulsionou a abandonar os seus? Supus que o mesmo que vi eu em Noah e que fazia que eu gostasse muito mais do meu namorado que do muito bonito Pesadelo que tinha ao meu lado. Verek era incrível, mas não era Noah. E meu pai não era Antwoine. E no que se referia a minha mãe, o homem com o que se casou não podia se comparar com o homem de seus sonhos. Não escolhemos a quem amar. E nisso coincidiam os humanos e as criaturas do mundo dos sonhos.

Vá, fiquei em modo filosófico. Bom, agora que sabia que o Conselho não ia abrir um canal



para me converter em outra coisa, era normal que relaxasse.

— Me alegro de que tenham falado em seu favor — me disse Verek sem me olhar.

— Obrigado. Espero que não mudem de opinião.

— Duvido. Deveria seguir treinando, aprender tudo o que possa de nosso mundo. Assim ficarão contentes e a deixarão em paz.

— sim— respondi, levantando as palmas das mãos em sinal de paz— estou tentando.

Ele me sorriu.

— Eu a ajudarei.

Devolvi o sorriso. No que se referia a conhecimentos desse mundo, o melhor seria que confiasse em Antwoine, mas Verek sabia como brigar.

— Só diz isso por que quer ter uma desculpa para me chutar o traseiro.

— Vejo que me conhece bem.

Sorrimos um ao outro e pressenti que estávamos fixando uma trégua, fazendo as pazes. Verek, por algum motivo que só ele sabia, desejava-me. Mas o Pesadelo não ia permitir que esse desejo se interpusesse em nossa amizade. Ou possivelmente pensava que, se fosse paciente, eu acabaria por morder o anzol. Pois podia esperar sentado.

Que graça, dois meses atrás — e isso fazia muito pouco— jamais teria acreditado que um menino com seu aspecto gostasse de alguém como eu. E agora assumia como uma dessas coisas da vida. Vá.

— Virei busca-la quando o Conselho retornar — prometeu Verek depois de me deixar no palácio. Os guardas de pele obsidiana continuavam lá fora e suas asas de veludo os cobriam como casacos.

Sentia-me a salvo, sabendo que os guardas estavam ali fora, me protegendo, mas não me enganava e sabia que se tratasse de escapar me parariam. Claro que, provavelmente, meu pai era o único que de verdade podia me impedir de fazer algo. Mas, tendo em conta que decidi que se fosse embora dali me desfaria assim que voltasse a pôr um pé no mundo dos sonhos, não ia pô-lo a prova. E mais, sabendo que visitar o mundo dos sonhos era inevitável. Inclusive de adolescente, depois de Jackie Jenkins, quando dava as costas a tudo aquilo e decidi criar meus próprios sonhos, continuava indo ali. O mundo dos sonhos é tão inevitável como a morte e os impostos.

Abracei Verek e agradei por tudo. Assim que se foi, pensei que não gostava de me fechar em meu dormitório e começar a me obcecar com o que podia ou não acontecer. Assim, fui à biblioteca em busca de algo que me distraísse.

E ali encontrei minha mãe dormindo em um sofá, tampada até os ombros com uma manta violeta. Abriu os olhos assim que fechei a porta.

— Está bem? — perguntei ao me aproximar.

— Sim — respondeu grogue. Se sentou e passou a mão pelo cabelo. Enrugou a calça cor pêssego e a blusa bege, e vê-la nesse estado me afetou.

— Não sabia que podia dormir neste mundo — disse. Eu dormia ali, mas eu pertencia em parte para mundo dos sonhos, e mamãe tão somente era uma sonhadora.

— Durmo sestas de cinco minutos — respondeu com um bocejo— Suponho que estou



ficando velha. Cada vez preciso dormir mais um momento.

Estava tratando de brincar, mas eu suspeitava que a necessidade dessas sesta aumentaram desde que o médico começou a visitá-la em casa. Se o laço que a unia a Morfeo se rompia... Deus, não queria nem pensar. Meu pai perderia a cabeça.

— Como foram as coisas com o Conselho? Seu pai Pôde solucionar?

Deus, que diabos Morfeo esteve contando? O que estava acontecendo escapava a seu controle.

— Decidiram fazer uma pausa — contei a verdade — Padera explodiu e confessou que foi ela quem deu o amuleto a Durdan.

Mamãe endureceu as feições. Parecia cansada. Pior, parecia mais velha.

— Puta. Surpreende que tenha confessado.

Acredito que nunca antes a ouvi utilizar essa palavra. Me pegou de surpresa. Suponho que no fundo era verdade que me amava.

— Só porque iam prender Madrene... O amuleto era dela.

As rugas que desenhavam nos cantos dos lábios marcaram ainda mais.

— Ah. — passou as mãos pela blusa e alisou as rugas — Acredito que gostaria de tomar um chá. E você? Quer que peça que nos preparem isso?

Não ia se esquivar do assunto tão facilmente. Me concentrei na mesa baixa diante de nós e pensei em seu jogo de chá preferido, em uma bandeja cheia de sanduiches, e outra com doces, manteiga e geleias. O ar se moveu um pouco e ficou impreciso antes de voltar a enfocar com normalidade. Quando terminou de mover, apareceram o bule e o resto de coisas em cima da mesa, xícaras e talheres incluídos.

Mamãe ficou boquiaberta e completamente surpreendida. Olhou-me do sofá que estava sentada com orgulho maternal.

— Dawnie! Olha o que fez!

Pensei que ia aplaudir. Não era para tanto, mas me inchei de satisfação ao vê-la tão contente comigo.

Sentei a seu lado e servi uma xícara de chá tal como gostava, logo aproximei alguns sanduiches antes de pegar o meu. Coloquei uma massa ao lado dos três sanduiches que já estavam no prato e me recostei no sofá.

— De verdade não sabia? — perguntei, olhando-a.

Ela não fingiu não saber do que estava falando. Tínhamos o mesmo sangue, sabia perfeitamente o que estava perguntando.

— Não queria saber — respondeu com um toque de amargura enquanto se servia uma generosa colherada de creme em cima do chá. Daí herdei minha fome emocional — Sabia que estive com Madrene, assim como sei que houve outras. E também sei que tem mais filhos.

Apesar disso, não ia contar de Gládios. Isso já seria frisar o cacho.

— Então, qual é o problema?

Mamãe franziu a testa com uma ferocidade maior do que recordava.

— O problema é que uma de suas filhas tentou fazer mal a minha pequena e ele não



acreditou que devesse me contar esse pequeno detalhe.

Sorri pormenorizada.

— Morfeo não foi muito sincero com nenhuma das duas, mas em sua defesa, direi que provavelmente nem passou pela cabeça dele.

Mamãe riu.

— Tem melhor opinião dele que eu. Amo esse homem, Dawnie, mas conheço todos seus defeitos, incluído o mais insignificante. Ele esperava que não nos inteirássemos.

Sei, talvez subestimei minha mãe. Não digo que estivesse preparada para perdoar tudo, como por exemplo, que abandonasse a sua família, mas começava a gostar.

— Pediu perdão?

Em seu rosto apareceu um sorriso malicioso.

— Sim, me pediu. Ainda está pedindo.

E ambas rimos, porque, assumimos, meu pai mereceu. É o que acontece quando se põe em modo de deus todo-poderoso.

Falamos sobre o julgamento e sobre Noah. Mamãe pensava que fiz bem dando o amuleto.

— Se sentirá muito melhor sabendo que ele pode vir aqui para ajudar.

— Diz como se você não fosse estar — comentei preocupada. E me lembrei da conversa que pediu que cuidasse de Morfeo se ela despertasse— Quer me contar algo?

Mamãe só sorriu, mas me pareceu um sorriso triste.

— Preocupo-me com você.

Me fez um nó na garganta. Não o bastante grande para me engasgar, mas para que me enchessem os olhos de lágrimas.

— Eu também me preocupo com você.

Não a parei quando passou um braço pelos ombros. Nossos pratos e nossas xícaras estavam em cima da mesa, assim nada me impediu de me aproximar dela. Mamãe era muito pequena comparada comigo, frágil e delicada, mas nunca me senti tão protegida como em seus braços.

— Odeio isso, mamãe — sussurrei, sabendo que ninguém mais se inteiraria de minha confissão— por que ninguém gosta de mim?

Notei que sorria ao tempo que começava a me acariciar o cabelo.

— Não a conhecem, querida.

Voltei a notar o nó na garganta. Fazia anos que minha mãe não me chamava assim.

— Não querem me conhecer — me queixei com amargura— Só estão dispostos a me odiar.

— As pessoas daqui não são diferentes da Terra. Temem o desconhecido. O que tem que fazer é deixar que a conheçam.

— Genial — disse sarcástica— Isso não será tão difícil.

— Não — conveio ela, rindo com suavidade— Quando encontrar a maneira de fazer, não será tão difícil.

Fiquei calada, perdida em meus pensamentos e em minhas ansiedades, e tratando de encontrar *a maneira de fazer*. Estava cansada, cansada de tanto drama.

— Sabe o que precisa? — perguntou minha mãe, naquele tom tão maternal de *eu sim sei o*



que precisa— Dormir um momento. Depois de uma sesta, verá tudo mais claro.

— Não acredito que possa dormir. — Embora estivesse muito cansada, sentia-me muito alterada para me desconectar.

— Que tolice — respondeu, e para piorar meu já instável e frágil estado emocional, começou a cantarolar uma canção de ninar. Uma suave melodia em voz baixa em que só havia um U e um A. Fiquei adormecida na segunda estrofe.

Mamãe tinha razão. Tudo parecia melhor depois de dormir um momento. Quando despertei, continuava no sofá, mas agora era eu a que tinha a manta lilás até o queixo. Minha mãe estava sentada em uma das duas poltronas que havia em frente à mesinha do café, e Noah estava na outra, falando em voz baixa.

Não se deram conta de que eu despertei, assim, aproveitei para olhar Noah sem que ele notasse. Estava conversando tranquilamente com minha mãe; as feições relaxadas, e era evidente que gostava dela. O que opinava Noah dela? Me incomodava que tivesse nos abandonado, mas eu gostaria de saber se ele pensava que era uma mulher que teve guelra de ir de um lugar onde não era feliz, que decidiu não ser uma vítima. Inclusive agora, minha mãe continuava lutando por ficar onde queria.

Visto assim, senti que já não estava tão zangada com ela.

E quando olhei Noah, vi que era alguém por quem valeria a pena lutar. Dei o amuleto não só porque sabia que ia proteger-me, mas também porque assim nos equiparávamos um ao outro no mundo dos sonhos. Eu queria que ele fosse meu igual. Não sabia se o nosso relacionamento funcionaria, mas estava disposta a tentar. E o que podia fazer era esperar que Noah também quisesse. Eu não queria estar com um cavaleiro de brilhante armadura, porque não queria que me resgatasse sempre, e tampouco queria sair com um menino que acreditasse que seu valor dependia de poder ou não me salvar.

E sabia que Noah não queria sair com uma garota que escondesse a verdade porque estava com medo de como reagiria. Ou porque estava com medo de que ele por fim se desse conta de que ela era um inseto estranho e a deixasse. Mentiria se não dissesse que a última opção ainda me preocupava, mas era minha culpa, não dele.

— Estão falando de mim? — bocejei ao me sentar.

— Claro que sim — respondeu Noah com aquele sorriso inclinado que me fundia a roupa íntima— Como está, doutora?

Afastei o cabelo do rosto e cocei a cabeça.

— Bem. Quero ir para casa.

Ele deixou de sorrir.

— Eu também.

Nossos olhares se encontraram e carregaram o ar com tudo o que não dissemos, mas nos comunicamos.

Minha mãe pigarreou e ficou em pé.



— Bom, se me desculpam, tenho coisas a fazer.

Estou quase segura de que não era verdade, mas agradei a gentileza.

— Obrigado, mamãe.

Ela passou uma mão pelo cabelo e se despediu de Noah antes de ir. Assim que a porta se fechou, sentei-me em seu colo e rodeei o pescoço com os braços. E para demonstrar o muito que me alegrava vê-lo, dei um beijo que me estremeceu até a ponta dos dedos do pé.

— Como está realmente? — perguntou-me quando nos separamos. Acariciava-me as costas, desenhando círculos com as mãos.

Apoiei a cabeça na sua.

— Quero que tudo isto acabe de uma vez, mas ao mesmo tempo, tenho medo do final. Padera confessou que foi ela que deu o amuleto a Durdan, mas o Conselho não achou muita graça que eu desse o meu.

— Você disse?

— Me perguntaram — respondi isso sem mais — E a verdade é que não me ocorreu mentir.

A julgar por seu olhar, soube que isso era exatamente o que Noah gostaria que eu fizesse. Não para protegê-lo, a não ser a mim.

— Se tivesse mentido e logo descobrissem, seria pior, Noah.

— Já sei. É que eu não gosto que tenha problemas por minha culpa.

Suspirei e desci de seu colo para ficar em pé. Não queria voltar a falar desse assunto.

— Bom, o Conselho já sabe que minha irmã te ameaçou.

— Sua irmã? — perguntou ele levantando as sobrancelhas quase por cima da cabeça.

OH, merda.

— Não contei isso?

Noah fez algo a meio caminho entre rir e soltar um suspiro.

— Se esqueceu de contar algo mais?

Consegui esboçar um meio sorriso.

— Acredito que não, mas avisarei se me lembro de algo.

Negou com a cabeça e passou uma mão pelo cabelo.

— Deus, doutora. Warren e eu não temos laços de sangue e nunca faríamos mal um ao outro.

— Vá, bom, Warren não acredita que você seja o Anticristo — disse resignada.

Esfregou a mandíbula.

— E o que diz seu pai de tudo isto?

— Não muito. Se for sincera, não falei com ele do assunto.

Intrigado, inclinou a cabeça.

— Mas está do seu lado, não?

— Ah, sim. Mas não tem que ser fácil. Pensa no conflito interno que deve ter; certo que se sente responsável pelo que aconteceu.

Desta vez, a risada de Noah foi inconfundível.

— Analisando o deus dos sonhos? Sim, definitivamente está bem.



Sorri envergonhada, o teria abraçado outra vez, mas Verek entrou nesse preciso instante.

— Me desculpem — disse o cara duro, esquadrinhando Noah com o olhar— O Conselho voltou.

Soltei um trêmulo fôlego.

— Chegou a hora da verdade. — Estendi a mão a meu namorado— Vamos, Noah.

Verek arqueou ambas as sobrancelhas, mas não me disse nada porque queria levar Noah conosco. Suponho que sabia que não serviria de nada discutir. Ele vinha comigo e ponto. Ia contra a lei? Estou convencida de que não havia nenhuma lei que regulasse se podia ou não levar um humano ao Conselho dos Pesadelos, assim tecnicamente não estava violando nenhuma. Além disso, Padera ameaçou Noah, assim ele também era parte interessada.

Despachei-nos até a sala do Conselho, assim era como Noah batizou o teletransporte. Era mais rápido que pegar uma carruagem e, sendo sincera, estava impaciente para que aquilo terminasse. Às vezes, a espera que precede ao castigo é muito pior que o castigo em si.

Quando entramos, todo mundo estava sentado ao redor da mesa. Nenhum dos presentes se surpreendeu muito de ver Noah outra vez a meu lado. Padera nem sequer o olhou. De fato, parecia um cordeirinho ao lado de sua mãe, cujo belo rosto parecia contrito e triste.

Olhei Hadria e a sacerdotisa me deu de presente seu sereno e estranhamente reconfortante sorriso. Depois, olhei a meu pai e vi que parecia como eu. A julgar por sua expressão, não soube se tinha um bom pressentimento ou não.

Gládios ficou em pé. Não era muito alto, devia medir algo mais de metro setenta, mas com os ombros largos e muita presença.

— Senhor Clarke, nos entregue o amuleto que deu a princesa Dawn.

— Não. — Negou também com a cabeça.

Bom, não posso dizer que não esperasse, nem que me surpreendesse sua negativa, mas mesmo assim, fiquei nervosa.

— Isto não é um debate, jovem.

Sorriu a Gládios.

— Tem razão, não é. Não penso entregar o que me deu como um presente. A estas alturas já atacou e esteve a ponto de me matar, uma criatura do mundo dos sonhos, e a Guardiã me ameaçou. A próxima vez que me aconteça algo parecido, poderei me defender.

— Acredita que haverá uma *próxima vez*? — perguntou Gládios, ofendido.

O sorriso de Noah se estendeu e me assinalou com a cabeça.

— Estou saindo com o inimigo público número um. Assim sim, acredito que haverá uma próxima vez.

Apesar do pessimismo implícito na frase, eu também sorri. Noah ia ficar comigo acontecesse o que acontecesse. E, maldição, eu também ia ficar com ele.

— Deixe Gládios — disse Morfeo com uma voz tão escura como as sombras que haviam no muro atrás dele. Esfregou os olhos com os polegares e os indicadores— Meus inimigos não respeitam as leis; Noah deveria poder defender, a ele e a minha filha.

— Com o devido respeito, lorde Morfeo — disse ao ancião Pesadelo— Não acredito que a



princesa necessite que a defendam.

O olhar pálido de meu pai passou de mim a Padera.

— Exceto dos de seu próprio sangue.

— E permitirá que este reino possa proteger-se dela? — perguntou Padera sem alterar.

Morfeo, com cara de aborrecido, voltou para o Conselho.

— Se já tem um veredicto, ouçamos. Estou farto de tanto drama.

Gládios assentiu complacente.

— Apesar de que o Conselho não aprova, nem seus métodos, nem seu comportamento, não encontramos nenhuma prova que demonstre que a princesa Dawn seja culpada de ter atuado errado ou mal intencionalmente. Depois de ter escutado a confissão de Padera, opinamos que Dawn atuou em defesa própria, e que qualquer infração prévia que pudesse ter cometido foi fruto da ignorância ou da genuína preocupação que sentia pelos humanos.

OH, graças a Deus. Sentei junto Noah. Ele me segurou me rodeando a cintura com um de seus fortes braços.

— E no que corresponde a Guardiã, o comportamento constitui um claro abuso de poder, com o agravante de que sua intenção era fazer mal, não só a sonhadores, mas também a um membro da família real. O Conselho declara Padera culpada de traição. Será despojada de seu cargo e deixamos em mãos de lorde Morfeo a decisão de aplicar alguma outra pena por seus delitos.

Arregalei os olhos. Caralho. Acabavam de jogá-la aos leões, não? Olhei a meu pai, acreditava que o veria satisfeito, mas encontrei justamente o contrário.

— O que acha que deveria acontecer a Padera, Dawn? — perguntou-me.

OH, claro, muito ardiloso, deixar que carregasse eu o morto em vez de assumir a responsabilidade sobre sua própria filha. Eu podia fazer muitíssimas coisas a minha irmã, me ocorriam todo tipo de castigos e ela merecia todos. Mas no final, não fui vingativa. Não muito.

— Acredito que despojando-a de seu poder é suficiente. — Orgulhosa dele, esse castigo me parecia mais que suficiente— Possivelmente poderia mandá-la um tempo a um lugar solitário para que medite sobre o que perdeu.

Morfeo sorriu, cheio de orgulho. Era evidente que acreditava que eu dei uma sentença estrita, mas também generosa. Sua filha receberia um castigo, mas não sofreria nenhum dano permanente.

— Parece justo.

— Mas se alguma vez voltar a me ameaçar ou a algum de meus seres queridos — acrescentei, dirigindo a minha irmã um olhar enfurecido— Quero que a desfaça. — Então olhei a Morfeo. — Parece correto?

A ele pareceu surpreender que ocorresse pensar nisso, mas não estava disposta a correr nenhum risco com as pessoas que amava.

— De acordo.

Padera quase grunhiu, a mim e a Morfeo.

— Não importa o que faça. Outro ocupará meu lugar. Chegará seu final, milord. — Então me



olhou — E você, abominação, será destruída.

Essas palavras gelaram meu sangue. Não acabamos? Olhei a meu pai com uma expressão que provavelmente se parecia muito a um ataque de pânico.

— De que diabos está falando?

— A não ser que alguém desafie a atual Guardiã — explicou Morfeo, sério— escolherá o novo de entre os candidatos designados.

— O que significa que tem cinquenta por cento de probabilidades de que seja um inimigo seu — disse olhando a meu pai.

— A julgar pela expressão de Padera — acrescentou ele só para mim— e tendo em conta os últimos acontecimentos, diria que tenho muitas mais probabilidades. Ela não teria arriscado a perder seu cargo se não soubesse que seu substituto já estava preparado.

Engoli em seco. Genial. E com o convencimento de que isso era exatamente o que tinha que acontecer (e muito zangada por isso), dei um passo para frente e olhei nos olhos da mulher que tratou de acabar com minha vida.

— Disputo o cargo de Guardiã.

E Padera enlouqueceu.

CAPÍTULO 19

Padera se equilibrou sobre mim como uma leoa atacaria uma ovelha desavisada. Realmente, eu não estava preparada, embora teria que estar, tendo em conta nossa história passada e meu nada sutil desafio.

Que mais podia fazer? Era a única forma que me ocorreu de salvar meu pai, Noah, a mim mesma e ao resto de pessoas que me importavam. Verek não se ofereceu a fazer, assim tive que fazer eu.

Falando de Verek, precisamente foi ele e Noah quem retiveram Padera e evitaram que me arrancasse à cabeça. Surpreendeu-me ver que Noah foi capaz de pará-la... Devia ser mais forte nesse mundo do que inicialmente acreditamos. Surpresa, surpresa. E eu devia estar em um ligeiro estado de choque para continuar ali de pé como se não tivesse passado nada.

— Aceita meu desafio? — perguntei à ruiva, que tentava escapar dos fortes braços que a seguravam.

Seus olhos claros brilhavam como fragmentos de cristal.

— Aceito.

— Ela não pode competir para ocupar o posto da Guardiã! — gritou um membro do Conselho ao que não conhecia, enquanto ficava de pé de um salto— Não é uma dos nossos!

Errou ao dizer isso. O rosto de meu pai permaneceu impassível, mas eu sabia perfeitamente que teria esse homem vigiado, e Ama o ajudaria se ele relaxasse.

— Ela é de meu sangue. Isso a converte em uma habitante do mundo dos sonhos. E não há



nada escrito que diga quem tem direito e quem não a optar por esse posto.

Com o rosto avermelhado, o homem, muito a seu pesar, voltou a sentar-se.

Voltei para Morfeo.

— E como funciona isto?

— É um combate físico e também mental — explicou meu pai— Quem demonstra ser superior em força, velocidade, resistência e, acima de tudo, quem tem mais poder, será o ganhador. — Para ser honestos, parecia que duvidasse um pouco. Suponho que sua outra filha devia ser bastante feroz. Estupendo!

Bem, assim podia lutar fisicamente. Era consciente de que possuía certa força. O que este combate significava era que devia deixar que eu ligasse meu lado escuro e me mostrasse em todo seu esplendor. Isso ia ser o complicado: deixar de lado meu controle para me guiar pelo instinto. Mas não havia escolha. Ou ganhava, ou a seguinte pessoa que se encarregaria de onde Padera deixou.

Noah se aproximou. Parecia preocupado. E um pouco zangado também.

— Suponho que não tem nem ideia do que está fazendo, verdade?

Neguei com a cabeça com um ligeiro sorriso.

— Nem uma puta ideia.

Olhou-me durante o que me pareceu uma eternidade, com seus escuros olhos esquadrinhando meu rosto. Não estou do tudo segura do que viu, mas imagino que deve ter sido medo com uma boa dose de determinação. E suponho que percebeu o que eu ia fazer... Fosse qual fosse o resultado.

— Padera gosta de brigar sujo — disse em voz baixa, segurando minha mão entre as suas, massageando — Vigia suas pernas. Será rápida, mas vacilante. Utiliza sua raiva contra ela para fazê-la perder o equilíbrio. Agarre os pés por baixo e a terá dominada fisicamente.

Sorri um pouco.

— Jogo sujo?

Ele sorriu um instante, mas bem parecia um suspiro que um sorriso, mas mesmo assim, ali estava. Então, seu bom humor desapareceu por completo.

— Não duvide nem um instante, doutora. Aproveita todas as ocasiões. Ela a foderá viva se puder.

Então vi como estava sério... E preocupado. Com voz tensa, assenti:

— Farei isso.

Verek se aproximou. Outra pessoa devia estar vigiando a Guardiã.

— É hora — disse. Seu olhar intenso se encontrou com o meu— Boa sorte, princesa.

Noah viu como o corpulento Pesadelo se afastava.

— Assim, esse é meu competidor, né? Vou ter que brigar com ele quando tudo isto acabar?

Acredito que brincava, mas era difícil de dizer nesse momento.

— Não. Não haverá briga.

Noah sorriu, seu evidente alívio foi como um murro no peito. Então me abraçou e me beijou na testa.



— Se proteja — me disse.

— Farei isso. — Deus, esperava poder fazer.

A ninguém pareceu importar que ele ficasse. Suponho que ter a um humano ali no meio era a menor das preocupações do Conselho nesse momento.

Enquanto eu falava com Noah, meu pai converteu parte da sala em uma estrutura similar a uma sala de luta livre. Havia um colchonete no centro, onde Padera e eu íamos nos enfrentar, e assentos a cada lado para os espectadores.

Também havia mais gente que lembrava. Todo o grêmio dos Pesadelos se encontrava ali. Não eram muitos, tal como Verek me disse. Mas além de Pesadelos, havia mais ou menos algumas centenas de seres do mundo dos sonhos. Quais demônios eram?

E também estava minha mãe, sentada ao lado de Morfeo em um dos lados. Fabuloso. Como se não tivesse já suficiente pressão...

— Que as combatentes se aproximem do círculo central — disse Gládios, com uma voz que encheu toda a sala.

Noah deu outro abraço e um beijo, e sentou ao lado de meus pais.

Padera mudou de roupa. Usava calças soltas e uma túnica adequada para brigar. Gostaria de me trocar também, e vestir algo mais cômodo. Prendeu o cabelo; não ia deixar um rabo solto para que eu puxasse.

Olhamos no rosto, ambas tensas e preparadas para a ação. Quando o porta-voz do Conselho disse *Comece*, quase saí disparada.

Noah tinha razão. Ela era rápida, mas a fúria que sentia a fazia perder o controle. Utilizava muito as pernas. Dei-me conta disso no mesmo instante em que seu pé me bateu na cabeça e me fez cair de costas sobre o colchonete.

Vi estrelas diante dos olhos. E então senti uma aguda dor no lado. Me deu um chute. Estava dando chutes enquanto estava no chão!

Se levante — dizia uma voz dentro de minha cabeça — *Se levante e chute o traseiro dela.*

Mas era mais fácil dizer que fazer. Entretanto, consegui ficar em pé e esquivar outro de seus golpes ao mesmo tempo. A seguinte vez que a vi levantar o pé para mim o agarrei, e também a perna que o seguia. Retorci com força e dei um chute por baixo, afastando-a de mim enquanto caía.

Noah gritou eufórico. Sua voz me chegou, misturando com a adrenalina que corria por minhas veias. Balancei sobre os pés, estirando de uma vez o pescoço como fazem os boxeadores no ring. Sentia-me confiante. Que nariz, estava encorajada.

Grande engano.

Padera voltava a ficar de pé e grunhia como um tigre furioso. Correu para mim e eu dava um salto para encontrá-la no meio do caminho. Lutamos, nos segurando pelos braços. Balançou o tronco e temi o pior ao notar que os pés se separavam do chão. O seguinte foi me ver voando pelos ares, enquanto a parede mais afastada da sala se aproximava a toda velocidade.

Bati com força contra ela. Pareceu inclusive que desprenderam alguns pedaços devido ao impacto, mas possivelmente fossem meus dentes. Caí no chão sem fôlego.



Isto não teria que ter acontecido. Teria que ter reagido melhor...

A voz tinha razão. Minha parte de Pesadelo, que enterrava em meu interior há tanto tempo, sabia perfeitamente o que devia fazer... Estava no sangue e era tão natural como respirar. Só tinha que deixar que tomasse o controle. Não era tão difícil, já fez quando enfrentei Karatos. Podia voltar a fazer.

Fiquei em pé e me neguei a tropeçar. Levantei o olhar e vi que minha irmã corria para mim à velocidade da luz. Sorria. E foi esse sorriso o que prendeu fogo a meus olhos, um fogo que me resultou familiar: o fogo de minha alma.

Padera deixou de sorrir quando a levantei do chão e a lancei pelos ares, como fiz aquele dia com Verek. Vê-la bater contra o teto me fez sorrir. Olhei Noah e vi que me estava olhando atônito. Dava medo? Minha segurança em mim mesma fraquejou um pouco, mas então ele me devolveu o sorriso e deixei de me preocupar.

— Dawn! — advertiu-me minha mãe. Girei a cabeça a tempo de ver Padera preparando-se para um novo ataque. Agora tinha uma espada. Uma espada marae, a arma dos Pesadelos.

Consegui esquivar o golpe e a folha passou assobiando por cima de minha cabeça. Eu não podia morrer no mundo dos sonhos, mas não queria pôr a prova essa teoria, nem tampouco queria que me decapitassem. A dor era a dor, fossem quais fossem as consequências. Além disso, se Padera cortasse a cabeça, estou quase convencida de que a declararíamos vencedora.

Dei uma cambalhota. Eu, a menina que nas aulas de ginástica era incapaz de fazer a ponte, agachei-me e fiz uma pirueta perfeita do nada. Quando saltei para me pôr em pé, segurava minha adaga na mão. Sem me dar conta, fiz aparecer com minha mente. Normalmente, tinha forma de adaga, mas dado que meu oponente brandia uma espada, transformei-a.

Assim que ambas as folhas afiadas se encontraram, foi como uma cena tirada do primeiro filme highlander, quando Chris Lambert e Clancy Brown estão lutando em cima de um pôster. Saltavam faíscas por toda parte. O metal chiava e podia notar sua reverberação nos braços. Certo que a Guardiã estava com os seus frouxos como espaguete cozidos.

Ou possivelmente não. Voltou à espada pelos ares e cortou minha bochecha com tanta precisão que fiquei boquiaberta.

— Primeiro sangue para a defensora — disse o representante do Conselho.

Primeiro sangue? Isso implicava que haveria mais sangue, não? Genial, assim ainda não podia dizer que ela ganhou. Eu ainda podia vencê-la. Ainda podia ganhar, mas para isso precisava me acalmar.

Quando Padera voltou a se lançar sobre mim, sorrindo como uma maníaca, minha primeira reação foi manter a espada quieta, mas meus braços queriam outra coisa e no final os ouvi. Baixei a espada descrevendo um arco muito amplo e girei o corpo de tal maneira que a ponta de minha espada cortou a minha irmã no tendão de Aquiles. Padera tropeçou, mas não caiu e seu grito de dor ressonou por toda a estadia. Não deveria me sentir tão satisfeita de mim mesma, mas não pude evitar.

— Segundo sangue para a aspirante ao título — zombei ao ver que coxeava enquanto voltava a se preparar para entrar em ação. Seu sangue encharcava o chão enquanto o meu



escorregava pela bochecha e me ensopava a camisa. Possivelmente aquela briga não fosse à morte, mas eu sentia como se fosse.

Padera parou em seco e me olhou. Estava suando e parecia muito acalorada.

— Por que não tentamos outra coisa?

Que demônios? Fiquei ali de pé, como uma estúpida, observando-a estender os braços e começar a cantar em voz baixa. Ouvi que Verek gritava a minhas costas, mas com todo aquele ruído e o coração me pulsando nos ouvidos, não consegui entender o que me dizia. Merda, e agora o que?

Quando soube o que estava acontecendo, já era muito tarde. No mesmo instante em que quase me engasgo com meu coração, compreendi que Padera ia me dar uma surra.

Chamou à névoa. Teria que ter sabido. Minha irmã já a utilizou antes contra mim, e uma vez que tendia a explorar os pontos débeis de seus competidores, não se importava que trouxesse a névoa para o segundo assalto.

Sorriu-me enquanto fios de bruma se enredavam entre suas pernas como se fossem cachorrinhos reclamando sua atenção. Os que estavam perto de mim eram como piranhas sedentas de sangue.

Que diabos podia fazer? A bruma foi se aproximando e fiquei congelada. Não sabia como reagir. A névoa ia morder e arranhar me partiria em dois e ninguém poderia detê-la. OH sim, logo me curaria, mas o dano já pareceria.

Fiquei quieta e deixei que os primeiros farrapos de névoa me acariciassem. Fechei os olhos e tratei de controlar o medo que me enchia o peito e me ruborizava as bochechas até me enjoar. *Me mate e termina de uma vez por todas*, pensei.

Padera continuava falando. O que estava dizendo? Estava animando à névoa, dizendo que me fizesse mal. Teria que pedir a Morfeo que acabasse com ela. Não me importava que tivesse meu sangue, aquela menina era uma psicopata.

Notei uma pontada no pulso e me encolhi de dor. Terceiro sangue para a névoa. A quarta e a quinta também; meu tornozelo e a lateral do pescoço. As feridas sangravam e imaginei à bruma como um montão de tubarões rodeando a sua presa.

— Tem que ordenar que a respeite — disse a voz de Verek em minha mente.

Genial. Existem várias técnicas para superar os medos, e o primeiro passo sempre é enfrentar o que teme. Abri os olhos e me obriguei a olhar aquela fumaça brumosa.

Gritei ao notar uma garra me percorrendo as costas. A esse passo, o veneno seria o que me mataria.

Concentrei-me em minha respiração e tratei de ignorar o suor que escorregava pelo rosto e o pescoço. As feridas me ardiam, e começava a ter febre. Teria que reagir depressa, e a agilidade na hora de tomar decisões não é precisamente uma de minhas virtudes. Sim, sou impulsiva, mas na realidade analiso tudo até o esgotamento.

Deixar a mente em branco é mais difícil do que parece, em especial se tiver que fazê-lo sob pressão, mas não havia escolha. Devia me esquecer de tudo o que sabia e deixar que meus instintos tomassem as rédeas; e não me refiro ao instinto que me dizia que atacasse à névoa. Esse



era meu instinto humano. Precisei procurar em meu interior e deixar que o lado escuro saísse à superfície. Nesse mundo, essa outra Dawn sabia o que fazia. Só esperava ser capaz de controlá-la quando saísse à superfície.

Não procurei muito. Acredito que estava esperando. Quando tudo aquilo acabasse, ia ter que ir a terapia de transtorno de personalidade.

Notei outra dentada na parte traseira do joelho e uns arranhões no rosto. Tropecei quando se enroscou a meu redor e apertou. E todo esse momento as vozes que sussurravam dentro dela estavam amaldiçoando.

Estava de quatro no chão, tratando de recuperar o fôlego quando o calor explodiu atrás de meus olhos. A princípio acreditei que a retina explodiu por culpa do veneno, mas logo me dava conta de que podia ver melhor. Podia discernir as formas que se ocultavam na névoa; rostos monstruosos em vez de belos, mãos e bocas, olhos e orelhas. Dava muito medo. Algumas dessas formas eram humanoides, outras não. Ali havia um pouco de tudo.

Um momento. Acaso Hadria não disse que dentro de mim também havia um pouco de tudo? Então compreendi.

Eu não precisava lutar contra a bruma. Não precisava que me defender dela. Somente me converteria em névoa. Esta acreditava que eu não pertencia ao mundo dos sonhos, mas teria que fazê-la entender que sim. Deus era tão evidente! Por que não me ocorreu antes? O dia que fui à casa de Hadria, toquei a névoa e absorvi parte de sua essência. Por isso se foi, por isso deixou de me fazer mal.

De repente, não me custou nada me concentrar. A parte de mim enraizada naquele mundo não possuía nenhum problema para se concentrar. Se aferrou à ideia com todas suas forças. Puxou e deformou a malha dos sonhos até que não ficou nada. Até que eu deixei de existir. Agora era névoa, ligeira e imaterial, e ao mesmo tempo afiada como folha de aço. E mais forte.

A bruma que me rodeava cintilou confusa. Eu podia ouvir as vozes dentro de mim e acrescentei ao resto.

— Não quero fazer mal — sussurrei — Não sou uma ameaça, nem para você nem para este mundo.

Enredei com seus fios enquanto falava. Acariciei-os e recordei como se comportavam com Verek e Padera. Senti algo tão especial e estranho que não pude conter a risada. Como podia ter odiado a aquela criatura tão maravilhosa? Aquelas criaturas.

Os fios evanescentes me rodearam e começamos a dançar. E aquelas vozes que antes foram cortantes e irritantes agora me deram boas vindas. A névoa entendia o que eu era. E, pela primeira vez, acredito que eu também.

Eu era o mundo dos sonhos.

Quando recuperei minha forma habitual, vi que me curaram as feridas. Era como se não tivessem existido alguma vez. Quanto tempo estive fora? Fiquei de pé no meio do quadrilátero com a névoa a meus pés, subindo pelo corpo como o perfume do amanhecer ou do pão recém-assado.

Sorri a Padera.



— Isto é tudo o que tem? — perguntei com arrogância. Disse à névoa que se afastasse; agora que entendia, não queria que se misturasse entre nós. Não queria que saísse prejudicada. O único que queria era amar e proteger o mundo dos sonhos, por isso agora, o único que queria era me amar e me proteger.

Vi a Guardiã pálida e séria ao levantar a espada.

— Anda com cuidado com seu namorado — murmurou— Ele sabe que tem poder e não duvidará em utilizá-la para alcançar seu máximo potencial.

Sabia que Padera estava tratando de me deslocar, mas quase conseguiu.

— Se cale.

Ela encolheu os ombros e sua espada nem sequer tremeu. E isso que eu acreditei que, como era magra, teria os braços débeis.

— Pensa o que te dê vontade. Provavelmente também acha que nosso pai nunca te dará as costas.

— Sei que não o fará — respondi entre dentes.

Padera me sorriu, mas esta vez com pena, não para me provocar.

— Houve uma época, em que eu também sabia disso. — Fixou os olhos em meus— Não tem nem ideia do que é. Não tem nem ideia da classe de monstro que é você.

A partir desse instante recordei tudo impreciso. Ela me atacou e me bateu enquanto eu ainda continuava aturdida por suas palavras. Lembro que o fogo que me queimava os olhos e o estômago se estendeu por meus braços e minhas pernas até chegar aos dedos. Lembro uma aguda dor no ombro e que rugi como resposta. O fogo emanou de mim e retornou ao epicentro de meu corpo. Levantei os braços. Minha espada simples, embora incrivelmente pesada, se movia como se fosse uma extensão de mim. Girei sobre os calcanhares. Dei uma volta. Esquivei. E durante todo o momento não deixei de mover a espada. Movi para baixo e a mantive paralela a meu corpo com a ponta assinalando os dedos de meus pés. Estava tão afiada que cortaria algo, igual a uma faca quente na manteiga.

Ouvi um grito de surpresa e Noah gritou meu nome.

Pisquei e tratei de focar o olhar ao tempo que tratava de recuperar o fôlego. Todo mundo estava olhando. Alguns, como meu pai, com expressão de triunfo. Outros, como minha mãe e Noah, de surpresa. E outros com ódio.

Ouvi o som de alguém engasgando e baixei o olhar. No colchonete caída estava Padera, fixada igual a uma mariposa com um alfinete. minha espada afundada no peito e da ferida fervia sangue enquanto ela tentava respirar.

— Merda! — Puxei a espada e a lancei a um lado enquanto me ajoelhava a seu lado. Tapei a ferida com as mãos. Eu não era uma assassina. Não era. Sabia que minha irmã não podia morrer, mas a machuquei muito. Ao vê-la sofrer, notei-me intumescida e fiquei tão gelada que pensei que possivelmente era um monstro.

Tratei de curá-la, mas não podia pensar com clareza. Estava à borda de um ataque de nervos.

De repente, Morfeo apareceu a meu lado e afastou minhas mãos ensanguentadas. Colocou a



palma de uma das suas em cima da ferida de Padera e vi como o fluxo de sangue parava e o rosto passava da dor ao medo, e logo ao desconforto e à plena consciência. Olhou-me e piscou. Já não parecia tão perigosa. Já não estava transfigurada pela dor, nem tampouco dava tanto medo.

Parecia jovem e aturdida. Parecia minha irmã.

Consegui me afastar dela antes de vomitar. Frente a mim, apareceu uma bacia no momento exato em que meu estômago decidiu esvaziar. Que prático.

— Doutora! — Ouvi a voz de Noah e levantei a cabeça para procurá-lo. Saltou da escadaria e correu para mim. Um dos Pesadelos tentou detê-lo, mas apareceu um muro entre os dois e não pôde continuar.

Noah era poderoso. Poder de verdade. Era porque usava o amuleto ou o teve sempre? Em que tipo de confusão ia entrar agora?

Correu até ajoelhar-se a meu lado.

— Doutora, está bem? Diga algo.

Assenti, as mãos intumescidas e torpes, mas consegui abraçá-lo. O mancharia de sangue.

— Estou bem, Noah. Estou bem. — A não ser que tivesse em conta que me tremiam os braços, que estava com um corte no ombro e que notava uma estranha sensação de queimação na nuca que não podia explicar.

Ele me grudou a seu peito com todas as suas forças e me acariciou as costas. Estava cansada depois da briga, mas não ia dizer que parasse. Pouco a pouco, o calor que emanava de seu corpo foi entrando no meu e comecei a sentir que voltava a ser eu mesma.

Acredito que sem uma pequena parte de mim.

Morfeo se ajoelhou no chão.

— Noah, tenho que me ocupar das feridas de Dawn.

Ele não tinha mais vontade de me soltar que eu de que me soltasse, mas no final se afastou a contra gosto para que meu pai pudesse fechar o corte que tinha na bochecha e a ferida do ombro esquerdo. Cometi o engano de olhar enquanto fazia e quase voltei a vomitar. Aquilo era um osso?

Morfeo não só me curou, mas também me tirou a dor. Excetuando aquela sensação na nuca que continuava sentindo. Deus, que diabos era aquilo?

— O que fez? — perguntei a meu pai— Está diferente. A desfez?

— Digamos que arrumei — respondeu ele. Nunca antes me dei tanta atenção às rugas ao redor dos olhos de Morfeo como nesse momento. Não foi capaz de destruir sua filha apesar de que teria podido fazer. E não o fez porque isso implicaria arrebatá-lo de Padera tudo o que era ou foi. E era óbvio que meu pai continuava querendo muito a algumas partes desse tudo.

— Não espere que a convide a uma festa de pijamas em minha casa nem nada pelo estilo — disse cortante enquanto ele me ajudava a me pôr em pé— Terá que passar muito tempo antes que possa olhá-la e não pensar em tudo o que me fez. — Tentei não me apoiar nele. Não queria necessitá-lo. Não queria que me cuidasse, mas não tinha escolha.

— Para mim também — assentiu.



Mas apesar de tudo, Morfeo optou por salvar Padera. bem. Possivelmente sim, tinha certo potencial como pai.

Minha mãe correu para mim e me abraçou com seus delicados braços, apesar de que ia impecável e eu estava manchada de sangue e muito suada.

— Sabia que a protegeria — me sussurrou ao ouvido antes de me beijar na bochecha, com lágrimas nos olhos— Me sinto muito melhor agora que sei que também pode proteger a si mesma.

Franzi a testa, mas antes que pudesse perguntar do que estava falando, afastou e esboçou um sorriso cheio de lágrimas. Depois, foi com Noah enquanto meu pai e eu falávamos.

Olhei Padera.

— Segue decidido a prendê-la?

— Durante um tempo, sim.

Olhei nos olhos.

— Vai ajudá-la, não é assim?

— Sim — afirmou— E sinto se te faço mal com isso.

Por estranho que parecesse não me fazia.

— É sua responsabilidade. Tem que ajudá-la.

Morfeo sorriu.

— Sempre foi muito mandona para seu próprio bem.

A frase me arrancou um sorriso.

— Morfeo... Papai... — Não consegui terminar o que ia dizer por que me abraçou com tanta força que fiquei sem fôlego e sem fala. De todos os modos, acredito que não importava que nos disséssemos nada mais.

Quando por fim me soltou e pude voltar a respirar, perguntei:

— Posso falar com ela?

Ele enrugou a testa, mas concordou.

— Só um momento.

Noah me olhou preocupado ao ver que não ia para ele, mas levantei um dedo e pedi que esperasse um momento. Já explicaria mais tarde.

Minha irmã estava sentada sozinha. Nem sequer os que a serviram quando era a Guardiã se aproximaram para ajudá-la. Só alguns Pesadelos, membros do guarda pessoal de meu pai, estavam a seu lado, preparados para leva-la dali assim que Morfeo desse a ordem. Suas feridas também desapareceram, mas suspeito que ainda doía o peito, e que provavelmente doeria durante um tempo.

Ajoelhei-me diante dela.

— Conhece nossos irmãos?

Levantou o olhar para me olhar e me encontrei com uns olhos cautelosos, mas completamente vazios do ódio que antes os habitou. Era exatamente como disse meu pai; como se alguém tivesse dado reset.



— Sim.

— Quantos temos?

Padera riu e foi uma risada sincera.

— Cinquenta. Ao menos que eu saiba.

Cinquenta? Merda. Suponho que não eram tantos se levasse em conta que Morfeo estava ali toda a eternidade.

Queria conhecer meus irmãos desse mundo tão bem como conhecia os da Terra. À família tem que tê-la perto, tanto para que cubram as costas, para te assegurar de que não deve dar.

— Algum dia, quando pedir — comecei — me acompanhará para vê-los?

Não pude decifrar sua expressão, pois Padera continuava me observando com cautela. Suponho que não confiava em mim, eu tampouco confiava nela. Mas éramos irmãs e os laços de sangue servem de algo.

— Acompanharei — disse, quando os guardas foram ajudá-la a ficar em pé. Deduzi que Morfeo decidiu que já falamos o bastante.

Eu também me levantei e fiquei observando como a levavam. Nossos olhares não se separaram, até que ela abandonou a sala. Então corri para Noah e me entreguei a seus braços.

— Está decidido. — A voz do Gládios voltou a encher o recinto— Dawn Riley é a nova Guardiã dos Pesadelos.

Houve alguns vivas e uns quantos aplausos de cortesia, também algumas caras feias. Enfrentei a todos com expressão neutra e com Noah a meu lado. Era Guardiã e não fazia ideia do que isso era. Tinha poder, mas não sabia até onde abrangia. E haviam pessoas que viriam para mim em busca de conselho.

E inimigos. Quanto demoraria em aparecer alguém que me desafiasse? Queria aprender a ser Guardiã e devia aprendê-lo rapidamente se quisesse conservar o posto. Não tinha mais remédio se quisesse utilizar esse cargo para ajudar meu pai a conservar seu trono.

— Elogiada seja Ama — disse uma voz a minhas costas.

Voltei-me bem a tempo de ver Hadria inclinada para mim, me segurando pelos ombros e me separando de Noah do nada. Fez dar meia volta para me olhar à nuca e suspirou surpreendida.

— O que? — perguntei nervosa, imaginando que algum parasita se meteu sob a pele e por isso me ardia tanto.

Hadria me voltou de novo, apanhou meu rosto entre suas mãos gigantes e me beijou ambas as bochechas.

— Felicidade, Dawn. Recebeu sua marca.

CAPÍTULO 20

Enfim, que agora sou a Guardiã.

E o que significa isso exatamente? Bom, a verdade é que não estou muito segura. Sei que é



um cargo com muita responsabilidade e com muito poder. Sim. E sei que há gente que não gosta da mudança de titular. Já me reuni com o Conselho e com o Guarda dos Pesadelos, e encarregaram Verek de me ajudar a me adaptar ao cargo. Como podem imaginar, Noah não gostou muito. Mas eu gosto que esteja ciumento; não está mal que seja ele e não eu, para variar.

Amanhã de noite tenho que me reunir com o Conselho para falar mais tranquilamente sobre os detalhes, e no fim do mês farei minha estreia oficial. Espero que então saiba o que estou fazendo.

Suponho que acreditarão que, com o novo cargo, minha vida é ainda mais estranha que antes, mas a verdade é que depois de minha briga com Padera as coisas se acalmaram muito. Morfeo diz que minha irmã está melhor, mas a verdade é que não sei. Eu não a vi, e não tenho intenção de vê-la durante um tempo. Ela e meus outros cinquenta irmãos podem esperar.

Agora mesmo, estou desfrutando de umas férias. Sei que logo toparei com alguém mais que odiará meu pai e que as coisas voltarão a ficar feias. Assim é a vida de uma mestiça tão peculiar como eu.

Por isso mesmo, decidi aproveitar o máximo que durasse a calma. A única exceção que fiz foi quando Noah e eu fomos visitar Antwoine e Madrene no jardim de meu amigo. Prometi a Noah que o ajudaria a averiguar do que era capaz, e disse a sério. O único problema era que, para averiguar, tínhamos que ir ao mundo dos sonhos sem que ninguém nos detectasse. Madrene e Antwoine eram a viva imagem da felicidade, embora me parecesse estranho vê-lo com aquele aspecto tão jovem e vital, mas assim era como o via Madrene e como parecia ele mesmo em sua mente. Apesar disso, alegrou-me ver que era tão feliz.

No que se refere a minha mãe e a meu pai, as coisas pareciam seguir igual. Morfeo estava muito orgulhoso de que eu fosse à nova Guardiã, mas, se meu pai acreditava que eu ia fazer tudo o que ele me dissesse, estava muito errado. Mamãe também estava contente e não voltou a me pedir que cuidasse de Morfeo.

OH, e lembram-se dessa marca que saiu de repente? Hadria acredita que apareceu depois que derretesse a névoa e não quando joguei minha irmã no chão como quem enfia o rabo em um burro de papel. Boa notícia, porque me dava um pouco de repulsão pensar que alcancei meu destino ou o que fosse isso, depois de fazer algo tão violento. Enfim, a tatuagem se parecia com o símbolo do OM⁷ mas sem essas pontas salientes, mais ou menos como um 3 estilizado. Hadria diz



7

Chama-se OM ou Pranava. O mantra mais importante de todos é o Om. Diz-se que ele contém o conhecimento dos Vedas e é considerado o corpo sonoro do Absoluto, Shabda Brahman. O Om é o som do infinito e a semente que "fecunda" os outros mantras. O som é formado pelo ditongo das vogais a e u, e a nasalização, representada pela letra m. Por isso é que, às vezes, aparece grafado Aum. Estas três letras correspondem, segundo a Maitrí Upanishad, aos três estados de consciência: vigília, sono e sonho. "Este Átman é o mantra eterno Om, os seus três sons, a, u e m, são os três primeiros estados de consciência, e estes três estados são os três sons". "O pranava — o mantra Om — é a joia principal entre os outros mantras; o pranava é a ponte para atingir os outros mantras; todos os mantras recebem seu poder do pranava; a natureza do pranava é o Shabda Brahman (o Absoluto). Escutar o mantra Om é como escutar o próprio Brahman, o Ser. Pronunciar o mantra Om é como transportar-se à residência do Brahman. A visão do mantra Om é como a visão da própria forma. A contemplação do mantra Om é como atingir a forma de Brahman" Mantra Yoga Samhitá, 73. Na Índia, o mantra Om está em todas as partes. Hindus de todas as etnias, castas e



que representa o despertar, o sonhar e o momento que os une.

Está muito contente, porque acredita que isso significa que sou a chave para resolver o problema do empobrecimento do véu que separa o mundo dos humanos do dos sonhos. E também acredita que poderei proteger ambos os mundos, um do outro, e reconstruir o véu que separa as duas dimensões, ou dirigir o processo de assimilação dos dois.

Eu acredito que tudo isso parece muito exaustivo. E espero que a marca seja só um símbolo de meu nascimento ou meu número da sorte.

A ação de Graças chegou duas semanas depois de minha ascensão a Guardiã. Noah e eu estávamos convidados para jantar na casa de Amanda, junto com o resto da família de Noah e a dela.

Warren nos abriu a porta. Vestia calças cáqui e camisa branca, e parecia tirado das páginas do GQ. Claro que não tinha nada que fazer ao lado de Noah, mas eu não sou objetiva. Sorriu-nos.

— Olá, meninos. Chegaram cedo.

— Dawn odeia chegar tarde — explicou Noah quando entramos. Ele vestia calças negras, camisa branca e jaqueta de pele negra. Muito sexy. As coisas foram muito bem entre nós após a vitória, mas eu ainda não esqueci as palavras de Padera. Confiava em minha irmã tanto como em um rato, juro isso. Confiava imensamente mais em Noah, mas isso não queria dizer que ele não tivesse seus planos. E tampouco significava que isso estivesse errado. Não perdia muito tempo pensando nisso. Já acabaria descobrindo.

Noah deu a seu meio-irmão as duas garrafas de vinho que levamos.

— Cheira muito bem — disse.

Era verdade, cheirava a peru e me fez água na boca.

— O peru ficou genial — respondeu Warren sem, um pinga de modéstia— Fiz um bom molho.

Noah sorriu.

— Parece muito estranho ouvir dizer essas coisas.

Agarrei as garrafas de Warren e os deixei sozinhos trocando sarcasmos enquanto eu ia à cozinha para ver se podia ajudar Amanda. Nossa anfitriã estava de pé diante de uma panela enorme, triturando o conteúdo com uma mão, enquanto com a outra jogava creme de leite. Estava com uma barra de manteiga ao lado. Morria de vontade de comê-la. Não me importava se ganhava vinte quilos, ia comer tudo.

— Posso ajudar em algo? — perguntei.

Amanda se sobressaltou ao ouvir minha voz.

— Deus santo, Dawn! É silenciosa como um gato.

Amanda estava muito bem. Ganhou um pouco de peso e o rosto estava muito melhor. A grande maioria dos machucados já desapareceram, igual ao inchaço, e excetuando as ocasiões nas que se afastava porque não queria que a tocassem, ou quando ficava com o olhar perdido,

idades conhecem perfeitamente o seu significado. Ele ecoa desde a noite das idades em todos os templos e comunidades ao longo do subcontinente.



ninguém diria que sobreviveu a uma experiência tão traumática. O cabelo voltou a crescer, e descobriu uma multidão de complementos com os que mudar de penteado.

Era a primeira vez que alguém me dizia que era silenciosa.

— Sinto — disse — Acreditava que me ouviu. Posso te dar uma mão com algo?

Assinalou-me outra panela que havia no fogo.

— Escorre as verduras e jogue na manteiga, se não se importar.

— Pois claro que não. — Levei a panela para a bancada e esquivei o vapor que saiu quando esvaziei a água por um lado — Como está?

Ela apoiou a batedeira na panela e se voltou para me olhar.

— Bem — respondeu sincera e surpreendida ao mesmo tempo — Muito bem. Não é estranho?

Sorri.

— Absolutamente.

De fato, eu gostava muito que fosse assim. Amanda começou a fazer terapia comigo quase imediatamente depois de que encerrassem o Durdan (que continuava confuso, mas que já não babava). E desta vez estava seguindo o método tradicional, quer dizer, em vez de me colocar em seus sonhos, deixava-a falar e logo a ajudava, para que resolvesse sozinha seus problemas.

Eu ainda teria que encontrar o equilíbrio entre o que fazia no mundo dos sonhos e meu trabalho no mundo real, em especial agora que os habitantes do mundo dos sonhos observavam com lupa todos meus movimentos.

— E como está você? — perguntou-me, com o olhar de novo fixo nas batatas que estava convertendo em purê.

Tive que pensar antes de responder. Despertava algumas noites suando? Aparecia o rosto de Phil sem avisar? Sim. Afetava isso a minha vida diária? Não, a verdade era que não. Acabaria por esquecer, igual esqueci Karatos, igual esqueceria qualquer coisa que não conseguisse me matar.

Naquele momento, meu maior problema era que não sabia como enfrentar ao que sentia por Padera. Ela tentou me matar, mas era minha irmã. meus sentimentos estavam divididos.

— Estou bem — respondi, enquanto punha uma generosa porção de manteiga em cima das verduras — Me alegro que tudo tenha acabado.

Amanda assentiu com um leve sorriso.

— Por que não nos serve umas taças de vinho?

As taças já estavam prontas, assim, peguei um par e servi uma generosa quantidade do vinho branco alemão que Noah e eu levamos.

— Bom — comecei, quando ambas nos apoiamos na bancada — como vão as coisas com Warren?

Acredito que Amanda ruborizou um pouco, isso, ou estava acalorada de tanto cozinhar.

— Devagar. Agora mesmo, só está levando como um muito bom amigo. É como se soubesse exatamente o que tem que dizer em todo momento.

— Ossos do ofício — respondi de brincadeira, mas logo fiquei séria — Já sei que sou uma fofoqueira, mas acha que têm futuro?



A ela entristeceu o olhar.

— O único que sei é que, algum dia quero ser capaz de deixar que um homem me toque sem pensar no dano que me fez o último.

Levantei a mão e segurei a sua.

— Será. Prometo isso. — E dizia a sério. Graças a meu novo trabalho, agora que podia ajudá-la, igual podia ajudar a muitas mulheres passaram pelo mesmo que ela.

Sendo Guardiã, eram muito poucos os que me podiam impedir isso. O que parece, né? Uma parte de mim estava ansiosa por tomar as rédeas do novo cargo e eliminar a todos os que estavam tratando de usurpar o poder de Morfeo. Outra parte estava com medo de averiguar que meu pai merecia que usurpassem seu poder.

E, às vezes, também me preocupava com Noah. Quando dobrou o mundo dos sonhos a sua vontade, embora fosse só um pouco, demonstrou que possuía muito poder. E se algum louco decidisse que anomalias como ele precisavam que ser eliminadas? Não acredito que meu coração pudesse suportar que Noah voltasse a correr perigo.

Mas, de momento, não me preocuparia por isso. De momento tudo ia bem. Muito bem. Igual a nesses sonhos que quer que durem sempre porque dão muita paz. Assim me sentia; em paz.

Amanda terminou a taça de vinho.

— Quer me ajudar a servir a comida nas bandejas e levar a mesa?

— Claro. — Eu também terminei o vinho. Enquanto estávamos na cozinha, a campainha da porta tocou duas vezes. O resto dos convidados chegaram, e Warren fazia às vezes de anfitrião, de homem da casa. Perguntei o que opinaria Amanda disso.

Perguntei-me o que opinaria Noah disso.

Falando do rei de Roma. Noah e Warren se apresentaram na cozinha.

— Devemos oferecer nossos serviços — disse Warren— Parece, Mia tem tanta fome que está a ponto de dar uma dentada na mesa.

— Pois temos que impedir —disse Noah, passando um prato enorme que Amanda encheu de batatas e um pedaço de peru para ver se assim acalmava a adolescente morta de fome— leva o molho?

Uns minutos mais tarde, estávamos todos sentados ao redor da mesa estendida para a ocasião, nos passando bandejas cheias de deliciosa comida. Warren tinha razão, o molho estava muito bom.

— Um brinde — disse o pai de Amanda, levantando sua taça. Esperou que todos fizéssemos o mesmo antes de seguir— Pelos amigos e a família. Sinto-me muito agradecido por tê-los.

Repetimos suas palavras e brindamos.

Noah sorriu só para mim.

— Falando de agradecimentos... — disse, e me olhou de tal modo que quando minha taça bateu na dele meu coração pulsava a todo galope.

— E pelas correntes perpétuas — acrescentou Warren, interrompendo o que teria podido ser um momento muito íntimo para compartilhá-lo com o resto de sua família— Obrigado



também por isso.

E, evidentemente, também brindamos por isso. Phil Durdan ia passar muito, muito, muito tempo entre grades. De fato, provavelmente jamais voltasse a ver a luz do sol, pois recusaram a condicional. Seu advogado ia recorrer como era de esperar, mas eu estava quase convencida de que não ia servir de nada.

No final, parecia uma pelanca (graças a mim), e não ia a nenhum lugar até que se recuperasse. Se é que chegava a fazê-lo.

Sentia-me culpada? Nem sequer um pouquinho.

— Te devo uma desculpa — disse essa noite ao Noah, quando estávamos deitados na cama. As luzes da cidade banhavam o dormitório com uma luz suave.

Noah se voltou e se apoiou em um cotovelo. Seu corpo ficava perfilado pelas sombras, que davam um aspecto suave e sedoso. Provavelmente era o mais bonito que já vi, inclusive mais que o perfeito Verek.

— O que fiz agora?

Sorri ao ver que estava tirando sarro. Que brincasse ajudava a não me sentir tão mal por ter me comportado como uma idiota com ele no passado.

— O machuquei muitas vezes, porque sempre quer proteger às pessoas que te importa, mas eu faço exatamente o mesmo. Os dois temos complexo de herói. — E pensar que só fez falta que estivessem a ponto de me violar, me matar e me desfazer para que o entendesse...

— Me alegro de que tenhamos algo em comum. — Os olhos brilharam zombando— Não tem do que te desculpar doutora. Eu também a machuquei muito.

Franzi a testa.

— Certo, mas acredito que eu mereci isso.

Noah riu um som que eu adorava, e me abraçou até me grudar a ele.

— Acredito que te amo, doutora.

Notei como se umas tiras de aço me tivessem rodeado o peito e ouvi David Cassidy cantando em minha cabeça.

— Eu acredito que também te amo.

A quem queria enganar? Eu sabia que o amava. Antes acreditei estar apaixonada, mas nunca senti nada parecido ao que sentia com Noah. Nunca me senti tão bem.

— Mas não entendo por que me aguenta — acrescentei.

— Me faz perder o controle e me deixa louco, mas eu gosto. — riu— É uma loucura, mas eu gosto. Eu gosto.

Suponho que não podia pedir que fosse mais claro nem direto, não? De acordo, nota para mim mesma: deixa de se preocupar por Amanda.

— Está bem — disse— Não voltarei a questionar isso.

Noah me sorriu. — Garota preparada.

E então me beijou. E eu devolvi o beijo, com ardor. Era como se ambos tivéssemos a



sensação de que fazia muito tempo que não estávamos juntos nessa dimensão sem que alguma ameaça se abatesse sobre nossas cabeças.

Noah me puxou pela cintura do short que eu usava e deslizou o objeto pelas pernas até tirar, e logo lançou à outra ponta do quarto. Ao subir, beijou o estômago e os seios e de passagem levantou a camiseta. Sentei-me para que pudesse tirar isso também, e tive que voltar a me deitar com um suspiro quando me beijou o oco de debaixo da orelha.

Seus lábios eram suaves e quentes, doces e carinhosos em cima de minha pele. Beijou-me e mordeu o pescoço, aplicando a pressão justa em cada instante para me fazer tremer de desejo. Segurei seus ombros, e ele seguiu descendo por meu corpo até apanhar um mamilo em sua úmida boca. Arqueei-me ao notar que me beijava. Pequenas ondas de prazer viajavam de meus seios a meu sexo. Estava desesperada e ardente, e precisava senti-lo dentro de mim. Mas Noah ainda não acabou comigo. Beijou-me as costelas, a cintura, o estômago. Percorreu-me com a língua a parte superior das coxas, os cachos de minha virilha. Beijou-me as coxas e os tornozelos, e o arco dos pés.

E quando acreditava que não podia me derreter mais, deu a volta e começou a me beijar as costas. Sua língua me percorreu atrás dos joelhos até as nádegas. Beijou-me cada uma delas, e logo, a curva onde começam as costas. Acariciou-me a espinha dorsal com sua bochecha áspera. Depois, se dedicou a meus ombros e à nuca e parte da tatuagem que apareceu na noite em que me tornei Guardiã e que simboliza minha marca. Notei sua ardente ereção no ápice das coxas. Separei instintivamente e levantei os quadris, apoiando um joelho na cama.

Noah deslizou uma mão entre minhas pernas e seus dedos deslizaram com facilidade para o interior de meu sexo. Gemi de prazer assim que encontrou o ponto G. Maldição! Que carícia tão intensa. Acariciou-me um pouco mais, até que eu comecei a tremer em sua mão sem me importar que estivesse a ponto de gozar. Então se afastou, e o lugar que seus dedos deixaram, o ocupou sua ereção. O pênis de Noah foi entrando em meu interior e o que senti me fez estremecer. Quando já não pôde seguir avançando, colocou uma mão na coxa um pouco levantada, e acertou nossos corpos ao mesmo tempo em que começou a mover.

Essa postura me fez sentir tão apertada que notava todas e cada uma das linhas de seu pênis movendo-se em meu interior. Eu gemia e fiquei com a respiração entrecortada. Apoiei-me nas mãos para poder aguentar melhor o peso de Noah, e obrigá-lo a seguir meu ritmo em vez de ter que me entregar ao dele.

A mão com a que me segurou deslizou para frente e colocou entre meus quadris, em busca de meu lugar secreto; aquele botão que me fazia explodir de prazer sempre que ele o tocava. Acariciou-me com suavidade, mas com firmeza, consciente de que assim ia avivando o fogo que ardia em meu interior. Noah gostava muito de me dar prazer, mas o muito cretino também gostava de me fazer esperar.

Gemi. Acredito que inclusive caiu baba no travesseiro. Importava-me? Absolutamente. Noah se inclinou para mim, o pelo de seu peito me fez cócegas no lado.

— Você gosta? — sussurrou. Quando assenti me disse— Quanto?

— Muito — consegui responder.



— Me diga o que quer.

Eu ainda era novata em falar de modo sexy, assim não me sentia muito confortável dizendo que coisas eu queria, mas eu adorava que ele me dissesse isso.

— Você — respondi olhando-o nos olhos por cima do ombro — Quero você.

Acredito que o que pôde conosco foi esse olhar, porque Noah se afundou até o mais profundo de meu corpo e incrementou a carícia a um ritmo infernal. Meu corpo estava a ponto, devorava faminto cada carícia, cada movimento dos quadris dele. Estava empapada de suor e ia me aproximando do orgasmo.

E então o alcancei. Gritei de prazer assim que o senti, um clímax tão intenso que não pude nem pensar. Fui vagamente consciente de que Noah se esticava em cima de mim e de que seus gemidos se misturavam com meus.

Deus, acredito que poderia ter morrido feliz nesse preciso instante e pareceria bom.

— Aposto o que queira que Verek não pode fazer isto — disse ele depois de uns segundos, com a voz ainda rouca.

Ri, apesar de que também dava uma pequena cotovelada nas costelas.

— Não tenho intenção de descobrir.

Noah gostava de brincar as custas do atraente Pesadelo. Não me importava que estivesse ciumento, nem que se sentisse incerto. Parecia romântico saber que me queria para ele e que se preocupava que outro homem pudesse me conquistar, que outro homem queria me conquistar.

Era bonito saber que havia alguém que acreditava que eu era um bom partido. Eu opinava o mesmo dele. Jamais teria reagido como reagi a princípio com Amanda, se não fosse assim.

Não disse que não precisava me preocupar mais por ela?

— Me alegro de que seja meu — disse, passando os dedos por seu sedoso cabelo negro.

— E eu também — respondeu, me beijando a parte superior da cabeça.

Era muito cedo para fazer declarações de amor eterno. Maldição, se às vezes acreditava que é muito cedo para estar tão apaixonados, mas suponho que o amor é uma dessas coisas que escapam ao controle dos humanos. Ia respeitar minha incapacidade para controlar tudo. Às vezes, de noite, tenho medo de que isso seja precisamente o que faz que siga sendo humana, ou ao menos meio humana.

Mas verão, e embora pareça estranho, agora já não me preocupa tanto. Se pensar muito, perco o controle, assim tentava não pensar nisso. Sou metade Pesadelo metade humana, e não acontece nada. Sou assim. Prometo que não voltarei a me preocupar com não pertencer por completo a nenhum mundo. e que recordarei que pertenço aos dois. E se pensarem bem, é genial.

Tocou o celular, e me pegou tão despreparada que dei um salto assim que o timbre estragou a paz e tranquilidade do momento.

— Maldição! — exclamei; acreditava que o desliguei.

— Atende — disse Noah depois olhar a hora no despertador. Passavam da uma — Possivelmente seja importante.

Tomara que fosse importante, pensei, ao agarrar o maldito aparelho. Abri.

— Olá?



— Dawnie. — Era meu irmão Mark. Bastou ouvir a voz para deixar de estar zangada e para saber que era importante.

— O que acontece? — perguntei.

Mark me explicou isso com poucas palavras e eficiência, tal como se supunha que faria um irmão mais velho. Escutei-o sem interrompê-lo, o que me custou muito, sendo como sou, a menor. Não podia acreditar o que estava contando. De fato, tive tão mau pressentimento que não entendi nem a metade do que me dizia.

Mas sabia que precisava fazer algo a respeito.

— Chegarei logo que seja possível — prometi— ligarei quando souber o número do voo. Eu também te amo.

Fechei a tampa do celular e notei a mão de Noah me acariciando a nuca. Estava percorrendo a tatuagem com os dedos.

— Quem era?

— Mark — respondi, sentindo muitas coisas e nada de uma vez— Meu irmão.

— Aconteceu algo? — Olhei-o, mas não o vi.

— Minha mãe despertou.

FIM

